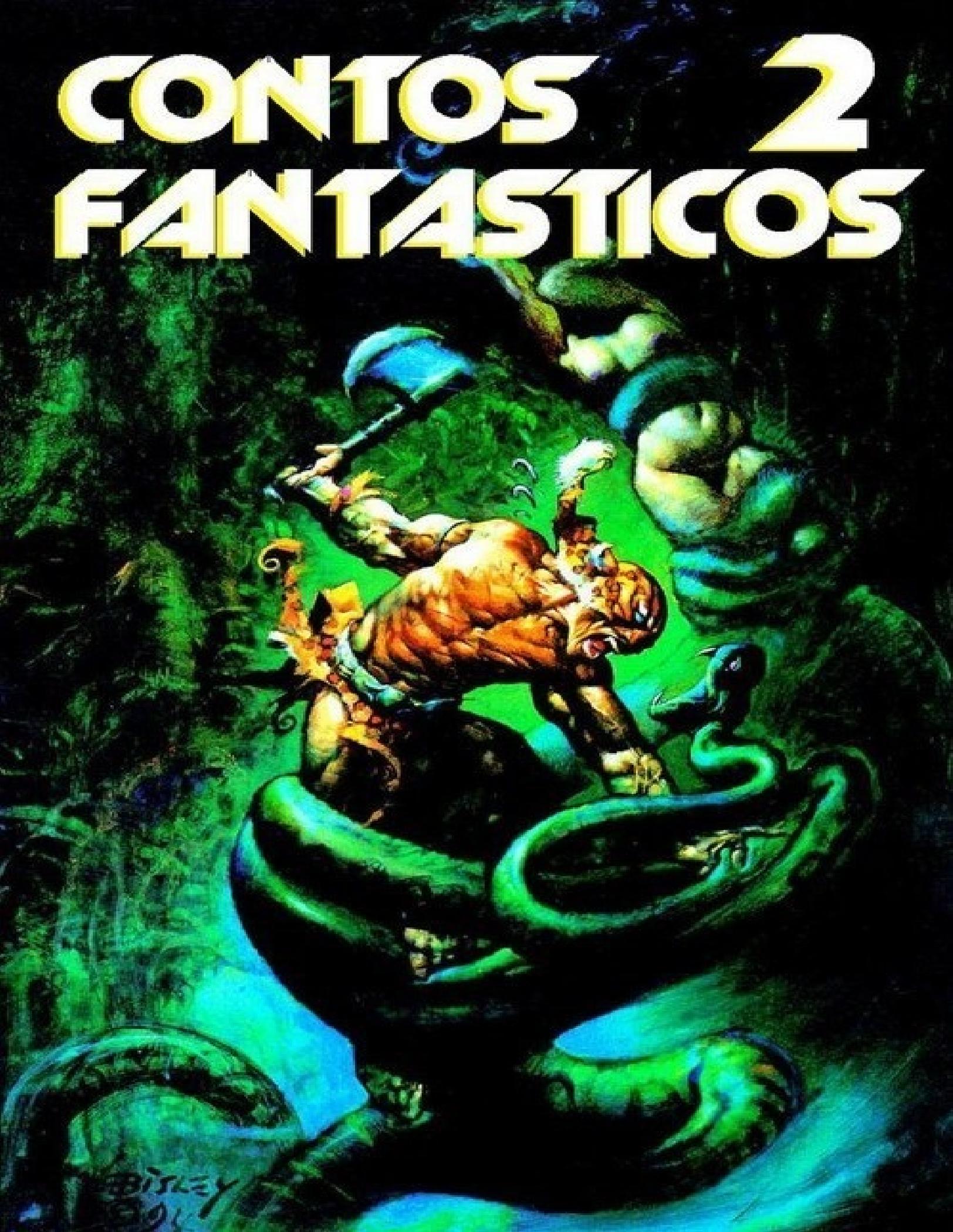


CONTOS 2 FANTÁSTICOS



BITLEY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**CONTOS
FANTÁSTICOS
02**

TOMMY E O CÃO FALANTE - Lewis Shiner



– Se você puder responder três perguntas, – disse o cão, – poderá usar dos tênis mágicos.

Tommy olhou para um lado e o outro da rua deserta. – Você... falou alguma coisa?

– Isso mesmo. Não me ouviu?

Era uma voz rouca e irritada, com um sotaque inglês e com certeza vinha do cão.

– Você é um cachorro

De fato, um enorme e gordo bulldog, com dobras de pele penduradas nos lados da cara. De onde estava sentado, nos degraus da frente de um motel abandonado, parecia olhar para Tommy direto nos olhos.

– Correto – disse o cão.

Tommy encarou as janelas empoeiradas do escritório do motel.

– É um truque, não é? A câmera de TV está escondida e você quer me fazer de bobo.

– Não é uma pegadinha Tommy. São só três perguntas.

– Vamos lá!- disse Tommy e engrossou a voz e disse:- Senta.- O cão continuava a olhar para ele.

– Role. Finge de morto.

– Para de babaquice, você quer ou não os tênis?

– Deixe-me vê-los.

O cachorro moveu-se, revelando um par de tênis All Star Converse vermelhos, velhos e acabados.

– Estão usados.

– Talvez, mas são mágicos.

– Quais são as perguntas?

– Qual dos presidentes morreu durante o mandato? Lincoln, McKinley ou F.D.R.?

– Qual é! Todos eles. Esta é o mesmo tipo de pergunta estúpida que fazem quando querem te vender porcarias pelo telefone.

– O que pesa mais, um quilo de chumbo ou um quilo de penas?

– Ambos pesam um quilo. Isso é besteira. Vai me perguntar agora quem está enterrado no túmulo de Grant?

O cão apertou os olhos – Já fez isso antes?

– Ulysses S. Grant- disse Tommy. - Me dá os tênis.

Eram do seu tamanho e sentiu-se bem com eles, mesmo estando gastos e mesmo com aquelas coisinhas de metal tendo caído.

– Não sinto nenhuma diferença.

– Você precisa deles para procurar pelo tesouro – disse o cão.

– Que tesouro?

– Quando está usando os tênis mágicos, você consegue abrir as portas dos quartos do motel.

– Sei, sei. Não obrigado, meus pais me disseram para não entrar lá. Além de tudo estão vazios.

O cão deu de ombros. Tommy nunca vira um cão fazer isso antes.

– Você é quem sabe.

– Ei, espere um minuto. me fale do tesouro.

– Vai ter que achar sozinho.

O cão começou a ir embora.

– Ei, volte aqui- disse Tommy.

O cão continuou a se afastar.

Tommy mexeu com seus dedos dentro dos tênis. Mágica. Olhou para a fileira de quartos do motel, a poeira das paredes parecia dourada na luz da tarde de Maio. Estaria em apuros se o seu pessoal descobrisse que estava ali.

Foi até a primeira porta e a abriu.

Dentro, uma mulher sentada na cadeira, assistindo televisão. Tommy sentiu uma onda quente beijar seu rosto. – Caramba, desculpe- ele disse, - não sabia que tinha gente aqui.

– Tudo bem Tommy, pode entrar- ela disse.

Tommy deu um passo para dentro do quarto.

– Você me conhece?

– Claro- disse a mulher. - Você está usando meus tênis.

Ela era um pouco mais velha do que sua mãe, e muito gorda. Uma caixa de chocolates aberta, junto ao seu braço.

– Quem é você?- perguntou Tommy.

– Ninguém. Só uma mãe.

O quarto era maior do lado de dentro do que fora e não se parecia com um motel. Tinha um berço no canto escuro, com duas crianças dentro.

Um deles batia no outro com uma cobra de plástico. Uma terceira criança se arrastava no chão, puxando um cobertor. O lugar fedia, como leite estragado e café velho e banheiro da escola.

A voz de um homem saía do aparelho de televisão e dizia – Susan está grávida do meu filho.

– O que você está vendo?- perguntou Tommy educadamente.

– Nada. Só um programa.

O garoto que apanhava do outro, começou a chorar. A mãe jogou um chocolate na boca.

– Bem...

Tommy se sentia daquele jeito, como quando está chovendo e ele queria ir nadar na piscina.

– Eu tenho que ir

– Shhh! Esta parte é boa.

Tommy saiu sem fazer barulho e fechou a porta. Pensou no que o cachorro esperava que ele encontrasse. Foi para a porta seguinte e bateu gentilmente.

– Entre- disse a voz de um homem grande.

Tommy abriu a porta e viu a sua frente uma longa mesa de madeira. Atrás do homem na mesa havia uma janela com persianas estreitas, impedindo o sol de entrar. Assim era difícil ver o rosto do homem.

– Tommy! Vamos, entre!-

Ele se levantou e esticou a mão. Tommy a apertou e deu um passo para trás.

– Como você está?

– Bem. Como sabe quem eu sou?

Tommy sentou-se numa cadeira, grande demais para ele. Reparou em um cheiro esquisito e cheirou a mão. Loção após barba, tão forte que fez os olhos de Tommy se encherem de lágrimas.

– Sabe alguma coisa a respeito de um tesouro?- ele perguntou.

– Um tesouro...

O homem se recostou e Tommy pode ver seu bigode e como ele penteava o cabelo por cima da careca. Não era velho, mas tinha olheiras e seu sorriso serpenteava, parecia querer sair do rosto.

– Bem, acho que não posso dizer onde achar um baú cheio de dobrões de ouro, mas posso lhe dizer o que o fará rico.

Debruçou-se sobre a mesa e sussurrou: – Supercondutores.

Tommy pensou num homem de azul e vermelho, usando uma capa, pegando tíquetes em um trem.

– O que?

– Supercondutores. São como metal, sabe como transportam eletricidade? Mas fazem melhor e são frios, muito frios... bem, diabos, não sei muito como funcionam, mas tem uma fortuna lá.

E bateu na mesa.

– Uma fortuna!

Uma caixinha na mesa zuniu e ele apertou um botão e disse: – Sim?

Em resposta uma voz feminina se ouviu:

– Mister Cornell na linha sete.- disse como se quisesse sussurrar e cantar ao mesmo tempo.

– Segure o velho gordo um pouco meu doce- E não se esqueça do nosso encontro esta noite. Arranjei um quarto para nós no motel.

O homem piscou para Tommy e apertou outro botão da caixa.

Sobre a mesa a foto de uma mulher e duas crianças. Aquela mulher não parecia com aquela da voz na caixinha.

– Não diga nem uma palavra pra minha esposa Tommy. Sabe como é.

– Não- respondeu Tommy – Como é?

Antes que ele pudesse responder, a caixa zuniu de novo.

– Desculpe, mas Mister Connel diz que é urgente.

O homem agarrou o telefone e socou a luz piscante.

– Maldição JC, o que diabos está te comendo o rabo agora? ,,você o que? ...você o que?

Colocou o fone de novo na mesa. Seu rosto estava da cor de cimento.

– Supercondutores- sussurrou e começou a jogar umas pílulas sob a língua.

– Melhor eu ir agora- disse Tommy. O homem não respondeu e Tommy correu para fora.

O sol estava se pondo. O mundo parecia mais cansado e poeirento.

– Ei, cachorro!- Chamou Tommy procurando-o. Nenhum sinal.

Vagarosamente foi até a outra porta e a abriu.

Uma mulher deitada na cama. Estava vestida como uma animadora de torcidas, daquelas que se vê nos jogos de futebol que o pai assiste aos domingos. Os shorts feitos de alguma coisa brilhante prateada e uma camisa vermelha amarrada acima da cintura. Tommy viu, quando ela sentou-se, seus seios se mexerem sob o tecido fino. Eram grandes.

– Oi Tommy. Já achou o tesouro?

Acendeu um cigarro.

– Não.

Ela tinha uma voz arranhada e triste.

– Quem é você?

– Eu? Sou uma prostituta Tommy.

– Uma prostituta? O que é uma prostituta?

A mulher balançou a cabeça. Seus cabelos mal se mexeram de tanto laquê e usava mais maquiagem do que já vira alguém usar.

– Uma prostituta é uma mulher que ... bem, tenta alegrar os homens que não estão alegres em casa.

– Você pode me alegrar?

– Você é só um garotinho. Preste atenção, os adultos não são pessoas felizes a maior parte do tempo. Eles andam por ai procurando por poder, dinheiro ou sexo e quando não conseguem, se sentam e assistem televisão.-

– Não tem tesouro nenhum, tem?

– Não sei Tommy. Eu não achei.

– O que é isso?

A mulher tinha um cinto apertando o braço e uma seringa estava pendurada nele.

– É tipo um remédio Tommy. Acho melhor você ir embora agora.

– Tá.

Era quase noite lá fora.

Tommy sentou-se a beirada da calçada e tirou os tênis vermelhos, colocando de volta os seus.

– Cachorro! Ei! Pode pegar de volta seus tênis idiotas!-

Nenhuma resposta. Atirou os tênis em direção ao motel o mais forte que conseguiu.

Eles quebraram a janela do primeiro quarto onde a mulher gorda via TV e através do vidro quebrado, Tommy conseguiu ver que o quarto estava vazio.

Quando chegou em casa, seus pais perguntaram-lhe o que estava errado. Ele disse que estava só cansado. Tomou banho e deitou-se olhando a parede por um longo tempo. Eventualmente caiu no sono. Na escola as férias de verão se aproximavam.

Os professores se esforçavam de qualquer forma, acompanhando o barulho dos pés correndo e a gritaria dos corpos nos intervalos.

Para Tommy aquilo tudo não interessava. Ele olhou para Mrs. Aleio e pensou na mulher gorda no quarto de motel, e naquela mulher na fotografia da mesa do homem de negócios.

Quando olhou para Susie Bishop, a garota mais bonita da classe, ele viu seus shorts apertados e que usava muita maquiagem.

Quando Bobby Cubitto gritou respondendo uma pergunta, Tommy pensou nele berrando no telefone.

Ele passava pelo velho motel todos os dias no caminho de casa.

Nunca viu mais o cachorro. Até olhava pela janela quebrada mas os tênis tinham desaparecido. Seus pais sabiam que algo o aborrecia e seu pai tentou conversar com ele: - Você acredita em Mágica papai? Animais que falam, coisas assim?-

– Bem Tommy- começou a dizer e limpou a garganta.

Tommy reparou que o pai começara a repartir o cabelo, cobrindo uma área da cabeça.

– Coisas assim são chamadas de alegorias. Quer dizer que não são reais, mas existem por algum motivo real. Entende? É como se um animal em uma história fala alguma coisa, pode significar que você está recebendo uma mensagem do seu consciente ou algo assim.

– Mas não é real.

– Não de verdade.

No último dia de escola eles foram liberados ao meio dia.

Tommy andou pelas ruas sem propósito, sem querer ir para casa. Ia chutando pedrinhas, de cabeça baixa. Algo se moveu no canto da sua visão. Era um buldogue grande.

Tommy correu até ele. O cão o viu e fugiu através do jardim de alguém.

Tommy não diminuiu, passou sob um varal e perseguiu o cão. Mudou de direção de novo e Tommy ainda atrás dele e derrepente escorregou no canteiro. Tommy saltou e agarrou-o forçando contra o chão.

– Fala comigo!- Gritou e lembrou do homem ao telefone. - Fala comigo, maldição!

Uma porta de jardim gemeu atrás dele e uma voz de mulher disse: – Ei, você! Saia de cima dessas flores! O que você pensa que está fazendo?

– Desculpe. Meu cachorro fugiu. Eu pagarei pelas flores. Desculpe. De verdade.

– Tá certo, tá certo...mas seja mais cuidadoso.

Olhou de cima a baixo e disse – Como vai levá-lo para casa? Nem tem coleira!

Tommy deu de ombros.

– Vou te arranjar uma corda- e entrou na casa e quando voltou trazia um pedaço esfarrapado de corda.

– Aqui.

– Obrigado – agradeceu Tommy prendendo o cachorro. - E desculpe pelas flores.

Puxou o cachorro até a rua.

Esperava que a mulher não tivesse ouvido ele falando com o cachorro. Pareceria estúpido.

Sentou-se na beirada da calçada.

E era estúpido. O cão era só um cão, e não merecia ser tratado assim.

– Ei- disse o cão - essa corda coça bastante.

– Você pode falar!

– É claro que posso!

– Por que me deu aqueles tênis? Por que me mandou para aqueles quartos do motel com toda aquela gente horrível? Qual era o plano?

– Não tem plano nenhum. Você é um garoto especial. Coisas especiais acontecem com gente especial.

– E o tesouro?

O cachorro se lambeu fazendo barulho.

– Tire esta corda antes!

– Me fale do tesouro.

– Não dá para falar muito com esta corda no pescoço.

O cão e o garoto se encararam e então Tommy tirou a corda.

– Não tem tesouro nenhum não é?- Perguntou Tommy.

– Não naquele motel, não.

– Você me enganou.

– Olhe garoto, eu não disse que estava lá. Eu disse que você devia procurar por ele lá. Veja bem, as vezes você já tem uma coisa e não sabe que tem e então continua procurando-a. Mesmo já tendo-a.

– Tendo o que?

– Este modo de olhar as coisas. De encontrar pessoas em motéis vazios ou palavras na boca de um cachorro.

– Então eu criei você. Você nem é de verdade.-

– A realidade é qualquer coisa que você decide ser real. Você pode ter uma realidade onde existem cachorros que falam e tênis mágicos, ou pode ser como as pessoas naquele motel. Como seus pais. Depende de você.

– Este é o tesouro?

– É.

O cachorro levantou e saiu fungando pela rua.

Parou em frente a um carro novo e grande e mijou na roda. As gotas respingavam na rua empoeirada como moedas de ouro.

– Vejo você por ai garoto- disse o cão sobre o ombro.

– Nos veremos de novo?

– Claro. A vida é cheia de surpresas!-

Tommy colocou a corda na lata de lixo e foi para casa.

– O que você sabe?- pensou.

Depois de um pouco, começou a assoviar.

TREZE FANTASMAS - Clark Ashton Smith



– Tenho sido fiel, Cínara, à minha maneira.

John Alvitong tratou de levantar-se sobre o travesseiro enquanto murmurava para si a citação amplamente conhecida do poema de Downson. Porém sua cabeça e seus ombros caíram para trás com transbordante impotência, e se filtrou por seu cérebro como um fio de água gelada a compreensão de que talvez o doutor tivesse razão – talvez o final fosse realmente iminente. Pensou brevemente em fluídos de embalsamar, flores secas, cravos de ataúde e gramados murchos; mas tais idéias eram bastante distantes da tendência de seu pensamento, e preferiu pensar em Elspeth.

Afastou seus fúnebres pensamentos com um conveniente estremelecimento.

Muitas vezes pensava em Elspeth, nesses dias. Porém não a esquecia realmente em nenhum momento. Muita gente o chamava de sem-vergonha; porém ele sabia, e sempre haveria de saber, que estavam errados. Diziam que havia rasgado ou partido o coração de doze mulheres, incluindo os de suas duas esposas; e de um modo o suficientemente estranho, incluindo os exageros dos fofoqueiros, o número era correto. Contudo, ele, John Alvington, sabia com certeza que somente uma mulher, a que nada contava entre as doze, havia realmente importado realmente alguma vez em sua vida.

Havia amado a Elspeth e a ninguém mais. As outras mulheres foram todas um erro, ilusões: haviam lhe atraído só porque imaginou, durante períodos variáveis, que havia encontrado nelas algo de Elspeth. Havia sido cruel com elas provavelmente, e com absoluta certeza não lhes havia sido fiel.

Porém ao enganá-las, não havia sido muito mais leal à Elspeth?

De algum modo a imagem que tinha dela agora era mais clara, mais do que antes.

Como se tivesse sacudido o pó acumulado de um retrato, via com estranha claridade a inquieta ironia de seus olhos e o ligeiro sacudir de seus cabelos castanhos que sempre acompanhava seu sorriso jovial. Era inesperadamente alta para uma pessoa tão semelhante a um duende, porém tanto mais admirável por isso; e ele nunca havia gostado de outra coisa a não ser de mulheres altas.

Com tanta freqüência tinha ficado maravilhado, como ante um fantasma, ao encontrar outra mulher de maneiras similares, similar figura ou expressão de olhos ou cadência de voz; e que absoluta foi sua decepção quando chegou a ver a irreabilidade e falsidade do que era parecido. Que irreparavelmente ela, o amor verdadeiro, se havia interposto antes ou depois entre ele e todas as demais.

Começou a recordar coisas que quase havia esquecido, tais como o camafeu que ela havia levado depois do dia em que se conheceram, e um pequeno sinal em seu ombro esquerdo, de que havia olhado numa ocasião quando ela usava um vestido por demais decotado para aquela época. Muito recordava a roupagem lisa e verde-pálido que se aderira tão deliciosamente em sua esbelta silhueta naquela manhã em que ele se foi precipitadamente com um rápido adeus, para não voltar a vê-la...

Nunca, pensava, havia sido sua memória tão boa: seguramente o médico estava equivocado, pois não se havia produzido debilidade alguma de suas faculdades. Era quase impossível que estivesse mortalmente enfermo, quando podia evocar todas as lembranças de Elspeth com tal desenvoltura e clareza.

Agora repassava todos os dias de seu compromisso de sete meses, que podia ter terminado em um ditoso

casamento se não tivesse sido por sua propensão a tomar ofensas irracionais, e pela própria explosão de temperamento com que reagia e sua falta de tática conciliatória na disputa crucial. Que próximo, que doloroso resultava tudo. Perguntou a si mesmo que malvado desígnio havia ordenado sua separação e o havia enviado a uma busca vã de um rosto a outro rosto ilusório para o resto de sua vida.

Não recordava, não podia recordar outras mulheres – somente lembrava que havia sonhado de algum modo por um breve espaço de tempo que se pareciam com Elspeth. Outros poderiam considerá-lo um Don Juan – porém ele se considerava um sentimental sem remédio, se é que alguma vez houve algum.

Que ruído era aquele, perguntou a si mesmo. Alguém havia aberto a porta de casa? Devia ser a enfermeira, pois ninguém mais viria a essa hora da tarde.

A enfermeira era uma moça agradável, porém não era como Elseth.

Tentou virar-se um pouco para poder vê-la, e de alguma maneira conseguiu, graças a um esforço titânico completamente desproporcional ao fraco movimento.

Não era a enfermeira, pois ela ia sempre vestida de um branco imaculado que correspondia à sua profissão. Esta mulher trajava um vestido de cor verde viçoso e agradável, pálido como o verde da água na superfície do mar. Não pôde ver seu rosto, pois permanecia em pé com as costas para a cama; porém havia algo estranhamente familiar naquele vestido, algo que quase não podia recordar, a princípio. Logo, com um claro sobressalto, supôs que se parecia com o vestido que Elspeth levava no dia de sua disputa, o mesmo vestido que havia estado representando um pouco antes. Ninguém usava nunca um vestido de semelhantes medidas e estilo, hoje em dia. Quem em todo o mundo poderia ser?

Havia uma curiosa familiaridade com respeito a sua figura, também, pois era bastante alta e esbelta.

A mulher se voltou, e John Alvington viu que era Elspeth – a própria Elspeth da qual se havia separado com um amargo adeus, e que havia morrido sem permitir-lhe sequer vê-la outra vez. E contudo como poderia ser Elspeth, se estava morta a tanto tempo? Logo, por uma questão de lógica, como poderia ela haver morrido alguma vez, posto que estivesse ali, diante dele, naquele momento? Parecia infinitamente preferível crer que estava viva, e ele desejava tanto falar-lhe, porém a voz falhou quando tentou pronunciar seu nome.

Agora pensou que ouvia a porta abrir-se outra vez, e foi consciente de que outra mulher permanecia nas sombras atrás de Elspeth. Essa se adiantou, e observou que trajava um vestido verde, idêntico em cada detalhe àquele que usava sua amada. Ela levantou a cabeça – e o rosto era o de Elspeth, com os mesmos olhos zombadores e boca caprichosa. Porém como podia haver duas Elspeths?

Com profundo desconcerto, tratou de acostumar-se a extravagante idéia; e ainda assim, enquanto lutava com um problema tão incompreensível, uma terceira figura de verde pálido, seguida por uma quarta e uma quinta, entrou e se colocou atrás das duas primeiras. E não foram estas as últimas, pois outras entraram uma a uma, até que o quarto ficou repleto de mulheres, todas elas com os modos e aparência de sua noiva morta.

Nenhuma delas pronunciou uma palavra, porém todas olhavam Alvington com uma expressão na qual parecia agora discernir um gracejo mais profundo que o travesso encanto que uma vez havia encontrado nos olhos de Elspeth.

Ficou muito quieto, lutando com uma obscura e terrível perplexidade. Como podia haver tal multidão de Elspeths, quando ele só podia lembrar de ter conhecido uma? E quantas havia de todo modo? Algo o impulsionou a contá-las, e achou que havia treze fantasmas de verde. E após assegurar-se deste ato, se

sentiu sacudido por algo familiar com respeito ao número. Não dizia o povo que ele havia partido o coração de treze mulheres? Ou eram no total somente doze? De qualquer maneira, contando a própria Elspeth, quem realmente havia partido o coração, havia treze.

Então todas as mulheres começaram a agitar seus cabelos, de uma maneira que ele recordava muito bem, e todas elas riram com uma risada ligeira e brincalhona. Poderiam estar rindo dele? Elspeth havia feito isso muitas vezes porém ele a havia amado com devoção apesar de tudo...

De repente, começou a sentir-se inseguro acerca do número exato de figuras que enchiam sua morada; pareceu-lhe, em um momento, que eram mais do que havia contado, e depois, que eram menos. Perguntou-se quem dentre elas era a verdadeira Elspeth, porque depois de tudo sentiu confiança de que nunca havia existido uma segunda – só uma série de mulheres que se assemelhavam em aparência e que não eram em realidade como ela de modo algum, uma vez que chegava a conhecê-las.

Finalmente, conforme tratava de contá-las e escrutar os rostos apinhados, todos se tornaram imprecisos, confusos e indefinidos, e quase esqueceu o que estava tratando de fazer...Qual delas era Elspeth? Ou será que havia existido alguma vez uma autêntica Elspeth?

Não estava seguro de nada, no final, quando chegou o esquecimento e passou a esse território no qual não existem nem as mulheres, nem os fantasmas, nem o amor e nem os problemas numéricos.

UM GRANDE OLÁ - Alastair Reynolds



Olá!

Se vocês estão recebendo esta mensagem (e se estão tendo sucesso em compreendê-la, é claro) então vocês já passaram pelo teste mais difícil. Vocês possuem a competência básica no que se refere à física e a engenharia, além de alguma compreensão do universo em que vivem, para interceptar sinais da Rede de Informações Galáctica,

Congratulações! Isso é muito mais do que a maioria das culturas alcançam, então vocês estão bem avançados! Congratulem-se com uma pancadinha no... bem, onde quer que vocês dêem pancadinhas de agrado entre vocês.

O próximo passo se escolher seguir em frente, é responder esta mensagem para a Rede de Informação Galáctica. É fácil - tudo que precisam fazer é gerar um sinal de onda gravitacional modulado de uma fonte de quatro bilhões de megawatts. Pode parecer muito, mas não é verdade – trata-se de apenas um por cento da energia emitida pela estrela tipo-G que seu planeta orbita.

Vamos lá - não vão desistir agora!

Mas espere! Antes de enviar a mensagem de retorno (e estamos ansiosos por ouvi-la) existem algumas poucas coisas que devem ter em mente! Chamem de regras, de orientações, do velho bom senso - não importa, desde que obedeçam sem questionar!

É brincadeira. Mas, existem algumas pequenas coisas que devem ter em mente. apenas para evitar gastar uma dispendiosa banda galáctica.

Para tal, vamos lhes dar algumas dicas e que podem vir a achar úteis.

Primeiro, as novas culturas gostam de saber um pouco sobre a Grande Comunidade Galáctica - e quem pode culpá-las! É uma velha e grande Galáxia lá fora e vocês acabaram de chegar à festa!

Por agora, tudo que vocês precisam saber é que vocês são um dos membros mais novos a habitarem esta galáxia e existem alguns testes pelos quais precisam passar, antes de ascender a um segundo nível de sciência.

Não fiquem desmotivados, vocês vão chegar lá no fim, se esforçarem-se para isso! Tudo que precisam é de inteligência, determinação, e talvez uma breve extensão na seqüência de vida normal da sua estrela! Enquanto isso, preparamos um Primeiro Pacote para que vocês possam iniciar. Existe tanta informação neste Primeiro Pacote - que é demais para ser comprimida em um sinal de onda gravitacional! Então o que fizemos foi pre-instalar o Primeiro Pacote de informações no oceano de hidrogênio metálico do maior planeta gigante gasoso do seu sistema!

É isso - ele já está lá!

E se vocês já encontraram este Primeiro Pacote, devem estar se perguntando para que serve aquela bola cinzenta, ela serve para - bem, agora vocês já sabem! Tenham cuidado a abrí-la - ou vocês já descobriram? Bem, era um belo gigante gasoso enquanto durou.

Brincadeirinha! Mas uma das coisas que vocês devem ter percebido no Primeiro Pacote é que ele não fala nada sobre viajar mais rápido do que a luz! As novas espécies ficam ansiosas sobre aprender como

funciona, por alguma razão inexplicável! Tudo que podemos dizer neste momento é que uma vez que vocês tenham ascendido para o segundo nível de senciência, vocês acharão a questão do - mais rápido que a luz- tão interessante quanto - métodos rápidos de curar doenças de pele- ou - maneiras rápidas de fermentar o fluido lácteo mamífero- ! Acredite em nós! Já fomos assim, uma vez há muito tempo! (e não, nós não ligamos mais para nisso!) O Primeiro Pacote deve responder várias perguntas básicas e ainda mais! Quase sempre, acreditem, vocês acabarão com mais perguntas do que gostariam! Não nos incomodamos com isso - estamos aqui para isso! Mas antes de começarem a disparar um monte de perguntas aleatoriamente, dêem uma rápida olhada no que se segue! Isso irá poupar seu tempo - e o nosso!

Primeiro, tenha certeza de que a sua pergunta não está respondida no Primeiro Pacote! Parece obvio - e é, mas vocês ficariam surpreso como muitas culturas não parecem ler seus primeiros pacotes por completo! Lembre que o Primeiro Pacote é altamente coerente e certas camadas de conteúdo podem não estar acessíveis diante do seu atual horizonte de percepção espaço-temporal! Sejam pacientes!

Segundo, alguns poucos tópicos estão cobertos pelo Primeiro Pacote que - podem parecer deixar a desejar quanto a perguntas de um certo nível cultural, que não são de nosso interesse! Francamente, estamos satisfeitos! Alguns - mas nem todos - destes tópicos, incluem perguntas relativas a Seres Supremos, O Nascimento, A Vida, A Morte, O Além, a possibilidade de outros universos, a explicação oficial sobre o grande vazio de $z=10$, e a imprevista inatividade da rota do Braço de Orion durante o décimo quinto ciclo de rotação galáctica e a possível implicação disso para a Nona Extinção em Massa (e o subsequente encobrimento)!

Se vocês conseguirem passar além destes tópicos, camaradas, será ótimo!

E também, por favor, não respondam a nenhuma transmissão originalmente gerada do aglomerado globular de M13 em Hércules - e nunca mandem mensagens não solicitadas! Especialmente por rádio - eles odeiam rádio! Também cuidado com mensagens originadas de culturas ascendentes do nível três, especialmente daquelas que oferecem conversões baratas e suspeitas para seu sistema solar! Acreditem em nós - são boas demais para serem verdade!

Vocês também irão querer se manter distantes de qualquer entidade que finge ser herdeiro legal de ativos de culturas descidas do nível dois, no limite de Cisne - definitivamente não passem para eles as coordenadas de seu sistema!

Ah, antes que esqueçamos - nunca, jamais perguntem o que aconteceu com os humanos! A menos que vocês queiram descobrir!

PS - Quando for responder as mensagens recebidas, não respondam mantendo o conteúdo acima.

UMA NOITE SEM VERÃO – Ambrose Bierce



Dizer que Henry Armstrong estava enterrado não era motivo suficientemente convincente para acreditar que estava morto. Sempre havia alguém difícil de se convencer.

O testemunho de seus sentidos o obrigava a admitir que estava realmente enterrado.

Sua posição, estendido com a boca para cima, as mãos cruzadas sobre o estômago e presas com algo que se rompeu facilmente, sem que se alterasse a situação - e o estrito confinamento, a negra escuridão e o profundo silêncio constituíam uma evidência impossível de contradizer, e Armstrong aceitou sem perder-se em outros pensamentos.

Mas morto... não. Apenas doente, muito doente, assim que com a apatia de um inválido, não se preocupou em demasiado com tal estranha sorte. Não era um filósofo, mas uma pessoa comum, e naquele momento de uma patologia, o órgão que em certa ocasião deveria inquietar-se estava agora quieto. De modo que, sem nenhuma apreensão quanto ao seu futuro imediato, se pôs a dormir e tudo foi paz para Henry Armstrong.

Mas algo se movia na superfície.

Era uma noite escura de verão, rasgada por freqüentes relâmpagos que iluminavam nuvens prenas de tempestade. Aqueles breves e relampejantes fulgores revelavam uma cidade fantasma, os monumentos e lápides do cemitério.

Não era uma noite adequada para que uma pessoa normal andasse vagabundeando ao redor de um campo santo, de modo que os três homens ali, cavando a tumba de Henry Armstrong, se sentiam razoavelmente seguros.

Dois deles eram jovens estudantes de uma Faculdade de Medicina, que ficava a alguns quilômetros de distância dali, o terceiro era um negro chamado Jess.

Jess fora contratado pelo cemitério para trabalhar como coveiro fazia muito tempo, e sua pá predileta conhecia todas as almas do lugar. Pela natureza do que naquele momento estava sendo feito, podia-se crer que o lugar não estava tão - povoado- como o livro de registros do cemitério fazia supor.

Do outro lado do muro, ao largo da estrada, podia-se ver um cavalo e uma carroça, esperando.

O trabalho de escavação não foi difícil, a terra com a qual havia sido coberta a tumba, algumas horas antes, oferecia pouca resistência e não tardou a quedar-se amontoada do lado de fora.

Erguer o ataúde requereu mais esforço, mas Jess era experiente na tarefa e terminou por colocar o caixão sobre o monte de terra cuidadosamente, deixando a descoberto o cadáver vestido com calça negra e camisa branca.

Naquele preciso instante um raio zigzagueou no ar, arrancando a escuridão, e quase imediatamente explodiu um trovão.

Arrancado de seu sonho, Henry Armstrong ergueu a metade superior de seu corpo, até ficar sentado.

Proferindo gritos inarticulados, os homens fugiram possuídos pelo terror, cada um em uma direção diferente.

Dos furtivos, dois não regressariam por nada deste mundo.

Já com Jess a coisa era diferente.

Com as primeiras luzes do amanhecer, os dois estudantes, pálidos de ansiedade e com o terror de sua aventura pulsando em suas veias, chegaram na Faculdade.

– Você viu aquilo? Exclamou um deles.

– Deus! Sim... o que vamos fazer?

Se encaminharam à parte dos fundos do edifício, onde havia uma carroça presa a um cavalo, que por sua vez, fora amarrado em frente da sala de dissecação.

Lentamente os dois jovens entraram na sala.

Sentado em um dos bancos no escuro, estava o negro Jess.

Ele pôs-se de pé, sorrindo, todo olhos e dentes.

– Estou esperando meu pagamento, disse.

Nu, sobre a mesa larga, jazia o cadáver de Henry Armstrong.

Tinha a cabeça manchada de sangue e terra, por ter recebido um golpe de uma pá.

UMA PROPOSTA MODESTA - Jonathan Swift

Para impedir que os filhos das pessoas pobres da Irlanda sejam um fardo para os seus progenitores ou para o país, e para torná-los proveitosos ao interesse público.

(pelo dr. Jonathan Swift, 1729)

É motivo de tristeza, para aqueles que andam por esta grande cidade, ou viajam pelo país, verem as ruas, as estradas ou as portas dos barracos apinhados de mendigos do sexo feminino, seguidos por três, quatro ou seis crianças, todas esfarrapadas, a importunar os passantes com solicitações de donativos. Essas mães, em vez de poderem trabalhar pelo seu honesto sustento, são forçadas a perambular o tempo todo atrás de esmolas a fim sustentar os seus pequenos desvalidos, os quais, à medida que crescem, se tornam ladrões, por falta de trabalho, ou deixam sua terra natal para lutar pelo Pretendente na Espanha ou se vendem para ir às Barbados.

Creio que todos os partidos concordam em que esse número prodigioso de crianças nos braços, ou nas costas, ou mesmo nos calcanhares de suas mães, e freqüentemente nos de seus pais, é no presente estado deplorável do reino um grande transtorno adicional; de modo que quem quer que encontre um método razoável, barato e fácil de transformar tais crianças em membros saudáveis e úteis da comunidade não mereceria menos do público do que uma estátua erguida em sua homenagem, aclamando-o como benfeitor da nação.

No entanto minha intenção está longe de se restringir aos filhos dos mendigos declarados: é de uma amplitude muito maior e há de envolver todas as crianças de certa idade que nasceram de pais tão efetivamente incapazes de sustentá-las quanto aqueles que demandam nossa caridade nas ruas.

De minha parte, tendo aplicado meus pensamentos durante muitos anos a esse importante assunto e tendo pesado com maturidade os diversos trabalhos de nossos avaliadores, sempre os achei grosseiramente equivocados em seus cálculos. Com efeito, uma criança que saltou recentemente do ventre de sua mãe pode muito bem ser mantida com o leite dela durante um ano inteiro, e com pouca nutrição adicional: quando muito, não mais que o valor de dois xelins, ou mesmo com as sobras, que a mãe poderá certamente conseguir por meio de uma honesta mendicância. E é exatamente na idade de um ano que proponho aplicar-lhes tal solução, de modo que, em lugar de se tornarem um fardo para seus pais ou para a paróquia, ou de carecerem de alimento e vestuário pelo resto de suas vidas, virão, pelo contrário, a contribuir para alimentar e, em parte, para vestir muitos milhares de outros.

Existe, igualmente, uma outra grande vantagem no meu método, que é a de prevenir esses abortos voluntários e aquela prática horrenda das mulheres de matarem seus filhos bastardos – ai! –, tão freqüente entre nós, sacrificando seus bebês inocentes não sei se, mais, para evitar os custos do que a vergonha – prática que há de suscitar lágrimas e piedade mesmo no peito mais selvagem e desumano.

Sendo o número de almas neste reino comumente estimado em um milhão e meio, entre essas calculo que haverá cerca de duzentos mil casais cujas esposas possam procriar. Desse número subtraio trinta mil casais que têm condições de sustentar seus próprios filhos (embora receie que nem haja tantos assim, dadas as atuais dificuldades do reino), mas, admitindo-se o cálculo, ainda restarão umas cento e setenta mil parideiras. De novo subtraio cinqüenta mil, para aquelas mulheres que malogram ou cujos filhos

morrem de acidente ou de doença antes do primeiro ano de vida. Apenas restam cento e vinte mil crianças que nascem todos os anos de pais pobres. A questão, portanto, é: como esse número pode ser criado e mantido?; o que – como já referi – nas presentes circunstâncias é absolutamente impossível, se adotarmos os métodos até agora propostos. Pois não podemos empregá-las na manufatura ou na agricultura, nem construímos casas (quero dizer, no interior), nem cultivamos terras. Muito dificilmente poderão obter sustento pelo roubo, antes de chegarem à idade de seis anos, a menos que sejam excepcionalmente aplicadas, embora eu confesse elas aprendam os rudimentos bem antes; e durante esse tempo elas só poderão ser tomadas como aprendizes, como tenho sido informado por um cavaleiro importante do condado de Cavan, que me asseverou nunca ter conhecido mais que um ou dois casos antes da idade de seis, e isso numa parte do reino bastante renomada por sua grande proficiência naquela arte.

Nossos traficantes me têm assegurado que um menino ou uma menina de idade inferior a doze anos não é artigo vendável e, mesmo quando chegam a essa idade, ainda não alcançam mais que três libras ou três libras e meia coroa, no máximo, na venda; o que não é bom negócio nem para os pais nem para o reino, já que os gastos em nutrição e vestuário atingem pelo menos quatro vezes esse valor.

Agora, pois, proporei humildemente minhas próprias idéias, as quais acredito não serão suscetíveis da menor objeção.

Um americano muito experiente, conhecido meu, me disse em Londres que uma criança nova, saudável e bem nutrida é, com a idade de um ano, um petisco bastante delicioso e salutar, seja servido ensopado, assado, grelhado ou cozido; e não tenho dúvida de que poderá ser preparada como um fricassê ou um ragu.

Assim, ofereço humildemente à consideração do público o seguinte: que das cento e vinte mil crianças, já computadas, vinte mil possam ser apartadas para a reprodução, das quais apenas uma quarta parte serão machos, o que é mais do que costumamos fazer com as ovelhas, as vacas ou os porcos. E a razão que apresento é que essas crianças quase nunca são frutos do casamento, uma circunstância muito pouco considerada pela plebe, portanto um macho será suficiente para cobrir quatro fêmeas. Que as cem mil remanescentes possam ser, com um ano de idade, oferecidas para a venda a pessoas de qualidade e posses em todo o reino, sempre advertindo as mães para que as amamentem bem no último mês, de modo que fiquem bem cheinhas e fornidas para uma boa mesa. Uma criança dará dois pratos numa recepção de amigos, e quando a família jantar sozinha os quartos anteriores ou posteriores fornecerão um prato razoável; e, com uma pitada de pimenta e de sal, agüentará bem até o quarto dia, especialmente no inverno.

Fui informado por fonte segura de que uma criança recém-nascida, podendo pesar 12 libras, dentro de um ano, se convenientemente nutrida, aumentará para 28 libras.

Admito que esse alimento será caro, e portanto adequado aos proprietários, os quais, já tendo devorado os pais, parecem ter todo o direito de fazer o mesmo com os filhos.

A carne das crianças será de época durante todo o ano, mas mais abundantemente em março, e um pouco antes e depois, pois somos instruídos por um grave autor e eminente médico francês de que, sendo os peixes uma dieta prolífica, há mais crianças nascendo nos nove meses posteriores à Quaresma. Os mercados estarão mais abarrotados do que de costume, devido a que o número de crianças católicas alcança pelo menos três por um neste reino, o que leva a supor uma outra vantagem adicional, que é a diminuição do numero de papistas entre nós.

Já computei os custos de nutrição de uma cria de mendigo (em cuja lista incluo todos os aldeões,

trabalhadores braçais e quatro quintos dos roceiros) como orçando em torno de dois xelins por ano, farrapos incluídos; e acredito que nenhum cavalheiro se queixaria de dar dez xelins pela carcaça de uma boa criança gorda, a qual, como já disse, fornecerá quatro pratos de carne excelente e nutritiva, quando ele tiver apenas algum amigo pessoal ou sua própria família para jantar. Então o proprietário aprenderá a ser um bom patrão e ganhará popularidade entre seus peões, a mãe açambarcará oito xelins de lucro líquido e estará em condições de trabalhar até produzir outro filho.

Aqueles que são mais econômicos (como, devo confessar, estes tempos andam a pedir) poderão esfolar a carcaça, cuja pele, adequadamente curtida, proporcionará luvas admiráveis para as senhoras e botas de verão para os cavalheiros.

Quanto à nossa cidade de Dublin, açougues especiais podem ser designados para esse propósito, nas partes mais convenientes da mesma, e açougueiros – podemos estar certos – não faltarão, embora eu prefira recomendar que se comprem as crianças vivas e que sejam abatidas na hora do consumo, como fazemos com os leitões para assar.

Uma pessoa de muito valor, um verdadeiro amante deste país, cujas virtudes estimo em alta conta, teve recentemente, ao discutir comigo tal matéria, a bondade de propor um refinamento ao meu projeto. Ele disse que, já havendo diversos cavalheiros deste reino dizimado seus cervos, a carne de veado poderia ser substituída facilmente pelos corpos de jovens rapazes e moças, sem exceder a idade de quatorze anos, nem abaixo de doze, havendo agora tão grande número de ambos os sexos em cada região em vias de morrer de fome por falta de trabalho ou de serviço. E esses, se vivos, poderiam ser fornecidos pelos seus próprios pais ou, de outro modo, por seus parentes mais próximos. Mas, com o devido respeito a tão excelente amigo e tão respeitável patriota, não posso compartilhar totalmente de suas opiniões, pois, quanto aos machos, meu informante americano me assegurou, com base em experiência, que a carne deles era geralmente dura e seca, como a de nossos meninos de escola, devido ao contínuo exercício, além de ter gosto desagradável, e engordá-los não compensaria os gastos. Então, quanto às fêmeas, seria – suponho humildemente – uma perda para os consumidores, porque logo estariam em condições de parir elas mesmas; e, além disso, não é improvável que algumas pessoas escrupulosas se sentissem prontas a censurar tal prática (embora, certamente, com alguma injustiça), acusando-a de bordejar com a crueldade, o que, confesso, tem sido sempre para mim a maior objeção contra qualquer projeto, por mais bem-intencionado que seja.

Mas – defendendo meu amigo – ele confessou que tal expediente lhe foi proposto pelo famoso Salmanazar, um nativo da ilha de Formosa, que de lá veio a Londres há cerca de vinte anos e numa conversa contou a ele que em seu país, quando acontecia de alguma pessoa jovem ser levada à morte, o carrasco vendia a carcaça a pessoas de qualidade, como refinada iguaria; e que, em seu tempo, o corpo de uma garota gorducha de quinze anos, crucificada por tentativa de envenenar o Imperador, foi cortado em postas ao pé do patíbulo e vendido ao primeiro ministro de sua Majestade Imperial e a outros mandarins da Corte, por quatrocentas coroas. Nem, com efeito, posso negar que, se o mesmo emprego fosse dado a muitas garotas gorduchas desta cidade – as quais, sem um tostão de seu, não podem sair por aí sem um coche, e aparecem nos locais públicos ou nas assembléias vestindo modas estrangeiras pelas quais nunca pagarão –, o reino não estaria tão mal.

Algumas pessoas mais temerosas têm se preocupado muito com o grande número de pobres que são velhos, doentes ou aleijados; e me foi solicitado aplicar meus pensamentos a descobrir que medidas se podem tomar para aliviar a nação de tão penosa incumbência. Quanto a mim, o assunto me preocupa pouco, pois é mais que sabido que eles estão morrendo a cada dia, e apodrecendo, seja de frio ou de

fome, ou de sujeira, ou consumidos pelos piolhos, estão rápido quanto se pode esperar. E, quanto aos jovens em idade de trabalhar, se encontram agora numa condição mais que auspiciosa: não podem arranjar serviço e, conseqüentemente, se depauperam por falta de alimento, a tal ponto que, se a qualquer instante forem convocados para um trabalho ordinário, não terão forças para executá-lo; e assim, felizmente, o país e eles mesmos serão liberados dos males vindouros.

Deixei-me levar pela digressão, e é hora de retornar ao meu tema. Suponho que as vantagens da proposta que tenho feito são óbvias e diversas, bem como da mais alta importância.

Primeiramente, como já tenho apontado, diminuiria em muito o número de papistas, cujas ondas nos inundam anualmente, sendo eles os principais geradores da nação, bem como nossos mais perigosos inimigos, os quais permanecem em casa com o único propósito de entregar o reino ao Pretendente, na expectativa de obterem vantagens com a ausência de tantos bons protestantes, enquanto estes últimos preferem deixar o país a ficar em casa e pagar dízimos a um coadjutor episcopal contra a sua consciência.

Em segundo lugar, os arrendatários mais pobres, que nunca souberam o que é ter dinheiro, possuirão alguma coisa de valor, a qual por lei poderá estar sujeita a confisco, a fim de ajudar a pagar o aluguel aos proprietários, já tendo sido o seu gado e o seu milho devidamente pilhados.

Em terceiro lugar, ao passo que a manutenção de cem crianças, de dois anos para cima, não pode ser computada em menos de dez xelins anuais por cabeça, as reservas nacionais serão incrementadas em cinquenta libras por ano. Além disso, haverá o advento de um novo prato, a ser introduzido nas mesas de todos os afortunados cavalheiros do reino que tenham algum refinamento de gosto. E o dinheiro circulará entre nós mesmos, sendo todos os bens de nossa própria extração e manufatura.

Em quarto lugar, as parideiras constantes, além do ganho de oito xelins esterlinos por ano com a venda de seus filhos, estarão livres do fardo de sustentá-los após o primeiro ano de vida.

Em quinto lugar, esse alimento traria igualmente maior freguesia para as tavernas, onde os negociantes terão por certo grande cuidado em providenciar as melhores receitas para prepará-lo com perfeição e, assim, para ter suas casas freqüentadas por todos os cavalheiros refinados, que muito se gabam de seu conhecimento da boa comida. E um cozinheiro habilidoso, que entenda bem de como obsequiar seus fregueses, se esmerará em torná-la tão cara quanto a estes lhes agradar.

Em sexto lugar, haveria um grande incentivo ao casamento, o qual todas as nações sábias têm encorajado por meio de retribuições ou mesmo têm forçado por meio de leis e de penalidades. Aumentaria, então, o cuidado e a ternura das mães pelos filhos, pois estariam certas de uma colocação para seus pobres bebês no futuro, patrocinada de algum modo pelo poder público, obtendo ganhos anuais em vez de despesas.

Observaríamos em breve um honesto sentimento de emulação entre as mães, a fim de verem quem traria o filho mais gordo para o mercado. Os homens teriam tanto interesse por suas esposas, durante o tempo da gravidez, quanto têm agora por suas éguas, suas vacas ou suas porcas em vias de parir; e não mais se prontificariam a bater nelas (como é a prática freqüente), receando com isso um aborto.

Muitas outras vantagens poderiam ser enumeradas. Por exemplo, o acréscimo de alguns milhares de peças em nossa exportação de carne bovina em barris, um aumento na oferta de carne suína e a melhoria na arte de produzir bacon de qualidade, em grande falta entre nós devido à matança excessiva dos porcos, tão constantes em nossas mesas; porcos que de modo algum se comparam em gosto ou magnificência a uma criança bem criada e bem gorda, a qual, assada no ponto, há de fazer grande figura na festa do senhor prefeito ou em qualquer comemoração pública. Mas isso e outras coisas omitirei por

amor à brevidade.

Na suposição de que mil famílias nesta cidade sejam consumidoras usuais de carne infantil, além de outras que a teriam em suas alegres comemorações, particularmente nos casamentos e batizados, calculo que Dublin daria fim, anualmente, a umas boas vinte mil carcaças, e o resto do reino (onde provavelmente seriam vendidas mais barato) às restantes oito mil.

Não vejo nenhuma objeção que possa ser levantada contra esta proposta, a não ser que se alegue que o número de pessoas muito se reduzirá em todo o reino. Admito-o de bom grado, e foi esse, com efeito, um dos principais motivos que me levou a oferecê-la ao mundo. Desejo que o leitor observe que calculo meu remédio única e exclusivamente para o reino da Irlanda, e para nenhum outro que jamais terá havido, ou haja, suponho, sobre a face da terra. Assim, que ninguém me venha falar de outros expedientes: de criar um imposto de cinco xelins por libra como fundo para os desempregados; de não usar nem roupas nem mobílias que não sejam de nossa própria fabricação; de terminantemente rejeitar os materiais e instrumentos que promovam luxos estrangeiros; de curar os excessos do orgulho, da vaidade, da preguiça e do gosto pelo jogo em nossas mulheres; de introduzir uma veia de parcimônia, de prudência e de temperança entre as pessoas; de aprender a amar o país, no que diferimos até dos lapônios e dos habitantes de Tupinambu; de acabar com nossas animosidades e facciosidades, e de não agir mais como os judeus, que se matavam uns aos outros bem no momento em que sua cidade era tomada; de ter um pouco de consideração antes de vender nosso país e nossas consciências por qualquer preço; de ensinar os senhorios a terem um mínimo de misericórdia para com seus arrendatários. Finalmente, de impor um espírito de honestidade, indústria e habilidade aos nossos comerciantes, os quais, se se tomasse agora uma resolução de comprar apenas nossos produtos nativos, se uniriam imediatamente para nos enganar e nos extorquir no preço, na medida e na qualidade, e que não podem nunca ser solicitados a fazer uma única proposta de regulação honesta do comércio, por mais que freqüente e ardentemente incentivados a isso.

Portanto, repito, que ninguém me fale desses e de outros expedientes similares, a menos que se tenha o menor vislumbre de esperança de que um dia se venha a efetivar qualquer tentativa sincera e bem intencionada de colocá-los em prática.

Mas, quanto a mim, exausto já de ter consumido tantos anos a oferecer pensamentos ociosos, visionários e vãos, e por fim já desesperado de qualquer sucesso, atinei, por um favor do destino, com esta proposta, a qual, sendo inteiramente nova, tem qualquer coisa de sólida e de real, de pouco dispendiosa e de nada problemática, inteiramente ao nosso alcance, e com a qual não correremos nenhum risco de desagradar à Inglaterra. Pois esse tipo de produto não será passível de exportação, sendo a carne de tão sensível consistência que não admitiria uma longa conservação em salgadura, não obstante eu pudesse nomear aqui um país que de muito bom grado nos engoliria inteiros e crus.

Finalmente, não me acho tão cioso de minha própria opinião que chegue a rejeitar qualquer outra, sugerida por homens sábios, que porventura venha se provar tão inocente, barata, exequível e eficaz. Mas, antes que qualquer coisa do gênero seja invocada em contradição ao meu plano, ou apareça uma oferta melhor, quero que o autor ou os autores façam a gentileza de considerar, com maturidade, dois pontos. Primeiro, no presente estado de coisas, como poderão achar alimento e vestuário para cem mil bocas e dorsos inúteis?

E, segundo, havendo um milhão redondo de criaturas humanas em todo o reino cuja subsistência, somada, lhes deixaria um débito de dois milhões de libras esterlinas, acrescentando-se esses que são mendigos de profissão, mais o volume de roceiros, agregados e braçais, com suas esposas e filhos, que são mendigos

de fato, desejo que esses políticos que torcerem o nariz para minha sugestão e que, talvez, tiverem a audácia de me replicar perguntem aos pais dessas criaturas se eles não estariam mais contentes de terem sido vendidos como alimento no primeiro ano de vida, nos moldes que prescrevi, e assim de terem sido poupados da cena perpétua de infortúnios pelos quais têm passado, pela opressão dos proprietários, pela impossibilidade de pagar o aluguel na falta de dinheiro e ocupação, pela carência de subsídios básicos, tais como casa e vestuário para se protegerem das inclemências do clima, e a inevitável perspectiva de transmiti-los – ou outras misérias maiores – aos seus rebentos para todo o sempre.

Asseguro, com toda a sinceridade do coração, que não tenho o menor interesse pessoal em empreender a promoção desta obra necessária, não me movendo também nenhum outro motivo que o bem público de meu país, no desenvolvimento do comércio, na manutenção das crianças, no desencargo dos pobres, e no proporcionar alguma satisfação aos mais ricos. Não tenho filhos com os quais pudesse angariar nenhum tostão, sendo que o mais velho dos meus já fez nove anos, e minha esposa passou da idade de gerar.

NAPOLEÃO E O ESPECTRO – Charlotte Brontë



Bem, como eu estava dizendo, o imperador foi dormir.

— Chevalier — diz ele ao seu camareiro —, abaixe as cortinas e feche a janela antes de deixar o quarto.

Chevalier fez o que lhe ordenaram e, então, pegando seu castiçal, saiu.

Poucos minutos depois, o imperador sentiu o travesseiro ficar muito duro e se levantou para afofá-lo. Ao fazer isso ouviu um farfalhar suave na cabeceira da cama. Sua Majestade fi cou atenta, mas tudo estava em silêncio quando voltou a se deitar.

Mal havia se acomodado numa atitude tranquila de repouso, foi perturbado por uma sensação de sede. Erguendo-se no cotovelo, pegou um copo de limonada na mesinha ao lado da cama. Refrescou-se com alguns goles. Enquanto devolvia a taça ao seu lugar, ouviu um grunhido profundo vindo de um armário num canto do aposento.

— Quem está aí? — gritou o imperador, agarrando suas pistolas. — Fale, ou eu estouro seus miolos.

O único resultado dessa ameaça foi uma risada curta, aguda, e depois um silêncio mortal.

O imperador pulou do leito e, jogando às pressas sobre si um *robe de chambre* que estava pendurado no espaldar de uma cadeira, encaminhou-se desafiador para o guarda-roupa assombrado. Ao abrir a porta, algo farfalhou.

Ele saltou para a frente, espada na mão. Não apareceu ninguém, nem mesmo uma substância qualquer, e o farfalhar — isso ficou patente — originara-se com a queda de um manto que fora pendurado num gancho na porta.

Meio envergonhado de si mesmo, ele voltou para a cama.

Exatamente quando mais uma vez ele estava prestes a fechar os olhos, a luz das três velas, que ardiavam num candelabro de prata sobre o aparador da lareira, atenuou-se subitamente. Ele olhou para cima. Uma sombra negra e opaca estava obscurecendo a luz. Suando de terror, o imperador estendeu a mão para agarrar a corda da sineta, mas um ser invisível arrebatou-a rudemente e no mesmo instante a sombra agourenta desapareceu.

— Ora! — exclamou Napoleão —, não foi nada mais do que uma ilusão de ótica.

— Será? — sussurrou próximo ao seu ouvido uma voz cava em tons profundos e misteriosos. — Foi uma ilusão, imperador da França? Não! Tudo o que ouviste e viste chama-se triste realidade premonitória. Ergue-te, tu que levantas o Emblema da Águia! Desperta, ó empunhador do Cetro da Flor-de-Lis! Segue-me, Napoleão, e verás mais.

Quando a voz cessou, um vulto mostrou-se à sua vista perplexa. Era o vulto de um homem alto, magro, vestido num sobretudo azul com renda dourada. Usava uma gravata preta muito apertada no pescoço e presa por dois pauzinhos atrás das orelhas. A tez era lívida; a língua despontava entre os dentes e os olhos completamente vidrados e injetados saltavam das órbitas com assustadora proeminência.

— *Mon Dieu!* — exclamou o imperador. — O que estou vendo? Espectro, de onde vieste?

A aparição não falou, mas deslizando para a frente e com o dedo erguido chamou Napoleão para que ele a seguisse.

Dominado por uma misteriosa influência que o privou da capacidade de pensar e de agir por si mesmo, ele obedeceu em silêncio.

A sólida parede do aposento abriu-se quando eles se aproximaram, e à sua passagem fechou-se atrás deles com um barulho de trovão.

Eles estariam na escuridão total, não fosse por uma tênue luz que brilhava em torno do fantasma e revelava as paredes úmidas de uma passagem longa, abobadada. Prosseguiram por ela em muda rapidez. Pouco depois uma brisa fresca, que soprava lamuriosa para o alto da abóbada, anunciou que eles se aproximavam do espaço aberto.

Logo chegaram a esse espaço e Nap encontrou-se numa das principais ruas de Paris.

— Espírito Valoroso — disse ele trêmulo no frio ar noturno —, permite-me voltar e abrigar-me com mais roupa. Estarei de volta num minuto.

— Em frente — respondeu firmemente seu companheiro.

Ele se sentiu compelido a obedecer, apesar da crescente indignação que quase o engasgava.

Prosseguiram pelas ruas desertas até chegarem a uma casa majestosa às margens do Sena. Ali o Espectro parou, os portões se abriram para recebê-los e eles entraram num amplo vestíbulo de mármore parcialmente velado por uma cortina corrida de um lado a outro, por cujas pregas semitransparentes se via uma intensa luz que queimava com um brilho deslumbrante.

Uma fileira de delicadas figuras femininas ricamente vestidas postava-se diante dessa tela. Elas usavam na cabeça guirlandas das mais belas flores, mas seu rosto estava oculto por horríveis máscaras que representavam cabeças da morte.

— O que é essa coleção de múmias? — gritou o imperador, esforçando-se por afastar os grilhões mentais pelos quais estava preso muito a contragosto. — Onde é que eu estou, e por que fui trazido aqui?

— Silêncio — disse o guia, deixando pender ainda mais sua língua preta e sanguinolenta. — Silêncio, se queres escapar à morte imediata.

O imperador teria respondido, com sua coragem natural, superando o espanto temporário a que inicialmente sucumbira, mas exatamente nesse instante acordes de uma música selvagem, sobrenatural, iniciaram um *crescendo* atrás da enorme cortina, que se agitava de um lado para outro e inflava lentamente para fora como se agitada por uma comoção interna ou uma luta de ventos ondulantes. Ao mesmo tempo uma combinação avassaladora de odores de decomposição mortal misturados aos melhores perfumes do Oriente invadiu o vestíbulo assombrado.

Um murmúrio de muitas vozes foi então ouvido à distância e alguma coisa agarrou ansiosamente seu braço por trás.

Ele se virou num ímpeto. Seus olhos encontraram a conhecida fisionomia de Marie Louise.

— O quê? Tu também estás neste lugar infernal? — perguntou ele. — Por que vieste para cá?

— Vossa Majestade me permitiria fazer a mesma pergunta? — disse a imperatriz sorrindo.

Ele não respondeu; a perplexidade impediu-o de fazê-lo.

Agora não havia uma cortina entre ele e a luz. Esta fora retirada como se por um passe de mágica, e o

esplêndido lustre parecia suspenso sobre a cabeça do imperador. Aglomerações de senhoras, em trajes soberbos, mas sem as máscaras do rosto da morte, estavam por ali, de pé, e uma proporção adequada de alegres cavaleiros se misturava a elas. A música ainda ressoava, mas se cuidou para que ela viesse de um grupo de mortais colocados numa orquestra que estava bem próxima. O ar tinha ainda a fragrância de incenso, porém era incenso sem mistura com fedor.

— *Mon Dieu!* — gritou o imperador. — Como foi que tudo isso aconteceu? Onde está Piche?

— Piche? — respondeu a imperatriz. — O que Vossa Majestade quer dizer? Quer deixar o apartamento e se retirar para repousar?

— Deixar o apartamento? Por quê, onde estou?

— Na minha sala de visitas particular, cercado por algumas pessoas da corte a quem convidei esta noite para um baile. Vossa Majestade entrou poucos minutos atrás em trajes de dormir, com os olhos fixos e arregalados. Imagino, pelo assombro estampado agora em seu rosto, que Vossa Majestade estava caminhando adormecido.

O imperador entrou imediatamente num acesso de catalepsia, que perdurou por toda aquela noite e a maior parte do dia seguinte.

UMA NOITE EM MALNÉANT – Clark Ashton Smith



Minha peregrinação pela cidade de Malnéant ocorreu durante um período de minha vida não menos obscuro e dúbio que a cidade mesma e as regiões nebulosas em que se localiza. Não tenho recordação precisa de sua situação, nem posso lembrar exatamente quando e como cheguei a visitá-la. Mas eu tinha ouvido falar vagamente que tal lugar estava situado ao longo de meu caminho habitual, e quando eu cheguei àquele rio envolto em brumas que corre ao longo de suas muralhas, e quando ouvi além do rio o repicar fúnebre de muitos sinos, logo concluí que estava próximo a Malnéant.

Ao chegar à colossal e cinzenta ponte que cruza o rio, poderia ter continuado à vontade rumo a outras estradas que conduzem a cidades ainda mais remotas, mas me pareceu que poderia entrar em Malnéant como se fosse qualquer outro lugar. E foi desta forma que pus o pé na ponte de arcos sombrios, sob a qual as águas negras corriam em impreciso fluxo, dividiam-se nas rochas e se juntavam outra vez, em silêncio, como o Estige e o Aqueronte.

Aquele período de minha vida, eu já disse, era obscuro e dúbio, ainda mais, talvez, por causa de minha necessidade de esquecimento, minha persistente e às vezes recompensada busca de obliteração. E aquilo que eu tanto queria esquecer, mais que tudo, era a morte da donzela Mariel, e o fato de que fora eu mesmo que a assassinara, tão certamente como se tivesse sido com as minhas próprias mãos.

Porque ela me havia amado com um afeto mais profundo e puro e estável que o meu, mas meu temperamento instável, minhas ocasiões de cruel indiferença ou irritabilidade feroz, haviam partido seu calmo coração. Então foi desta forma que ela buscou o conforto de um lento veneno da alma, até finalmente ser posta a descansar nas trevas das criptas de seus ancestrais. Desde então eu me tornei um vagabundo, perseguido e sempre torturado por um remorso impiedoso. Por anos e meses, dos quais não estou seguro, eu vaguei de cidade a cidade do Velho Mundo, pouco me importando onde dava, se apenas vinho ou outros agentes de estupor estivessem disponíveis... E então eu cheguei, em algum momento de minha jornada indefinida, às vizinhanças lúgubres de Malnéant.

O sol (se alguma vez brilhou naquela região) estava oculto havia muito tempo, nem sabia quanto, em um céu de vapores plúmbeos, o dia estava feio e insípido, para dizer o mínimo. Mas então, pelo espessamento das sombras e das névoas, eu sentia que a noite estava chegando, e os sinos que ouvia, embora pesados e sepulcrais em seu repicar, davam ao menos a promessa de segurança pela noite. Então eu cruzei a longa ponte e entre o portão tristemente escancarado com um apressar de meus passos mesmo sem alegria no espírito.

O crepúsculo havia atingido além das muralhas cinzentas, mas havia poucas luzes na cidade. Poucas pessoas estavam pelas ruas, e estas seguiam seu caminho com uma pressa solene, como se em algum compromisso perigoso que não admitisse nenhum atraso. As ruas eram estreitas, as casas muito altas, com balcões que se projetavam e cortinas pesadamente cortinadas ou tolhidas de persianas. Tudo era muito silencioso, exceto pelos sinos, que repicavam recorrentemente, às vezes débeis e distantes, às vezes com um clangor alto e despertador que parecia vir praticamente de cima. Enquanto eu penetrava através das sombras das mansões obscuras, através das ruas das quais um certo crepúsculo surgia para envolver-me, parecia que eu estava indo para mais e mais longe de minhas memórias a cada passo. Por esta razão eu não perguntei de imediato pelo caminho de uma taverna, mas me contentei em errar cada vez mais pelo labirinto de edifícios, que se tornava mais cinza e mais vago em meio à escuridão

progressiva e o nevoeiro, como se dissolvendo-se em olvido.

Eu acho que minha alma quase estaria em paz consigo, se não fosse o toque reiterado dos sinos, que eram como os que repicam pelo repouso dos mortos, e por isso me recordavam sempre aqueles que haviam tocado por Mariel. Mas sempre que eles pausavam, meus pensamentos escorregavam de volta à calma indolente, à segurança recuperada, à vaguidão circundante... Eu não tinha ideia do quanto penetrara em Malnéant, nem por quanto tempo eu vagara entre suas casas que pareciam não poder ser habitadas por ninguém a não ser os mortos em seu sono. Por fim, no entanto, eu percebi que estava muito cansado, e pensei em pão e vinho e uma cama para a noite. Mas em nenhuma parte enquanto andara eu percebera o letreiro de qualquer hospedaria, e por isso tive de perguntar a um transeunte qualquer a direção desejada.

Como disse antes, eram poucos os que estavam fora. Naquele momento, quando me decidi a dirigir-me a um deles, parecia que não havia mais nenhum e que eu andava de rua em rua em uma fútil procura de uma viva alma.

Finalmente encontrei duas mulheres, vestidas de cinzento tão feio e frio como as dobras da névoa, e totalmente veladas, que se apressavam com a mesma determinação fúnebre que eu percebera em todos os outros habitantes daquela cidade. Criei coragem para aproximar-me delas, perguntando se poderiam direcionar-me a uma hospedaria. Quase sem pausar e sem mesmo voltar suas cabeças, elas responderam: “Não podemos dizer-lhe. Somos tecelãs de mortalhas e estivemos ocupadas fazendo uma para a donzela Mariel.” Então, ao ouvir tal nome, que de todos os nomes do mundo era o que eu menos esperava ou queria ouvir, um calafrio inexplicável invadiu meu coração, e um terrível desânimo abateu-me, como se eu respirasse o hálito da morte. Era realmente estranho que naquela cidade em penumbra, tão distante no tempo e no espaço de tudo que eu fugira para esquecer, uma mulher houvesse morrido recentemente e seu nome fosse Mariel.

A coincidência era tão sinistra que um medo ímpar das ruas por que andara nasceu subitamente em minha alma. O nome evocara, de forma mais irrevogavelmente fatal que o repicar dos sinos, tudo que eu desejara em vão esquecer, as lembranças que eram carvões em brasa em meu coração.

À medida que prosseguia, com passos que haviam se tornado mais apressados, mais febris até, que os da gente de Malnéant, eu encontrei dois homens, que estavam da mesma forma vestidos da cabeça aos pés de cinzento, e perguntei-lhes o mesmo que perguntara às tecelãs de mortalhas; “Não podemos dizer-lhe,” eles responderam.

– Somos fazedores de caixões e estivemos ocupados fazendo um para a donzela Mariel.

Enquanto falavam, e se apressavam, os sinos tocaram de novo, daquela vez muito perto de mim, com um tom maior de nebulosa e sepulcral ameaça em seu repicar pesado. E tudo ao meu redor, as altas e nebulosas casas, as escuras e indefinidas ruas, as raras e espectrais figuras, tornou-se parte de uma confusão indistinta de medo, preocupação e pesadelo. Momento a momento, a coincidência em que tropeçara aparecia mais bizarra ainda de se aceitar, e eu me sentia então perturbado pela monstruosa e absurda ideia de que a Mariel que eu conhecera havia acabado de morrer, e que aquela fantástica cidade estava, de alguma maneira incompreensível, ligada à sua morte. Mas isto, é claro, minha razão rejeitava sumariamente, e eu repetia para mim mesmo: “A Mariel de que falam é outra Mariel.” E me irritava além de toda medida que um pensamento tão inadequado e ridículo continuasse retornando, mesmo que minha lógica o houvesse repellido.

Não encontrei ninguém mais a quem perguntar o caminho. Mas por fim, enquanto lutava com minha sombria perplexidade e as memórias flamejantes, eu me achei parado abaixo do letreiro de uma

hospedaria, castigado pelo tempo, cujas letras tinham sido quase apagadas pelo tempo e pelo mofo. O edifício era obviamente muito antigo, como todas as casas de Malnéant, e seus andares superiores se perdiam no redemoinho da neblina, exceto por umas poucas e furtivas luzes que brilhavam na escuridão que descia, e um vago e musgoso odor de antiguidade saiu para cumprimentar-me quando eu subi as escadarias e tentei abrir a pesada porta. Mas esta havia sido trancada ou bloqueada, então eu comecei a bater com meus punhos para atrair a atenção de quem estivesse dentro. Após muito tardar, a dor foi aberta, lentamente e a contragosto, e um indivíduo de aparência cadavérica apareceu, com uma grave expressão de desgosto ao ver-me.

– O que deseja? Ele inquiriu, com uma entonação ao mesmo tempo brusca e solene.

– Um quarto pela noite, e vinho. – Eu pedi.

– Não podemos acomodá-lo. Todos os quartos estão ocupados pelas pessoas que vieram assistir às exéquias da donzela Mariel, e todo o vinho da casa foi requisitado para seu uso. Você terá de ir a outro lugar.

Ele fechou rapidamente a porta em meu rosto ao dizer as últimas palavras. E eu tive de retomar minha perambulação, e tudo o que me perturbara antes foi intensificado umas cem vezes. As névoas cinzentas e as casas imprecisas estavam cheias da ameaça da lembrança: eram como tumbas traiçoeiras das quais os cadáveres das horas mortas surgiam para assaltar-me com suas presas e garras venenosas. Eu maldisse a hora em que entrara em Malnéant, porque me pareceu então que ao fazê-lo eu apenas completara um círculo funéreo e sinistro no tempo, e retornara ao dia da morte de Mariel. E certamente todas as minhas lembranças dela, de sua agonia final e de seu sepultamento, haviam assumido a vitalidade assustadora de fatos presentes. Mas meus pensamentos ainda mantinham, claro, que a Mariel que estava morta em algum lugar de Malnéant, e por quem todos aqueles ritos de exéquias estavam sendo cumpridos, não era a mesma donzela que eu amara, mas uma outra.

Depois de percorrer ruas que ainda eram mais escuras e estreitas que todas por onde passara, encontrei uma segunda hospedaria, ostentando um letreiro similarmente batido pelo tempo, e em todos os aspectos muito parecida à primeira. A porta estava bloqueada, e eu bati com força, e não me surpreendi de modo algum quando um segundo indivíduo, de rosto cadavérico, me informou em solene e sepulcral entonação:

– Não podemos acomodá-lo. Todos os quartos foram tomados por músicos e carpideiras que atuarão nas exéquias da donzela Mariel, e todo o vinho foi reservado para seu uso.

Então eu comecei a temer a cidade ao meu redor com medo multiplicado: porque parecia que toda a ocupação da gente de Malnéant consistia em preparativos para o funeral da tal donzela Mariel. E começou a ser óbvio para mim que eu deveria perambular pelas ruas da cidade por toda a noite sem abrigo por causa dos mesmos preparativos.

Subitamente, um cansaço arrebatador se mesclou ao terror e à perplexidade de meu pesadelo.

Não continuara por muito tempo minha peregrinação, depois de deixar a segunda hospedaria, quando os sinos repicaram mais uma vez. Pela primeira vez, pude identificar sua origem: eles estavam nas torres de uma grande catedral que pairava imediatamente acima de mim na neblina. Algumas pessoas estavam entrando na catedral, e uma curiosidade, que eu sabia ser ao mesmo tempo mórbida e perigosa, me levou a segui-los. Lá eu senti de alguma forma que seria capaz de conhecer mais do mistério que me

atortentava. Estava tudo em penumbra lá dentro, e a luz de muitos pavios mal conseguia iluminar a vasta nave ou o altar. Uma missa estava sendo rezada por padres vestidos de negro, cujas faces não podia divisar claramente, seus cantos pareciam palavras em um sonho, das quais nada ouvia, e nada estava visível de forma definida no lugar, exceto um féretro coberto de tecidos opulentos no qual jazia uma forma alva. Flores de vários matizes haviam sido salpicadas sobre o féretro, sua fragrância preenchia o ar com um langor sonolento, com um amortecimento que parecia drogar meu coração e minha alma.

As mesmas flores haviam sido postas no féretro de Mariel, e desta forma, por causa de seu perfume, eu fora, em seu funeral, abatido por um entorpecimento momentâneo dos sentidos. Vagamente eu percebi que alguém me acotovelara. Com olhos ainda fixos no féretro, eu perguntei:

– Quem é que jaz ali, por quem é rezada esta missa e tocados estes sinos?

E uma voz lenta e sepulcral respondeu:

– Eis a donzela Mariel, que ontem morreu e que será amanhã enterrada nas criptas de seus ancestrais. Se é seu desejo, pode aproximar-se e mirar seu rosto.

Então eu percorri o corredor da catedral, até junto do féretro, cujos tecidos opulentos caíam até a lousa fria. E a face daquela que lá jazia, com um sorriso tranquilo nos lábios, com doces sombras sobre as pálpebras fechadas, era a face da mesma Mariel que eu amara, e não de outra. As vagas do tempo congelaram seu fluxo, e tudo que era ou fora ou seria, tudo do mundo que existira além dela, tornou-se como sombras vacilantes, e da mesma forma que antes (passadas eras ou minutos) minha alma foi trancada no inferno de mármore do supremo luto e arrependimento. Eu não podia me mexer, eu não podia gritar nem chorar, porque minhas lágrimas se tornavam em gelo. E então eu soube com certeza terrível, que aquele único evento, a morte da donzela Mariel, tinha sido arrancado de todos os outros acontecimentos, tinha sido separado da sequência do tempo e achado para si um cenário de penumbra e solenidade adequadas, ou talvez até construído em torno de si aquela enorme e labiríntica urbe, para ali aguardar meu retorno em meio às névoas do esquecimento. Por fim, com um imenso esforço da vontade, eu retirei meus olhos dela, e deixei a catedral em passos apressados, apesar de tolhidos pelo chumbo de minhas pernas, para buscar uma saída daquele labirinto horrível de Malnéant, para procurar o portão por onde entrara. Mas isto não foi de forma alguma fácil, devo ter vagado por horas pelos becos, opressivos e sem saída como tumbas, e pelas tortuosas e convolutas vias, até que me achei em uma rua familiar e dela fui capaz de dirigir meus passos com alguma certeza. E um mormaço fraco brilhava através das nuvens de um dia amortecido e nublado que nascia além das névoas quando eu cruzei a ponte e cheguei outra vez à estrada que me levaria para longe daquela cidade infeliz.

Desde então eu tenho vagado por muitos lugares. Mas nunca mais procurei visitar aquele reino antigo de nevoeiro e de neblina, por medo de que chegar outra vez a Malnéant e descobrir que sua gente ainda está ocupada com os preparativos para as exéquias da donzela Mariel.

CÃES DE TÍNTALOS – Frank Belknap Long

I

- Eu estou contente que você tenha vindo - Chalmers disse.

Estava sentado próximo à janela, muito pálido. Próximo a um dos braços dele queimavam duas velas quase derretidas que projetavam uma luz cor de âmbar fraca no longo nariz e em seu pequeno queixo. No apartamento de Chalmers não havia nada absolutamente moderno. O dono do apartamento tinha a alma medieval e preferia os manuscritos iluminados aos automóveis, e as gárgulas de pedra que os aparatos de rádio e as máquinas de calcular.

Removeu os livros e documentos que se amontoavam em um sofá e, ao atravessar a sala para me sentar me surpreendi ao ver na mesa dele algumas fórmulas matemáticas de um físico contemporâneo célebre junto com algumas estranhas figuras geométricas que Chalmers tinha copiado em alguns finos papéis amarelos.

- Surpreende-me esta coexistência de Einstein com John Dee - disse ao desviar o olhar das equações matemáticas e descobrir os volumes estranhos que constituíam a pequena biblioteca de meu amigo. Nas prateleiras de ébano conviviam Plotino, Emmanuel, Mascópoulos, São Tomás de Aquino e Frenicle de Bessy. As poltronas, a mesa, a escrivaninha estavam cobertas com livros e folhetos sobre feitiçaria medieval e magia negra, bem como também de textos sobre todas as coisas bonitas e audaciosas que nosso mundo moderno rejeita. Chalmers me ofereceu sorrindo, um cigarro russo e disse:

- Nós estamos chegando à conclusão agora que os velhos alquimistas e bruxos tinham razão em setenta cinco por cento, e os biólogos e o materialistas modernos estão enganados em noventa por cento.

- Você sempre fez pouco da ciência de hoje em dia - disse, com uma expressão clara de impaciência.

- Não - respondeu - eu apenas tiro um sarro com o dogmatismo dela. Eu sempre fui um rebelde, um campeão da originalidade e das causas perdidas. Não se sinta estranho por ter decidido rejeitar as conclusões dos biólogos contemporâneos.

- E o que me diz de Einstein? - eu perguntei.

- Sacerdote da matemática transcendental! - murmurou com respeito. - Um místico profundo, um explorador de reinos imensos dos quais a existência só agora se começa a suspeitar.

- Então você não rejeita a ciência completamente.

- Claro que não! O que não me inspira confiança é o positivismo destes últimos cinquenta anos, tampouco as idéias de Haeckel, as de Darwin e as de Bertrand Russell. Eu acredito que a biologia falhou lamentavelmente quando tentou explicar a origem e o destino do homem.

- Dê a eles uma margem de tempo. Os olhos de Chalmers faiscaram:

- Meu amigo - murmurou -, você acaba de fazer um jogo verdadeiramente sublime de palavras. Dê a eles uma margem de tempo. Eu daria encantado, porém precisamente quando se fala de tempo, os modernos biólogos se lançam a rir. Eles possuem a chave, mas se recusam a usar-lá. O que sabemos nós sobre o

tempo? Einstein considera-o relativo e acredita que se pode interpretar em função do espaço, de um espaço curvo. Mas não é necessário ficar preso ali. Quando as matemáticas param para nos ajudar, por acaso você não pode seguir em frente com ajuda da... intuição?

- Esse é um terreno escorregadio. O verdadeiro investigador sempre evita cair nessa armadilha. Por isso que a ciência moderna avança tão lentamente. Só admite o que pode ser demonstrado. Mas você...

- Eu, sabe o que faria ? Tomaria haxixe, ópio, todas as drogas. Eu imitaria as sábios orientais se por acaso assim eu conseguisse...

- Conseguisse o quê?

- Conhecer a quarta dimensão.

- Isso é puro teosofia, uma estupidez!

- Talvez , mas eu sou acredito que as drogas podem aumentar o alcance da consciência humana. William James concorda com isso. Além disso, descobriram uma nova.

- Uma droga nova?

- Foi utilizada durante séculos pelos alquimistas chineses, porém, apenas se conhece no ocidente. Possui certas propriedades ocultas surpreendentemente assombrosas. Graças a esta droga e a meu conhecimento matemático, acredito que eu posso remontar o curso do tempo.

- Não entendo o que você quer dizer.

- O tempo não é nada mais que nossa imperfeita percepção de uma nova dimensão espacial. O tempo e o movimento são outras ilusões. Tudo o que existiu desde a origem do universo existe agora também. O que aconteceu durante milênios, continua acontecendo em outra dimensão do espaço. O que acontecerá dentro de milênios, acontece agora lá. Se não percebemos, é porque tampouco podemos penetrar na dimensão espacial onde elas acontecem. Os seres humanos, tal como os conhecemos, não são apenas partes infinitesimais de um todo imenso. Cada um de nós está unido a toda a vida que já existiu no planeta. Todos os nossos antepassados formam parte de nós. Deles, somente o tempo nos separa, e o tempo é uma ilusão.

- Creio que começo a compreender. - murmurei.

- Basta que tenha uma vaga idéia do assunto para que possa me ajudar. O que quero é arrancar de meus olhos o véu da ilusão que os cobre e ver o princípio e o fim.

- E você acredita que esta droga nova serviria para algo?

- Estou convencido disto. E desejo que me ajude. Eu quero tomá-la imediatamente. Eu não posso esperar. Eu tenho que ver - seus olhos lançaram vislumbres estranhos. - eu viajarei pelo tempo. Eu voltarei no tempo. Chalmers se levantou e pegou de cima da chaminé uma caixa quadrada.

- Aqui eu tenho cinco grânulos da droga Liao. Era usado pelo filósofo chinês Lao-Tse e, e Tao. Tao é a força mais misteriosa no mundo. Cerca e penetra todas as coisas e contém dentro sim a totalidade do universo visível e tudo aquilo nós denominamos realidade. O que pode contemplar o mistério do Tao saberá que tudo aquilo era e tudo aquilo será.

- Fantasias -comentei.

- Tao é como um enorme animal reclinado e imóvel que contém em si todos os mundos, o passado, o presente e o futuro. Através de uma fissura que chamamos de tempo, percebemos setores desse monstro

terrível. Com a ajuda dessa droga vou aumentar essa fissura. Desse modo, contemplarei a verdadeira face da vida; verei a besta inteira, imensa e escondida.

- E qual será a minha missão?

- Escutar, meu amigo. Escutar e anotar o que irá escutar. E se eu ficar tempo demais no passado, você deve me sacudir violentamente, para trazer-me de volta a realidade. Se notar que estou sofrendo danos físicos intensos, deve fazer-me regressar imediatamente.

- Chalmers -disse-, não estou gostando disso. Você vai correr um risco terrível. Não acho que exista uma quarta dimensão, muito menos o Tao. Tampouco aprovo o uso de drogas desconhecidas.

- Para mim não é desconhecida - afirmou. - Conheço seu efeito sobre o homem e também seus perigos. A droga em si não é perigosa. Meu único medo é perder-me no abismo do tempo, porque você deve saber que é minha intenção colaborar ativamente com a droga. Antes de tomá-la, me concentrarei nos símbolos geométricos e algébricos que estão desenhados neste papel -me mostrou o diagrama que tinha sobre os joelhos- e assim prepararei meu espírito para a viagem transtemporal. Primeiro me aproximarei o máximo possível da quarta dimensão apenas com a força de meu próprio ego, e então tomarei a droga que me dará o poder oculto da percepção. Antes de penetrar no mundo onírico do misticismo oriental terei toda a ajuda matemática que a ciência pode me oferecer. A droga abrirá as portas da percepção e as matemáticas me permitirão compreender intelectualmente o que estiver atrás de tais portas. Meus conhecimentos matemáticos e minha aproximação consciente com a quarta dimensão completarão a ação da droga. Em meus sonhos já consegui muitas vezes captar a quarta dimensão na forma intuitiva e emocional, mas em estado de vigília eu nunca era capaz de me recordar do esplendor oculto que me era revelado momentaneamente em sonhos. Eu acredito, porém, que com sua ajuda, desta vez eu poderei. Você anotará tudo o que eu disser enquanto estiver em transe, por mais estranho e incoerente que lhe pareça. Ao regressar, espero poder elucidar-lhe tudo que você não tenha entendido. Não estou seguro de que terei êxito, mas, se eu tiver -um brilho estranho apareceu em seus olhos-, o tempo não mais existirá para mim.

Então, sentou.

- Vou fazer o experimento agora mesmo. Sente, por favor, junto da janela, e não deixe de me vigiar. Tem pena?

Concordei secamente e peguei minha pena Waterman verde claro do bolso superior de minha jaqueta.

- E trouxe algo onde possa escrever, Frank?

De má vontade, peguei uma agenda.

- Continuo energicamente não aprovando esse experimento - grunhi. - Vai correr um risco terrível.

- Não seja criança! -balançou o dedo para mim-. Estou decidido a fazê-lo apesar de tudo o que você disse, e a fazê-lo agora mesmo. Por favor, faça silêncio enquanto medito sobre esses diagramas.

Pôs os desenhos a sua frente e se concentrou intesamente neles. Em silêncio, ouvia como o relógio avançando segundo a segundo. Uma angústia indefinida comprimia meu peito.

De repente, o relógio parou. Nesse momento, Chalmers colocou a droga na boca e a tragou.

Rapidamente me aproximei dele, mas com o olhar me advertiu para que não o interrompesse.

- O relógio parou -murmurou-. As forças que o governam aprovam meu experimento. O tempo parou e eu tomei a droga. Meu Deus, faça com que eu não me perca!

Fechou os olhos e se ajeitou no sofá. Seu rosto estava pálido e respirava com dificuldade. Era evidente que a droga estava atuando extraordinariamente depressa.

- Começam as trevas - murmurou. - Anote. Tudo está ficando escuro e estão sumindo os objetos familiares do apartamento. Ainda os vejo, porém borrados.

E estão sumindo rapidamente.

Sacudi a pluma, pois a tinta falhava, e segui tomando nota velozmente.

- Abandono o apartamento. As paredes se dissolvem como névoa. Não vejo nenhum objeto, mas posso ver sua cara. Suponho que esteja escrevendo. Creio que estou a ponto de dar um grande salto através do espaço, e talvez do tempo. Tudo é confuso, incerto.

Permaneceu em silêncio algum tempo, com o queixo apoiado no peito. De repente, ficou rígido e abriu os olhos.

- Meu Deus! - exclamou. - Vejo.

Achava-se todo contraído, tenso, mirando firmemente a parede que havia a sua frente. Porém eu sabia que seu olhar atravessava-a e que os objetos do apartamento não existiam para ele.

- Chalmers! Chalmers! Acordo-o?

- De modo algum! - uivou. - Vejo tudo! Ante mim vejo os bilhões de anos que me precederam neste planeta. Vejo homens de todas as épocas, de todas as raças, de todas as cores. Lutam, se matam, constróem, dança, cantam. Sentam-se em torno da fogueira primitiva, em desertos frios, e tencionam elevar-se no ar a bordo de aviões. Cruzam os mares em toscos barcos de troncos e enormes barcos a vapor. Pintam bisões e elefantes nas paredes de grutas lúgubres e cobrem tecidos enormes com formas e cores do futuro. Vejo os emigrantes procedentes de Atlântida e Lemuria. Vejo as raças ancestrais: os anões negros que invadem a Ásia e os homens de Neanderthal, de cabeça inclinada e pernas tortas, que se espalham pela Europa. Vejo os aqueos colonizando as ilhas gregas e contemplo as primeiras noções da nascente cultura helênica. Estou em Atenas e Péricles é jovem. Encontro-me em terra italiana. Participo do rapto das sabinas. Caminho com as legiões imperiais. Tremo de respeito e de pavor quando brilham os gigantescos estandartes e o solo trepida sob o passo dos vitoriosos. Conduzo uma litera de ouro e marfim arrastada por negros touros de Tebas, e ante mim ajoelham-se mil escravos e as mulheres, cobertas de flores, exclamam: Ave César!. Eu sorrio para eles e súdo a multidão. Sou escravo numa galera. Vejo como, pedra por pedra, se levanta uma catedral. Contemplo durante meses, durante anos, como vão colocando em seu sítio cada uma de suas capelas. Estou crucificado, cabeça para baixo, nos perfumados jardins de Nero, e vejo, com ironia e desprezo, como funcionam as câmaras de tortura e da Inquisição. É um espetáculo divertido!

- Penetro nos mais sagrados santuários. Entro no Templo de Vênus. Ajoelho-me, em adoração, ante a Magna Mater e arremesso moedas ao seio das postitutas sagradas que, com o rosto oculto, esperam nos Jardins da Babilônia. Penetro em um teatro inglês da época isabelina e, no meio de uma multidão fedorenta, aplaudo O Mercador de Veneza. Passeio com Dante pelas estreitas ruelas de Florença. Enquanto admiro, extasiado, à jovem Beatriz, seu vestido roça em minhas sandálias. Sou sacerdote de Ísis e meus poderes mágicos assombrom o mundo. Aos meus pés se ajoelha Simon Mago, implorando minha ajuda, e o Faraó treme ante minha presença. Na Índia, falo com os Maestros e fico horrorizado, pois suas revelações são como sal em uma ferida sangrando. Percebo tudo simultaneamente. Percebo tudo de uma vez e a partir de todos os ângulos possíveis. Tomo parte de todas as bilhões de vida que me

precederam. Existo em todos os seres humanos e todos os seres humanos existem em mim. Em um instante, vejo toda a história do homem, o passado e o presente.

- Mediante um pequeno esforço, sou capaz de contemplar passados cada vez mais longínquos. Agora me remonto em direção da própria origem, através de curvas e ângulos estranhos. Ao meu redor se multiplicam os ângulos e curvas. Há grandes setores de tempo que percebo através de curvas. Existe um tempo curvo e um tempo angular. Os moradores do tempo curvo não podem penetrar no tempo angular. tudo é muito estranho.

- Sigo retrocedendo cada vez mais. Da Terra, os homens já desapareceram. Vejo répteis gigantes escondidos sob enormes palmeiras e nadando em pútridas águas negras. Os répteis desapareceram. Não há mais animais na terra, porém vejo perfeitamente sob as águas formas sombrias que se movem lentamente entre as algas.

- As formas que vejo são cada vez mais simples. Agora os únicos seres vivos são células. Ao meu redor, há cada vez mais ângulos, ângulos totalmente alheios à geometria humana. Tenho um medo horrível. Na criação existem abismos nos quais o homem nunca penetrou.

Segui sem perdê-lo de vista. Chalmers havia se levantado e gesticulava como se pedisse ajuda. Então falou:

- Atravesse ângulos alheios ao espaço terrestre. Aproximo-me do horror supremo.

- Chalmers! - exclamei. - Quer que eu intervenha?

Ele levou a mão ao rosto, como que para não ver uma visão incrivelmente espantosa. Porém, disse com dificuldade:

- De forma alguma! Quero seguir adiante... Quero ver... o que há... ainda mais além..

Sua testa estava coberta de suor frio e movia os ombros de modo espasmódico. Seu rosto aterrorizado estava cinza.

- Além da vida existem coisas que não consigo distinguir. Porém se movem lentamente através de ângulos alucinantes.

Nesse momento, percebi pela primeira vez no apartamento um odor bestial e indescritível, nauseabundo, insuportável. Fui até a janela e a abri completamente. Quando voltei para o lado de Chalmers e vi sua expressão, estive a ponto de desmaiar.

- Farejaram-me! - soltou um gemido - Lentamente dão a volta em minha direção.

Todo o seu corpo tremia horrivelmente. Durante um momento agitou os braços no ar, como se buscando um algo para se proteger, e logo suas pernas cederam. Caiu no chão, onde permaneceu de bruços, soluçando e gemendo.

Em silêncio, contemplei como se arrastava no chão. Naqueles momentos, meu amigo não era um ser humano. Rangia os dentes e nos cantos da boca, formou-se uma espuma branca.

- Chalmers! - gritei. - Chalmers! Basta! Basta, ouviu?

Como que em resposta à minha chamada, começou a emitir uns sons roucos e convulsivos, semelhantes a latidos, a caminhar em círculo de quatro pelo chão. Inclinei-me e agarrei-o pelos ombros. Sacudi-o violentamente, desesperadamente, e ele tentou morder-me o pulso. Sentia-me horrorizado, mas não soltei-o, pois temia que destruísse a si mesmo em um acesso de raiva.

- Chalmers! - murmurei. - Basta. Está em seu apartamento. Nada de mal pode acometê-lo. Compreende?

Sacudí-lo e falar com ele surtiu efeito, e a expressão de loucura foi desaparecendo de seu rosto. Tremendo e convulsionando, desabou como um grotesco monte de carno centro do tapete chinês.

Ajudei-o a caminhar até o sofá e a deitar-se nele. Seu rosto estava contraído de dor e me dei conta de que seguia lutando contra recordações espantosas.

- Whisky - murmurou. - Está ali, na estante junto à janela, na gaveta superior da esquerda.

Quando dei-lhe a garrafa, segurou-a com tanta força que seus dedos ficaram brancos.

- Quase me agarram. disse entrecortadamente.

Bebia à grandes tragos irregulares e pouco a pouco sua face foi deixando a brancura.

- Essa droga - eu disse. - é o diabo em pessoa.

- Não era a droga - gemeu.

Seu semblante não era de louco. Agora dava a impressão de um profundo desalento.

- Farejaram-me através do tempo - sussurrou.

- Como eram? - perguntei para mantê-lo falando.

Inclinou-se em minha direção e agarrou-me o braço com força. Outra vez foi dominado por horríveis tremores.

- Não há palavras para descrevê-los. - murmurou asperamente. Foram vagamente simbolizados no Mito da Queda e de certa forma obscena que às vezes aparece gravada em algumas tabuletas arcaicas. Os gregos davam-lhes um nome que ocultava a impureza essencial desses seres. A maçã, a árvore e a serpente são símbolos do mistério mais atroz.

Aos poucos, sua voz tornou-se um uivo:

- Frank! Frank! No começo consumou-se um ato terrível e imencionável! Antes do tempo, o ato, e depois do ato...

Começou a andar histericamente pelo apartamento.

- As conseqüências do ato se movem através dos ângulos nas obscuras voltas do tempo. Têm fome e sede!

- Chalmers - tentei racionalizar - , estamos na terceira década do século XX! Porém, ele seguiu gritando:

- Têm fome e sede! Os Cães de Tíndalos!

- Chalmers, quer que eu chame um médico ?

- Nenhum médico pode me ajudar. São horrores da alma e, contudo - ocultou a cara entre as mãos-, são reais, Frank. Vi-os durante um momento horrível. Durante um instante cheguei a estar do outro lado. Encontrei-me em uma ribeira lividez, além do tempo e do espaço. Havia uma espantosa luz que não era luz e um silêncio cheio de uivos, e ali eu os vi. Em seus corpos débeis e famintos se concentra todo o mal do universo. Na realidade, não estou seguro de que tiveram corpo: só os vi por um instante. Porém, ouviram-me respirar. Durante um momento indescritível senti seu alento em minha cara. Viraram-se em minha direção e fugi gritando. Em um único instante fugi através de milhões de séculos. Porém me farejaram. Os homens despertam neles uma fome cósmica. Fazemo-os escaparem momentaneamente da

aura impura que os rodeia. Tem sede de tudo o que há de puro em nós, de tudo o que emergiu imaculado naquele ato. Em nós há elementos que não participaram do ato e eles os aborrecem. Porém não imagine que são literalmente maus. No plano onde habitam não existe o bem e o mal como nós os concebemos. São o que, no princípio permaneceram desprovidos de pureza para sempre. Ao cometer o ato, se converteram em corpos de more, um receptáculo de toda impureza. Porém não são maus no sentido que nós damos a esta palavra, porque nas esferas em que se movem não existe pensamento, nem moral, nem bom, nem mau. Ali só existe o puro e o impuro. O impuro se expressa em ângulos; o puro em curvas. O homem, ou melhor dizendo, o que há de puro nele, procede do curvo. Não ria. Falo completamente sério.

Levantei-me para ir embora. Enquanto ia para a porta, disse:

- Você me dá muita pena, Chalmers. Porém não estou disposto a ouvi-lo delirar. Enviarei-o ao meu médico. É um homem de idade, muito compreensivo, e não se ofenderá a menos que você o mande para o diabo. Porém confio que seguirá as indicações que ele lhe der. Se você passar uma semana descansando em um sanatório, verá que vai se sentir bem melhor.

Enquanto descia as escadas, ainda pude ouvir-lhe. Era uma risada tão desprovida de alegria que me fez chorar.

II

Quando Chalmers me telefonou na manhã seguinte, meu primeiro impulso foi o de desligar imediatamente. Pedia-me para fazer algo tão insólito, e tão anormalmente alterada estava sua voz que duvidaria de meu próprio bom-senso se continuasse esse assunto. Mas não pude deixar de perceber a sinceridade de sua angústia, e quando sua voz falhou e ele começou a chorar, eu decidi atender a seu pedido.

- De acordo - disse eu -vou agora mesmo e levo o gesso. A caminho da casa de Chalmers, eu parei numa loja de materiais comprei dez quilos de gesso. Ao entrar no quarto de meu amigo, eu o vi escondido junto à janela, olhando de frente para a parede, com os olhos enfebrezidos de terror. Quando me viu entrar, se levantou e agarrou o pacote de gesso com uma avidez que me deixou assustado. Tinha tirado toda a mobília do apartamento, que agora apresentava um aspecto absolutamente desolado.

- Nós ainda podemos nos salvar! - ele exclamou. - Mas temos que agir depressa, Frank, há uma escada no vestíbulo, traga-a imediatamente. E traga também um balde d'água.

- Por qual razão? - murmurei atônito. Ele virou-se vivamente para mim, e pude ver um raio de ira em seus olhos.

- Por qual razão você acha, tolo? Fazer a massa com o gesso! - ele gritou, fora de si. - Para fazer a massa que salvará nosso corpo e nossa alma de uma contaminação indizível. Para fazer a massa que salvará o mundo de um perigo...Frank, temos que fechar as portas!

- Para quem? - eu perguntei.

- Para os Cães de Tíndalos! - ele exclamou. - Eles só podem chegar até nós através dos ângulos. Eliminemos todos os ângulos do apartamento! Eu porei gesso em todos os ângulos, em todos os cantos, em todas as fissuras. Ficarão como o interior de uma esfera!

Teria sido inútil discutir com ele. Eu levei-lhe a escada, Chalmers misturou o gesso com a água e trabalhamos durante três horas. Nós cobrimos os quatro cantos da parede, e também as interseções dela com o chão e o teto. Finalmente, nós arredondamos os ângulos duros da janela.

- Agora, ficarei aqui até eles irem embora. - disse Chalmers quando terminamos a tarefa. Ao perceber que o cheiro que seguem força-os a cruzar curvas, eles irão embora. Irão embora famintos, frustrados, insatisfeitos ao plano de impureza de onde vieram, anterior ao tempo e além do espaço.

Sorrii afavelmente e acendeu um cigarro.

- Agradeço-lhe muito por ter vindo.

- Ainda não quer ir a um médico? - perguntei.

- Talvez amanhã - respondeu. - Agora tenho que vigiar e esperar.

- Esperar o que? - indaguei. Chalmers sorriu debilmente.

- Você acredita que estou louco - disse -; compreendo perfeitamente. És inteligente, porém, também, és muito prosaico e não pode conceber a existência de nenhuma entidade independente de toda energia e de toda matéria. Porém, meu querido amigo, já lhe ocorreu pensar alguma vez que a energia e a matéria são as barreiras que o tempo e o espaço impõem a nossa percepção? Sabendo, como eu sei, que o tempo e o espaço são o mesmo e que são enganosos porque ambos não passam de manifestações imperfeitas de uma

realidade superior, não tem sentido buscar no mundo visível nenhuma explicação do mistério e do terror do ser. Levantei-me e fui em direção da porta.

- Perdoe-me - exclamou. - Não quis ofendê-lo. Tens uma grande inteligência, mas não tem uma inteligência sobrehumana. É natural que você seja consciente de suas limitações.

- Telefone-me se precisar - disse e desci a escada de dois em dois. - Agora sim que o mando a meu médico - disse a mim mesmo. - Está totalmente louco e sabe Deus o que pode acontecer se ninguém ocupar-se dele.

III

Resumo de dois artigos publicados na Gazeta de Patridgeville de 3 1928 de julho:

TREMOR DE TERRA NO CENTRO DA CIDADE

As duas da madrugada de hoje, um terremoto violento fez tremer os bairros centrais da cidade, quebrando várias janelas em Central Square e causando danos sérios na rede elétrica e nas instalações do metrô. Nos bairros periféricos, o terremoto também foi sentido, resultando na completa destruição do campanário do baptista de igreja de Angell Hill que tinha sido projetada por Christopher Wren em 1717. Os bombeiros lutam para apagar o fogo que foi deflagrado nos navios da fábrica de pneus. O prefeito prometeu abrir uma investigação para determinar responsabilidades se existirem.

ESCRITOR OCULTISTA ASSASSINADO POR VISITANTE DESCONHECIDO

Crime horrível em Central Square

Um mistério impenetrável envolve a morte de Halpin Chalmers

Às nove horas do dia de hoje foi achado o corpo sem vida de Halpin Chalmers, escritor e periodicista, em um apartamento vazio em cima da joalheria Smithwich & Isaacs, no número 24 de Central Square. A investigação judicial mostrou que esse apartamento havia sido alugado pelo Sr.Chalmers no último dia 1 de maio e que ele próprio havia trazido a mobília, há quinze dias. O senhor Chalmers escreveu diversos livros sobre ocultismo. Era membro da Associação Bibliográfica e anteriormente havia residido no Brooklyn, em Nova York.

Às sete horas da manhã, o senhor L.E. Hancock, inquilino do apartamento situado na frente do de Chalmers no edifício de Smithwich & Isaacs, sentiu um odor estranho ao abrir a porta para deixar seu gato entrar e pegar sua edição matinal da Gazeta de Patridgeville. O odor, segundo afirma, era extremamente pungente e enjoativo, e tão intenso perto da porta de Chalmers que teve que tapar o nariz quando se aproximou dela.

Estava a ponto de regressar ao seu apartamento quando lhe ocorreu que o cheiro poderia significar que Chalmers podia ter esquecido de fechar o gás em sua cozinha. Alarmado com essa possibilidade, decidiu investigar o que tinha acontecido, e, como ninguém respondia aos seus chamados de dentro do apartamento, ele chamou o zelador do edifício. Este último abriu a porta com uma chave mestra, e ambos adentraram no apartamento de Chalmers. A habitação estava totalmente desprovida de mobiliário, e Hancock assegurou que, ao ver o que havia no chão, sentiu-se enjoado, de modo que ele e o zelador ficaram um tempo na janela, sem olhar para trás.

Chalmers jazia deitado de barriga para cima no centro do apartamento. Estava completamente nu e tinha o peito e os braços cobertos com uma substância gelatinosa azulada. A cabeça, que tinha sido separada do corpo, repousava sobre o peito e suas feições estavam horrivelmente retorcidas e mutiladas. Não havia sinal de sangue.

O apartamento apresentava um aspecto insólito. Todas as arestas haviam sido cobertas com

gesso, que em algumas partes havia se rachado, e em outras, desprendido. Os fragmentos de gesso caídos haviam sido agrupados juntos do cadáver, formando um triângulo perfeito. Junto do corpo encontravam-se várias folhas de papel amarelo quase inteiramente consumidas pelo fogo. Neles estavam desenhados vários símbolos fantásticos e estranhas figuras geométricas e podia-se ler diversas frases escritas apressadamente. Essas frases contudo, são tão absurdas que não proporcionaram a menor pista sobre o possível autor do crime. Aqui estão algumas das frases: "Vigio e espero. Estou sentado junto da janela e vigio as paredes e o teto. Não creio que cheguem até aqui, mas devo ter cuidado com os Doels, que talvez os ajudem a passar. Também os ajudariam os sátiros e eles podem avançar pelos círculos roxos. Os gregos sabiam como impedi-los. É lamentável que tenhamos esquecido tantas coisas..."

Em outro papel, no mais queimado dos sete ou oito fragmentos recolhidos pelo Sargento Detetive Douglas (da Polícia de Patridgeville), estava rabiscado o seguinte: "O gesso está caindo! Houve uma vibração terrível. Um terremoto, parece! Não podia prevê-lo. A luz vai acabar. Telefonar pra Frank. Ele chegará a tempo? Devo tentar. Recitarei a fórmula de Einstein. Estão passando! Conseguiram atravessar! Da fumaça nos cantos das paredes saem suas línguas."

Na opinião do Sargento Detetive Douglas, Chalmers morreu envenenado por algum produto químico desconhecido. A polícia enviou amostras da estranha substância gelatinosa azul que cobria o corpo de Chalmers para o Laboratório Químico de Patridgeville e confia que o relatório dos cientistas jogará alguma luz sobre este crime, o mais misterioso dos últimos anos. Sabe-se que Chalmers teve uma visita na noite anterior ao terremoto, pois seu vizinho ouviu, ao passar pela porta de Chalmers, inconfundível barulho de conversação. O principal suspeito é esse visitante desconhecido, cuja identidade a polícia se esforça para descobrir.

IV

Informe do doutor James Morton, químico e bacteriologista:

"Senhor juiz: a substância semilíquida que o senhor me mandou para estudos é a mais estranha que eu já vi na vida. Apresenta certas analogias com protoplasma, porém não se encontra nela nenhum indício de enzimas. As enzimas são catalisadores das reações químicas que ocorrem dentro da célula viva. Quando as células morrem, as enzimas as desintegram mediante hidrólise. Sem enzimas, o protoplasma possuiria uma vitalidade praticamente infinita, ou seja, seria imortal. As enzimas, por assim dizer, são os elementos negativos do organismo unicelular, que constitui a base da vida, e, na opinião dos biólogos, sem elas não pode existir matéria viva. E, entretanto, tais corpos indispensáveis se fazem ausentes da substância gelatinosa que o senhor me enviou. O senhor compreende o significado que essa descoberta pode ter para a ciência?"

V

Fragmento de um manuscrito intitulado "Os que velam em silêncio", original do falecido Halpin Chalmers:

"E se existisse outra forma de vida, paralela a que conhecemos, mas sem os elementos que destróem a nossa? E se em outra dimensão existe uma força diferente da que gera nossa vida? E se essa força emite uma energia, que, procedente de sua dimensão desconhecida, consegue alcançar nosso espaço-tempo e criar uma nova forma de vida celular? Decerto que não se pode demonstrar que tal forma nova de vida existia em nosso universo, mas eu vi suas manifestações e falei com elas. De noite, em meu apartamento, falei com os Doels. E em meus sonhos, eu contemplei seu criador. Eu vi isto em regiões distantes, além do tempo e da matéria. Move-se através de curvas estranhas e ângulos alucinantes. Algum dia viajarei no tempo e ficarei cara a cara com ele."

QUEDA LIVRE - Lois McMaster Bujold

A borda resplandecente do planeta Rodeo girava vertiginosamente frente ao porto de observação da estação de transferência orbital.

Uma mulher que Leo Graf reconheceu como sendo um de seus companheiros de viagem e que desembarcara da nave de Salto junto com ele, olhava ansiosamente para fora por minutos e então virou-se, piscando e engolindo seco e sentou-se abruptamente em uma das brilhantes cadeiras almofadadas. Fechou e abriu os olhos embaraçada.

Leo sorriu com simpatia. Imune as náuseas das viagens espaciais, foi assumir um lugar no posto de observação de cristal. Uma delgada capa de nuvens girava na fina atmosfera muito abaixo, mal permitindo ver o que parecia ser um gigantesco deserto de areia vermelha.

Rodeo era um mundo marginal, servindo somente para as operações de mineração e perfuração da Galactech, e para suas instalações de apoio.

Mas o que ele estava fazendo ali? Leo se perguntou de novo. Operações subterrâneas não faziam parte do seu campo de atuação.

O planeta saiu da vista devido a rotação da estação. Leo procurou a outra janela, dando a volta ao redor do eixo da estação enquanto observava os pontos de stress imaginando quando fora a última vez que foram radiografados buscando falhas escondidas. As forças centrífugas agindo na borda do salão de passageiros, parecia ter cerca da metade da gravidade da Terra, ou um pouco menos.

Seria para deliberadamente reduzir o stress, previstos na estrutura?

Mas ele estava aqui para treinamento, disseram no Quartel general da Galactech na Terra, estava ali para ensinar procedimentos de controle de qualidade em soldagem e construção em queda livre. Mas para quem? E por aqui, no fim do mundo? O "Projeto Cay" era um título singularmente pouco informativo para sua missão.

– Leo Graf?

Leo virou-se.

– Sim.

A pessoa que lhe chamara era alto e de cabelos escuros, talvez trinta, talvez quarenta anos. Usava roupas civis conservadoras, mas um alfinete de lapela o identificava como um homem da empresa. Do tipo executivo sedentário, Leo pensou. A mão estendida para Leo era uniformemente bronzeada, mas macia.

– Eu sou Bruce Van Atta.

A mão rude de Leo era pálida, com manchas marrons. Leo era do tipo corpulento, nos seus quarenta anos, vestia o confortável uniforme vermelho da Companhia, como de hábito, em parte para poder-se misturar com os trabalhadores que supervisionava, mas principalmente para que não precisasse perder tempo pensando no que vestir de manhã. “Graf”, viu ele na credencial sobre o seu bolso no peito esquerdo, eliminando assim todo o mistério.

– Bem-vindo a Rodeio, a axila do universo, sorriu Van Atta.

– Obrigado, Leo sorriu de volta automaticamente.

– Estou à frente do Projeto Cay agora, vou ser o seu chefe, Eu solicitei você pessoalmente, sabe? Você vai me ajudar a conseguir que essa divisão entre finalmente em funcionamento. Você é como eu, eu sei, não tem paciência com os tontos. Foi um trabalho infernal que me deram, tentar fazer com que esta divisão fosse lucrativa - mas se eu conseguir, vou ser o Garoto de Ouro da empresa.

Solicitou-me? Leo estava contente em pensar que sua fama o precedia, mas por que não poderia ser solicitado ao menos uma vez por alguém em um Jardim paradisíaco?

– Ah, bem...Eles me disseram na sede que eu estava sendo enviado aqui para dar uma versão expandida do meu curso de curta duração em testes não-destrutivos.

– Isso foi tudo que lhe disseram? – Van Atta perguntou com espanto.

Quando Leo encolheu os ombros afirmativamente, ele jogou a cabeça para trás e gargalhou.

– Questão de segurança, suponho eu.

Van Atta disse quando parou de rir. – Você vai ter uma surpresa. Bem, bem. Eu não vou estragá-la.

O sorriso malicioso de Van Atta foi tão irritante quanto uma cotovelada nas costelas. Demasiado familiar... oh, inferno, Leo pensou, esse cara me conhece de algum lugar. E ele acha que eu o conheço ... Leo sorriu educadamente tentando esconder um leve pânico.

Ele havia conhecido milhares de pessoas em dezoito anos de carreira na GalacTech. Talvez Van Atta dissesse algo mais que aumentasse as possibilidades de reconhecê-lo.

– Minhas instruções dizem que um Doutor Cay seria o titular do Projeto Cay, – Leo falou. – Irei encontrá-lo?

– Informação antiga, – disse Van Atta. – O Doutor Cay faleceu no ano passado... muitos anos depois do que deveria ter sido forçosamente aposentado, na minha opinião, mas ele era vice-presidente e acionista majoritário e profundamente arraigado, mas isso é passado. Eu o substituí. – Van Atta balançou a cabeça.

– Não posso esperar para ver a expressão no seu rosto quando você tiver visto... venha comigo. Tenho um transporte particular esperando.

Eles tinham um transporte para seis pessoas à disposição para os dois apenas, mais o piloto.

O assento do passageiro moldou-se ao corpo de Leo durante os breves períodos de aceleração. Períodos muito breves, claramente não eram de frenagem para a reentrada planetária. Rodeo estava abaixo deles, se afastando.

– Onde estamos indo? – Leo perguntou a Van Atta, sentado junto dele.

– Ah", disse Van Atta, – Vê aquele pontinho há cerca de trinta graus sobre o horizonte? Olhe para ele. É a base do Projeto Cay.

A partícula cresceu rapidamente tornando-se uma estrutura longínquos caótica, cheia de ângulos e projeções, com luzes coloridas iluminando seus contornos sombrios. O olho treinado de Leo descobriu as pistas para suas funções, os tanques, os portos, os filtros faiscando na luz solar, o tamanho dos painéis solares em relação ao volume estimado da estrutura.

– Um habitat orbital?

– Você acertou – afirmou Van Atta.

– É enorme.

– De fato.

– Quantas pessoas podem viver ali?

– Oh... umas quinhentas.

As sobrancelhas de Van Atta subiram, talvez decepcionado por não ter sido capaz de oferecer uma estimativa correta.

– Quase isso. Quatrocentas e noventa e quatro pessoas da Galactech em regime de turno e mil habitantes permanentes. – Os lábios de Leo ecoaram a palavra, permanente... – Falando de turno - Como você lida com o condicionamento das equipes? Eu não vejo...– seus olhos inventariaram a estrutura enorme – Eu não vejo um anel de exercícios. Não tem um ginásio?

– Há um ginásio sem gravidade. O pessoal rotativo passa um mês lá embaixo a cada três meses do turno.

– Sai caro.

– Mas colocamos o Habitat lá por menos de uma quarto do custo do mesmo volume de alojamento com gravidade.

– Mas certamente você vai perder o que economizou em custos de construção, ao longo do tempo, no transporte de pessoal e em despesas médicas, – Leo argumentou. – As viagens extras, as longas dispensas... cada um que quebrar um braço ou uma perna irá processar a Galactech por angústia mental, tendo ele uma desmineralização óssea significativa ou não.

– Resolvemos esse problema também, – disse Van Atta. – Se o custo-benefício da solução for ótimo... bem, é para isso que você e eu estamos aqui, para tentar provar que vale a pena.

O veículo delicadamente se alinhou com a escotilha ao lado do Habitat e acomodou-se com um tranqüilizador clique. O piloto desligou os sistemas e retirou o cinto e flutuou passando por Leo e Van Atta, indo verificar a escotilha.

– Pronto para desembarcar, Sr. Van Atta.

– Obrigado Grant.

Leo soltou-se das presilhas de sua cadeira e esticou relaxado na familiar e prazerosa falta de peso. Ele não sofria com as indesejáveis náuseas que abatiam tantos funcionários.

O corpo de Leo era normal; mas aqui, onde o controle e a prática e a sagacidade contavam mais do que a força, ele era um atleta. Sorrindo para si mesmo, ele seguiu Van Atta de apoio de mão em apoio de mão, através da escotilha do ônibus espacial.

Um técnico de rosto rosado operava o painel de controle no interior do corredor de conexão. Vestia uma camiseta vermelha com o logotipo da Galactech sobre o peito esquerdo. Os cachos loiros de sua cabeça lembraram para Leo um cordeiro, talvez um efeito de sua óbvia juventude.

– Olá, Tony, – Van Atta cumprimentou-o com alegre familiaridade.

– Boa tarde, Sr. Van Atta, – o jovem respondeu com deferência. Sorriu para Leo e fez um movimento com a cabeça para Van Atta em uma pantomima pedindo uma introdução. – É este o novo professor que nos falou?

– Certamente que é. Leo Graf, este é o Tony... ele vai estar entre os seus primeiros estagiários. Ele é um dos residentes permanentes do habitat, – disse Van Atta adicionado uma ênfase peculiar. – Tony é soldador e marceneiro, segundo grau - trabalhando na primeira, certo Tony? – Van Atta sorria com afetação.

Tony colocou-se obedientemente de lado ao painel de controle. Vestia shorts vermelhos e...Leo pestanejou e então quase parou de respirar. O menino não tinha pernas. Um segundo par de braços saía de seus shorts. Braços funcionais, usava-os agora mesmo. O braço inferior esquerdo, Leo supôs que teria que chamá-lo assim...ancorava-o. Quando estendeu a mão para Leo. O sorriso deste foi inconsciente.

Leo tinha perdido o controle da própria mão e teve dificuldade em recuperá-lo, e esticou-se desajeitadamente para atender ao aperto de mão oferecida.

– Como vai você, – Leo conseguiu dizer. Era quase impossível não olhar. Leo forçou-se a concentrar o seu olhar nos olhos azuis do jovem.

– Olá, senhor. Eu estava ansioso por conhecê-lo.

O aperto de mão de Tony era tímido, mas sincero, com a mão seca e forte.

– Hmm ..." Leo vacilou. – Qual é o seu sobrenome, huh, Tony?

– Oh, Tony é meu apelido, senhor. Meu nome completo é TY-776-424-XG.

– Eu, huh... acho que vou chamá-lo de Tony então. – Leo murmurou cada vez mais atordoado. Van Atta parecia estar gostando do desconforto de Leo.

– Todos me chamam assim – disse Tony agradavelmente.

– Pegue as malas do Senhor Graf, Tony, – disse Van Atta. – Venha Leo, vou mostrar-lhe seu quarto, e então nós podemos fazer turismo pela base.

Leo seguiu seu guia flutuando na corredor, olhando por cima do ombro com espanto renovado ao ver como Tony lançou-se com precisão pela câmara e através da escotilha do ônibus.

– Isto é... – Leo engoliu em seco, – o defeito congênito mais extraordinário que já vi. Alguém teve uma idéia genial ao dar-lhe um emprego em queda livre. Ele seria um aleijado em terra.

– Defeito de nascença. – Van Atta riu-se. – Sim, é um jeito de descrevê-lo. Eu queria que você pudesse ter visto a expressão em seu rosto quando ele apareceu. Quero parabenizá-lo por seu autocontrole. Eu quase vomitei quando vi pela primeira vez, e eu estava preparado. Você no entanto se acostumou com os pequenos chimpanzés consideravelmente rápido.

– Há mais do que um ?

Van Atta abria e fechava as mãos em um gesto de contagem.

– Quase mil. A primeira geração dos novos super-trabalhadores da Galactech. O nome deste jogo, Leo, é bioengenharia. E eu pretendo vencer.

Tony com a valise de Leo em sua mão direita mais baixa, cruzou entre Leo e Van Atta no corredor cilíndrico e parando a frente deles com três toques hábeis nos apoios de mão da passagem, disse:

– Senhor Van Atta, posso apresentar o Senhor Graf para alguém, no caminho da ala dos visitantes? Não nos desviaremos muito...Hidroponia.

Os lábios franzidos de Van Atta se transformaram num sorriso gentil.

– Por que não? Hidroponia está no itinerário desta tarde de qualquer maneira.

– Obrigado, senhor – gritou Tony e voou com entusiasmo para abrir a comporta de ar antes deles, ao final do corredor, e aguardou para fechá-la novamente atrás deles no outro lado.

Leo prestava atenção em seu redor, como uma alternativa menos rude do que estudar o menino. O Habitat era efetivamente uma construção barata, na sua maioria unidades pré-fabricadas combinadas. Não era uma concepção esteticamente elegante ... um certo aspecto acidental indicava um padrão de crescimento orgânico na criação do Habitat, com unidades presas aqui e ali para acomodar novas necessidades. Mas esta mesma arquitetura caótica incorporava vantagens de segurança que Leo aprovou, como o sistema intercambiável de selagem atmosférico, por exemplo.

Passaram pelas alas dos dormitórios, de preparo de alimentos e de áreas de refeições, uma oficina para pequenos reparos... Leo fez uma pausa para olhar para baixo em seu comprimento e teve de se apressar para recuperar o atraso em relação a seu guia.

Diferentemente da maioria dos espaços habitáveis em queda-livre que Leo tinha conhecido, não havia nenhum esforço aqui para manter uma arbitrariedade de direções, o acima e abaixo, para facilitar a psicologia visual dos habitantes. A maioria das câmaras eram cilindros com espaços de trabalho e de armazenagem da embalagem, presos de forma eficiente nas paredes e ao centro-esquerda, sem obstrução à passagem de... bem, mal dava para chamá-los de pedestres.

No caminho eles passaram por uma dúzia de... pessoas com quatro mãos, o novo modelo de trabalhadores, o povo de Tony, ou o que quer que fossem chamados... será que tinham uma designação oficial, Leo se perguntou.

Ele olhou disfarçadamente, desviando seu olhar sempre que outro olhava de volta, o que ocorreu muitas vezes, eles abertamente olhavam para ele e cochichavam entre si.

Ele entendeu porque Van Atta chamou-os de chimpanzés. Eles tinham sido modificados, não possuíam os poderosos músculos do glúteo locomotor que as pessoas tem por conta das pernas. O conjunto de braços menores tendia a ser mais musculoso do que a parte superior em ambos os sexos masculino e feminino, poderosas garras. Estavam vestidos na maioria com o traje confortável e prático que Tony usava, evidentemente codificados por cores. Leo passou por vários deles em amarelo, atentamente pairando em torno de um humano normal num macacão da Galactech, que trabalhava numa unidade de bombeamento, meio distante e falando sobre sua função e sobre o reparo em si.

Leo pensou em um bando de canários, de esquilos voadores, de macacos, de aranhas, de lagartos ágeis brilhantes do gênero que sobe pelas paredes. Davam a Leo a vontade de gritar, quase chorar, e não era pelos braços ou pela rapidez, ou as demasiadas mãos. Tinha quase alcançado a Hidroponia quando foi capaz de analisar o seu intenso mal-estar. Eram seus rostos que o incomodava, Leo percebeu. Tinham rostos de crianças...

UMA VOZ NA NOITE – William H. Hodgson



Era uma noite escura e sem estrelas. Estávamos em uma calmaria no Pacífico Norte. Nossa exata posição eu não sei porque o sol tinha estado oculto, durante toda uma semana cansativa de trabalho, por uma névoa fina que parecia flutuar acima de nós, pouco acima da altura de nossos mastros, às vezes descendo e envolvendo o mar em torno de nós.

Como não havia vento, tínhamos prendido o leme e eu era o único homem no tombadilho. A tripulação, que consistia de dois homens e um garoto, estava dormindo em suas cabinas enquanto Will, meu amigo e capitão de nossa pequena embarcação, estava em sua tarimba, À bombordo de sua pequena cabina á popa.

De repente, saído da escuridão que nos cercava, veio uma saudação:

- Olá, escuna!

O grito foi tão inesperado que eu não lhe respondi de imediato, tanta minha surpresa.

Ele souu de novo - uma voz curiosamente gutural e inumana, que chamava de algum lugar sobre o mar escuro a bombordo:

- Olá, escuna!

- Alô! - eu declamei, depois de recuperar minha presença de espírito - O que é você? O que quer?

- Não precisa ter medo - respondeu a estranha voz, provavelmente por notar algum sinal de confusão no tom de minha voz - eu sou apenas um homem velho.

A pausa soou fora de lugar, mas foi só depois que eu percebi seu significado.

- Então por que não vem a bordo? - indaguei, um tanto grosseiramente, por não ter gostado de tal sugestão de que eu pudesse ter sido assustado, mesmo que só um pouco.

- " eu não posso. Não seria seguro. " - a voz se deteve e houve silêncio.

- O que quer dizer? - perguntei, mais atônito ainda - Quem não estaria seguro? Onde está você?

Eu ouvi por um momento, mas não veio nenhuma resposta. Então, movido por uma súbita e indefinida suspeita de algo que não sabia o que era e que vinha até mim, eu fui rapidamente até a bitácula e peguei a lâmpada acesa. Ao mesmo tempo, bati no tombadilho com o calcanhar para acordar Will. Logo em seguida, eu estava na beirada, derramando o cone de luz amarelada na imensidão silenciosa além do parapeito. Ao fazer isso, ouvi um grito baixo, abafado, e depois o som de um chapinhar, como se alguém tivesse deitado remos abruptamente. Mesmo assim eu não sei dizer com certeza se eu vi alguma coisa, exceto que, ao que me pareceu, com a primeira luz da lanterna havia algo sobre as águas, onde pouco depois nada havia.

- Alô, você aí! - chamei - que palhaçada é essa?

Mas só se ouvia os sons indistintos de um bote sendo remado para longe na noite.

Então ouvi a voz de Will, vinda da direção das escotilhas da proa:

- O que está havendo, George?

- Vem cá, Will - eu disse.

- O que é? - ele perguntou, atravessando o tombadilho.

Contei-lhe a estranha coisa que havia acontecido. Ele então fez várias perguntas e, após um momento de silêncio, levou as mãos aos lábios e saudou:

- Olá, você do bote!

De muito longe nos veio uma resposta quase inaudível e o meu colega repetiu seu chamado. Então, depois de um curto período de silêncio, começou a crescer em nossos ouvidos o som de remos abafados, e então Will saudou novamente.

Dessa vez houve uma resposta:

- Desliguem a luz.

- O diabo é que eu vou! - resmunguei, mas Will me convenceu a fazer o que a voz pedia, e eu a ocultei sob a amurada.

- Vou me aproximar - ele disse, e o som dos remos continuou. Então, aparentemente a uma distância de doze braças, eles pararam outra vez.

- Venha para cá! - exclamou Will - não há nada para ter medo aqui a bordo.

- Promete que não vai mostrar a luz?

- O que aconteceu com você - eu interrompi - que tem um medo tão infernal da luz?

- Porque... - começou a voz, e logo parou.

- Porque o que? - logo perguntei.

Will pôs sua mão no meu ombro:

- Fique em silêncio, um pouco, camarada - ele disse numa voz baixa - deixa que eu cuido dele.

Então ele se inclinou mais sobre a borda:

- Veja aqui, senhor - ele disse - esse é um negócio bem esquisito, você chegar até nós desse jeito, bem no meio do bendito Oceano Pacífico. Como podemos saber que não é um tipo de trapaça para nos enganar? Você diz que está sozinho. Como vamos saber se não pudermos dar uma olhada, hem? Qual é o seu problema com a luz, por falar nisso?

Quando ele terminou, ouvi o ruído dos remos outra vez, e então a voz do homem, mas então a uma distância maior, e soando extremamente desesperada e patética.

- Desculpem-me, desculpem-me! Eu não devia ter perturbado vocês, mas eu só estou faminto, e também.. também ela.

A voz sumiu, e o som dos remos, irregularmente agitando a água, chegava até nós.

- Pare! - gritou-lhe Will - Não queremos espantar você. Volta aqui! Vamos ficar com luz abaixada, já que você não gosta dela!

Will se dirigiu a mim:

- É um trato muito esquisito esse, mas eu acho que não há nada do que ter medo?

Havia uma indagação em seu tom de voz, e eu respondi:

- Não. Eu acho que o pobre diabo naufragou perto daqui e ficou louco.

O som dos remos se aproximava.

- Enfia aquela lampa de volta na bitácula - disse Will, e então se inclinou sobre a amurada e ouviu. Eu recoloquei a lâmpada e voltei para o seu lado. O bater dos remos parou a cerca de doze jardas de distância.

- O senhor não vai se aproximar agora? - perguntou Will, numa voz calma - eu pus a lâmpada de volta na bitácula.

- " não posso - repetiu a voz. Eu não ousou chegar mais perto. Não ousou nem mesmo pagar-lhes pelas... provisões.

- Tudo bem - disse Will, e hesitou. Você pode pegar o quanto quiser levar.

- Vocês são muito bons! - exclamou a voz. Que deus, que a tudo compreende, recompense-os...

E ele parou subitamente de falar.

- A... a senhora? - perguntou Will abruptamente - ela está...?

- Eu a deixei lá na ilha - respondeu a voz.

- Que ilha? - eu perguntei.

- Não sei o nome dela - respondeu a voz - e eu queria que Deus... - ele começou, mas logo parou de novo.

- Não podemos mandar um bote ir buscá-la? - perguntou Will nesse ponto.

- Não! - exclamou a voz, com extraordinária ênfase - Meu Deus, não!.

Houve um momento de pausa e então ele acrescentou, em um tom que parecia uma reprimenda de si mesmo:

- Foi por causa de nossa necessidade que eu me aventurei, porque a agonia dela me tortura.

- Sou um brutamontes desmemoriado! - exclamou Will - Espere um minuto, seja quem for, e eu vou lhe trazer alguma coisa já.

Alguns minutos depois ele retornou, trazendo uma braçada de comida. Ele parou na armurada:

- Você não pode vir até junto da amurada para buscar? - ele perguntou.

- Não... eu não ousou - respondeu a voz, e me parecia que, em sua entonação, se podia detectar um sinal de desejo reprimido.

Então eu entendi que a pobre criatura lá na escuridão estava realmente sofrendo a falta daquilo que Will tinha em seus braços mas, por algum temor ininteligível, se recusava a abordar a nossa escuna e recebê-lo. E com essa percepção instantânea, veio a noção de que o Invisível não era um louco, mas alguém muito sã que enfrentava algum horror intolerável.

- Foda-se, Will! - eu disse, cheio de consternação e de uma vasta simpatia pelo ser na noite. Busque uma caixa e vamos deixar isso flutuar até ele.

Assim fizemos, propelindo-a para longe do nosso barco, para dentro da escuridão, por meio de um gancho.

Em um minuto ouvimos a voz quase inaudível do Invisível chegar até nós, e soubemos que ele tinha apanhado a caixa.

Pouco depois ele se despediu de nós com uma bênção tão emocionada que eu tenho a certeza de que nos sentimos muito melhores por causa dela. Então, sem mais tardar, ouvimo-lo remando através da escuridão.

- Muito rápido - observou Will, com uma certa intenção de ofender.

- Espere - eu respondi - eu acho que de alguma forma ele vai voltar. Ele parecia estar mesmo precisando muito daquela comida.

- E a mulher? - disse Will, parando por um momento em silêncio, antes de continuar - é a coisa mais esquisita com que trombei desde que comecei a pescar.

- É - eu disse, e fiquei pensando.

Então o tempo passou. Uma hora, logo outra, e Will continuava comigo, porque a estranha aventura tinha acabado com toda sua vontade de dormir.

Já haviam passado quase três quartos da terceira hora quando ouvimos de novo o som de remos no oceano silencioso.

- Ouça! - disse Will, com uma discreta nota de excitação em sua voz.

- Está voltando, como eu pensei - eu murmurei.

O bater dos remos foi se aproximando, e eu notei que o ritmo era mais firme e mais amplo. A comida tinha sido bem aproveitada.

Os remos pararam de bater a uma distância bem pequena de nossa amurada, e a estranha voz nos veio forte através da escuridão:

- Olá, vocês da escuna!

- é você? - perguntou Will.

- Sim - respondeu a voz. Eu os deixei muito rápido, mas... era porque a necessidade era grande.

- A mulher? - perguntou Will.

- A... a mulher lhes está muito grata neste momento aqui na Terra. Mas ela lhes será ainda mais grata dentro em breve... no Céu.

Will começou a tentar responder, com uma voz perplexa, mas ficou confuso e parou. Eu não disse nada. Estava pensando nas curiosas pausas e, além de meu espanto, estava cheio de certa simpatia.

A voz continuou:

- Nós... ela e " nós conversamos, enquanto dividíamos o resultado da graça de Deus e da bondade de vocês...

Will interrompeu, mas incoerentemente.

- Eu lhes peço que não... não subestimem seu ato de caridade cristã esta noite - disse a voz - e estejam certos de que este feito não escapará ao julgamento d'Ele.

Ele parou, e houve um minuto inteiro de silêncio. Então começou de novo:

- Nós conversamos sobre isso... isso que nos sobreveio. Tínhamos pensando em partir, sem contar a ninguém do terror que aconteceu em nossas... vidas. Ela concorda comigo em que os fatos dessa noite são

parte de uma decisão especial de Deus, e que ele deseja que contemos a vocês tudo quanto sofremos desde... desde...

- Sim - perguntou Will, suavemente.

- Desde o naufrágio do Albatroz.

- Ah! - eu exclamei involuntariamente - Ele saiu de Newcastle para Frisco uns seis meses atrás e não se ouviu falar dele mais.

- Sim - respondeu a voz - mas, alguns graus ao norte da Linha, ele encontrou uma tempestade terrível e perdeu os mastros. Quando o tempo acalmou, percebemos que estava fazendo muita água e então, por causa da calmaria, os marinheiros pegaram os botes, deixando uma... uma jovem senhora, minha noiva, e eu, sozinhos no barco.

"Nós estávamos no porão, pegando alguns de nossos pertences, quando eles saíram. Eles ficaram totalmente insensíveis, por causa do medo, e quando nós subimos ao tombadilho nós só os vimos como pequenas sombras, longe no horizonte. Mesmo assim nós não perdemos a esperança: fizemos uma pequena jangada e sobre ela pusemos tudo que ela podia carregar, inclusive uma boa quantidade de água e alguns biscoitos de marear. Então, já com o navio bem afundado na água, pulamos para a jangada e demos impulso.

Mais tarde eu observei que nós parecíamos estar no caminho de algum tipo de corrente, que nos afastava do navio em diagonal, de forma que após três horas, pelo meu relógio, o casco dele ficou fora de nossa visão, embora os seus mastros quebrados ainda pudessem ser vistos por um pouco mais. Então, caindo a noite, ficou nebuloso e continuou assim durante a noite. No dia seguinte ainda estávamos envoltos na névoa e o tempo continuava calmo.

Por quatro dias nós flutuamos por entre a estranha bruma, até que, no anoitecer do quarto dia, começamos a ouvir o murmúrio de ondas que quebravam ã distância. Gradualmente ele ficou mais claro e, pouco depois de meia noite, parecia soar tanto a bombordo como a estibordo, e ã pequena distância. A jangada foi erguida por ondas de arrebentação várias vezes, e então entramos em águas calmas e o barulho das ondas quebrando ficou para trás.

Quando amanheceu nós descobrimos que estávamos em um tipo de grande lagoa, mas nós só notamos isso depois, porque diante de nós, em meio ã aquela neblina opressora, assomava o casco de uma embarcação enorme. No mesmo ato nós caímos de joelhos e agradecemos a Deus, porque imaginamos que tinham acabado os nossos perigos. Tínhamos muito a descobrir.

A jangada aproximou-se do navio e nós lhe gritamos para que fôssemos levados a bordo, mas ninguém respondeu. Então a jangada tocou o lado do navio e, vendo uma corda pendurada, eu agarrei e comecei a subir. Mas eu tive muito trabalho para subir, por causa de um tipo de fungo ou líquen que tinha crescido na corda e que também manchava o casco do navio.

Eu cheguei ã amurada e a saltei, chegando ao convés. Ali eu vi que o tombadilho estava coberto de grandes manchas de massa cinza, algumas delas criando nódulos de metro de altura; mas naquele momento eu não dei tanta importância a isso quanto ã possibilidade de haver gente a bordo do navio. Eu chamei, mas ninguém respondeu. Então eu fui até a porta abaixo do convés da popa, e a abri para olhar lá dentro. Havia um grande cheio de podridão, de forma que soube no mesmo instante que não havia nada vivo lá, e tendo descoberto isso eu fechei a porta rápido, porque me senti subitamente só.

Eu voltei para o lado de onde tinha subido. Minha... minha querida ainda estava sentada quieta na jangada. Ao ver-me olhando para baixo ela me perguntou se havia alguém no navio. Eu respondi que a embarcação parecia estar há muito deserta, mas que se ela pudesse esperar, eu procuraria alguma coisa que pudesse servir de escada, para que ela pudesse subir ao convés, a fim de que pudéssemos fazer uma busca por todo ele juntos.

Um pouco depois, no lado oposto do convés, eu achei uma escada de corda. Levei-a ao outro lado e minutos depois ela estava lá comigo.

Juntos exploramos as cabinas e apartamentos da popa do navio, mas em parte alguma havia qualquer sinal de vida. Aqui e ali, até dentro das cabinas, encontramos aquelas manchas incomuns daquele fungo estranho; mas isso, minha querida disse, poderia ser limpo.

Por fim, tendo nos assegurado que a popa do navio estava vazia, nós nos dirigimos À proa, por entre os feios nódulos cinzentos daquela infestação estranha, e ali fizemos outra busca, que nos mostrou que não havia mesmo ninguém a bordo, além de nós mesmos.

Como isso estava estabelecido além de qualquer dúvida, voltamos À popa do navio e começamos a tentar nos acomodar como possível. Juntos nós desobstruímos e limpamos duas das cabinas, e depois disso eu investiguei se havia qualquer coisa comestível no navio. Isso eu logo confirmei, e agradei a Deus por Sua bondade. Além disso, eu descobri uma bomba de água doce e, tendo-a consertado, vimos que a água era potável, apesar de ter um gosto um pouco desagradável.

Por vários dias nós ficamos no navio, sem tentar chegar À margem. Nós estávamos ocupados tentando fazer o lugar habitável. Mas mesmo assim nós logo notamos que nosso lugar era bem menos desejável do que tínhamos imaginado, pois embora tivéssemos, inicialmente, arrancado todas as manchas de infestação que tinham coberto o chão e as paredes das cabines e do salão, elas sempre retornavam, em seu tamanho original quase, no espaço de meras vinte e quatro horas, o que não apenas nos desmotivava, mas nos dava uma vaga sensação de desconforto.

Mesmo assim nós não nos dávamos por vencidos e recomeçávamos o serviço, e não apenas arrancávamos os fungos, mas ensopávamos os lugares onde eles tinham estado com ácido carbólico, de que eu tinha achado um latão cheio no armazém. Mas, ao final da semana, a infestação tinha crescido com toda força e tinha se espalhado para outros lugares, como se ao tocá-la tivéssemos permitido que esporos dela viajassem pelo ar.

Na sétima manhã, minha querida acordou e achou uma pequena mancha de mofo crescendo em seu travesseiro, bem perto de sua face. Com isso, ela veio até mim, tão rápido quanto ela pôde se vestir. Eu estava então na cozinha, acendendo o fogo para o desjejum.

"Vem cá, John", ela disse, e me levou á popa. Quando vi a coisa no seu travesseiro, estremei e naquele momento e lugar nós concordamos em sair do navio e ver se podíamos achar um lugar melhor em terra.

Rapidamente reunimos nossos poucos pertences e entre eles vi que o fungo tinha estado trabalhando, pois uma de suas mantilhas tinha uma pequena bolha dele perto da bainha. Eu atirei a coisa pela amurada sem nem dizer-lhe nada.

A jangada ainda estava ao lado, mas ela era desajeitada de guiar. Então eu baixei um pequeno bote que ainda estava na popa e por ele nós fizemos nossa viagem À terra firme. Mas quando nos aproximávamos dela, eu percebi gradualmente que o fungo maligno, que nos havia expulsado do navio, ali estava crescendo descontroladamente. Em alguns lugares ele se erguia em montes fantásticos, horríveis, que

pareciam quase mover-se, como se houvesse neles uma silenciosa inteligência, quando o vento soprava neles. Aqui e ali ele tomava a forma de vastos dedos, e em outra ele se espalhava pelo chão plano, suave e traiçoeiramente. Em outros lugares, parecia árvores grotescamente enfeitadas, extraordinariamente curvadas e contorcidas. A coisa toda parecia tremer malignamente À s vezes.

A princípio nos pareceu que não havia sequer um trecho da costa que não estava escondido pelas massas do horrendo líquen, mas nisso logo vi que estávamos enganados, porque a seguir, margeando a costa a pouca distância, discernimos uma mancha clara do que parecia ser areia fina, e ali desembarcamos. Não era areia. O que era, eu não sei.

O que observei foi que sobre aquilo o fungo não crescia, embora em todo o resto, exceto onde a coisa que parecia areia chegasse, em meio À desolação cinzenta do líquen, não houvesse nada além de nojentos fungos.

é difícil fazê-los entender o quanto eu fiquei feliz de achar um lugar que estava absolutamente livre da infestação, e nele depositamos os nossos pertences. Então nós voltamos ao navio para pegar coisas que pareciam necessárias. Entre outras coisas, eu consegui trazer À margem comigo uma das velas do navio. Com ela construí duas pequenas tendas que, embora muito mal feitas, serviam aos propósitos para os quais haviam sido feitas. Nelas vivemos e guardamos nossas posses, de forma que, por um espaço de quatro semanas, tudo correu calmamente e sem nenhuma infelicidade. De fato, eu posso até dizer que foi com grande felicidade, porque... porque ficamos juntos.

Foi no polegar direito dela que a infestação apareceu pela primeira vez. Era só um pequeno ponto circular, como uma pequena verruga cinza, meu Deus! Como o medo saltou sobre meu coração quando ela me mostrou o lugar. Nós o limpamos, juntos, lavando-o com ácido carbólico e água. Na manhã do dia seguinte ela me mostrou sua mão outra vez. A coisa verrugosa e cinza tinha voltado. Por um momento nós nos entreolhamos em silêncio. Então, ainda sem palavras, começamos a removê-la de novo. No meio da operação, ela disse subitamente:

"O que é isso na sua face, querido?"

A voz dela saiu aguda de tanta ansiedade. Eu levei a mão para sentir.

"AÃ, debaixo do cabelo, perto de sua orelha. Um pouco mais á frente"

Meu dedo pousou sobre o lugar, e então eu soube.

"Vamos cuidar do seu polegar primeiro", eu disse. E ela se submeteu, apenas porque tinha muito medo de me tocar até que estivesse limpo. Eu terminei de lavar e desinfetar seu polegar, então ela começou em minha face. Depois que terminamos nós nos sentamos juntos e conversamos um pouco sobre muitas coisas, porque haviam sobrevivendo À s nossas vidas pensamentos súbitos e verdadeiramente terríveis. Estávamos, de repente, temerosos de algo mais grave que a morte. Falamos em carregar o bote com provisões e água e sair para o mar, mas estávamos sem esperança, por várias razões, e... e a infestação já tinha nos atacado. Decidimos ficar. Que Deus fizesse de nós o que fosse Sua vontade. Esperaríamos.

Um mês, dois meses, três meses passaram e os lugares cresceram um pouco, e surgiram outros. Mas nós lutamos tão incansavelmente por causa do medo que o seu crescimento foi lento, comparativamente falando.

Ocasionalmente nos aventurávamos no navio para buscar as provisões de que precisávamos. Ali notamos que o fungo crescia persistentemente. Um dos nódulos no convés principal logo ficou tão alto quanto a

minha cabeça.

Nós tínhamos abandonado todo pensamento de abandonar a ilha. Compreendêramos que seria inadmissível ir para o meio de humanos sãos levando a coisa de que estávamos sofrendo.

Com esta determinação e conhecimento em mente, soubemos que deveríamos cultivar nossa comida e água, pois não sabíamos, aquela altura, quantos anos ainda poderíamos viver.

Isso me lembra que eu lhes disse que sou um velho. A julgar pelos anos isso não é verdade. Mas... mas..."

Ele interrompeu, mas depois continuou, de forma um tanto abrupta:

"Como estava dizendo, descobrimos que deveríamos usar de economia em relação à comida. Mas não tínhamos nenhuma ideia de quão pouco restava para economizar. Não foi senão uma semana depois que eu descobri que todos os outros tanques de pão - que eu achava que estavam cheios - estavam vazios e que, a não ser por algumas latas de vegetais e carne e coisas assim, não tínhamos nada de que depender a não ser o tanque que já tínhamos aberto.

Depois de descobrir isso eu me esforcei para fazer o que pudesse e comecei a pescar na lagoa, mas sem sucesso. Com isso eu fiquei um pouco inclinado ao desespero, até que tive a ideia de tentar fora da lagoa, no mar aberto.

Aqui, às vezes, eu pego um peixe, mas tão raramente que eles provaram ter pouca utilidade para nos salvar da fome que nos ameaçava. Pareceu-me, então, que nossas mortes deveriam ocorrer mais provavelmente por causa da fome do que pela infestação da coisa que tinha surgido em nossos corpos.

Pensávamos assim quando o quarto mês passou. Então eu fiz uma descoberta horrível. Uma manhã, um pouco antes do meio-dia, eu voltei do navio com uma porção dos biscoitos que sobravam. À entrada de sua tenda eu vi minha querida sentada, comendo algo.

"O que é isso, meu amor?" Eu perguntei ao saltar para a praia. Mas, ao ouvir minha voz, ela ficou confusa e, ao voltar-se, sutilmente jogou alguma coisa na direção da margem da clareira. Ela caiu perto e uma vaga suspeita tinha surgido em mim, então eu fui até lá e a recolhi. Era um pedaço do fungo cinzento.

Quando fui até ela com aquilo na mão, ela ficou mortalmente pálida, e então vermelha.

Eu fiquei estranhamente atordoado e amedrontado.

"Meu amor, meu amor!" eu dizia, e não podia dizer mais nada. Mas com as minhas palavras ela se descontrolou e chorou amargamente. Gradualmente, enquanto ela acalmava, eu soube que ela tinha experimentado no dia anterior e... e tinha gostado. Eu a fiz prometer de joelhos que ela nunca o tocaria outra vez, por maior que fosse nossa fome. Depois da promessa ela me disse que a vontade de comê-lo tinha aparecido subitamente, e que antes do momento de desejo ela nada tinha sentido em relação ao fungo, senão a mais extrema repulsa.

Mais tarde naquele dia, sentindo-me estranhamente inquieto e muito abalado pelo que havia descoberto, eu seguia por um dos sinuosos caminhos formados pela substância branca e arenosa que seguia por entre a infestação fungosa. Eu já tinha me aventurado uma vez por ali, mas não muito longe. Daquela vez, porém, muito distraído com um pensamento perturbador, eu acabei indo mais longe do que tinha ido antes.

Então a minha atenção voltou quando ouvi um som estranho e áspero à minha esquerda. Virando rápido, eu vi que havia movimento em meio a uma massa de fungos de formato extraordinário bem perto de meu

cotovelo. Ela estava se agitando descontroladamente, como se possuísse uma vida própria. Abruptamente, ao olhar, me sobreveio o pensamento de que a coisa tinha uma semelhança grotesca com a figura distorcida de uma criatura humana. Ao mesmo tempo em que a ilusão percorria o meu cérebro, houve um suave e doentio ruído de coisa se rasgando e eu vi que uma das ramificações parecidas com galhos se destacava das massas em torno. A cabeça da coisa, uma bola cinzenta e amorfa, inclinou-se em minha direção. Eu fiquei estupefato, e o braço maligno percorreu minha face. Dei um grito assustado e retrocedi alguns passos. Havia um sabor adocicado em meus lábios, onde a coisa me havia tocado. Lambi e fui imediatamente preenchido por um desejo inumano. Eu virei e arranquei uma massa do fungo.

Então mais, e... mais. Eu era insaciável. Enquanto devorava, a lembrança da descoberta da manhã apareceu em meu cérebro atordoado. Foi enviada por Deus. Eu atirei ao chão o fragmento que segurava. Então, totalmente desgraçado e sentindo uma culpa terrível, eu voltei para o acampamento.

Eu creio que ela soube, por uma intuição maravilhosa que o amor nos dá, tão logo pôs os olhos em mim. Sua silenciosa solidariedade tornou mais fácil para mim, e eu lhe contei de meu súbito fraquejar, mas lhe omiti a coisa extraordinária que tinha acontecido antes. Eu desejava poupar-lhe de todo terror que não fosse necessário.

Mas em mim mesmo eu tinha adicionado um conhecimento intolerável, que criava um terror incessante em meu cérebro, pois eu não duvidava que tinha visto o fim de um daqueles homens que tinham chegado à ilha no navio da laguna, e naquele monstruoso fim tinha antevisto o nosso próprio.

Desde então evitamos o alimento abominável, embora a fome dele tivesse entrado em nosso sangue. Mas a nossa lúgubre punição estava sobre nós, pois dia a dia, com monstruosa rapidez, a infestação fungosa tomava conta de nossos pobres corpos. Nada que tentássemos conseguia retirá-la materialmente e então... e então nós que... que tínhamos sido humanos nos tornamos... bem, isso importa cada vez menos a cada dia. Somente que... que fomos um homem e uma donzela.

Cada dia a luta é mais terrível para resistir à tentação da fome do terrível líquen. Há uma semana nós comemos o último biscoito e desde então conseguimos pescar três peixes. Eu estava aqui pescando hoje quando sua escuna apareceu sobre mim no meio da neblina. Eu os saudei. O resto vocês sabem, e que Deus, do fundo de Seu grande coração, abençoe-os por sua bondade para com... um pobre par de almas perdidas."

Houve o bater de um remo, depois outro. Então a voz veio outra vez, e pela última vez, soando através da bruma que nos cercava, fantasmagórica e lamentosa.

- Deus os abençoe! Adeus!

- Adeus! - nós gritamos juntos, desajeitadamente, com os nossos corações cheios de muitas emoções. Então eu percebi que a aurora estava caindo sobre nós.

O sol penetrou com um raio solitário o mar oculto, perfurando o nevoeiro precariamente, e brilhou sobre o barco que se afastava com um fogo tenebroso. Indistintamente eu vi algo balançando entre os remos. Eu pensei em uma esponja - uma grande e cinzenta esponja que balançava. Os remos continuaram a bater. Eles eram cinzentos assim como o barco, e meus olhos procuraram em vão onde era a separação entre mão e remo. Meu olhar se dirigiu, então, a nuca. Ela se movia para frente quando os remos vinham para trás. Então os remos bateram, o bote avançou, saindo do raio de luz e a... coisa, a coisa seguiu balançando através do nevoeiro.

NÓS, O PISTOLEIRO, NÃO DEVEMOS TER PIEDADE

– Moacyr Scliar

Nós somos um terrível pistoleiro. Estamos num bar de uma pequena cidade do Texas. O ano é 1880. Tomamos uísque a pequenos goles. Nós temos um olhar soturno. Em nosso passado há muitas mortes. Temos remorsos. Por isto bebemos.

A porta se abre. Entra um mexicano chamado Alonso. Dirige-se a nós com despeito. Chama-nos de gringo, ri alto, faz tilintar a espora. Nós fingimos ignorá-lo. Continuamos bebendo nosso uísque a pequenos goles. O mexicano aproxima-se de nós. Insulta-nos. Esbofeteia-nos. Nosso coração se confrange. Não queríamos matar mais ninguém. Mas teremos de abrir uma exceção para Alonso, cão mexicano.

Combinamos o duelo para o dia seguinte, ao nascer do sol. Alonso dá-nos mais uma pequena bofetada e vai-se. Ficamos pensativo, bebendo o uísque a pequenos goles. Finalmente atiramos uma moeda de ouro sobre o balcão e saímos. Caminhamos lentamente em direção ao nosso hotel. A população nos olha. Sabe que somos um terrível pistoleiro. Pobre mexicano, pobre Alonso.

Entramos no hotel, subimos ao quarto, deitamo-nos vestido, de botas. Ficamos olhando o teto, fumando. Suspiramos. Temos remorsos.

Já é manhã. Levantamo-nos. Colocamos o cinturão. Fazemos a inspeção de rotina em nossos revólveres. Descemos.

A rua está deserta, mas por trás das cortinas corridas adivinhamos os olhos da população fitos em nós. O vento sopra, levantando pequenos redemoinhos de poeira. Ah, este vento! Este vento! Quantas vezes nos viu caminhar lentamente, de costas para o sol nascente?

No fim da Rua Alonso nos espera. Quer mesmo morrer, este mexicano.

Colocamo-nos frente a ele. Vê um pistoleiro de olhar soturno, o mexicano. Seu riso se apaga. Vê muitas mortes em nossos olhos. É o que ele vê.

Nós vemos um mexicano. Pobre diabo. Comia o pão de milho, já não comerá. A viúva e os cinco filhos o enterrarão ao pé da colina. Fecharão a palhoça e seguirão para Vera Cruz. A filha mais velha se tornará prostituta. O filho menor ladrão.

Temos os olhos turvos. Pobre Alonso. Não se devia nos ter dado suas bofetadas. Agora está aterrorizado. Seus dentes estragados chocalharam. Que coisa triste.

Uma lágrima cai sobre o chão poeirento. É nossa. Levamos a mão ao coldre. Mas não sacamos. É o mexicano que saca. Vemos a arma na sua mão, ouvimos o disparo, a bala voa para o nosso peito, aninha-se em nosso coração. Sentimos muita dor e tombamos.

Morremos, diante do riso de Alonso, o mexicano.

Nós, o pistoleiro, não devíamos ter piedade.

PROVÁVEL AVENTURA DE TRÊS HOMENS DE LETRAS – Lord Dunsany

Quando os nómadas vieram para El Lola, já não tinham mais canções, e a ideia de roubarem a caixa dourada surgiu-lhes em toda a sua magnitude. Por um lado, muitos tinham tentado encontrar essa mesma caixa, que (como os Etíopes sabem) é um receptáculo de poemas de incrível valor, sendo o seu destino ainda hoje comentado na Arábia. Por outro lado, era muito desolador terem de se sentar à noite, em volta da fogueira do acampamento, sem novas canções.

Tinha sido a tribo de Heth que tinha discutido estas coisas durante um serão, nas planícies, abaixo do cume de Mluna. A sua terra natal era ponto de passagem pelo mundo de errantes de que não há memória; e instalara-se uma certa apreensão entre os nómadas mais velhos, porque não havia novas canções; enquanto, intocável pelas preocupações humanas, intocável ainda pela noite que escondia as planícies, o cume de Mluna, sereno no resplendor crepuscular, olhava para a Terra Dúbia. E foi aí, na planície do lado conhecido de Mluna, à medida que a estrela da noite surgia timidamente e as chamas da fogueira levantavam as suas ermas plumas sem serem aclamadas por qualquer canção, que aquele precipitado esquema a que o mundo chamou A Busca da Caixa Dourada foi rapidamente elaborado pelos nómadas.

A única medida acertada que os nómadas mais velhos podiam ter tomado era a de escolher para seu ladrão um tal Slith, precisamente aquele que (mesmo enquanto escrevo) se antecipou ao rei de Westalia, tantas vezes quantas as preceptoras ensinaram em salas de aula. Porém, o peso da caixa era tal que outros tiveram que o acompanhar, e Sippy e Slog eram ladrões tão ágeis como aqueles que hoje se podem encontrar entre os vendedores de antiguidades.

Foi assim que estes três subiram, no dia seguinte, ao cume de Mluna e dormiram como puderam na neve, para evitar passar a noite no meio da floresta da Terra Dúbia. E a manhã chegou radiante com os pássaros a cantar, mas a floresta em baixo, de uma imensidão a perder de vista, com os seus despidos e sinistros despenhadeiros, representava uma ameaça indescritível. Apesar de vinte anos de experiência em roubo, Slith pouco dizia.

Apenas se um dos outros fizesse rolar alguma pedra com o pé, ou, mais tarde já na floresta, se algum deles pisasse um graveto, ele sussurrava-lhes ríspidamente sempre as mesmas palavras: — Assim não vamos longe. — Sabia que não podia fazer deles melhores ladrões em apenas dois dias de viagem, e quaisquer que fossem as suas dúvidas, não interveio mais. Das altas encostas de Mluna desceram até às nuvens, e das nuvens para a floresta, onde havia animais, tal como os três ladrões sabiam, para os quais toda a carne era alimento, fosse ela de peixe ou humana. Aí, cada um deles tirou idolatramente do bolso um deus diferente, rezando por protecção no bosque desafortunado, na esperança de conseguirem uma tripla hipótese de fuga, dado que se alguma coisa pudesse comer um deles, era mais do que certo que os comeria a todos. Fiaram-se em que o corolário poderia ser verdadeiro e que todos escapariam se um escapasse. Se um desses deuses estava de boa maré e acordado, ou todos eles; ou se foi a sorte que os trouxe pela floresta sem serem devorados por detestáveis criaturas, ninguém o sabia, mas certamente que nem os emissários do deus que a maioria temia, nem a ira do deus local daquele lugar ameaçador, infligiram a sua maldição sobre os três aventureiros, naquele lugar e nessa altura.

E foi assim que chegaram ao Brejo Ressoante, no coração da Terra Dúbia, cujas tormentosas colinas não

passavam da ondulação do terreno e da erosão provocada por um terramoto agora adormecido. Algo tão gigantesco, que parecia injusto que se pudesse mover tão delicadamente, aproximou-se esplendidamente deles, e tão à justa lhes passou despercebido, que uma palavra soou e ecoou na imaginação dos três... — Se... se... se. — E quando esse perigo finalmente passou, continuaram cautelosamente de novo o seu caminho, deparando-se, passado pouco tempo, com um pequenino e inofensivo ser, meio mágico e meio gnomo, soltando sons estridentes, contentes guinchos nos confins do mundo. Afastaram-se um pouco para não serem vistos, pois, segundo disseram, a curiosidade do pequenino ser tornara-se incrível, e inofensivo como era, não lidaria bem com segredos.

Além disso eles, provavelmente detestaram a maneira como ele fossava por entre os brancos ossos dos mortos, e não admitiriam essa profanação, pois não ficava bem a aventureiros interessarem-se por quem pudesse comer os seus ossos. Fosse como fosse, afastaram-se cuidadosamente do pequenino ser, e chegaram quase no mesmo instante ao pé da árvore mirrada, a meta da sua aventura, e sabiam que perto deles se encontrava a fenda do mundo e a ponte do Mau para o Pior, e que por baixo ficava a casa rochosa do Dono da Caixa.

Eis o simples plano deles: entrar furtivamente pela passagem aberta no rochedo mais elevado; descer delicadamente por ali abaixo (descalços, é claro) sob o aviso aos transeuntes que está gravado na pedra, que os intérpretes supõem ser «É Melhor Não»; não tocar nos frutos silvestres que Mluna, se encontrasse bem entre eles e o Dono da Caixa.

A porta no rochedo estava aberta. Desceram pelos frios degraus sem um único murmúrio, com Slith a conduzi-los durante todo o percurso. Cada um deu aos belos frutos silvestres uma olhadela de desejo, nada mais. O guardião ainda dormia em cima do seu pedestal. Slorg subiu por uma escada, que Slith sabia onde encontrar, até ao grampo de ferro que fechava a fenda do Mundo, e esperou a seu lado, com um cinzel na mão, atento a qualquer sinal adverso, enquanto os seus companheiros entravam sorratamente na casa, e nenhum som se ouvia.

Passado pouco tempo, Slith e Sippy encontraram a caixa dourada: tudo parecia estar a correr conforme planeado, só faltava saber se era a correcta, e fugir com ela daquele lugar medonho. Sob o abrigo do pedestal, tão perto do guardião que lhe conseguiam sentir o calor do corpo (que, paradoxalmente, tinha o efeito de gelar o sangue do mais corajoso), partiram o fecho de esmeralda e abriram a caixa dourada; e ali, à luz de engenhosas faíscas que Slith sabia como engendrar, inspeccionaram o seu conteúdo, procurando tapar com os seus corpos mesmo aquela luz tão fraca. Qual não foi a sua alegria, naquele arriscado momento, enquanto se escondiam entre o guardião e o abismo, ao verificarem que a caixa continha quinze inigualáveis odes na forma alcaica; cinco sonetos, que eram de longe os mais harmoniosos do mundo; nove baladas à maneira provençal, de que não havia igual nos tesouros do homem; um poema dirigido a uma traça, em vinte e oito perfeitas estrofes; uma composição em versos brancos com mais de cem linhas, de um nível que ainda não parece ter sido atingido pelo homem; assim como quinze letras de canções, nas quais nenhum negociante se atreveria a pôr um preço. Teriam voltado a ler estes tesouros de boa vontade, pois traziam-lhes à memória coisas queridas, passadas na infância, e melodiosas vozes vindas de longínquas sepulturas. Mas Slith apontou imperiosamente para o caminho por onde tinham vindo, e apagou a luz. Slorg e Sippy suspiraram, em seguida pegaram na caixa.

O guardião ainda dormia o sono que perdurava há mil anos. À medida que se afastavam, viram uma complacente cadeira, perto dos confins do Mundo, na qual o Dono da Caixa se sentara nos últimos tempos, lendo sozinho e egoisticamente as mais maravilhosas canções e versos com que os poetas alguma vez sonharam. Desceram até ao fundo das escadas em silêncio, e depois sucedeu que, quando estavam

quase a chegar a um lugar seguro, pela calada da noite, uma mão, num dos aposentos de cima, acendeu uma luz horrível, sem emitir qualquer som.

Por instantes pareceu-lhes tratar-se de uma luz vulgar, podendo mesmo assim ser fatal num momento como aquele, mas, quando os começou a seguir como um olho e a ficar cada vez mais rubra, enquanto os observava, fez com que o optimismo deles desaparecesse rapidamente. De um modo muito insensato, Sippy tentou a fuga e, com a mesma insensatez, Slorg tentou esconder-se. Porém, Slith, sabendo bem porque é que aquela luz fora acesa naquela câmara secreta mais acima, e quem a acendera, saltou para lá dos confins do Mundo e ainda hoje está em queda, através dessa abismal escuridão sem eco.

O MESTRE DE MOXON – Ambrose Bierce



— Está a falar a sério?... Então acredita que uma máquina possa pensar?

Não obtive logo resposta. Moxon estava aparentemente entretido a avivar as brasas da lareira, com um atiçador, até que estas revelassem, através de um brilho mais intenso, o resultado dessa sua atenção. Durante semanas, tinha vindo a observar nele um hábito crescente para se demorar a responder-me, mesmo quando se tratava das perguntas mais triviais. O seu aspecto, porém, era o de um indivíduo preocupado e não apenas ausente. Poder-se-ia mesmo dizer que «andava a remoer qualquer coisa».

Naquele momento, apenas me perguntou:

— O que é uma «máquina»? A palavra foi definida de vários modos. Eis uma que retirámos de um dicionário popular: «Qualquer instrumento ou organismo através do qual se aplica uma certa energia para o tornar efectivo, isto é, capaz de produzir efeitos.» Ora, assim sendo, não será um homem também uma máquina? E terá de admitir que ele pensa... ou acredita que pensa...

— Se não deseja responder à minha pergunta — disse eu, um pouco irritado —, porque não mo diz? O que acabou de afirmar não passa de uma mera evasiva. Já estará cansado de saber que, quando digo «máquina», não me refiro a um homem, mas a algo que o homem inventou e pode controlar.

— Quando a mesma não acaba por o controlar... — disse ele, levantando-se de repente e olhando através de uma janela onde nada se via através da escuridão de uma noite de tempestade. Momentos depois, voltou-se e, com um sorriso, acrescentou: — Desculpe, mas nunca me passou pela cabeça recorrer a evasivas. Considero que o inconsciente do homem do dicionário já é um testemunho sugestivo que vale a pena discutir. Posso dar, sem qualquer dificuldade, uma resposta directa à sua pergunta: penso realmente que uma máquina é capaz de reflectir acerca do trabalho que está a fazer.

Tal foi decerto suficientemente directo. Mas não era muito satisfatório, pois tendia a confirmar a triste suspeita de que a devoção que Moxon revelava pelo estudo e pelo seu trabalho na sua oficina de máquinas não fora muito boa para ele. Sabia, além do mais, que ele sofria de insónias, o que não era um problema menor. Será que isso afectara a sua mente? A sua resposta à minha pergunta parecia indicar-me que sim, mas talvez, presentemente, eu deva ver essa questão de um modo diferente. Era ainda muito novo nesse tempo e uma das bênçãos que não são recusadas à juventude é, de facto, a ignorância. Excitado por esse grande estimulante à controvérsia, afirmei:

— E diga-me então como será que ela pensa se não tem um cérebro?

A resposta, vinda com o seu atraso costumeiro, tomou a sua forma favorita de contra-interrogatório:

— E com que pensa uma planta se também não tem cérebro?

— Ah, as plantas também pertencem à classe dos filósofos?! Gostaria de conhecer algumas das suas conclusões. Poderá omitir as premissas.

— Talvez possa inferir as suas convicções — respondeu ele, aparentemente sem ficar afectado pela cortante ironia — através dos seus altos. Poupar-lhe-ei os exemplos familiares da mimosa sensitiva, das várias flores insectívoras e daquelas cujos estames se vergam para poderem cobrir de pólen a abelha que aí entrou, para que esta possa fertilizar outras plantas distantes. Mas observe isto: num lugar aberto do

meu jardim plantei uma trepadeira. Quando esta mal despontava, enterrei uma estaca no solo a um metro de distância. A trepadeira dirigiu-se logo para aí, mas, como estava quase a atingir essa estaca ao fim de alguns dias, resolvi desviá-la alguns palmos. A trepadeira alterou logo o seu percurso, descrevendo um ângulo agudo, e não demorou a continuar a crescer em direcção à estaca. Esta manobra foi repetida várias vezes até que, finalmente, como se se pudesse sentir já desencorajada, a trepadeira acabou por ignorar essa sua busca e, ignorando já outras tentativas da minha parte para a desviar, começou a dirigir-se a uma árvore não muito grande, um pouco mais longe, que começou então a subir.

» Do mesmo modo, as raízes dos eucaliptos prolongar-se-ão incrivelmente em busca de humidade. Um horticultor muito conhecido relata que uma delas entrara num velho cano e que o seguiu até chegar a um ponto em que um pedaço desse cano fora removido para dar lugar a uma parede de pedra que fora construída no seu caminho. A raiz abandonou então o cano e começou a seguir a parede até descobrir uma abertura provocada pela queda de uma pedra. Atravessou então essa abertura e, continuando pelo outro lado da parede, entrou de novo no cano para descobrir essa parte ainda por explorar e continuar o seu caminho.

— Mas a que propósito me conta tudo isso?

— Não estará você a compreender o seu significado? Serve para mostrar que as plantas têm uma consciência, provando assim que elas pensam.

— Mesmo que assim seja, que nos adiantará? Estávamos a falar de máquinas não de plantas. Estas poderão em parte ser compostas por madeira... por madeira morta, é claro... ou apenas por metal. Será que o pensamento também é um atributo do reino mineral?

— Se assim não fosse, como poderia justificar os fenómenos, por exemplo, da cristalização?

— Não os explico.

— Porque não o poderá fazer sem afirmar o que deseja negar, nomeadamente, uma cooperação inteligente entre os elementos constitutivos dos cristais. Quando os soldados formam fileiras, chamamos-lhe razão, mas quando os gansos selvagens formam a letra V chamamos-lhe instinto. No entanto, quando os átomos homogéneos de um mineral se movem livremente numa solução, se arranjam de acordo com padrões matematicamente perfeitos; ou partículas de humidade congelada dão lugar às formas belas e simétricas dos flocos de neve, já não tem nada para me dizer. Você nem sequer inventou um nome para ocultar a sua heróica falta de razão.

Moxon estava a falar muito animado e cheio de entusiasmo. Logo que ele acabou, ouvi numa sala adjacente conhecida pela «sala das máquinas», onde mais ninguém a não ser ele poderia entrar, um forte batimento, como se alguém tivesse batido com a mão aberta no tampo de uma mesa. Moxon também o ouviu nesse momento e, visivelmente agitado, levantou-se e apressou-se a entrar nessa mesma sala. Achei estranho que alguém pudesse estar ali e o facto de se interessar pelo meu amigo, talvez com um toque de indesejada curiosidade, fez com que me pusesse propositadamente à escuta, embora (sinto-me feliz por dizê-lo) não através do buraco da fechadura. Ouviram-se sons confusos, como se alguém estivesse a lutar, e o chão tremia. Escutei distintamente uma respiração forte e um sussurro rouco que disse:

— Maldito sejas! — Depois tudo ficou silencioso e Moxon voltou a aparecer, dizendo, com um sorriso amarelo:

— Desculpe se o deixei aqui tão abruptamente. Tenho ali uma máquina que perdeu as estribeiras e se portou mal.

Fixando os meus olhos na sua face esquerda, marcada por quatro escoriações paralelas que ainda sangravam, observei:

— Que tal se lhe cortasse as unhas?...

Poderia ter evitado essa piada a que ele não prestara a mínima atenção. Endireitou-se melhor na cadeira, de onde acabara de sair momentos antes e retomou o seu monólogo interrompido como se nada se tivesse passado:

— Decerto não se associa àqueles... e não necessito mencioná-lo a um indivíduo com as suas leituras... que nos ensinaram que toda a matéria possui uma capacidade de sentir, que cada átomo é um ser vivo e detentor de uma consciência. Contudo, é essa precisamente a minha opinião. A matéria morta e inerte é algo que não existe. Tudo está vivo, todo e qualquer instinto possui uma energia, real e potencial. Tudo é sensível às mesmas forças quando colocado no seu ambiente, e susceptível ao contágio de outras ainda, mais altas e subtis, que residem em organismos superiores, tais como aqueles com os quais possa entrar em contacto, como os do homem, quando este transforma essa mesma matéria num instrumento ao seu serviço. Para além do mais, essa matéria absorve algo da inteligência e intencionalidade humanas, mais ainda daquelas mentes, em proporção à complexidade da máquina que possa constituir e ao seu trabalho final.

» Será que ainda se lembra da definição de “Vida” de Herbert Spenser? Eu li-a há cerca de trinta anos. Tanto quanto sei, ele poderia tê-la alterado mais tarde, mas, durante todo este tempo, não fui capaz de pensar noutra palavra que, com justeza, pudesse ser mudada, acrescentada ou removida dessa mesma definição que, para mim, se trata não apenas da melhor mas da única possível.

» A “Vida”, segundo o que ele afirma, “é uma combinação definitiva de mudanças heterogéneas, sendo estas, ao mesmo tempo, simultâneas e sucessivas e em correspondência com coexistências e sequências externas”.

— Isso define o fenómeno — disse eu —, mas nada nos revela acerca da sua causa.

— Isso é afinal o que qualquer definição nos poderá dar — respondeu ele. — Tal como Stuart Mill observou, nada sabemos da causa que não seja um antecedente, e nada sabemos do efeito que não se traduza numa consequência. Quanto a certos fenómenos, um nunca ocorre sem um outro que lhe é dissimilar: ao primeiro, num ponto específico do tempo, chamamos causa; ao segundo, efeito. Uma pessoa que tivesse visto muitas vezes um coelho a ser perseguido por um cão, e que nunca antes tivesse visto cães ou coelhos, pensaria que os últimos seriam causa dos primeiros.

» Mas receio — acrescentou, rindo-se com muita naturalidade — que esse coelho me esteja a conduzir para bem longe do meu raciocínio original: estou a entregar-me ao prazer da caça por si mesma. O que eu gostaria que observasse é que a definição de “vida” de Herbert Spenser também inclui a actividade de uma máquina, pois nada existe nessa definição que não se lhe possa aplicar. De acordo com os observadores mais apurados e com os mais profundos pensadores, se um homem está vivo durante o seu período de actividade, o mesmo ocorre com uma máquina sempre que esta se encontre em funcionamento. Como inventor e construtor de tais maquinarias creio, que isto é uma verdade.

Moxon ficou calado durante muito tempo, olhando concentradamente para o lume. Estava a tornar-se tarde e pensei que me deveria ir embora, porém, até certo ponto, não me agradava a ideia de o deixar completamente só nessa casa isolada, à excepção da presença de uma pessoa de cuja natureza as minhas concepções não poderiam ir mais longe do que concebê-la como uma presença hostil e maligna. Inclinando-me mais para ele e olhando-o insistentemente nos olhos, enquanto com o braço estendido ia

apontando para a porta do seu escritório, disse-lhe:

— Moxon, quem está aí consigo?

Até certo ponto, e para minha grande surpresa, ele riu-se e respondeu-me sem hesitar:

— Ninguém. O incidente em que está a pensar foi causado pela minha loucura em deixar uma máquina a trabalhar sem nada sobre o que pudesse agir, enquanto me dedicava à tarefa interminável de iluminar o conhecimento do meu caro amigo. Será que sabe que a Consciência é uma criação do Ritmo?

— Que se danem as duas — respondi eu, levantando-me e pegando no meu sobretudo. — Vou desejar-lhe as boas-noites, acrescentando que tenho esperança que a máquina que deixou a trabalhar inadvertidamente possa ter luvas calçadas na próxima vez que achar necessário pará-la.

Sem esperar para observar o efeito desse meu remate, saí de sua casa.

Estava a chover e a escuridão era intensa. No céu, por detrás da crista de uma colina, para a qual eu tentava a custo subir, caminhando sobre passeios de tábuas e através de ruas lamacentas sem empedrado, podia ainda ver o brilho vago das luzes da cidade. Todavia, por trás de mim nada mais era visível, a não ser uma janela iluminada na casa de Moxon. Esta brilhava com o que me pareceu então ser um misterioso e trágico significado. Sabia que se tratava de uma abertura sem cortinas na «oficina» do meu amigo, e já não duvidava que ele tivesse retomado os estudos que interrompera devido à sua tarefa como meu professor, acerca das características da consciência mecânica e da paternidade do Ritmo. Se bem que estranhas e até certo ponto cómicas as suas convicções me parecessem na altura, eu não me conseguia libertar totalmente da impressão de que as mesmas se relacionavam de um modo trágico com a sua vida e com o seu carácter (talvez mesmo com o seu destino), embora eu já não me atardasse na noção de que ambas consistissem apenas nos caprichos de uma mente confusa. Tudo o que se pudesse pensar acerca das suas perspectivas era destruído pelo modo lógico como ele as apresentava. Vezes sem conta, as suas últimas palavras ressoaram-me ao ouvido: «a Consciência é uma criação do Ritmo». Apesar de essa afirmação ser insuficiente ou demasiado curta, comecei a achá-la absolutamente fascinante. A cada ocorrência, esta parecia aumentar de sentido, tornar-se mais sugestiva. Ora, pensei eu, aqui está algo sobre o qual se poderá fundar toda uma filosofia. Se a consciência é um produto do ritmo, então todas as coisas são conscientes, pois todas têm movimento e todo o movimento é rítmico. Comecei a cogitar se Moxon se teria apercebido do significado e do alcance desse seu pensamento, da dimensão dessa sua generalização momentânea. Ou será que ele atingira a sua fé filosófica através da incerta e tortuosa estrada da observação?

Nessa altura, essa fé era para mim inteiramente nova, e o modo como Moxon a expusera não me conseguira converter. Agora, no entanto, era como se uma luz intensa me rodeasse, tal como a que se abatera sobre Saulo de Tarso, e foi nessa tempestade e nessa escura solidão que acabei por experienciar o que Lewes designa como «a infinita variedade e excitação do pensamento filosófico». Exultei com um novo sentido do conhecimento e um novo orgulho da razão. Era como se os meus pés mal tocassem na terra; era como se eu tivesse sido elevado e transportado pelo ar por asas invisíveis.

Entregando-me a um impulso para procurar mais «luzes» junto daquele que eu já considerava como sendo meu mestre e meu guia, desviara a minha rota e, quase antes de me ter dado conta do facto, encontrava-me uma vez mais à porta de Moxon. Estava completamente encharcado pela chuva mas não sentia qualquer desconforto. Incapaz na minha excitação de encontrar a campainha, tentei, inconscientemente, rodar a maçaneta da porta. Esta não estava trancada e, logo que entrei, pus-me a subir as escadas que conduziam ao escritório de onde eu acabara de sair há bem pouco tempo. Tudo estava em silêncio e às escuras.

Moxon, tal como eu supusera, encontrava-se na divisão contígua, ou seja, na «oficina». Apalpando a parede em busca da porta, bati nesta várias vezes e com alguma intensidade, se bem que não tivesse obtido resposta, o que acreditei dever-se ao clamor dessa noite de tempestade, pois o vento soprava intensamente fazendo com que lençóis de água chicoteassem as paredes. O tamborilar da chuva sobre o telhado de placas de madeira dessa divisão sem tecto ressoava incessantemente.

Nunca fora convidado para entrar na oficina. De facto, fora-me recusado o acesso à mesma, tal como acontecera com os outros, à excepção de um especialista em construções metálicas do qual ninguém sabia o que quer que fosse, a não ser que se chamava Haley e que era um indivíduo muito calado. Porém, dado o meu grande entusiasmo, esqueci-me das regras da discricção e das boas maneiras e abri a porta. O que vi logo arrancou de mim toda a especulação filosófica.

Moxon estava junto ao lado mais distante de uma mesa pequena sobre a qual uma única vela fornecia toda a luz que iluminava esse espaço. Em frente dele, de costas voltadas para mim, sentava-se uma outra pessoa. Sobre a mesa e entre essas duas figuras via-se um tabuleiro de xadrez. Ambos estavam a jogar. Não conhecia muito acerca desse jogo, todavia, como apenas se viam poucas peças em cima do tabuleiro, era óbvio que o jogo estaria prestes a acabar. Moxon estava intensamente interessado, não no jogo, segundo me pareceu, mas no seu antagonista, no qual fixara tão intensamente os olhos que, se bem que eu me encontrasse na sua linha de visão, ele nem sequer reparou em mim. O seu rosto tinha uma palidez fantasmagórica e os olhos brilhavam-lhe como diamantes. Quanto ao seu antagonista, apenas o podia observar de costas, mas isso era o suficiente, pois não sentia muita vontade de lhe ver o rosto.

Este não teria mais do que um metro e meio de altura, com uma estatura que sugeria a de um gorila: ombros sólidos e muito largos, um pescoço curto e largo e uma cabeça atarracada, com um cabelo negro e emaranhado sob um fez vermelho. Tinha uma camisa larga da mesma cor, apertada por um cinto, que lhe chegava ao assento, aparentemente uma caixa, sobre a qual ele se sentava sem que se lhe vissem os pés ou as pernas. O braço esquerdo parecia descansar-lhe sobre as pernas, enquanto movia as peças com a mão direita que se me afigurava desproporcionadamente longa.

Eu recuara um pouco e encontrava-me então na penumbra, encostado a um dos lados da porta. Se Moxon tivesse olhado para lá do rosto do seu oponente nada teria observado nesse momento, excepto o facto de a porta se encontrar aberta. Algo parecia impedir-me de entrar ou de me ir embora. Tratava-se de uma impressão (da qual desconhecida a proveniência) de que estava na presença de uma tragédia iminente e de que poderia ajudar o meu amigo se aí permanecesse. Quase com a minha consciência a rebelar-se ante a indelicadeza da atitude que tomara, decidi aí ficar.

O jogo não demorou muito tempo. Moxon quase não olhava para o tabuleiro antes de proceder às suas jogadas e, para o meu olhar pouco treinado no assunto, parecia apenas deslocar a peça que lhe estava mais perto da mão, pois os seus movimentos, sempre que o fazia, eram rápidos, nervosos e pouco precisos. As reacções do seu antagonista, embora igualmente rápidas, consistiam numa série de movimentos lentos, uniformes e mecânicos do braço, um pouco teatrais, que pareciam atentar contra a minha paciência. Era como se neles existisse algo que não era deste mundo, e foi quando reparei que eu próprio estava a tremer, o que se poderia justificar dado que estava encharcado e cheio de frio.

Duas ou três vezes após ter movido uma peça, esse indivíduo estranho inclinou a cabeça e, cada vez que o vi fazê-lo, reparei também que Moxon mudava o rei de lugar. De súbito, ocorreu-me a ideia de que o homem era mudo e, em seguida, de que o mesmo se tratava de uma máquina, de um autómato que jogasse xadrez!... Foi quando me lembrei de Moxon me explicar em tempos ter inventado um mecanismo semelhante, embora eu não tivesse percebido que, de facto, o mesmo chegara a ser construído. Será que

toda a sua conversa acerca da consciência e da inteligência das máquinas não fora senão um prelúdio à exibição dessa máquina, um truque, afinal, para intensificar ante os meus olhos (dado que não estava a par desse segredo) o efeito da sua acção mecânica?

Isso acaba por pôr assim termo a todos os arrebatamentos de ordem intelectual, à minha «variedade infinita e à excitação do pensamento filosófico. Estava quase a retirar-me aborrecido com o que via, quando algo me despertou a curiosidade. Observei «essa coisa» enorme a encolher os ombros, como se estivesse irritada e, de um modo tão natural, tão inteiramente humano, que, ao vê-lo, me invadiu um sobressalto. Mas isso não era tudo, uma vez que, um instante mais tarde, vi que esse monstro dava um forte murro na mesa. Perante esse gesto, Moxon parecia ter ficado ainda mais sobressaltado do que eu, pois viu-o desviar-se na cadeira um pouco mais para trás, como se receasse um ataque.

E foi quando Moxon, ao fazer a sua jogada, ergueu o braço bem por cima desse tabuleiro e caiu sobre uma das peças como um milhafre, exclamando:

— Xeque-mate!... De seguida, levantou-se para se colocar por trás da sua cadeira. O automático permanecia sentado sem se mexer.

O vento amainara um pouco, mas eu ainda ouvia, a intervalos cada vez mais pequenos e cada vez mais alto, o ribombar dos trovões. Entre esses momentos e a acalmia, tornei-me então consciente da presença de um zumbido e de um ruído que, tal como a trovoadas, parecia crescer de intensidade para se tornar cada vez mais distinto. Este, segundo me pareceu, provinha do automático e tratava-se, sem dúvida, de um rolar de engrenagens. Deu-me a impressão de um mecanismo desordenado que se tivesse acabado de libertar de uma acção reguladora ou de uma parte que o controlasse, um efeito que se poderia esperar se o gancho que controlasse uma roda dentada se tivesse partido. Porém, antes mesmo que eu tivesse tempo para tecer conjecturas acerca de tal facto, os movimentos do automático acabaram por captar a minha atenção. Um pequeno mas contínuo movimento convulsivo parecia ter-se apossado dele. A cabeça e o corpo abanavam como os de um homem atacado por tremores incontrolláveis ou os de uma criança com sezões, e esse movimento ia aumentando a cada instante até que toda essa criatura se agitasse violentamente. De repente, pôs-se de pé e, com um movimento quase rápido de mais para que o pudéssemos seguir, atirou-se para cima da mesa e da cadeira, com os braços esticados para a frente, com a postura e o salto de um mergulhador. Moxon recuou de súbito para se desviar dele, mas era já tarde de mais. Vi as mãos dessa coisa horrível apertarem-lhe a garganta e reparei que as dele lhe tentavam segurar nos pulsos. Depois, vi a mesa cair por terra. A vela rolou pelo chão e apagou-se. Tudo estava mergulhado na mais densa escuridão. Mas o ruído dessa luta era tremendamente audível e, mais terrível ainda, os sons ásperos e roucos feitos pelo homem que estava a ser estrangulado e que se debatia numa tentativa desesperada para respirar. Guiado pelo som desse tumulto infernal, corri para ajudar o meu amigo, mas, mal ainda dera um passo pelo escuro, quando toda essa oficina se encheu de uma luz branca e intensa, que me cegava, e que me gravou no cérebro, no coração e na memória uma imagem vívida desses dois corpos que combatiam, rolando pelo chão. Moxon estava por baixo, com a garganta ainda apertada por essas mãos de ferro, a cabeça atirada para trás, os olhos muito saídos, a boca aberta e a língua de fora. Como um horrível contraste, via-se no rosto pintado do seu assassino uma expressão de tranquilo e meditabundo pensamento, como se este ainda estivesse a tentar resolver um problema de xadrez! Foi isso que observei, antes de a escuridão e o silêncio me rodearem uma vez mais.

Três dias depois, recobrei a consciência num hospital. Enquanto a memória dessa noite trágica se me ia tornando mais nítida, o meu cérebro doente reconheceu Haley, o discreto colaborador de Moxon. Respondendo a um olhar meu, viu-o aproximar-se a sorrir.

— Conte-me o que se passou... — foi tudo o que consegui pronunciar entre dentes. — Conte-me tudo...

— É claro — disse ele —, o senhor foi retirado, ainda inconsciente, de uma casa a arder, da casa de Moxon. Ninguém pôde explicar por que motivo aí se encontrava. A origem desse fogo também é um pouco misteriosa. A minha opinião é que a casa deveria ter sido atingida por um raio.

— E Moxon?

— Enterram-no ontem... O que ainda restava dele...

Aparentemente, esse sujeito extremamente reservado poderia tornar-se bem mais comunicativo. Ao transmitir chocantes informações a uma pessoa doente, revelava-se um indivíduo suficientemente afável. Após alguns momentos, dominado pelo mais intenso sofrimento mental, aventurei-me a fazer-lhe outra pergunta:

— E quem me salvou?

— Bem, se isso o interessa assim tanto, fique a saber que fui eu.

— Obrigado, senhor Haley, e que Deus o abençoe. Será que também salvou esse interessantíssimo produto que o senhor construiu, esse autómato jogador de xadrez que acabou por assassinar o seu inventor?

O homem permaneceu calado durante longos instantes, desviando os olhos de mim. Momentos depois, encarou-me para me perguntar, muito compenetrado:

— Tem a certeza disso?

— Pois tenho — respondi-lhe. — Acabei por ver tudo.

Todavia, tudo isso se passou há muitos anos. Se me fizessem hoje essa mesma pergunta, não estaria tão seguro da resposta.

UBBO-SATHLA - Clark Ashton Smith



Pois Ubbo-Sathla é a fonte e o produto final. Antes de Zhothaquah, ou Yok-Zothoth, ou Kthulhut descerem das estrelas, Ubbo-Sathla já habitava os pântanos escaldantes da Terra recém-criada: uma massa sem cabeça ou membros, gerando as salamandras amorfas da época primordial e os pavorosos protótipos da vida terrena... E toda a vida terráquea, assim é dito, deverá retornar por fim, através do grande círculo do tempo, a Ubbo-Sathla.

O Livro de Eibon

Paul Tregardis encontrou o cristal leitoso numa pilha de restos de muitas terras e eras.

Havia entrado na loja do vendedor de curiosidades, seguindo um impulso sem objetivo, sem qualquer objetivo específico em mente que não a distração ociosa de olhar e tocar uma miscelânea de coisas reunidas de muitos locais distantes. Passando os olhos pelo material, sem método algum, sua atenção foi atraída por um brilho embotado em uma das mesas; e extraiu a esquisita pedra em formato de orbe de sua posição sombria e atulhada entre um pequeno e feio ídolo asteca, o ovo fossilizado de uma moa, e um obsceno fetiche nigeriano, feito de madeira negra.

A coisa tinha mais ou menos o tamanho de uma pequena laranja, e era levemente aplanada nas extremidades, como um planeta em seus polos. Aquilo intrigava Tregardis, pois não era um cristal comum, sendo nebuloso e mutável, com um brilho intermitente em seu âmago, como se fosse alternadamente iluminado e escurecido a partir de dentro. Segurando-o à luz da janela cheia de neve, estudou-o um pouco, sem conseguir determinar o segredo daquela singular e regular alternância. Sua confusão logo foi complicada por uma sensação cada vez maior de vaga e irreconhecível familiaridade, como se houvesse visto a coisa antes, em circunstâncias agora totalmente esquecidas.

Chamou o vendedor de curiosidades, um hebreu diminuto de ar de antiguidade empoeirada, que dava a impressão de estar perdido em considerações comerciais, em alguma rede de devaneios cabalísticos.

- Pode dizer-me alguma coisa sobre isto?

O vendedor contraiu de maneira indescritível e simultânea os ombros e as sobrancelhas.

- É bastante antigo – paleogênico, poder-se-ia dizer. Não posso dizer muito, pois sabe-se pouco. Um geólogo encontrou-o na Groelândia, sob o gelo glacial, em terreno mioceno. Quem sabe? Pode ter pertencido a algum feiticeiro da Thule primeva. A Groelândia era uma região quente e fértil sob o sol da época miocena. Sem dúvida é um cristal mágico; e pode-se ter estranhas visões em seu âmago, caso seja observado por tempo suficiente.

Tregardis ficou bastante surpreso; pois a sugestão aparentemente fantástica do vendedor trouxe à mente suas próprias sondagens de um ramo da sabedoria obscura; em particular lembrava-se do Livro de Eibon, aquele volume esquecido e oculto tão estranho e raro, que diz-se ter sido passado adiante através de uma série de múltiplas traduções, a partir de um original pré-histórico escrito no idioma perdido da Hiperbórea. Tregardis, com bastante dificuldade, obtera a versão francesa – cópia que estivera em posse de muitas gerações de feiticeiros e satanistas – mas nunca conseguira encontrar o manuscrito grego a partir do qual aquela versão fora derivada.

O original remoto e fabuloso era tido como a obra do grande mago hiperbóreo que lhe dava o título. Era uma coleção de mitos sombrios e ominosos, de liturgias, rituais e encantamentos tão malignos quanto esotéricos. Não sem sentir calafrios, no decorrer dos estudos que uma pessoa comum acharia mais que singular, Tregardis havia feito comparações do volume francês com o temível Necronomicon, do árabe louco Abdul Alhazred. Encontrara muitas correspondências de significância bastante sombria e aterradora, junto com vários dados proibidos que eram desconhecidos do árabe ou omitidos por ele... ou por seus tradutores.

Seria isso o que estava tentando relembrar, pensou Tregardis? – a referência breve e casual no Livro de Eibon a um cristal nebuloso que fora propriedade do mago Zon Mezzamalech, em Mhu Thulan? É claro, era tudo fantástico demais, hipotético demais, incrível demais – porém Mhu Thulan, a porção norte da antiga Hiperbórea, supostamente correspondia mais ou menos à Groelândia moderna, que antes seria uma península do continente principal. Será que a pedra em suas mãos, por um acaso fabuloso, seria o cristal de Zon Mezzamelech?

Tregardis sorriu consigo mesmo, diante da ironia que era sequer conceber essa noção absurda. Tais coisas não aconteceriam – pelo menos não na Londres contemporânea; e de qualquer forma, muito provavelmente o Livro de Eibon não passava de fantasia supersticiosa. Mesmo assim, havia algo no cristal, que continuava a tentá-lo e persuadi-lo. Terminou por comprar o cristal, por um preço razoavelmente moderado. A soma foi declarada pelo vendedor e paga pelo comprador, sem qualquer barganha.

Com o cristal no bolso, Paul Tregardis apressou-se em voltar a seu alojamento, ao invés de continuar o passeio de lazer. Instalou o globo leitoso em sua mesa de trabalho, onde ficou firme sobre uma de suas extremidades oblatas. E então, ainda sorrindo com o próprio absurdo, pegou o manuscrito em papel de pergaminho amarelado, o Livro de Eibon, de seu lugar numa coleção um tanto abrangente de literatura incomum. Abriu a capa de couro vermiculado, de fechos de aço manchado, e leu para si mesmo, traduzindo a partir do francês arcaico, o parágrafo que referia-se a Zon Mezzamelech: “Este mago, bastante poderoso entre os feiticeiros, encontrara uma pedra nebulosa, semelhante a um orbe, um tanto achatada nas extremidades, na qual podia contemplar muitas visões do passado terreno, e até mesmo dos começos da Terra, quando Ubbo-Sathla, a fonte incriada, repousa vasta e inchada e fermentescente em meio à geleia vaporosa... Mas daquilo que chegou a contemplar, Zon Mezzamalech deixou poucos registros; e as pessoas dizem que ele desapareceu de maneira desconhecida; e depois disso o cristal nebuloso se perdera.”

Paul Tregardis colocou o manuscrito de lado. Mais uma vez, havia algo que o tentava e seduzia, como um sonho perdido ou uma memória condenada ao esquecimento.

Impelido por uma sensação que não ponderou ou questionou, sentou-se diante da mesa e começou a fitar resolutamente as profundezas da orbe gelada e nebulosa. Sentia uma expectativa que, de alguma forma, era tão familiar, uma parte de sua consciência tão permeante, que nem chegou a dar-lhe um nome.

Minuto após minuto, ficou ali sentado, observando o reluzir e apagar alternados da misteriosa luz no âmago do cristal. Quase que imperceptivelmente, foi abatendo-se sobre ele uma sensação de dualidade onírica quanto à sua pessoa e seu ambiente. Ele ainda era Paul Tregardis – mas também era outro alguém: o aposento era o do seu apartamento em Londres – mas também uma câmara em algum lugar estrangeiro, embora bastante conhecido. E em ambos os lugares, ele fitava com resolução o mesmo cristal.

Após um íterim, sem surpresa da parte de Tregardis, o processo de reidentificação tornou-se completo. Ele sabia que era Zon Mezzamalech, feiticeiro de Mhu Thulan, estudante de toda a sabedoria anterior à sua própria época. Sábio em segredos terríveis não conhecidos por Paul Tregardis, que era um amador em antropologia e ciências ocultas na Londres dos dias recentes, buscou através do cristal leitoso uma maneira de conseguir conhecimentos ainda mais antigos e terríveis.

Ele havia adquirido a pedra de maneira duvidosa, vinda de fonte mais que sinistra. Era singular e incomparável, em todas as terras ou tempos. Em suas profundezas, todos os anos anteriores, todas as coisas que já haviam acontecido, supostamente eram espelhadas e revelar-se-iam ao visionário paciente. E através do cristal, Zon Mezzamalech sonhava recuperar a sabedoria dos deuses que morreram antes que a Terra houvesse nascido. Havia passado para além do vácuo sem luz, deixando sua sabedoria inscrita em tabuletas de pedra ultraestelar; tabuletas guardadas no lodaçal primordial pelo demiurgo amorfo e idiota, Ubbo-Sathla. Apenas através do cristal conseguiria encontrar e ler as tabuletas.

Pela primeira vez, estava testando as virtudes propaladas do globo. Em volta de si, uma câmara enfeitada de marfim, cheia de livros e parafernálias mágicas, estava lentamente esvaindo de sua consciência. Diante dele, numa mesa de alguma madeira negra hiperbórea, gravada com cifras grotescas, o cristal parecia inchar e aprofundar-se, e em suas profundezas translúcidas contemplou um rápido e desconexo turbilhão de cenas vagas, transitórias como as bolhas na calha de um moinho. Era como se estivesse testemunhando o mundo real, com suas cidades, florestas, montanhas, mares e prados fluindo abaixo dele, iluminando-se e escurecendo-se como se a passagem dos dias e noites fosse bizarramente acelerada no fluxo do tempo.

Zon Mezzamalech esquecera Paul Tregardis – perdera a lembrança de sua própria existência e dos arredores em Mhu Thulan. Momento a momento, a visão fluente no cristal ficava mais definida e distinta, e a própria orbe aprofundava-se até causar vertigens, como se estivesse de uma altura insegura, espreitando um abismo jamais antes sondado. Ele sabia que o tempo retrocedia no cristal, desenrolando diante dele o cortejo de todos os dias já passados; mas um estranho alarmismo o arrebatou, e temeu continuar observando. Como alguém que quase caiu de um precipício, forçou-se para fora do transe da orbe, com um arranco violento.

Mais uma vez, diante de seu olhar, o enorme mundo rodopiante que havia espreitado não passava de um pequeno e nebuloso cristal, na sua mesa rúnica em Mhu Thulan. E então, pouco a pouco, pareceu que o grande aposento de painéis esculpidos de marfim de mamute estava estreitando-se para formar outro lugar, mais escuro; e Zon Mezzamalech, perdendo sua sabedoria sobrenatural e poder feiticeiro, retornou, em uma estranha regressão, a ser Paul Tregardis.

Porém, aconteceu que não conseguiu retornar completamente. Tregardis, tonto e cogitabundo, encontrava-se diante da mesa de trabalho onde havia posto a esfera oblata. Sentiu a confusão daquele que sonha e ainda assim não despertou totalmente do sonho. O aposento o confundia de maneira vaga, como se algo estivesse errado com seu tamanho e mobília; e sua lembrança da compra do cristal das mãos de um vendedor de curiosidades misturava-se esquisita e discrepantemente com a impressão de que havia adquirido o objeto de maneira bastante diversa.

Sentia que algo muito estranho havia acontecido com ele, ao espreitar o cristal; mas exatamente o quê, não conseguia lembrar. A experiência havia deixado aquele tipo de turvação que advém de uma orgia de haxixe. Assegurou-se de que era Paul Tregardis, que vivia em tal e tal rua em Londres, que o ano era 1932; mas tais verdades e lugares-comum tinham de certa forma perdido seu significado e validade; e tudo ao seu redor parecia fantasmagórico e insubstancial. As próprias paredes pareciam evanescer como

fumaça; as pessoas nas ruas eram espectros de espectros; e ele mesmo não passava de uma sombra perdida, um eco vagante de algo há muito esquecido.

Resolveu não repetir o experimento de cristalomania. Os efeitos eram demasiado desagradáveis e duvidosos. Mas no mesmo dia seguinte, seguindo um impulso irracional ao qual sucumbiu quase que mecanicamente e sem relutância, encontrou-se sentado diante do orbe nebuloso. Mais uma vez tornou-se o feiticeiro Zon Mezzamelech, em Mhu Thulan; mais uma vez sonhou para recuperar a sabedoria dos deuses pré-mundanos; mais uma vez fugiu do cristal aprofundante, com o terror daqueles que temem cair; e mais uma vez – embora de forma tênue e duvidosa – ele se tornava Paul Tregardis.

Três vezes Tregardis repetiu a experiência, em dias sucessivos; e a cada vez, sua própria pessoa e o mundo ao seu redor tornavam-se mais tênues e confusos. Suas sensações eram as de um sonhador prestes a despertar; e a própria Londres era tão irreal quanto as terras que somem diante do sonhador, desaparecendo numa bruma viscosa, numa luz nebulosa. Era como se a fantasmagoria do tempo e do espaço dissolvesse ao seu redor, revelando alguma realidade mais crível – ou outro sonho de espaço e tempo.

Veio então, por fim, o dia em que ele sentou-se diante do cristal – e não mais retornou como Paul Tregardis. Foi em dia em que Zon Mezzamalech, impetuosamente desconsiderando certos alertas malignos e portentosos, resolveu superar seu curioso medo de cair corporalmente no mundo visionário que contemplava – medo que até então o impedia de seguir muito o fluxo inverso do tempo. Ele deveria, repetia a si mesmo, conquistar esse medo, se quisesse ver e ler as tabuletas perdidas dos deuses.

Havia contemplado apenas pouco mais que alguns fragmentos dos anos de Mhu Thulan imediatamente posteriores aos anos contemporâneos de sua própria vida; e haviam ciclos inestimáveis entre esses anos e o Princípio.

Mais uma vez, diante de seu olhar, o cristal aprofundou-se imensuravelmente, mostrando cenas e acontecimentos que fluíam de maneira retrógrada. Mais uma vez as cifras mágicas da mesa escura saíram de seu campo de percepção, e as paredes feiticeiramente inscritas de sua câmara desfizeram-se como algo menos que um sonho.

Mais uma vez ficou tonto de uma enorme vertigem, ao curvar-se diante do turbilhão e sorvedouro dos terríveis abismos de tempo naquele orbe que parecia um planeta.

Sentindo medo, apesar de sua resolução, quase acabou por afastar-se; mas observara e espreitara por tempo demais. Houve uma sensação de queda abissal, uma sucção como se de ventos inelutáveis, de redemoinhos que o esmagou através de visões instáveis e efêmeras de sua própria vida passada, até chegar a anos e dimensões pré-natais. Parecia suportar a agonia da dissolução invertida; e que não era mais Zon Mezzamalech, o sábio e erudito observador do cristal, mas uma parte real do fluxo esquisitamente rápido que corria em reverso para reatingir o Princípio.

Pareceu viver inúmeras vidas, morrer miríades de mortes, esquecendo a cada vez a morte e a vida que aconteciam antes. Lutou como guerreiro em batalhas semilendárias; foi uma criança brincando nas ruínas de alguma antiga cidade de Mhu Thulan; foi um rei que reinava quando a cidade estava em seu ápice, o profeta que prevera sua construção e seu fim. Como uma mulher, chorou pelos mortos há muito falecidos, em necrópoles há muito em ruínas; como um antigo mago, murmurou os feitiços rudimentares das primeiras feitiçarias; como sacerdote de algum deus pré-humano, empunhou a adaga sacrificial em templos-cavernas de pilares de basalto. Vida por vida, era por era, retrçou os longos e trôpegos ciclos

através dos quais a Hiperbórea ascendera da selvageria para a alta civilização.

Tornou-se um bárbaro de alguma tribo troglodita, fugindo do gelo lento e torreado de uma prévia era glacial, invadindo terras iluminadas pelo fulgor rubicundo dos vulcões perpétuos. E então, após incomputáveis anos, não era mais um homem, mas uma fera similar a homem, vagando em florestas de samambaias e calamitas gigantes, ou construindo um ninho improvisado nos galhos de poderosas cicadáceas.

Através de éons de sensação anterior, de luxúria e fome básicas, de terror e loucura aborígenes, havia alguém – ou algo – que retrocedia no tempo. A morte tornou-se nascimento e o nascimento era a morte. Numa lenta visão de mudança reversa, a terra pareceu derreter, e desfez-se das colinas e montanhas de seus estratos posteriores. O sol ficava sempre maior e mais quente sobre os pântanos fumegantes, que pululavam de vida grosseira, em meio a uma vegetação mais exuberante. E a coisa que havia sido Paul Tregardis, que havia sido Zon Mezzamalech, era parte de toda essa monstruosa involução. Voou com as asas de garras de um pterodáctilo, nadou em mares tépidos com o volume vasto e comprido de um ictiossauro, urrou grosseiro com a garganta armadurada de algum behemote esquecido, urrando para a enorme lua que queimava em meio a névoas primordiais.

Com o passar do tempo, após éons de brutalidade imemorial, tornou-se um dos homens-serpente perdidos, que preparavam suas cidades de gneisse negra e lutavam suas guerras venenosas no primeiro continente do mundo. Caminhou onduladamente em ruas pré-humanas, em estranhas criptas curvas; espreitou as estrelas primevas do topo de torres altas e babélicas; ajoelhou-se nas litânicas sibilantes dos grandes ídolos serpentinos. Com o passar de anos e épocas da era ofídica, ele voltou a ser uma coisa que rastejava no limo, uma coisa que não havia ainda aprendido a pensar e sonhar e construir. E veio o tempo em que não havia mais continente, mas apenas um charco vasto e caótico, um mar de limo, sem limites ou horizontes, sem costas ou elevações, fervilhando no contorcer cego dos vapores amorfos.

E então, no princípio cinzento da Terra, a massa disforme que era Ubbo-Sathla repousava por entre o limo e os vapores. Sem cabeça, sem órgãos, sem membros, expelia de suas laterais lodosas, numa onda lenta e incessante, as formas ameboides que constituíam os arquétipos da vida terrena. Era algo horrível, se fosse possível apreender o horror; algo repugnante, se houvesse alguém ali capaz de sentir repugnância. Perto dele, largadas ou lançadas na lama, estavam as poderosas tábulas de pedra minerada nas estrelas, onde estava escrita a inconcebível sabedoria dos deuses pré-mundanos.

E para ali, para o objetivo de uma busca esquecida, foi atraída a coisa que havia sido – ou que algum dia haveria de tornar-se Paul Tregardis e Zon Mezzamalech.

Transformado numa salamandra amorfa do começo dos tempos, a coisa rastejava preguiçosa e indiferente sobre as decaídas tábulas dos deuses, e lutava e devorava cegamente outras crias de Ubbo-Sathla.

Quanto a Zon Mezzamalech e seu desaparecimento, não há menção em parte alguma, exceto naquele breve trecho do Livro de Eibon. Quanto a Paul Tregardis, que também desaparecera, houve uma breve notícia em vários dos jornais londrinos. Ninguém parecia saber nada sobre o caso: ele desaparecera como se jamais houvesse existido; e o cristal, presume-se, também desaparecera. Ou pelo menos, ninguém o encontrou.

O MENINO MORTO À TUA JANELA – Bruce Holland Rogers

Num país distante onde as cidades tinham nomes improváveis, uma mulher contemplou a figura inerte do seu bebé recém-nascido e recusou-se a ver o mesmo que a parteira. Era o seu filho. Trouxera-o ao mundo em agonia, e agora ele tinha de mamar. Encostou-lhe os lábios ao seio.

– Mas ele está morto! – disse a parteira.

– Não – mentiu a mãe. – Ainda agora o senti mamar. – A sua mentira era como leite para o bebé, que na realidade estava morto, mas abria agora os olhos e pontapeava com as pernas.

– Está a ver?

E obrigou a parteira a chamar o pai para conhecer o seu filho. O menino morto nunca chegou a mamar no seio da mãe. Nunca bebeu água, nem provou comida de nenhuma espécie, e por isso, claro, nunca cresceu. Mas o pai, que tinha jeito para coisas mecânicas, construiu uma armação para o esticar, para que, com o passar dos anos, pudesse ser da altura das outras crianças.

Tendo visto seis Invernos, os pais mandaram-no para a escola. Embora fosse da altura dos restantes alunos, o menino morto era uma coisa estranha de se ver. A cabeça calva era quase do tamanho certo, mas o resto do corpo era delgado, como uma tira de couro, e seco como um pau. Tentava compensar a fealdade com diligência, e ficava acordado até tarde a ensaiar as letras e os números.

A sua voz era como o restolhar de folhas secas. Por ser tão difícil escutá-lo, a professora obrigava os outros alunos a prender a respiração sempre que ele dava uma resposta. Ela chamava-o muitas vezes ao quadro, e ele estava sempre correcto.

Como é natural, as outras crianças desprezavam-no. Por vezes, os rufias faziam-lhe esperas à saída da escola, mas bater-lhe, mesmo com paus, nunca lhe causava dano. Não chegava sequer a gritar.

Certo dia de vento, os rufias roubaram um novelo de cordel da secretária da professora e, depois da escola, prenderam o menino morto ao chão com os braços esticados em forma de cruz. Enfiaram-lhe um pau pela manga esquerda da camisa até sair pela direita. Esticaram-lhe as abas da camisa até aos tornozelos, ataram tudo no sítio, prenderam o novelo de cordel à casa de um botão, e lançaram-no ao ar. Para grande alegria sua, o menino morto fazia um papagaio excelente. Só os alegrava mais ver que, devido ao peso da sua cabeça, voava de pernas para o ar.

Quando se fartaram de ver o menino morto voar, largaram o cordel. O menino morto não voltou ao solo, como um vulgar papagaio de papel. Pairou. Era capaz de se guiar um pouco, embora estivesse sobretudo à mercê dos ventos. E não conseguia descer. Na verdade, o vento impelia-o cada vez mais para o alto. Pôs-se o Sol, e o menino morto continuou a ser levado pelo vento. Nasceu a Lua, e ao luar viu sucederem-se prados e florestas. Viu cordilheiras passar por baixo de si, oceanos e continentes.

Por fim, os ventos acalmaram, e depois cessaram, e ele aterrou a pairar no chão de um estranho país. O chão estava despido. A Lua e as estrelas tinham desaparecido do céu. O ar parecia cinzento e encoberto. O menino morto inclinou-se para o lado e abanou-se até o pau lhe cair da camisa.

Enrolou o cordel que tinha puxado atrás de si e esperou pelo nascer do Sol. Com o alongar das horas, viu apenas o mesmo ar pardacento. Começou por isso a vaguear.

Encontrou um homem muito parecido consigo, uma cabeça calva a encimar membros como cabedal.

– Onde estou? – perguntou o menino morto.

O homem olhou o ar cinzento em redor.

– Onde? – perguntou. A sua voz, tal como a do menino morto, parecia o sussurro de folhas mortas.

Da névoa, surgiu uma mulher. Também a sua cabeça era calva, e o corpo ressequido.

– Isto! – disse em voz rouca, tocando a camisa do menino morto. – Eu lembro-me disto! – Puxou pela manga. – Tinha uma coisa destas!

– Roupa? – perguntou o menino morto.

– Roupa! – gritou a mulher. – É isso!

Outras pessoas encarquilhadas surgiram do ar cinzento. Juntaram-se para ver o estranho menino morto que envergava roupa. O menino morto sabia agora onde estava.

– É a terra dos mortos.

– Porque tens tu roupa? – perguntou a morta. – Chegamos aqui sem nada! Porque tens tu roupa?

– Sempre estive morto – disse o menino – mas passei seis anos com os vivos.

– Seis anos! – disse um dos mortos. – E só agora te juntaste a nós?

– Conheces a minha mulher? – perguntou um morto. – Ela ainda está entre os vivos?

– Dá-me novidades do meu filho!

– E que é feito da minha irmã?

Os mortos aproximaram-se mais.

Disse o menino morto:

– Como se chama a tua irmã?

Mas os mortos não se conseguiram lembrar dos nomes dos seus entes queridos. Não se lembravam sequer dos próprios nomes. De igual maneira, os nomes dos lugares onde tinham vivido, os números dos seus anos, as modas e costumes das suas épocas, tudo isso tinham esquecido.

– Bom – disse o menino morto – na cidade em que nasci havia uma viúva. Se calhar era a tua mulher. E sabia de um rapaz cuja mãe tinha morrido, e uma velha que podia ter sido a tua irmã.

– Vais voltar?

– Claro que não – disse outra pessoa morta. – Nunca ninguém volta.

– Acho que sou capaz – disse o menino morto. Explicou-lhes o seu voo. – Mal sopra o vento...

– O vento nunca sopra aqui – disse um homem falecido há tão pouco que ainda recordava o vento.

– Então corram com o meu cordel.

– Isso resulta?

– Dá um recado ao meu marido! – disse uma morta.

– Diz à minha mulher que tenho saudades dela! – disse um morto.

– Diz à minha irmã que não a esqueci!

– Diz ao meu namorado que ainda o adoro!

Deram-lhe os seus recados, sem saber se os seus entes queridos continuavam vivos. Na verdade, dois amantes falecidos bem podiam estar lado a lado na terra dos mortos, passando mensagens um ao outro através do menino. Ainda assim, memorizou-as a todas. Os mortos recolocaram-lhe então o pau nas mangas da camisa, ataram tudo no sítio e desenrolaram o cordel.

Correndo tanto quanto as pernas encarquilhadas lhes permitiram correr, lançaram o menino de volta ao céu, soltaram o cordel e ficaram a vê-lo afastar-se com o seu olhar morto.

O menino pairou muito tempo sobre o cinzento da morte até que, por fim, uma aragem o levantou, e um sopro de vento o levantou ainda mais, e uma rajada o levou até onde podia ver a Lua e as estrelas. Lá em baixo, viu o luar espelhado no oceano.

Ao longe, erguiam-se os picos das montanhas. O menino morto aterrou numa aldeola. Não conhecia ninguém ali, mas foi à primeira casa que encontrou e bateu na persiana do quarto. Disse à mulher que lhe abriu a janela:

– Um recado da terra dos mortos – e transmitiu-lhe uma das mensagens.

A mulher chorou e, em troca, deu-lhe outro recado.

Casa a casa, entregou as mensagens. Casa a casa, reuniu mensagens para dar aos mortos. Pela manhã, encontrou uns rapazes para o pôr a voar, para o devolver à mercê do vento, para assim levar estas novas mensagens de regresso à terra dos mortos.

E assim tem sido desde então. A qualquer noite, com a cabeça cheia de recados, o menino morto pode bater a qualquer janela para lembrar alguém – para te lembrar a ti, quem sabe – de um amor que sobrevive à memória, de um amor que não carece de nomes.

TEXTOS CURTOS – Clark Ashton Smith

O LAGO NEGRO

Numa terra onde a bizarria e o mistério aliaram-se fortemente à desolação eterna, o lago se derramava desde uma data inencontrável de eras ancestrais, para preencher algum golfo insondável, lá muito abaixo, entre as sombras das montanhas vulcânicas, que não exibiam neve alguma. Nenhum olho, nem mesmo o olho do sol, quando contemplava verticalmente sobre o algo durante poucas horas ao redor do meio-dia, parecia conseguir adivinhar o que havia nas suas profundezas de escuridão tristonha e silêncio imperturbável. Por esta razão, senti um prazer tão singular em contemplar, com bastante frequência, o estranho lago. Sentado lá, nem sei por quanto tempo, em suas praias basálticas e geladas, onde cresciam apenas umas poucas orquídeas rubras e carnosas, curvadas sobre as águas, como bocas ávidas e arreganhadas, eu vislumbrava conjeturas fantásticas e imaginações sombrias, dentro do sedutor mistério de seu golfo desconhecido e inexplorável.

Foi em tal hora da manhã, antes do sol haver ultrapassado o grosseiro e erodido limiar dos cumes, quando cheguei pela primeira vez, e desci pelas sombras que enchiam, como se fossem algum fluido mais sutil, a bacia vulcânica. Visto no fundo da tintura imóvel do ar e da luz fraca, o lago figurava-me uma poça sedimentada de escuridão.

Vislumbrando pela primeira vez, após a descida difícil e profunda, dentro de tão águas plúmbeas e opacas, conseguia perceber muito bem certos brilhos ínfimos e dispersos de prata, aparentemente muito abaixo da superfície. Era como se fosse o sinal de metal incrustado em alguma misteriosa elevação submersa, ou o reluzir de algum tesouro há muito naufragado. Cheguei mais perto, em minha avidez, e finalmente percebi que o que eu enxergara não passava do reflexo das estrelas, já que embora o dia estivesse se mostrando sobre as montanhas e planícies lá fora, as estrelas ainda eram visíveis nas profundezas e trevas daquele lugar tão sombrio.

DISTANCIAMENTO

Há dias em que toda a beleza do mundo é tênue e estranha; quando a luz do sol ao meu redor parece cair numa terra mais remota que os polos da lua. As rosas no jardim me surpreendem, como monstruosas orquídeas de cor desconhecida, que brotam nos planetas além de Aldebarã. E estou chocado com as folhas amarelas e púrpuras de Outubro, como se no véu de algum tremendo e horrendo mistério fosse quase levantado, por um momento. Em tais horas, ó coração do meu coração, sinto medo de tocar-te, evito tuas carícias, temendo que tu desapareças como se num sonho diante da aurora, ou que eu reconheça em ti um fantasma, o espectro daquela que morreu e foi esquecida milhares de anos atrás, numa terra distante onde o sol não mais reluz.

O JARDIM E A TUMBA

Sei de um jardim de flores -- flores amáveis e maravilhosas e multiformes como as orquídeas de mundos longínquos e exóticos -- como as flores de pétalas mil, cujas cores mudam como se por encanto na alteração dos sóis triplos; flores como os lírios-tigres do jardim de Satã; como os muito pálidos lírios do Paraíso, ou amarantes em cuja beleza perfeita e imortal os serafins tanto ponderam; flores ardorosas e esplêndidas como as flores rubras ou douradas do fogo; flores luminosas e frias como as flores de cristal da neve; flores onde não há nenhuma igual, em nenhum mundo de sol algum; que não possuem símbolo, no céus ou no inferno.

Infelizmente, no coração do jardim há uma tumba -- uma tumba tão revolta e coberta de vinhas e brotos, que a luz do sol não revela o macabro brilho de seu mármore a uma inspeção menos cuidadosa ou incúria. Porém, à noite, quando as flores estão imóveis, e seus perfumes são tão suaves como a respiração das crianças que dormem -- então, e só então, as serpentes que nascem da corrupção rastejam da tumba, e deixam trilhas do fedor e fosforecência de sua habitação, de um lado ao outro do jardim.

A LITANIA DOS SETE BEIJOS

I

Beijo tuas mãos -- tuas mãos, cujos dedos são delicados e pálidos como as pétalas da lótus branca.

II

Beijo teu cabelo, que tem o lustre das joias negras, e que é mais escuro que o Rio Lethe, fluindo à meia-noite através do sono sem luar de terras perfumadas por papoulas.

III

Beijo tua testa, que lembra uma lua nascendo num vale de cedros.

IV

Beijo tuas bochechas, onde permanece um leve enrubescer, como o reflexo de uma rosa sobre uma urna de alabastro.

V

Beijo tuas pálpebras, e as comparo às flores de veias púrpuras, que fecham-se sob a opressão de uma noite tropical, numa terra onde os ocasos são tão luminosos quanto as chamas do âmbar flamejante.

VI

Beijo tua garganta, cuja palidez ardente é a palidez do mármore aquecido pelo sol de outono.

VII

Beijo tua boca, que tem o sabor e perfume da fruta molhada do orvalho de uma fonte mágica, no paraíso secreto que apenas nós dois encontraremos; um paraíso de onde jamais partiremos, pois as águas que nele vadeiam são as do Lethe, e a fruta é a fruta da Árvore da Vida.

AO DEMÔNIO

Conte-me muitas histórias, ó demônio benigno e maleficiente, mas não conte nenhuma que já tenha escutado, ou jamais sonhado, conte-me do obscuro e infrequente. Não, não conte sobre nada que jaz entre as fronteiras do tempo ou os limites do espaço; pois estou um tanto esgotado de tantos anos registrados e terras mapeadas; e as ilhas a oeste de Catai, e os reinos iluminados de Ind, não são remotos o suficiente para serem a base de minhas concepções; e a Atlântida é sobremaneira recente, para que meus pensamentos até lá viajem, e Mu fitou o sol em eras demasiado recentes.

Conte-me muitas histórias, mas que sejam histórias de coisas de um passado além das lendas, e das quais não existam mitos em nosso mundo, ou qualquer dos mundos próximos. Conte-me, se preferir, dos anos em que a lua era nova, com mares perturbados pelas sereias, e montanhas circundadas de flores, desde a base até o pico; conte-me de planetas cinzentos de antiguidade, dos mundos que nenhum astrônomo mortal jamais contemplou, e cujos horizontes e céus místicos chocam os visionários.

Conte-me das mais vastas florações, em cujos cálices convidativos uma mulher poderia dormir; dos mares de fogo que batem ondas sobre praias de gelo eternamente duradouro; de perfumes que de um único hausto causam o sono eterno; de titãs sem olhos, que habitam Urano, e seres que vagueiam na luz verde dos sóis gêmeos, um azul-celeste e o outro laranja. Conte-me histórias de medo inconcebível e amor inimaginável, em orbes de onde nosso sol é visto como uma estrela sem nome, ou mesmo uma onde seus raios jamais alcançaram.

VINDOS DAS CRIPTAS DA MEMÓRIA

Eras e eras atrás, numa época cujos mundos maravilhosos já haviam ruído, e cujos poderosos sóis eram menos que sombra, habitava eu uma estrela cujo curso, já sem retorno, em sua decadência vinda dos altos céus do passado, estava cada vez mais aproximando-se de um abismo onde, diziam os astrônomos, seu ciclo imemorial encontraria um fim sombrio e desastroso.

Ah, era estranha aquela estrela esquecida em seu golfo – quão mais estranha que qualquer sonho dos sonhadores nas esferas do hoje, ou que qualquer visão que já assomou os visionários, em sua retrospectiva do passado sideral! Ali, através de ciclos de história cujos registros empilhados, escritos em bronze, não podiam mais ser enumerados, os mortos vieram a superar, em definitivo, os vivos. E, construídas de uma pedra indestrutível, salvo na fornalha dos sóis, suas cidades cresciam ao lado das dos vivos, como as metrópoles prodigiosas dos Titãs, com muralhas que conjuravam sombras sobre as vilas próximas. E sobre tudo aquilo, havia a cripta fúnebre e sombria dos enigmáticos céus – um domo de sombras infinitas, onde o triste sol, suspenso como uma lâmpada enorme e solitária, não conseguia iluminar, e extinguindo suas chamas em face do inevitável, enviava um raio confuso e desesperador sobre os remotos e vagos horizontes, e as vistas ocultas eram ilimitadas, naquela terra visionária.

Éramos um povo sombrio, secreto e muito tristonho – nós, que habitávamos sob o céu do crepúsculo eterno, penetrado por altíssimas torres e obeliscos do passado. Em nosso sangue, sentia-se o calafrio da antiga noite do tempo; e nossos pulsos enfraqueciam com a insidiosa presciência do langor do Lethe. Sobre nossas cortes e campos, como vampiros invisíveis e letárgicos, nascidos dos mausoléus, ascendiam e flutuavam as horas negras, com asas que destilavam uma languidez maléfica, nascida do lamento sombrio e do desespero dos ciclos encerrados. Os próprios céus eram carregados de opressão, e respirávamos sobre eles como se num sepulcro, para sempre selado, com todas as estagnações da corrupção e da lenta decomposição, e da escuridão impenetrável, a não ser aos vermes que roem.

Vivíamos de forma vaga, e amávamos como se ama nos sonhos – os tênues e místicos sonhos que flutuam sobre o limiar do sono inescrutável. Sentíamos por nossas mulheres, com sua beleza pálida e espectral, o mesmo desejo que os mortos podiam sentir pelos lírios fantasmagóricos dos campos do Hades. Nossos dias se passavam num vagar por entre as ruínas das cidades solitárias e imemoriais, cujos palácios de cobre corroído, e ruas que corriam entre linhas de obeliscos gravados a ouro, repousavam frágeis e macabros àquela luz mortiça, ou eram afogados para todo o sempre, em meio aos mares da sombra estagnante; cidades cujas igrejas vastas e construídas com o ferro preservavam sua aura de mistério e fascínio primordial, a partir da qual os simulacros de deuses esquecidos há séculos buscavam, com olhos inalteráveis, nos céus desesperançosos, a noite pressagiada, o esquecimento definitivo. Languidamente, cultivávamos nosso jardins, cujos lírios cinzentos ocultavam um perfume necromântico, que tinha o poder de evocar-nos para os sonhos mortos e espectrais do passado. Ou, errando pelos campos cinzas do outono perene, buscávamos as raras e místicas margaridas imortais, cujas folhas sombrias e pétalas pálidas, que florescia debaixo de salgueiros de folhagem lívida e velada; ou cobertas por um orvalho doce e narcótico, pelo silêncio fluente das águas aquerônticas.

E um por um, morremos, e nos perdemos na poeira do tempo acumulado.

Percebemos os anos como um passar de sombras, e conhecemos a própria morte como o render-se do crepúsculo à noite.

UM SONHO NO LETHE

Procurando aquela que perdi, cheguei a tempo às costas do Lethe, sob a abóbada de um céu imenso, vazio e ébano, a partir do qual todas as estrelas sumiam, uma por uma. Vinda não sei de onde, uma luz pálida e fugidia, como a da lua minguante, ou a fosforescência fantasmagórica de um sol morto, caiu tênue e sem lustre sobre a torrente obsidiana, e sobre os prados negros e sem flor alguma. Sob esta luz, enxerguei muitas almas errantes, de homens e mulheres, que vinham, hesitantes ou sôfregas, beber das lentas águas que nunca murmuram. Porém entre todas essas, nenhuma partia sôfrega, e muitos que permaneciam contemplavam, com olhos que não enxergavam, o movimento calmo e sem ondas da torrente. À distância, na forma graciosa e alta como um lírio, e no rosto imóvel e altivo de uma mulher que permanecia separada do resto, enxerguei aquela a quem buscava; e, correndo para estar ao seu lado, com um coração onde antigas memórias cantavam como um ninho de rouxinóis, fui ávido em tomar da sua mão. Porém nos olhos pálidos e imutáveis, e nos lábios imóveis e descorados, que achegaram-se aos meus, não enxerguei luz alguma de memórias, nenhum tremor de reconhecimento. E sabendo agora que ela havia esquecido, fugi desesperado, e encontrei o rio diante de mim, de súbito senti minha antiga sede por suas águas, uma sede que um dia pensei satisfazer em muitas e diversas fontes, mas em vão. Abaixando-me apressado, bebi, e levantando mais uma vez, percebi que a luz havia morrido ou desaparecido, e que toda a terra era como a terra de um sono sem sonhos, onde eu não conseguia mais distinguir os rostos de meus companheiros. Nem nunca mais conseguiria lembrar jamais por quê eu desejei beber das águas do esquecimento.

A FLOR-DEMÔNIO

Numa pia de alabastro, no alto de um pilar de serpentina, a coisa existe desde um templo primevo, no jardim dos reis que governam um reino equatorial no planeta Saturno. Com folhagem negra, fina e intrincada como a teia de alguma enorme aranha; com pétalas de um rosa lívido, e púrpuras como o púrpura de carne putrefata; e um caule ascendente, como o pulso peludo e escuro de um bulbo tão antigo, tão incrustado com o crescimento dos séculos, que lembra uma urna de pedra, a flor monstruosa mantém domínio sobre todo o jardim. Nesta flor, desde os anos das mais antigas lendas, um demônio maligno habita -- um demônio cujo nome e natividade são conhecidos pelos magistas superiores, e pelos misteriarcas do reino, embora uma icógnita a todos os outros. Sobre as flores quase-animadas, as orquídeas ofídeas que se enroscam e ferroam, os lírios quirópteros que à noite abrem suas pétalas arcadas como costelas, e com minúsculos dentes amarelados, banqueteam-se com os corpos das libélulas adormecidas; os cactos carnívoros que bocejam com lábios esverdeados, abaixo de suas barbas de espinhos amarelados e venenosos; as plantas que palpitam como corações, os brotos que suspiram com um hálito de perfume peçonhento -- acima de todas essas plantas, a Flor-Diabo reina suprema, em sua imortalidade maligna, e inteligência maldosa e perversa -- incitando-as a uma estranha maleficência, a um capricho fantástico, até mesmo a atos de rebelião contra os jardineiros, que continuam com suas tarefas com cautela e tremor, já que mais de um deles já fora mordido, sendo mesmo levado à morte, por alguma flor raivosa e envenenada. Em alguns pontos, o jardim tornou-se selvagem, devido à falta de cuidados dos jardineiros temerosos, e tornou-se um emaranhado monstruoso de rastejantes serpentininos, e de plantas com cabeças de hidra, convoluto e retorcido em si mesmo de tanto ódio letal ou amor venenoso, e tão horrível como uma multidão de víboras e pítons ocupados em lutar.

E, como fizeram seus inúmeros ancestrais, antes dele, o rei não ousa destruir a Flor, por medo de que o diabo, expulso de seu refúgio, possa buscar uma nova residência, e entrar no cérebro ou corpo de um dos súditos do rei -- ou mesmo no coração de sua tão bela, gentil e amada rainha!

NA GUERRA COM AS BRUXAS – Richard Matheson



Sete meninas bonitas, sentadas em filinha. No exterior, noite e chuva – clima belicoso. No interior, um calor delicioso. Sete meninas bonitas a conversarem, comportadinhas. E na placa da parede podia ler-se: Centro de Apoio Parental.

O céu tossiu um trovão e sacudiu caspa relampejante dos seus ombros imensuráveis. A chuva amainou a terra, refrescando-a e acariciando as árvores. O edifício cúbico, rasteiro, com uma janela de acrílico numa das paredes.

E lá dentro, a conversa sussurrada de sete meninas bonitas.

– E então eu disse-lhe – “*Nem penses nisso, Senhor Sabichão*”. E ele disse: “*Ah, é?*” E eu respondi-lhe: “*Ah, pois é!*”

– Ai, meu Deus, que isto nunca mais acaba... Vi um chapéu liiindoó na última vez que foi às compras. Ai, meu Deus, o que eu não *daria* para poder usááá-looo!

– Tu? E achas que eu também não queria? Mas é impossível conseguir ter um cabelo de jeito com este tempo. Porque é que *elas* não se livram da chuva?...

– *Homens!* Metem-me tanto nojo.

Sete ademanos, sete atitudes, sete risinhos retinindo à luz dos relâmpagos. Sorrisos de meninas com os dentes à mostra. Dedos pequeninos, inquietos, desenhando figuras invisíveis no ar.

Centro de Apoio Parental. Raparigas. Sete e todas bonitas. Nenhuma delas com mais de dezasseis anos. Caracóis. Trancinhas. Bandetes. Beicinhos feitos com bocas pequeninas – sorridentes, descontentes; emoções, *muitas emoções*. Olhos jovens e brilhantes – cintilando, piscando; cumplicidades e desconfianças.

Sete corpos sadios, endiabrados, nas cadeiras de madeira. Perninhas adolescentes e delicadas. Meninas – meninas bonitas – *sete*.

Um exército de homens horrorosos, indistintos, a rastejar na lama, a avançar com esforço pela estrada enlameada e às escuras.

A chuva em catadupa. Baldes dela, atirados à bruta para cima dos homens exaustos. As botas a pisarem a lama e a fazerem barulhos – *splssh!* Barulhentas e todas emporcalhadas de lama castanha e amarela.

Homens obstinados – centenas deles – ensopados, arrasados, deploráveis. Rapazes curvados que nem velhos. Bocas à banda, chupando ar frio; línguas sem vida, olhos encovados que não viam nada e nada revelavam.

Pausa.

Homens a afundarem-se na lama de barriga para o ar com o peso das mochilas. Cabeças caídas, bocas abertas, chuva a ricochetear em dentes sujos. Mãos imóveis – membros mirrados feitos de carne e ossos gastos. Pernas sem força – palitos de *khakitão* quebradiços quanto madeira bichada. Centenas de braços e pernas inúteis, atarracados a corpos desnecessários.

Atrás, à frente, nos lados, o rugido dos camiões e dos tanques e dos jipes. Pneus gordos espalhando lama.

Lagartas pesadas espalmando-a, abrindo escaras no solo. Chuva rufando o ritmo no metal e no vinil.

Flashes sem as máquinas fotográficas: explosões brevíssimas de luz. O rosto da guerra iluminado por um segundo – rugas de canos ferrugentos de armas, veículos cercados e soldados atónitos.

Trevas. A noite encobriu as luzes tempestivas. Chuva empurrada pelo vento a tornar escorregadias as estradas e os campos, alagando trincheiras e veículos de caixa aberta. A terra sulcada sangrou lama e chuva. Raios e trovões.

Uma apitadela. Homens que estavam mortos ressuscitaram. Botas na lama, outra vez – *splossh, splossh!* Mais fundo, mais perto. Mais perto de uma cidade que interrompia o caminho de outra cidade que barrava o caminho para outra cidade que...

Um oficial sentou-se na sala de comunicações do Centro de Apoio Parental. Olhou para o operador, curvado sobre o painel de controlo com auscultadores na cabeça. Anotava um recado.

O oficial olhou para o operador. *Eles estão aí a chegar*, pensou. *Todos molhados, a tremer de frio e de medo. Marcham para aqui.* Ele rangeu os dentes e fechou os olhos.

Abriu-os, de repente. Visões encheram-lhe as pupilas enegrecidas – imagens de fumo espesso, homens incinerados, horrores inimagináveis que dispensavam comentários.

– Meu sargento, – disse o operador, – uma mensagem do posto avançado de observação. O exército inimigo foi avistado.

O oficial levantou-se, dirigiu-se à mesa do operador e agarrou o papel. Leu-o e ficou lívido com a boca transformada num parêntesis.

– É verdade, – disse.

Virou-se para trás e caminhou para a porta. Abriu-a e entrou na sala. As sete meninas calaram-se. Fez-se silêncio absoluto.

O oficial ficou voltado de costas para a janela de acrílico.

– Inimigos, – disse, – a três quilómetros daqui. Mesmo à vossa frente.

Virou-se e apontou para a janela.

– Nesta direcção a três quilómetros de distância. Alguma pergunta?

Uma das meninas riu.

– Há carros?, – perguntou outra.

– Há, – disse o oficial. – Cinco camiões, cinco jipes e dois tanques de assalto.

– Oh, isso é canja, disse a menina, penteando o cabelo com os dedos.

– É tudo, – disse o oficial. Caminhou para a porta. – Façam-se a eles!, – acrescentou. Em voz baixa, sussurrou: – *Suas bestinhas!*

Saiu.

– Ai, meu Deus, – disse uma das meninas, – lá vamos nóóós outra vêêêz.

– Que chatice, – disse outra. Abriu a boca perfumada, tirou a pastilha-elástica e colou-a debaixo da cadeira.

– Até que enfim que parou de chover, – comentou a ruiva, apertando os atacadores dos sapatos.

As sete raparigas olharam umas para as outras. *Estamos prontas?*, perguntaram sem palavras. *Eu acho que estou*. Repimpam-se nas cadeiras, rindo, arranjando os cabelos e suspirando. Prenderam os pés nas pernas das cadeiras. Todos os chicletes tinham sido postos de parte. Lábios plissados em beicinhos pudicos. As meninas bonitas estavam prontas para brincar.

Calaram-se. Uma delas respirou fundo. E outra. Todas deram as mãozinhas brancas e apertaram-nas com força. Uma delas coçou depressa a cabeça e voltou a dar a mão. Outra matou um espirro, soltando um guinchinho.

– *Agora*, – disse a menina da ponta do lado direito.

Sete pares de lindos olhinhos fecharam-se. Sete mentes infantis e inocentes começaram a imaginar, a visualizar, a transportar-se.

Lábios descaíram, sem vigor. Rostos perderam a cor. Corpos estremeceram com violência. Dedos trementes, concentrados. *Sete meninas bonitas foram à guerra*.

Os homens aproximaram-se do edifício, vindos do topo de uma colina, quando foram atacados de surpresa. O pelotão da infantaria que ia à frente irrompeu em chamas, misteriosamente.

Não houve tempo para gritar. Deixaram cair as armas na lama e os olhos caíram, queimados. Tombaram, carbonizados, e fizeram a água da chuva assobiar.

Os homens gritaram. As fileiras desorganizaram-se. Agarraram as armas e começaram a disparar à toa para a escuridão. Mais soldados se incendiaram e morreram.

– *Separem-se!*, – gritou um oficial antes da mão dele puxar fogo e a cara ser lambida por uma labareda amarela.

Os homens olharam para todo o lado. Estupefactos e cheios de medo procuraram pelo inimigo. Abriram fogo para os campos e para a mata. Atingiram-se uns aos outros. Desertaram, atrapalhados, pelos caminhos enlameados.

Um camião foi envolvido pelo fogo. O motorista saltou para o chão já transformado numa tocha com duas pernas. O camião seguiu desgovernado e saiu da estrada; escorregou pelo campo abaixo e chocou com uma árvore. Explodiu e foi consumido pelo incêndio radiante; sombras dançaram entre as chamas. Gritos rasgaram a noite.

Todos os homens pegaram fogo e caíram com a cara na lama. Fagulhas incandescentes chicotearam a escuridão húmida – gritaria – acendalhas ambulantes, crepitando, refulgindo, morrendo – um exército quente – camiões cremados – tanques a explodir.

Uma pequena lourinha com o corpinho teso de tanta excitação. Lábios trémulos; um risinho entupindo-lhe a garganta. Narinas dilatando – estremecendo com o frisson. Imaginou, imaginou...

Um soldado correu pelo descampado, inclinado para a frente e a gritar; os olhos doentes de medo. Um pedregulho gigantesco despenhou do céu e esmagou-o. O corpo dele foi calcado para dentro da terra mole; os dedinhos dele tremelicaram sob a pedra pesada. A rocha ergueu-se no ar e caiu, novamente: martelo improvisado. Esmagou um camião incendiado e desapareceu a voar pelo céu.

Uma pequena moreninha, febril de alegria. Pensamentos marotos cocegaram-lhe o cérebro virginal. A pele do rosto estava esticada pelo êxtase. Os dentes arreganhados. Um soluço de terror, ou de prazer, escapou-lhe. Imaginou, imaginou...

Um soldado caiu de joelhos. A cabeça caiu-lhe para as costas. Rodeado de camaradas incendiados, ele

olhou, incrédulo, para a onda que se agigantava à frente dele.

A onda precipitou-se e varreu-lhe o corpo pelo terreno enlameado, enchendo-lhe os pulmões de água salgada. A onda cavalgante ribombou pelo descampado e afogou centenas de soldados queimados; atirou-os ao ar em ruidosos repuxos de espuma.

Subitamente, a água parou: desintegrou-se em milhões de partículas e desapareceu.

A adorável ruivinha tinha as mãos fechadas em punhinhos cruéis debaixo do queixo e, entusiasmada, insuflou o peito. Os lábios tremeram-lhe. Ela respirou fundo mais uma vez, fazendo subir e descer a garganta branquinha. A ponta do nariz mexeu-se como o focinho de um coelho: estava radiante de felicidade. Imaginou, imaginou...

Um soldado em fuga chocou com um leão à solta. Sem conseguir ver no escuro da noite apalpou-lhe a juba, aterrorizado, e tentou atingi-lo com a coronha da arma. A cara foi-lhe arrancada apenas com uma patada. O rugido selvagem do leão mostrou-se soberano sobre todos os gritos.

Um elefante de olhos vermelhos pisoteou à bruta tudo o que encontrou e pescou homens com a tromba para os atirar ao ar e esmagá-los com as patas.

Lobos formaram-se da própria escuridão e atiraram-se aos pescoços dos soldados. Gorilas ululantes cabriolaram pela lama e agarraram aqueles que tentavam fingir-se de mortos.

Cintilante à luz dos cauterizados, um enorme rinoceronte carregou a toda a velocidade na direcção de um tanque que estava a resistir ao fogo; o veículo de assalto virou-se e foi atirado para a escuridão da noite para nunca mais ser visto.

Presas – garras – dentes afiados – gritos de angústia – barridos – rugidos. Choveram serpentes.

Silêncio. Um silêncio espesso que se infiltrou em tudo. Não soprava vento, não caía chuva, nem tão pouco se ouviam trovões à distância. A batalha tinha acabado.

A cinzenta névoa matinal desenrolou-se sobre os estorricados, os mutilados, os afogados, os esmagados, os envenenados e os esquartejados.

Camiões imóveis – tanques silenciosos exalaram pequenas fumarolas de óleo queimado das carcaças derrotadas. O território estava coberto por uma grande mortandade. Mais uma batalha numa outra guerra.

Vitória – estavam todos mortos.

As meninas espreguiçaram-se, lânguidas; esticaram os braços e estalaram as omoplatas. Lábios rosados desabrocharam em bocejos lindos. Olharam umas para as outras e desviaram os rostos, sorrindo de embaraço. Algumas coraram. Poucas pareceram sentir-se culpadas.

Então, todas se riram em voz alta. Abriram mais pacotes de gomas e pastilhas, tiram as caixinhas de maquilhagem dos bolsos e falaram entre elas, com intimidade, em sussurros de meninas da escola, em suspiros de meninas da faculdade.

Os risinhos quentes, mais leves que o ar, subiram até ao tecto e aqueceram o quarto.

– Somos tão mazinhas!, – disse uma delas, pondo pó de arroz na ponta do nariz arrebitado.

Depois desceram e tomaram o pequeno-almoço.

O RETORNO DE HASTUR – August Derleth

I

NA VERDADE, COMEÇOU há muito tempo: há quanto tempo, não ousaria dizer, mas no que diz respeito à minha conexão com o caso que arruinou minha carreira e trouxe dúvidas aos médicos quanto à minha sanidade, começou com a morte de Amos Tuttle. Foi numa noite de fins de inverno, com o vento sul soprando a vinda da primavera. Estava eu na antiga Arkham, assombrada pelas lendas, naquele dia; ele soube da minha presença pelo dr. Ephraim Sprague, que o atendia, e fez com que o médico chamasse a Lewiston House e trouxesse-me àquela propriedade lúgubre na Estrada Aylesbury, próxima a Innsmouth Turnpike. Não seria um lugar onde eu gostaria de estar, mas o velho pagava-me o suficiente para que eu tolerasse seu jeito tristonho e sua excentricidade, e Sprague havia deixado claro que ele estava moribundo: suas horas estavam contadas.

E de fato era o caso. O velho mal teve forças para fazer com que Sprague saísse do aposento e então falar comigo, embora sua voz estivesse clara o suficiente, saindo com pouca dificuldade.

– Você conhece minha vontade testamentária, – disse ele. – Cumpra-a ao pé da letra.

Essa havia sido uma questão polêmica entre nós, devido a seu desejo de que, antes que seu herdeiro e único sobrinho sobrevivente, Paul Tuttle, pudesse clamar a propriedade, a casa devesse ser destruída - não derrubada, mas destruída, junto com certos livros designados pelo número de prateleira, em suas instruções finais. Seu leito de morte não era lugar para debater novamente aquela ideia de destruição gratuita; assenti, e aceitei a ordem. Teria sido melhor sorte se eu tivesse obedecido sem questionar!

– Veja só, – continuou, “há um livro lá embaixo, que você deve devolver à biblioteca da Universidade Miskatonic

Falou-me do título. Naquele momento não significava nada para mim; mas a partir daí tornara-se para mim, mais do que eu possa descrever - símbolo de um horror ancilário, de coisas enlouquecedoras além do véu da vida cotidiana e prosaica - a tradução latina do abominável *Necronomicon*, de autoria do árabe louco Abdul Alhazred.

Encontrei o livro com facilidade. Pelas últimas décadas de sua vida, Amos Tuttle havia vivido em reclusão cada vez maior, entre livros coletados em toda parte do globo; textos antigos, roídos pelas traças, com títulos que apavorariam um homem menos rijo - o sinistro *De Vermis Mysteriis*, de Ludwig Prinn, o terrível *Culte de Ghoules* do Comte d'Erlette, o condenável *Unaussprechlichen Kulten* de von Juntz. Não sabia então o quão raros eram esses livros, nem compreendia a raridade sem preço de certas peças fragmentárias: o aterrorizante Livro de Eibon, os Manuscritos Pnakóticos, cheios de passagens horrorosas, e o temível Texto de R'lyeh; pois estes, descobrir ao examinar os balancetes, depois da morte de Amos, haviam sido comprados por somas fabulosas. Mas em parte alguma eu encontraria um número tão alto quanto aquele pago pelo Texto de R'lyeh, que havia chegado a ele de alguma parte do interior sombrio da Ásia; de acordo com os arquivos, ele havia pago não menos que cem mil dólares pelo livro; mas além disso, no registro do manuscrito amarelado, havia uma notação que me confundiu na época,

mas que me dá ânsia pressagiosa em lembrar - depois da menção da soma, Amos Tuttle havia escrito, com sua caligrafia de teia de aranha: além do cumprimento da promessa.

Estes fatos não aconteceram até que Paul Tuttle tomasse posse, mas antes disso, várias ocorrências estranhas aconteceram, coisas que deveriam ter levantado minhas suspeitas quanto às lendas interioranas que falam de poderosas influências sobrenaturais ligadas à casa antiga. A primeira dessas ocorrências foi de pouca consequência, comparada às outras; aconteceu apenas que, ao devolver o Necronomicon à biblioteca da Universidade Miskatonic, em Arkham, encontrei-me levado por uma bibliotecária de lábios franzidos, direto ao escritório do diretor, Dr. Llanfer, que pediu-me diretamente para que eu explicasse a razão pela qual o livro estava em minhas mãos. Sem hesitação em responder, descobri que o raro volume jamais recebera permissão para sair da biblioteca e que, na verdade, Amos Tuttle o havia subtraído em uma de suas raras visitas, após ter falhado em persuadir o Doutor Llanfer a emprestá-lo. E Amos havia sido astuto o suficiente ao preparar de antemão uma imitação maravilhosamente razoável do livro, com a encadernação quase idêntica, e a reprodução do título e de suas páginas iniciais reproduzidas de memória; na ocasião de seu furto do livro do árabe louco, Amos havia substituído a imitação pelo original e saído com uma das duas únicas cópias disponíveis desta obra temida no continente norte-americano e uma das cinco conhecidas no mundo.

A segunda das ocorrências foi um pouco mais alarmante, embora tenha a aparência de sair das histórias mais convencionais de casas assombradas. Tanto Paul Tuttle quanto eu ouvimos na casa, em momentos estranhos da noite, particularmente enquanto o cadáver de seu tio estava ainda lá, o som de passos acolchoados, mas com algo esquisito neles: não era como se os passos fossem dentro da casa, mas passos de alguma criatura de tamanho quase além da concepção do homem, andando uma boa distância nos subterrâneos, de modo que o som na verdade vibrava na casa, a partir das profundezas da terra abaixo desta. E quando faço referência a passos, é apenas por falta de uma melhor palavra para descrever os sons, pois não eram passos limpos mas sons esponjosos, gelatinosos, chapinhantes, feitos com a força de tanto peso, que o conseqüente tremor de terra naquele lugar não era mais que isso. Mas agora o barulho se foi, coincidentemente logo após termos despachado o cadáver de Amos Tuttle, 48 horas antes do planejado. Os sons, classificamos como apenas os assentamentos da terra ao longo da costa distante, não só porque não demos muito importância a eles, mas devido à coisa final que aconteceu antes de Paul Tuttle tomar posse oficial da velha casa na Estrada Aylesbury.

A última coisa foi a mais chocante de todas, e dos três que a presenciaram, apenas eu permaneço vivo hoje, já que o doutor Sprague faz um mês de morto hoje, mas na época fora ele que observou e disse, “Enterre-o logo!” E assim o fizemos, pois as mudanças no corpo de Amos Tuttle eram macabras além da compreensão, especialmente horríveis no que sugeriam, e assim porque o corpo não estava caindo em decadência visível, mas mudando sutilmente para outra coisa, infundindo-se de uma iridescência esquisita, que escurecia até o ponto de parecer quase ébano, e a aparência da carne de suas mãos inchadas e de seu rosto mostrava o crescimento de pequenas escamas. Da mesma forma haviam mudanças no formato de sua cabeça; parecia alongar-se, assumir uma forma curiosa e pisciana, acompanhada de uma leve emanção de cheiro de peixe, saindo do caixão; e o fato dessas mudanças não serem mera imaginação foi chocantemente comprovado quando o corpo foi depois encontrado no lugar para onde seu maligno sucessor havia levado, e lá, finalmente apodrecendo, outros viram comigo as terríveis e sugestivas mudanças que haviam ocorrido, embora devam dar graças que não tenham conhecimento do que aconteceu antes. Mas no período em que Amos Tuttle estava na casa velha, não haviam pistas do que estava para acontecer, e fomos rápidos em fechar o caixão e mais rápidos ainda em levá-lo até o mausoléu dos Tuttle, coberto de hera, no cemitério de Arkham.

Naquela época, Paul Tuttle estava no final da casa dos quarenta anos, mas como muitos homens de sua geração, tinha o rosto e a constituição de um jovem de vinte. De fato, a única pista de sua idade estava nos leves toques de cinza no cabelo de seu bigode e têmperas. Ele era um homem alto e de cabelos escuros, um tanto acima do peso, com olhos azuis e francos, que anos de pesquisa erudita não haviam reduzido à necessidade de óculos. Ele não ignorava os termos da lei, pois rapidamente nos fez saber que se eu, como executor testamentário de seu tio, não estivesse disposto a ignorar a cláusula que ordenava a destruição da casa na Estrada Aylesbury, contestaria em juízo com base na insanidade de Amos Tuttle. Apontei a ele que ele estaria sozinho contra mim e o dr. Sprague, mas ao mesmo tempo não estava cego ao fato de que a irrazoabilidade da ordem poderia muito bem nos trazer uma derrota jurídica; e além disso, eu mesmo considerava a cláusula, nesse sentido, esquisitamente gratuita e sem sentido nesse apelo à destruição, e não estava preparado para lutar no tribunal por uma questão tão menor. Ainda assim, se tivesse previsto o que viria depois, teria atendido ao último pedido de Amos Tuttle, não importando qualquer decisão da corte. Contudo, tal capacidade de previsão não me ocorreu.

Eu e Tuttle fomos ver o juiz Wilton, e expomos o caso a ele. O juiz concordou conosco que a destruição da casa parecia desnecessária, e mais de uma vez fez sutil menção de concordar com a crença de Paul Tuttle na insanidade de seu falecido tio.

– O velho parecia alienado, sempre o conheci assim, – disse secamente. – Quanto a você, Haddon, poderia levantar-se no tribunal e jurar que ele era absolutamente são?

Lembrando, com certo desconforto, o roubo do Necronomicon na Universidade Miskatonic, tive de confessar que não poderia fazê-lo.

De modo que Paul Tuttle tomou posse da propriedade na Estrada Aylesbury, e eu retornei a meu escritório advocatício em Boston, não exatamente descontente com a resolução das coisas, mas ainda assim sentindo um desconforto oculto, difícil de ser definido, uma sensação insidiosa de tragédia iminente, com certeza também alimentada por minha memória do que havia visto no caixão de Amos Tuttle, antes que este fosse selado e trancado no secular mausoléu do cemitério de Arkham.

II

Não muito tempo depois, mais uma vez fui ter com os telhados de duas águas e balaustradas georgianas da cidade de Arkham, amaldiçoada pelas bruxas, e estava então lá a serviço de um cliente que desejava assegurar que sua propriedade na antiga Innsmouth fosse protegida dos agentes governamentais e policiais que haviam tomado posse dessa temida e assombrada aldeia, embora não houvesse passado apenas alguns meses desde a misteriosa dinamitação dos blocos de prédios da orla, e de parte daquele terror - o Recife do Diabo, erguido no mar logo além - mistério que fora cuidadosamente guardado e oculto desde então, embora eu houvesse lido um artigo que se propunha a revelar os verdadeiros fatos do horror de Innsmouth, um manuscrito publicado privadamente, escrito por um autor de Providence. Seria impossível, naquele momento, ir até Innsmouth, porque o Serviço Secreto havia fechado todas as estradas que levavam até lá; contudo, redigi representações para as pessoas apropriadas e recebi uma confirmação de que a propriedade de meu cliente seria totalmente protegida, já que estava longe da orla; de modo que procedi a lidar com outras pequenas questões em Arkham.

Fui almoçar, naquele dia, num pequeno restaurante próximo à Universidade Miskatonic, e enquanto ali, fui abordado por uma voz familiar. Olhei e vi o dr. Llanfer, diretor da biblioteca da universidade. Ele parecia um tanto irritado, e suas feições traíam claramente seu estado. Convidei-o a partilhar de minha mesa, mas ele recusou; contudo, sentou-se, por assim dizer, na ponta da cadeira.

– Você tem visto Paul Tuttle? – perguntou abruptamente.

– Pensei em visitá-lo esta tarde, – repliquei. – Aconteceu algo errado?

Ele ruborizou, com um ar um tanto culpado. – Não posso dizer com certeza, – respondeu firme. – Mas correm alguns rumores medonhos em Arkham. E o Necronomicon sumiu novamente.

– Bom Deus! Certamente não está acusando Paul Tuttle de tê-lo roubado? – Exclamei, numa mescla de surpresa e incômodo. “Não consigo imaginar que uso ele poderia dar a esse livro.

– Ainda assim - está nas mãos dele, – persistiu o dr. Llanfer. “Mas não penso que ele o roubou, e gostaria que não pense que eu disse isso. É da minha opinião que um de nossos atendentes passou o livro para ele, e agora está relutante em confessar a enormidade de seu erro. Mas qualquer que seja a verdade, o livro ainda não reapareceu, e temo que teremos de ir atrás dele.

– Eu poderia perguntar a Paul sobre o livro, – disse.

– Se fizer isso, ficarei grato, – respondeu o dr. Llanfer, com uma certa avidez. – Imagino que não ouviu nada dos rumores que andam por aqui?

Balancei a cabeça negativamente.

– Muito provavelmente, apenas o resultado de alguma mente imaginativa, – continuou, mas seu ar sugeria que ele não estava disposto ou apto a aceitar uma explicação tão prosaica. – Parece que os passantes da Estrada Aylesbury ouvem estranhos ruídos à noite avançada, todos aparentemente emanando da casa Tuttle.

– Que ruídos? – Perguntei, e não sem uma apreensão imediata.

– Aparentemente, ruídos de passadas; ainda assim, sei que ninguém pôde precisar a natureza desses ruídos, salvo um jovem que os caracterizou como esponjosos, e que disse que soaram como se fossem de

algo grande, andando no lodo e água próximos.

Os estranhos ruídos que Paul Tuttle e eu ouvimos na noite seguinte à morte de Amos Tuttle passaram em minha mente, mas nesta menção de passadas, feita pelo dr. Llanfer, a memória de tudo que havia ouvido voltou. Temi ter demonstrado isso de alguma forma, pois o dr. Llanfer percebeu meu súbito interesse; felizmente ele escolheu interpretá-lo como evidência de que eu havia escutado alguma coisa dos tais rumores, mesmo que eu tivesse dito o contrário. Preferi não corrigi-lo nesse sentido, e ao mesmo tempo experimentei um repentino desejo de não ouvir mais nada sobre o assunto; de modo que não pressionei-o em busca de detalhes adicionais, e quando ele levantou para retornar a seus deveres, deixou-me com a promessa de perguntar a Paul Tuttle sobre o livro perdido.

Sua história, por mais rasa que fosse, ainda assim soava uma nota de alarme dentro de mim; não consegui evitar lembrar as várias coisinhas que mantinha na memória - os passos que ouvimos, a estranha cláusula do testamento de Amos Tuttle, a horrenda metamorfose de seu cadáver. Já havia uma leve suspeita em minha mente, de que alguma sinistra cadeia de eventos estava manifestando-se ali; minha curiosidade natural atçou-me, não sem uma certa sensação de desagrado, desejo consciente de evitar o caso, e a recorrência daquela estranha e insidiosa convicção de tragédia iminente. Mas estava determinado a ver Paul Tuttle o mais cedo possível.

Meu trabalho em Arkham consumiu toda a tarde, e somente no crepúsculo consegui estar diante da massiva porta de carvalho da velha casa Tuttle, na Estrada Aylesbury. Minha batida um tanto hesitante foi atendida pelo próprio Paul, que veio espreitar a noite crescente com sua lâmpada em mãos.

– Haddon!, – exclamou, abrindo mais a porta. – Pode entrar!

Estava genuinamente grato em ver-me, disso não podia duvidar, pois a nota de entusiasmo em sua voz excluía quaisquer outras suposições. A afabilidade de suas boas-vindas também serviram-me para confirmar minha intenção de não falar dos rumores que ouvira, e proceder as perguntas sobre o Necronomicon no seu devido tempo. Lembrei que logo antes da morte de seu tio, Tuttle estava trabalhando num tratado filosófico ligado ao desenvolvimento do idioma indígena Sac, e passei a perguntar sobre o artigo, como se não houvesse nada mais importante.

– Já jantou, imagino, – disse Tuttle, levando-me pelo corredor para a biblioteca.

Respondi que já havia comido em Arkham.

Ele colocou a lâmpada sobre uma mesa cheia de livros, empurrando alguns papéis para o lado, ao fazê-lo. Convidando-me a sentar, ele voltou à cadeira que ele havia evidentemente deixado para atender à porta. Percebi nesse momento que ele estava um tanto desgrenhado, e que havia permitido que sua barba crescesse. Também havia engordado um pouco, sem dúvida consequência de seus estudos reforçados, que traziam confinamento à casa e falta de exercícios físicos.

– E quanto ao tratado Sac? – Perguntei.

– Coloquei-o de lado, – respondeu rápido. “Pode ser que o retome mais tarde. Mas agora, estou preso a algo bem mais importante - o quão importante, ainda não posso precisar.

Vi então que os livros nas mesas não era os mesmos tomos eruditos que havia visto em sua mesa de Ipswich, mas com alguma apreensão, notei que eram os mesmos livros condenados pelas explícitas instruções do tio de Tuttle, e uma olhadela na direção dos espaços vazios nas prateleiras proscritas veio a confirmar o fato.

Tuttle voltou-se para mim com avidez e abaixou a voz, como se com medo de ser ouvido.

– Na verdade, Haddon, é algo colossal - um gigantesco feito da imaginação, se não fosse por isso: não tenho mais certeza de que é algo imaginado, de fato, não tenho mais certeza. Fiquei imaginando qual seria a razão por trás da cláusula do testamento de meu tio; não podia compreender a razão pela qual a casa deveria ser destruída, e imaginei que a razão deveria estar nas páginas dos livros que ele tão cuidadosamente condenou. E estava certo. – Ele gesticulou em direção ao incunábulo à sua frente. – De modo que os examinei e posso dizer que descobri coisas de tal incrível estranheza, de tal horror bizarro, que às vezes hesito em aprofundar-me no mistério. Francamente, Haddon, a coisa que descobri é tão alienígena, e devo dizer que envolveu considerável pesquisa da minha parte, além de ler os livros coletados pelo Tio Amos.

– Certo, – disse secamente. – E ousou dizer que você viajou bastante para tal?

Abanou a cabeça negativamente. – De forma alguma, exceto uma viagem à Biblioteca da Universidade Miskatonic. O fato é que descobri poder conseguir o que queria através de carta. Lembra-se dos documentos de meu tio? Bem, descobri entre eles que Tio Amos pagou cem mil por um certo manuscrito encadernado - encadernado em pele humana, aliás - junto a uma linha enigmática: além do cumprimento da promessa. Comecei a perguntar-me que promessa Tio Amos poderia ter feito e a quem; se ao homem ou mulher que o vendera o Texto de R'lyeh, ou outra pessoa. Procedi portanto procurando o nome do homem que a ele vendera o livro, e cheguei a seu endereço: é um certo sacerdote chinês, do Tibete interior, e escrevi para ele. Sua resposta chegou há cerca de uma semana.

Curvou-se e remexeu rapidamente nos papéis da mesa, até que encontrou o que buscava e passou-me.

– Escrevi em nome de meu tio, não confiando totalmente na transação, e mais ainda, escrevi como se tivesse esquecido ou tivesse esperança de evitar a promessa, – ele continuou. – Sua resposta é tão enigmática quanto a notação de meu tio.

De fato assim era, pois o papel amarrotado que me foi passado exibia, numa estranha caligrafia forçada, uma única linha, sem assinatura nem data: Oferecer um refúgio Àquele que Não Deve Ser Nomeado.

Ouso dizer que fitei Tuttle com uma estupefação que era espelhada claramente nos olhos dele, já que sorriu antes de responder.

– Não significa nada para você, certo? Nem significava nada para mim, quando li pela primeira vez. Mas não por muito tempo. Para compreender o que se segue, deve conhecer pelo menos um breve esboço da mitologia - se de fato trata-se de mitologia - na qual o mistério se enraíza. Meu Tio Amos aparentemente sabia dela e nela acreditava, pois as várias notas espalhadas nas margens dos livros proscritos aludem a um conhecimento muito além do meu. Aparentemente, a mitologia advém de uma fonte em comum de nossa Gênese lendária, mas com apenas umas poucas similaridades; às vezes sou tentado a dizer que esta mitologia é mais antiga que qualquer outra – certamente em suas implicações vai muito além das outras, sendo cósmica e imemorial, pois seus seres são de duas naturezas distintas: os Antigos, ou Deuses Anciões, simbolizando o bem cósmico, e aquelas entidades de mal cósmico, exibindo muitos nomes e categorizando-se em diferentes grupos, como se associados com os elementos e ao mesmo tempo transcendendo-os: pois existem os Seres da Água, ocultos nas profundezas; aqueles do Ar, que são os espreitadores primais de além do tempo; aqueles da Terra, horríveis sobreviventes animados de eras distantes. Há muito e muito tempo, os Anciões baniram dos lugares cósmicos os Malignos, aprisionando-os em muitos locais; mas com o tempo esses Malignos geraram lacaios infernais, que começaram a prepará-los para seu retorno à grandeza. Os Anciões não têm nomes, mas seu poder e vontade

aparentemente sempre será maior, o suficiente para deter o poder dos outros.

- Agora, entre os Malignos aparentemente muitas vezes há conflito, bem como entre os seres inferiores. Os Seres da Água opõem-se aos do Ar; os Seres do Fogo opõem-se aos Seres da Terra, porém mesmo assim juntos odeiam e temem os Deuses Anciões e esperam sempre derrotá-los em algum tempo futuro. Entre os papéis de meu Tio Amos, aparecem muitos nomes temíveis, escritos em sua caligrafia difícil: Grande Cthulhu, Lago de Hali, Tsathoggua, Yog-Sothoth, Nyarlathotep, Azathoth, Hastur o Indizível, Yuggoth, Aldones, Thale, Aldebaran, as Híades, Carcosa, e outros nomes; e é possível dividir alguns desses nomes em classes vagamente sugestivas, a partir dessas notas que são a mim inteligíveis - embora muitas apresentem mistérios insolúveis, que não posso esperar penetrar algum dia; e muitas estão também escritas em idioma que não conheço, junto a símbolos e sinais enigmáticos e estranhamente assustadores. Mas através do que aprendi, é possível saber que o Grande Cthulhu é um dos Seres da Água, enquanto Hastur é um dos Seres que espreitam os espaços estelares; e é possível inferir, a partir dessas pistas vagas nesses livros proibidos, onde estão alguns desses seres. De modo que posso crer que, nesta mitologia, o Grande Cthulhu foi banido para um lugar sob os mares da Terra, enquanto Hastur foi lançado ao espaço exterior, aquele lugar onde as estrelas negras encontram-se, indicado como Aldebarã da Híades, que é o lugar mencionado por Chambers, que estava por sua vez repetindo a Carcosa de Bierce.
- À luz dessas coisas, da comunicação do sacerdote tibetano, posso certamente tornar claro um fato: Haddon, certamente, além de qualquer sombra de dúvida, Aquele Que Não Deve Ser Nomeado não pode ser outro senão Hastur, o Indizível!

O súbito cessar de sua voz perturbou-me; havia algo hipnótico em seus ávidos sussurros, e algo que também me enchia de uma convicção muito além do poder das palavras de Paul Tuttle. Em algum lugar lá no fundo, nos recessos de minha mente, uma corda havia sido tangida, uma conexão mnemônica que não conseguia descartar, e que deixou-me com uma sensação de antiguidade ilimitada, uma ponte cósmica para outro lugar e outro tempo.

– Parece lógico, – Disse por fim, com cautela.

– Lógico, Haddon, é decerto lógico; deve ser lógico! – exclamou ele.

– Considerando que seja isso mesmo, – Eu disse, – Que deduz daí?

– Veja só, considerando que seja isso mesmo, – ele prosseguiu com ânsia, – sabemos que meu Tio Amos prometeu oferecer um refúgio em preparo para o retorno de Hastur, vindo de qualquer seja a região do espaço exterior que agora o aprisiona. Onde seja isto, ou que tipo de lugar seja, até então não me preocupei em saber, embora possa talvez cogitar. Este não é tempo de cogitações, e ainda assim parece, a partir de certas outras evidências à mão, que podem haver outras deduções permissíveis a serem feitas. A primeira e mais importante delas é de natureza dupla - *ergo*, algo imprevisto impediu o retorno de Hastur, durante a vida de meu tio, e ainda assim, algum outro ser tornou-se manifesto. – Neste ponto ele fitou-me com franqueza incomum e não pouco nervoso.

– Quanto à evidência desta manifestação, seria de bom alvitre não falar dela agora. É suficiente dizer que acredito ter tal evidência ao alcance. Retornemos então à minha premissa original.

– Entre as poucas anotações marginais feitas por meu tio, existem duas ou três especificamente notáveis no Texto de R'lyeh; de fato, à luz do que é conhecido, ou que pode justificadamente ser inferido, são notas sinistras e agourentas.

Assim falando, abriu o antigo manuscrito e passou para um ponto bem próximo ao começo da narrativa.

– E agora preste atenção, Haddon, – disse ele, e eu levantei e curvei-me sobre ele para observar a caligrafia aracnídea e quase ilegível que eu sabia ser de Amos Tuttle. – Observe a linha de texto que está sublinhada: *Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn*, e o que se segue foi escrito, sem qualquer dúvida, pela mão de meu tio: Seus lacaios preparando sua vinda, e ele não mais está sonhando? (WT: 2/28) e numa data mais recente, a julgar pela mão trêmula que aqui escreveu, uma única abreviação: Inns! Fica óbvio que isto não significa nada, sem uma tradução do texto. Sem isso, quando vi pela primeira vez a nota, voltei minha atenção à notação em parênteses, e em pouco tempo resolvi seu significado como sendo uma referência a uma revista popular, a *Weird Tales*, exemplar de fevereiro de 1928. Aqui a tem.

Ele abriu a revista junto ao texto sem sentido, ocultando parcialmente as linhas que começaram a assumir uma inaudita atmosfera de idade sobrenatural perante meus olhos, e logo abaixo da mão de Paul Tuttle estava a primeira página de uma história que obviamente pertencia a essa inacreditável mitologia diante da qual eu não conseguia reprimir um começo de atordoamento.

O título, apenas parcialmente coberto pela mão dele, era O Chamado de Cthulhu, de H.P. Lovecraft. Mas Tuttle não se deteve na primeira página; foi bem ao cerna da história, antes de pausar e apresentar a meus olhos a linha, idêntica e ilegível, que estava abaixo da escrita difícil de Amos Tuttle, no incrivelmente raro Texto de R'lyeh, sobre o qual repousava a revista. E ali, apenas um parágrafo abaixo, aparecia o que se passava por uma tradução de um idioma totalmente desconhecido do Texto: em sua casa de R'lyeh, o morto Cthulhu espera sonhando.

– E aqui está, – continuou Tuttle com certa satisfação, – Cthulhu também aguarda pelo tempo de seu ressurgimento - quantas eras, ninguém saberá dizer; mas meu tio questionou se Cthulhu ainda continuava sonhando, e seguindo isto, escreveu e sublinhou duas vezes uma abreviação que só pode significar Innsmouth! Isto, junto com as coisas macabras mal descritas nesta história reveladora, que passa por obra de ficção, abre uma visão de um horror jamais sonhado, um horror maléfico e ancilário

– Bom Deus! – Exclamei involuntariamente. – Certamente você não acha que esta fantasia ganhou vida?

Tuttle voltou-se e me ofereceu um olhar estranhamente distante. – O que eu acho, não importa, Haddon, – replicou de maneira grave. – Mas há uma coisa que eu gostaria bastante que você soubesse - o que aconteceu em Innsmouth? O que aconteceu ali, por décadas, que fez as pessoas evitarem o lugarejo? Por qual razão este antes próspero porto caiu no esquecimento, com metade de suas casas vazias, suas propriedades praticamente sem valor? E por qual razão foi necessário que homens do governo explodissem rua após rua de armazéns e residências de sua orla? E por fim, por qual razão, diacho, enviaram um submarino para torpedear os espaços marinhos além do Recife do Diabo, ali perto de Innsmouth?

– Não sei nada sobre isso, – repliquei. Mas ele não prestou atenção; levantou a voz um pouco, incerta e trêmula, dizendo, – Posso dizer a razão, Haddon. É como meu Tio Amos escreveu: o Grande Cthulhu despertou novamente!

Por um momento senti um tremor; e então disse, – Mas é Hastur que ele estava esperando.

– Precisamente, – concordou Tuttle numa voz direta e profissional. – Então gostaria de saber quem, ou o quê, caminha pela terra, nas horas sombrias em que Fomalhaut ascende e as Híades estão no leste!

III

Com isto, mudou abruptamente de assunto; começou a perguntar-me coisas sobre mim e meu escritório, e quando eu levantei, pediu-me para passar a noite ali. Isto finalmente consenti, e com alguma relutância, após o que ele saiu para preparar um aposento para mim. Tomei a oportunidade que se revelou para examinar sua mesa com mais vagar, buscando o Necronomicon que havia sumido da Universidade Miskatonic. Não estava em sua mesa, mas, passando às prateleiras, encontrei-o. Havia justamente tomado do livro para examiná-lo para ter certeza de sua identidade, quando Tuttle reentrou no aposento. Seus olhos rápidos voltaram-se para o livro em minhas mãos, e ele fez um sorriso de canto de boca.

– Gostaria que você devolvesse isso ao dr. Llanfer, quando sair amanhã de manhã, Haddon, – falou casualmente. – Agora que copiei o texto, não tenho mais uso para ele.

– Farei com gosto, – disse, aliviado que a questão havia se resolvido com tamanha facilidade.

Logo após, retirei-me para o aposento no segundo andar, que ele havia preparado para mim.

Paul acompanhou-me até a porta e então fez uma pausa rápida, incerto com alguma coisa na ponta da língua, que não permitia passar pelos lábios; pois virou-se uma ou duas vezes, deu-me boa-noite antes de falar aquilo que pesava em sua mente: – Por sinal - se ouvir alguma coisa de noite, não fique alarmado, Haddon. O que quer que seja, é inofensivo - ainda.

Não foi senão até ele ter saído e eu ter ficado sozinho em meu quarto, que o significado do que ele falou, e a forma como ele o falara, ficaram claros. Veio-me a ideia de que esta era a confirmação dos rumores terríveis que haviam enchido Arkham, e que Tuttle comentara o assunto com uma ponta de medo. Despi-me vagarosa e pensativamente, sem desviar um só instante da preocupação com a estranha mitologia dos livros antigos de Amos Tuttle, que enchiam minha cabeça. Nunca fui de fazer julgamentos precipitados e certamente não os faria naquele momento; apesar do aparente absurdo da estrutura, era ainda assim suficientemente bem formulada, de modo a merecer mais que um escrutínio casual. E ficara claro para mim que Tuttle estava mais que meio convencido de sua verdade. Isto, por si só, me fez pensar, pois Paul Tuttle havia distinguido-se inúmeras vezes pela cabalidade de suas pesquisas, e seus artigos publicados não foram desafiados nem sequer nos menores detalhes. Como resultado de pesar estes fatos, estava preparado para admitir que pelo menos haveria alguma base para a estrutura mitológica que Tuttle me delineara, mas quanto à sua verdade ou falsidade, estava claro que, naquele momento eu estava em posição de comprometer-me, mesmo que guardasse isso apenas para mim; pois uma vez que um homem aceita ou condena algo em sua mente, é duplamente, não, triplamente difícil livrar-se de sua própria conclusão, por mais infeliz que ela subsequentemente prove ser.

Pensando nisso, fui para a cama, e nela deitei esperando o sono. A noite se aprofundou e escureceu, embora eu pudesse enxergar, através da tênue cortina na janela, que as estrelas estavam visíveis, Andrômeda alta no leste, e as constelações do outono começando a tomar o céu.

Estava no limiar do sono, quando fui desperto violentamente por um som que já estava audível há algum tempo, mas que só então chegara ao ponto de assolar-me com toda sua significância: o passo levemente trêmulo de alguma criatura gigantesca, vibrando por toda a casa, embora o som não viesse de dentro da casa, mas do leste, e por um momento confuso pensei em algo levantando-se do mar, e andando pela praia, sobre a areia molhada.

Mas esta ilusão passou quando ergui-me pelos cotovelos e ouvi com mais atenção. Por um momento, não ouvi som algum; e então veio novamente, irregular, quebrado - um passo, uma pausa, dois passos em rápida sucessão, um estranho ruído de sucção. Perturbado, levantei de vez e fui à janela aberta. A noite estava quente, e o ar parado, quase opressivo; bem longe, ao nordeste, um raio cortava um arco sobre o céu, e do norte distante vinha o zumbido leve de um avião noturno. Já passava da meia-noite; baixas no leste, brilhavam a vermelha Aldebarã e as Plêiades, mas naquele momento, ao contrário de depois, não conectei os distúrbios que ouvi com a aparição da Híades sobre o horizonte.

Enquanto isso os estranhos sons continuavam sem cessar, e ocorreu-me que, naquele momento, estavam de fato se aproximando da casa, embora com progresso lento. E vinham da direção do mar, sem dúvida, pois naquele local não haviam configurações de terra que pudessem desviar o foco direcional dos sons. Comecei a pensar novamente naqueles sons parecidos, que ouvi quando o corpo de Amos Tuttle estava na casa, embora não lembrasse então que, muito embora as Híades fossem visíveis agora no leste, naquela época pousavam no oeste. Se havia qualquer diferença na maneira de aproximação, não conseguia discernir, a não ser o fato de que os distúrbios pareciam de certa forma mais próximos, mas era menos uma proximidade física que uma proximidade psíquica. Esta convicção era tão forte, que comecei a sentir um crescente desconforto, sem dúvida misturado ao medo; comecei a experimentar uma inquietude selvagem, um desejo por companhia; e corri rapidamente para a porta de meu quarto, abri-a e passei logo para o corredor, buscando meu anfitrião.

Mas agora, uma nova descoberta se revelava. Enquanto estava no meu quarto, os sons que ouvira pareciam inquestionavelmente vir do leste, não obstante os leves e quase intangíveis tremores parecerem sacudir por toda a casa velha; mas ali, na escuridão do corredor, onde havia parado sem qualquer tipo de luz, fiquei ciente de que os sons e tremores emanavam de alguma parte abaixo - não de qualquer lugar na casa, mas abaixo dela - ascendendo como que de lugares subterrâneos. Minha tensão nervosa aumentou, e fiquei ali incerto, tentando perceber o que acontecia no escuro, quando percebi, na direção da escada, uma tênue radiância, vinda de baixo. Fui em sua direção, sem fazer ruídos, e ao olhar por sobre o corrimão, vi que a luz vinha de um lampião elétrico na mão de Paul Tuttle. Ele estava em pé, no corredor inferior, vestido de roupão, embora ficasse claro, mesmo de onde eu estava, que ele não havia removido suas roupas anteriores. A luz que caía sobre seu rosto revelava a intensidade de sua atenção; sua cabeça se voltava um pouco para o lado, em atitude de audição, e ele ficou ali imóvel, enquanto eu o observava de cima.

– Paul! – Chamei num sussurro rouco.

Ele olhou para cima e instantaneamente viu meu rosto, sem dúvida pego pela luz de seu lampião. – Consegue ouvir? – ele perguntou.

– Sim - o que, em nome de Deus, é isso?

– Já ouvi isso antes,” respondeu. – Desça.

Fui até o corredor inferior, onde pro um momento fiquei sob seu olhar penetrante e questionador.

– Não está com medo, Haddon?

Balancei minha cabeça negativamente.

– Então venha comigo.

Virou-se e foi pelo caminho que levava aos fundos da casa, onde desceu até os porões.

Durante esse tempo, os sons aumentaram de volume; era como se estivessem chegando perto da casa, de fato, quase como se estivessem diretamente abaixo, e agora havia um tremor óbvio e definitivo no prédio, não apenas nas paredes e suportes, mas no tremelique e calafrio da própria terra ao redor; era como se algum distúrbio das profundezas subterrâneas houvesse escolhido aquele ponto na superfície da terra para manifestar-se. Mas Tuttle não parecia abalado com aquilo, pois sem dúvida havia passado pelo fenômeno anteriormente. Passou direto pelo primeiro e segundo porões, chegando a um terceiro, colocado um tanto abaixo dos outros, e aparentemente uma construção recente, mas como os outros dois, construído a partir de blocos de calcário em cimento.

No centro deste subporão, fez uma pausa e ficou quieto, escutando. Os sons, naquele momento, haviam chegado a uma tal intensidade que parecia que a casa fora pega num vórtice de atividade vulcânica, mas sem sofrer de fato a destruição dos suportes; pois o tremor e os movimentos, o estalido e arrastar das vigas sobre nós deu-nos evidência da tremenda pressão exercida dentro da terra abaixo de nós, e mesmo o chão de pedra do porão parecia vivo sob meus pés descalços. Mas neste momento os sons pareceram voltar a um pano de fundo, embora na verdade não tenham de fato diminuído, e apenas ilusoriamente pareceram assim devido à nossa crescente familiaridade com eles, e porque nossos ouvidos estavam prestando uma atenção a outros sons, ressoando em claves maiores, estes também ascendendo do subterrâneo, como se vindos de grande distância, mas carregando consigo um caráter infernal insidioso nas implicações que cresciam ao nosso redor.

Pois os sons de assobio que ouvíamos não eram claros o suficiente para justificar qualquer inferência de suas origens, e foi somente ao passar algum tempo escutando que ocorreu-me que os sons que passavam por um bizarro assobio ou lamúria derivavam de algo vivo, algum ser consciente, pois podiam ser compreendidos como murmúrios chocantes e grosseiros, indistintos e ininteligíveis, mesmo quando eram claramente audíveis. Nesta vez, Tuttle pôs o lampião no chão e ajoelhou-se, pondo o ouvido próximo da pedra.

Imitando seus movimentos, descobri que os sons vindos de abaixo eram reconhecíveis como sílabas, embora não menos sem sentido. Pois primeiramente não ouvi nada que não ululações incoerentes e aparentemente desconexas, então interpoladas com sons de cantoria, que seriam mais tarde identificadas por mim como o seguinte:

– *Ia! Ia!... Shub-Niggurath... Ugh! Cthulhu fhtagn! Ia! Ia! Cthulhu!*

Mas logo percebi que havia errado quanto a pelo menos um desses sons. A palavra Cthulhu era bastante audível, apesar da fúria dos sons que nos cercavam; mas a palavra que a seguia era um tanto mais longa que fhtagn; era como se uma sílaba extra fosse adicionada, e ainda assim não podia ter certeza de que não fora cantada sempre assim, pois acabou soando mais clara, e Tuttle tirou de seu bolso um caderno e um lápis e escreveu:

– Estão dizendo: *Cthulhu naflfhtagn.*

A julgar pela expressão de seus olhos, levemente dilatados, isto evidentemente lhe revelava algo, mas para mim, não queria dizer nada, além de minha habilidade de reconhecer uma porção como idêntica às palavras que apareciam no abominado Texto de R'lyeh, e subsequentemente mais uma vez na história da revista, onde sua tradução parecia indicar que as palavras significavam: Cthulhu espera sonhando. Minha óbvia e vazia ignorância de seu significado aparentemente lembrou meu anfitrião de que sua erudição

filológica era muito maior que a minha, pois sorriu de modo macabro e sussurrou, “Não passa de uma construção negativa.”

Mesmo neste ponto não compreendi que ele tentava explicar que as vozes subterrâneas não estavam dizendo o que eu pensava, mas isto: Cthulhu não está mais dormindo! Agora não havia mais como questionar a crença, pois as coisas que estavam ocorrendo não eram de origem humana, e não admitiam outra solução do que alguma que não fosse, mesmo que remotamente, relacionada à incrível mitologia que Tuttle havia há pouco me exposto. E agora, como se esta evidência de sentimento e audição não fosse suficiente, manifestou-se um estranho e fétido odor, misturado a um cheiro nauseabundo e forte de peixe, aparentemente escapando pela porosa pedra calcária.

Tuttle percebeu isto quase simultaneamente a mim, e fiquei alarmado ao observar em suas feições traços de apreensão que antes não havia notado. Por um momento ele ficou quieto; depois levantou-se furtivamente, tomou do lampião e saiu do porão, levando-me a segui-lo.

Só então, quando estávamos mais uma vez no andar de cima, ele aventurou-se a falar.

– Estão mais próximos do que eu pensava, – disse ele, pensativo.

– Seria Hastur? – Perguntei nervosamente.

Mas ele balançou a cabeça. – Não pode ser, porque a passagem abaixo leva apenas ao mar, e sem dúvida está parcialmente alagada. Portanto pode ser apenas um dos Seres da Água – aqueles que refugiaram-se por aqui quando os torpedos destruíram o Recife do Diabo, além da temida Innsmouth - Cthulhu, ou aqueles que o servem, como os Mi-Go o servem nos espaços gélidos, e o povo Tcho-Tcho o servem nos ocultos platôs da Ásia.

Já que era impossível dormir, sentamos por um tempo na biblioteca, enquanto Tuttle falava quase cantando sobre as estranhas coisas que havia descoberto nos velhos livros que haviam sido de seu tio: esperamos sentados pela aurora enquanto ele falava do temido Platô de Leng, do Bode Negro das Florestas e suas Mil Crias, de Azathoth e Nyarlathotep, Poderoso Mensageiro que andava pelos espaços estelares exibindo o semblante de homem; do horrível e diabólico Símbolo Amarelo, das torres fabulosas e assombradas da misteriosa Carcosa; dos terríveis Lloigor e do odiado Zhar; de Ithaqua, a Coisa da Neve, de Chaugnar Faugn e N'gha-Kthun, da desconhecida Kadath e dos Fungos de Yuggoth - de modo que ele falou por horas, enquanto os sons abaixo continuavam e eu sentado ouvia, imerso num medo beirando o terror. E mesmo assim esse medo era desnecessário, pois na aurora, as estrelas empalideceram e o tumulto abaixo morreu de súbito, afastando-se para o leste e para as profundezas do oceano, fazendo com que eu fosse para meu quarto com ansiedade, para vestir-me em preparo de minha saída.

IV

Em pouco mais de um mês, mais uma vez estava eu na propriedade Tuttle, vindo de Arkham, respondendo a um chamado urgente de Paul, em cujo cartão ele havia rabiscado, com o punho trêmulo, uma única palavra: Venha! Mesmo que não houvesse escrito isto, eu já estava considerando ser meu dever retornar à velha casa da Estrada Aylesbury, apesar de meu desagrado pela pesquisa de Tuttle, que abalava minha alma, e do meu agora ativo medo, que não podia mais evitar. Ainda assim, vinha procrastinando, desde que tomara a decisão de tentar dissuadir Tuttle a afastar-se das pesquisas, até a manhã do dia em que seu cartão chegou. Naquela manhã eu vira no jornal Transcript uma reportagem confusa de Arkham: não haveria notado nada, se não fosse pela pequena manchete, que me capturou o olhar: Ultraje no Cemitério de Arkham, e logo abaixo: Cripta dos Tuttle Violada. A reportagem era breve, e revelava muito pouco além da informação já transmitida pelas manchetes:

Descobriu-se cedo nesta manhã que vândalos invadiram e destruíram parcialmente a cripta dos Tuttle, no cemitério de Arkham. Uma das paredes foi esmagada de maneira quase irreparável, e os caixões foram perturbados. Foi reportado que o caixão do falecido Amos Tuttle está desaparecido, mas havia confirmação do fato quando da impressão deste número.

De imediato, ao ler o vago boletim, foi assaltado pela mais forte das apreensões, vinda não se sabe de que lugar; ainda assim eu sentia que o ultraje perpetrado contra a cripta não era um crime comum, e não conseguia deixar de conectá-lo, em minha cabeça, com as ocorrências na velha casa dos Tuttle. Resolvi portanto ir até Arkham e assim ver Paul Tuttle, antes da chegada de seu cartão; sua breve mensagem alarmou-me mais ainda, se é que isso é possível, e ao mesmo tempo convenceu-me do que temia - que alguma revoltante conexão existia entre o ultraje no cemitério e as coisas que andavam na terra sob a casa da Estrada Aylesbury. Mas, ao mesmo tempo, sentia uma profunda relutância em deixar Boston, obcecado por um medo intangível do perigo invisível que viria de uma fonte desconhecida. Ainda assim, o dever compelia minhas viagens, e por mais forte que fosse a sensação eu deveria pô-la de lado e ir até Arkham.

Cheguei na cidade no começo da tarde e fui logo ao cemitério, na capacidade de procurador, avaliar a extensão dos danos. Uma guarda policial fora estabelecida, mas recebi permissão de examinar o local, tão logo minha identidade fora averiguada. O registro do jornal, logo descobri, havia sido chocantemente inadequado, pois a ruína da cripta Tuttle fora virtualmente completa, seus caixões expostos ao calor do sol, alguns deles quebrados, revelando ossos há muito mortos. Embora fosse verdade que o caixão de Amos Tuttle havia desaparecido na noite, fora encontrado, ao meio-dia, num campo aberto a cerca de três quilômetros a leste de Arkham, longe demais da estrada para ter sido carregado até ali; e o mistério de estar ali tornou-se então, mais profundo do quando encontraram o caixão; pois uma investigação descobriu certos sulcos profundos na terra, postos a amplos intervalos, alguns deles de mais de um metro de diâmetro! Era como se alguma monstruosa criatura houvesse andado ali, embora eu confesse que este pensamento ocorreu apenas em minha cabeça; as impressões na terra permaneceram um mistério sobre o qual nenhuma luz foi lançada, mesmo pelas suspeitas mais imaginativa quanto à sua fonte. Isto pode ter sido em parte devido ao fato mais aterrador que ficou claro tão logo após a descoberta do caixão: o corpo de Amos Tuttle havia sumido, e uma busca nas cercanias falhou em encontrá-lo. Descobri isso tudo do custódio do cemitério, antes de pôr-me a caminho da Estrada Aylesbury, recusando-me a pensar mais

sobre essas incríveis informações, até que houvesse falado com Paul Tuttle.

Desta vez, minha chamada na porta não foi atendida de imediato, e comecei a imaginar, com alguma apreensão, se algo havia acontecido com ele, quando detectei um leve som de arrastar por trás da porta, e quase que imediatamente depois ouvi a voz abafada de Tuttle.

– Quem é?

– Haddon, – respondi, e ouvi o que parecia ser um engasgo de alívio.

A porta se abriu, e até que ela se fechasse novamente não consegui perceber a escuridão noturna do corredor, vendo depois que a janela no outro extremo estava fortemente fechada, e que nenhuma luz caía sobre o longo corredor, vinda de algum dos aposentos para os quais o corredor dava. Proibi-me de perguntar a questão que estava na ponta da língua e ao invés disso voltei-me para Tuttle. Levou algum tempo para que meus olhos dominassem a escuridão antinatural o suficiente para percebê-lo, e somente então fui abalado por uma sensação distinta de choque: pois Tuttle havia mudado de um homem alto e ereto, na flor de seus anos, para um homem curvado e pesado, de aparência descuidada e levemente repulsiva, traindo uma idade que na verdade ultrapassava a sua. E suas primeiras palavras encheram-me de um grande alarme.

– Rápido, rápido, Haddon, – disse ele. – Não há muito tempo.

– O que foi? Alguma coisa errada, Paul? – Perguntei.

Sem responder, levou-me até a biblioteca, onde um lampião elétrico queimava tênue. – Fiz um pacote de alguns dos livros mais valiosos de meu tio - o Texto de R'lyeh, o Livro de Eibon, os Manuscritos Pnakóticos - e mais alguns outros. Estes devem ser entregues à biblioteca da Universidade Miskatonic, por suas mãos, hoje, a todo custo. Devem portanto ser considerados propriedade da biblioteca. E aqui está um envelope contendo certas instruções para você, em caso de eu não conseguir entrar em contato, seja pessoalmente ou por telefone - que já instalei aqui desde sua última visita - às dez da noite de hoje. Você vai ficar, eu presumo, na Lewiston House. Agora preste bastante atenção: se eu não ligar para você antes das dez da noite de hoje, deve seguir as instruções contidas aqui, sem hesitação. Aconselho que aja imediatamente e, caso as ache muito incomuns e isso o impeça de agir com presteza, já telefonei ao Juiz Wilton e expliquei que deixei algumas instruções estranhas, porém cruciais, com você, e que as quero cumpridas ao pé da letra.”

– O que foi que aconteceu, Paul? – Perguntei.

Por um momento parecia que elealaria livremente, mas apenas balançou a cabeça e disse, – Por enquanto, não sei de tudo. Mas isto posso adiantar: nós dois, eu e meu tio, cometemos um terrível engano. E temo que seja tarde demais para corrigi-lo. Você soube do desaparecimento do corpo de Tio Amos?

Assenti, confirmando.

– Pois ele já apareceu.

Fiquei impressionado, pois acabara de vir de Arkham, e nenhuma informação do tipo me havia sido passada. – Impossível! – Exclamei. – Ainda estão procurando por ele.

– Ah, não importa, – ele disse de maneira esquisita. – Não está por lá. Está aqui - aos pés do jardim, onde foi abandonado, uma vez que o julgaram inútil.

Neste ponto, de súbito sacudiu a cabeça para cima, e ouvimos arrastares e roncoss, vindos de alguma

parte da casa. Mas rapidamente pararam, e Paul voltou-se para mim.

– “O refúgio, – murmurou, dando então uma risada doentia. – O túnel foi construído pelo Tio Amos, tenho certeza. Mas não era o refúgio que Hastur desejasse - embora sirva aos lacaios de seu meio-irmão, o Grande Cthulhu.

Era quase impossível perceber que o sol brilhava lá fora, pois a escuridão no aposento e a atmosfera de terror iminente posta sobre mim combinaram-se para dar à cena uma irrealidade bastante distante do mundo de onde eu acabara de vir, apesar do horror daquela cripta violada.

Percebi também em Tuttle um ar de expectativa quase febril, unido a uma pressa nervosa; seus olhos brilhavam de maneira esquisita e pareciam mais proeminentes que antes, seus lábios pareciam ter ficado ásperos e grosseiros, e sua barba estava emaranhada a um ponto que eu não julgaria antes possível. Ele ouviu por apenas um momento antes de voltar-se novamente para mim.

– Eu preciso ficar aqui; não terminei de minar o lugar, e isto deve ser feito, – voltou a falar de modo errático, continuando antes que a pergunta que me incomodava pudesse ser pronunciada.

– Descobri que a casa jaz sobre algum alicerce artificial natural, e creio que estas cavernas em parte estão inundadas - e talvez sejam habitadas, – adicionou como um posfácio sinistro. – Mas isto, claro, agora é de pouca importância. Não tenho medo imediato do que se encontra abaixo, mas daquilo que está por vir.”

Mais uma vez ele pausou para ouvir, e mais uma vez sons vagos e distantes chegaram a meus ouvidos. Ouvi com atenção, percebendo apalpadelas ominosas, como se alguma criatura estivesse testando uma porta, e tentei descobrir ou adivinhar de onde vinha o som. Pensei a princípio que o som emanava de algum lugar da casa, e quase que instintivamente me veio a ideia do sótão; pois parecia vir de cima, mas num momento fiquei certo de que o som não derivava de lugar algum dentro da casa, nem de qualquer porção da casa do lado de fora, mas crescia de um lugar além, de um ponto no espaço além das paredes da casa - um ruído de apalpadelas e puxões que não conseguia se associar, em minha consciência, a qualquer som material reconhecível, mas a uma invasão extraterrena. Observei Tuttle, e vi que sua atenção também estava voltada para o exterior, pois sua cabeça estava de certa forma levantada e seus olhos buscavam além das paredes circundantes, exibindo uma expressão curiosamente extasiada, embora não despida de medo, e não despida de um estranho ar de espera fatalista.

– É o símbolo de Hastur, – disse numa voz sussurrante. – Quando ascenderem as Híades e Aldebarã espreitar o céu noturno, Ele virá. O Outro também estará aqui, com Seu povo aquático, das raças escamosas primevas.

E então começou subitamente a rir, sem fazer sons, apenas balançando, e num olhar arisco e meio insano, adicionou, – E Cthulhu e Hastur lutarão aqui pelo refúgio, enquanto o Grande Órion passa pelo horizonte, lá onde está Betelgeuse dos Deuses Anciões, somente eles podem impedir os planos malignos dessas crias do inferno!

Meu espanto diante de suas palavras sem dúvida ficou patente em meu rosto, e por sua vez fê-lo compreender o tamanho da hesitação chocada e da dúvida que eu sentia, pois alterou sua expressão de maneira abrupta, suavizando os olhos, torcendo e destorcendo as mãos, e tornando a voz um tanto mais natural.

– Mas talvez isto o canse, Haddon, – disse. – Não falarei mais, pois o tempo é curto, o crepúsculo se

aproxima, e pouco depois a noite. Imploro que não discuta quanto a seguir as instruções que delineei para você nesta breve nota. Minhas ordens devem ser seguidas cegamente. Se for como eu temo, pode ser que nem mesmo elas sirvam para alguma coisa; e se for o caso eu o contatarei a tempo.

Com isto pegou o pacote de livros, colocou-o em minhas mãos, e levou-me até a porta, para onde segui sem protestos, pois estava atônito e certamente desarmado pela estranheza das ações de Paul, pela atmosfera sinistra de horror crescente que se acumulava naquela antiga e ameaçadora casa.

Na soleira da porta, fez uma breve pausa e segurou com leveza meu braço. – Adeus, Haddon, – disse com intensidade amigável.

Vi-me então na varanda, sob os raios do sol que baixava, tão luminoso que cheguei a fechar os olhos, até que pudesse mais uma vez acostumar-me ao seu brilho, enquanto o riso alegre de um pássaro azul, sozinho na cerca da estrada, soava prazerosamente em meus ouvidos, como se para me ajudar a deixar para trás aquela atmosfera de medo sombrio e horror sobrenatural.

V

Chego agora àquela porção de minha narrativa que temo iniciar, não apenas devido à credibilidade do que devo escrever, como porque, na melhor das hipóteses, será um registro vago e incerto, repleto de inferências e evidências notáveis, embora desconexas, de um mal ancilário e pleno de horror, vindo de além do tempo, de coisas primais vagando logo após os limites da vida comum que conhecemos, de sobrevivências animadas terríveis nos lugares ocultos da Terra. O quanto disto Tuttle aprendeu daqueles textos infernais que confiou-me para que eu os enviasse às prateleiras proibidas da Biblioteca da Universidade Miskatonic, não sei. Certo é que ele deduziu muitas coisas que não sabia até que fosse muito tarde; de outras teve pistas, embora haja dúvida que ele tenha compreendido totalmente a magnitude da tarefa a qual tão descuidadamente se propusera, quando buscou descobrir a razão por trás da ordem de deliberada destruição dos livros e da casa de Amos Tuttle.

Logo após meu retorno às antigas ruas de Arkham, os eventos sucederam com indesejada rapidez. Depositei o pacote de livros na biblioteca com o dr. Llanfer, e imediatamente parti para a casa do Juiz Wilton, onde fui feliz em encontrá-lo. Ele estava para começar a jantar, e convidou-me para juntar-me a ele, o que aceitei, embora não tivesse apetite algum; de fato toda comida parecia-me repugnante. Naquele momento todos os medos e dúvidas intangíveis que havia guardado conflitavam dentro de mim, e Wilton percebeu logo que eu estava sob grave e incomum estresse nervoso.

– Coisa curiosa o incidente da cripta Tuttle, não é mesmo? – comentou com destreza, adivinhando a razão de minha presença em Arkham.

– Sim, mas não mais curiosa que as circunstâncias da reposição do corpo de Amos Tuttle aos pés de seu jardim, – respondi.

– De fato, – disse ele sem sinais visíveis de interesse, sua calma servindo para restaurar algum senso de tranquilidade em mim. “Ouso dizer que você veio de lá e sabe exatamente do que está falando.

Neste ponto, relatei o mais brevemente possível a história que havia vindo contar, omitindo apenas uns detalhes mais improváveis, mas não tendo sucesso total em afastar suas dúvidas, embora ele fosse educado demais para permitir que essas dúvidas fossem forçadas sobre mim. Ele sentou um pouco, num silêncio pensativo, depois que terminei, fitando uma ou duas vezes o relógio, que mostrava que a hora já havia passado das sete. Interrompeu então seu devaneio para sugerir que eu telefonasse à Lewiston House e arranjasse para que qualquer chamada para mim fosse transferida para a casa do juiz Wilton. Fiz isto de imediato, um tanto aliviado com o fato dele ter consentido em levar o problema a sério o suficiente para dedicar sua noite a ele.

– Quanto à mitologia, – disse ele, logo após eu retornar à sala, – pode ser descartada como uma criação de uma mente louca, a do árabe Abdul Alhazred. Eu havia aconselhado sobre isso, mas à luz das coisas que aconteceram em Innsmouth, talvez fosse melhor que não apostar em nada. Contudo, eu não estava presente na sessão. A preocupação imediata é o próprio Paul Tuttle; proponho que examinemos suas instruções de antemão.

Mostrei o envelope e o abri. Continha apenas uma folha de papel, com as seguintes linhas enigmáticas e agourentas:

– Minei a casa e o terreno. Vá imediatamente, sem demora, ao portão do pasto, a oeste da casa, onde, no arbusto do lado direito da pista próxima a Arkham, escondi o detonador. Meu Tio Amos estava certo - isto deveria ter sido feito desde o começo. Se você me falhar, Haddon, então, diante de Deus, terá solto na terra um tal flagelo como o homem jamais conheceu e jamais verá novamente - se de fato o homem sobreviver a ele!

Uma amostra daquela verdade cataclísmica deve ter, naquele momento, começado a penetrar minha mente, pois quando o juiz Wilton acabou de ler o trecho, fitou-me embaraçado e perguntou, – O que irá fazer?

Respondi sem hesitar: – Vou seguir estas instruções ao pé da letra!

Ele observou-me por um momento, sem comentar; e então aceitou o inevitável e afastou-se.

– Devemos então esperar as dez da noite, juntos, – disse gravemente.

O ato final do incrível horror que teve seu ponto focal da casa Tuttle ocorreu pouco antes das dez, caindo sobre nós, em seu início, de maneira tão desconcertantemente prosaica, que o horror total, quando veio, foi sem dúvida chocante e profundo. Pois às cinco para as dez, o telefone tocou.

O juiz Wilton pegou do aparelho e mesmo de onde eu estava sentado consegui ouvir a voz em agonia de Paul Tuttle, chamando meu nome.

Tomei o telefone da mão do juiz Wilton.

– É Haddon, – disse numa calma que não sentia. – Que foi, Paul?

– Faça-o! – gritou. – Oh, Deus, Haddon - faça-o agora - antes... tarde demais. Oh, Deus - o refúgio! O refúgio!... Você conhece o lugar... portão do pasto. Oh, Deus, seja rápido!...” E então aconteceu aquilo que jamais esquecerei; a súbita e terrível transformação de sua voz, de modo que foi como se ela entrasse em colapso e degenerasse em balbucios abismais; pois os sons que vieram pelo fio eram bestiais e grosseiros, sons brutais e salivantes, dentre os quais alguns se repetiam e se repetiam, e eu ouvia num horror cada vez maior aquele matraquear triunfante, antes que ele se fosse:

– Ia! Ia! Hastur! Ugh! Ugh! Ia Hastur cf'ayak 'vulgtmm, vugtlagln vulgtmm! Ai! Shub-Niggurath!... Hastur - Hastur cf'tagn! Ia! Ia! Hastur!...

E então, abruptamente, todo som se calou, e voltei-me para presenciar as feições aterrorizadas do juiz Wilton. E ainda assim não o havia visto, nem havia visto qualquer coisa que, em minha compreensão, devesse ser feita; pois abruptamente, com efeito cataclísmico, compreendi o que Tuttle havia falhado em descobrir, até que fosse tarde demais. E num ímpeto, desliguei o telefone; saí correndo da casa para a rua, sem chapéu nem casaco, com o som do juiz Wilton chamando a polícia pelo telefone, ainda ecoando na noite atrás de mim. Corri numa velocidade antinatural das ruas sombrias e assombradas da cidade de Arkham, amaldiçoada pelas bruxas, para noite de outubro da Estrada Aylesbury, direto pela pista e pelo portão do pasto, onde por um breve instante, ouvi as sirenes soarem por trás de mim, e vi a casa Tuttle através do jardim, delineada num infernal brilho púrpura, bela, mas ainda assim, alienígena e tangivelmente maligna.

Empurrei então o detonador, e com um tremendo rugido, a velha casa explodiu em pedaços, e as chamas

saltaram de onde a casa um dia havia estado. Por uns poucos momentos atônitos fiquei ali, subitamente ciente da chegada da polícia pela estrada ao sul da casa, antes de começar a mover-me na direção deles, e ver assim que a explosão havia conseguido o que Paul Tuttle havia imaginado: o colapso das cavernas subterrâneas sob a casa; pois a própria terra estava se assentando, deslocando-se para baixo, e as chamas que subiam chiavam e ferviam na água que irrompia ali embaixo.

Foi então que aconteceu outra coisa - o último horror alienígena, que misericordiosamente bloqueou o que eu vi nas ruínas que se juntavam sobre as águas em inundação - a grande massa protoplásmica saída do centro do lago formado onde estava antes a casa Tuttle, e a coisa que veio gritando contra nós pelo jardim, antes que encarasse a outra e começasse uma batalha titânica pelo domínio, interrompida apenas pela brilhante explosão de luz que pareceu emanar do céu a leste, como um feixe de relâmpago incrivelmente poderoso; uma tremenda descarga de energia em forma de luz, de modo que por um horrendo momento tudo se revelou - antes que apêndices relampejantes caíssem como se do coração do próprio pilar de luz, um abarcando a massa nas águas, e jogando-a para longe no mar, o outro agarrando aquela segunda coisa no jardim e lançando-a ao céu, numa mancha negra que diminuía, onde desapareceu entre as estrelas eternas! E então veio aquele silêncio cósmico e absoluto, e onde um momento antes, este milagre de luz acontecera, estava apenas a escuridão e a linha de árvores contra o céu, e baixo no leste, o olho brilhante de Betelgeuse, em Órion ascendia na noite de outono.

Por um instante, não sabia o que era pior - o caos do momento anterior, ou o silêncio completo e sombrio do momento presente; mas os pequenos gritos dos homens horrorizados fizeram-me recuperar a vontade, e notei então que, pelo menos eles não compreenderam o horror secreto, a coisa final que cauteriza e enlouquece, a coisa que ascende nas horas negras para espreitar as profundezas sem fundo da mente. Eles podem ter ouvido, como eu ouvi, aquele som agudo e distante de assobio, aquela ululação enlouquecedora vinda do golfo imensurável e profundo do espaço cósmico, a lamúria que desceu com o vento, e as sílabas que flutuaram pelas correntes de ar: Tekeli-li, tekeli-li, tekeli-li... E certamente viram a coisa que veio gritando conosco, vinda das ruínas que afundavam lá embaixo, a caricatura distorcida de um ser humano, com seus olhos caídos na invisibilidade, em massas grosseiras de carne escamosa, a coisa que balançava seus braços sem ossos contra nós, como os apêndices de um polvo, a coisa que berrava e matraqueava com a voz de Paul Tuttle!

Mas eles não podiam saber o segredo que só eu sabia, o segredo que Amos Tuttle deve ter imaginado nas sombras de suas últimas horas, a coisa que Paul Tuttle demorou demais para descobrir: que o refúgio buscado por Hastur, o Inominável, o refúgio prometido Àquele Que Não Deve Ser Nomeado, não era o túnel, nem era a casa, mas o corpo e a alma de Amos Tuttle em pessoa, e caso estes não estivessem dispostos, a carne viva e a alma imortal daquele que vivesse naquela casa amaldiçoada na Estrada Aylesbury!

O GÊNIO QUE VIVE ENTRE A NOITE E O DIA – Bruce Holland Rogers

O génio Al-faq vivia na fresta entre a noite e o dia. Raramente se aventurava nos mundos dos seus semelhantes, e muito menos no mundo dos mortais. Só Deus e o próprio Al-faq sabiam se este era ou não um génio de confiança, pelo que tanto os espíritos obedientes como os desobedientes o consideravam um dos seus. Génios de ambos os géneros visitavam Al-faq para lhe contar as suas histórias.

Tayab, o génio das cinzas, dirigiu-se uma vez à fresta entre a noite e o dia. Rindo, chamou:

– Primo! A história que eu tenho para te contar!

– Que fizeste agora, Tayab?

O génio das cinzas apenas se riu mais, pelo que Al-faq disse:

– Ora, entra, primo, e serve-te de chá. Vais ter de me contar essa história do princípio.

Fervido o chá, Tayab disse:

– Conheces a gente do deserto vermelho? A que vive junto ao rio?

Al-faq não respondeu, mas fez sinal com a cabeça para que Tayab prosseguisse.

– Apareceu-lhes a peste – disse o génio das cinzas. – Todas as casas tiveram os seus mortos. Nunca ouviste prantos iguais! Foi o que me chamou a atenção, primo. A angústia dos vivos. Toda aquela lamúria trazida no vento... eu sei reconhecer uma oportunidade quando a ouço!

Disse Al-faq:

– Continua.

– De certa casa, ouvi gritos mais terríveis do que das restantes.

Aí, uma mulher rasgava as roupas e arrancava o cabelo. O marido tentava-lhe segurar as mãos. Também ele chorava, mas não da mesma maneira. Tinha a cara lavada em lágrimas, mas permanecia em silêncio. Os braços de ambos estavam ensanguentados de ela os arranhar. E o carpir! Oh, raras vezes ouvi sofrimento como o dela. Era uma delícia – disse Tayab – porque estava certo de me poder aproveitar disso.

– Mas que grande diabrura – disse Al-faq. Sorveu o chá.

– É melhor do que isso – respondeu Tayab. – Agora ouve. Farejei a casa, e em sete lugares encontrei a sombra do anjo negro. Sete vezes tinha a peste entrado e colhido uma alma. Crianças, imaginei eu. Aquela mulher tinha parido sete filhos, e agora estavam todos mortos. Quando já se encontrava demasiado exausta para gritar, sussurrei-lhe os seus nomes. – Contou a Al-faq o nomes das crianças. – O marido tentou consolá-la. Em vão. Chamou-a, mas ela recusou-se a responder. Quando tentou olhá-la nos olhos, ela afastou-se.

– O seu sofrimento deve ter sido igual.

– Talvez, talvez. Quem sabe, quando não fazem tanto barulho, quando não rasgam a roupa? Por isso esperei até ele estar a dormir. Os olhos dela continuavam bem abertos, embora estivesse muito escuro para ver. Ajoelhei-me à beira dela e sussurrei:

“Ó mortal, sou o anjo da porta e ouvi as tuas preces”.

– O anjo da porta? – perguntou Al-faq.

– Não é nada. É inventado. Mas eu disse-lhe: “Devolverei os teus filhos à vida se tiveres fé em mim”.

– E se um anjo ouviu?

– Não invoquei o nome de nenhum anjo, primo. Não acabei de dizer que foi inventado? Disse à mulher: “Levanta-te. Sai. Parte para oeste. Caminha até não mais poderes. Dar-te-ei um sinal de que os teus filhos regressaram, mas terás de permanecer aí, sozinha junto ao mar, sem nada. Não voltarás a falar. Nem procurarás os teus filhos, porque se encontrares um, então morrem os sete.”

– E ela concordou com isso?

– Concordou! Levantou-se sem acordar o marido. Levou apenas a roupa que tinha no corpo, e partiu! Caminhou noite e dia! Pelo deserto e sobre as montanhas, até ao mar!

– E tu? Devolveste-lhe os filhos à vida?

Tayab riu-se.

– Devolvê-los à vida? – Agarrou-se à barriga e continuou a rir. – Bom, fiz os possíveis, primo. Fiz tudo o que estava ao meu alcance. Apareci-lhe durante a noite e disse-lhe para olhar para o céu a oriente. Caíram estrelas do céu, e a cada uma que caiu, dei-lhe o nome de um dos seus filhos.

– E ela acreditou em ti.

– Melhor do que isso, primo. Esse é que é o açúcar no chá! Deixei-a. E quando voltei na noite seguinte, ali estava ela à vista das ondas, abrigada numa caverna na falésia! Disse-lhe: “Agora escuta, mortal. Não sou nenhum anjo. Sou um génio. Quanto a ti, nunca encontrei mulher mais tola, porque tanto posso devolver os teus filhos à vida como obrigar o Sol a nascer no poente. Não precisas de ficar aqui a passar fome junto ao mar. Vai para casa, já. Vai para casa!”

– E ela, foi?

– A maravilha é essa! – O génio das cinzas riu-se mais uma vez. – Recusou-se a responder, uma vez que lhe dissera que não podia falar. E recusou-se a acreditar em mim, uma vez que lhe dissera para ter fé no anjo da porta. Por isso ali ficou, muda, desamparada, com uma caverna apenas para se abrigar, inabalável na fé num servo divino que não existe!

– Mas tu existes, primo.

– Eu existo, com certeza – respondeu Tayab, sorridente.

– E ela, passou fome?

– Uns aldeões deram com ela. Trazem-lhe comida. Pensam que é uma santa. – Voltou a rir.

– E o marido?

– Não faz parte da minha história. Calculo que ainda viva, se é que não morreu já.

– Fiquei curioso acerca dele.

Tayab afastou a ideia com um gesto.

– Mas que te parece? Tirei tudo à mulher, mais até do que era minha intenção! E agora, mesmo que tente restituir tudo o que roubei, ela não aceita! Alguma vez ouviste falar de um roubo como o meu?

Al-faq passou os dedos compridos pela cara e não deu resposta.

Era possível que Tayab não a esperasse.

Quando o génio das cinzas se tinha ido embora, Al-faq abandonou o seu lar na fresta entre a noite e o dia. Dirigiu-se ao mundo dos mortais. Esteve muito tempo para dar com o deserto vermelho, e ainda mais para dar com a casa das sete sombras já esbatidas. Os campos junto à casa estavam cobertos de ervas daninhas. O homem que aí vivia era magro e de olhos cavos. Al-faq esperou que anoitecesse. Quando o homem caiu finalmente na cama, murmurou o nome da mulher. Al-faq debruçou-se sobre ele no escuro e disse:

– Ó mortal, sou o anjo da porta e ouvi as tuas preces. Como receavas, a tua mulher, tal como os teus filhos, está morta. Devolvê-los-ei todos à vida se tiveres fé em mim.

– Sim? – disse o homem. – És capaz?

– Levanta-te – disse Al-faq. – Sai. Parte para sul. Caminha até não mais poderes. Dar-te-ei um sinal de que a tua mulher e filhos regressaram, mas terás de permanecer aí, sozinho junto ao mar, sem nada. Não voltarás a falar. Nem procurarás os teus queridos, porque se encontrares um, então morrerão os oito.

O homem levantou-se. Vestiu-se. Pegou na bengala e partiu sem demora. Caminhou toda a noite. Caminhou todo o dia. Mais tarde, atravessou o deserto. Mais tarde, atravessou as planícies. Al-faq seguiu-o, invisível. Quando o homem percorreu o caminho todo até ao mar, o génio esperou pelo cair da noite e mostrou-lhe oito estrelas cadentes no céu para norte. A cada uma, Al-faq deu um nome.

– Lembra-te – disse o génio. – Nunca mais fales. Nunca os procures.

O rosto do homem estava lavado em lágrimas. Acenou afirmativamente.

– Nunca percas a tua fé em mim, aconteça o que acontecer.

O homem voltou a acenar com a cabeça e sorriu, cansado. Fez um gesto de gratidão e de bênção.

– Não, não me abençoes – disse Al-faq. – Não o mereço.

Na aldeia mais próxima, o génio foi de casa em casa e sussurrou ao ouvido dos muitos que dormiam:

– Há um homem santo a viver junto ao mar. Procurem-no. Cuidem dele.

O génio Al-faq, que talvez seja de confiança ou talvez não, regressou depois à fresta entre a noite e o dia. E se o mundo não acabou ainda, é aí que continua a viver.

O ERRANTE DAS ESTRELAS - Robert Bloch



(Dedicado a H. P. Lovecraft)

I

Eu sou o que professo ser – um escritor de ficção bizarra. Desde a mais tenra infância, fui escravizado pela enigmática fascinação do desconhecido e do indecifrável. Os medos sem nome, os sonhos grotescos, os caprichos mórbidos e quase intuitivos que assombram nossas mentes, sempre causaram em mim um prazer potente e inexplicável.

Na literatura, tenho caminhado pelas trilhas da meia-noite com Poe, ou furtivamente andado pelas sombras com Machen; esquadrihado os reinos das estrelas horrendas com Baudelaire, ou imerso na loucura interna da terra, entre as histórias da sabedoria antiga.

Um talento medíocre em esboços e trabalho com crayon levou-me a tentar rudes pinturas envolvendo os habitantes alienígenas de meus pensamentos noturnos. O mesmo tipo soturno de intelecto que atraiu-me na arte interessava-me nos obscuros reinos da composição musical; as melodias sinfônicas da Suíte dos Planetas e coisas do gênero eram as minhas favoritas. Minha vida interna logo tornou-se um banquete macabro de horrores sobrenaturais e irresistíveis.

Minha existência mundana era comparativamente morna. Conforme passava o tempo, encontrei-me caindo cada vez mais na vida de um recluso pobretão; uma existência tranquila e filosófica entre um mundo de livros e sonhos.

Mas um homem tem de viver. Por natureza constitucional e espiritualmente averso ao trabalho manual, a princípio fiquei confuso diante da escolha de uma vocação adequada. A depressão complicou as coisas a um grau quase intolerável, e por um certo tempo, estive perto do total desastre econômico. Foi então que decidi escrever.

Procurei uma máquina de escrever gasta, uma resma de papel barato, e alguns papéis carbono. Que melhor campo, se não os reinos infinitos da imaginação colorida? Poderia escrever sobre horror, medo, e sobre o enigma que é a Morte. Pelo menos, na insensibilidade de minha falta de sofisticação, era isto que eu tencionava.

Minhas primeiras tentativas logo convenceram-me de quão completamente eu havia falhado. Triste e miseravelmente, não havia atingido minha meta aspirada. Meus vívidos sonhos, no papel, tornavam-se amontoados sem sentido de adjetivos ponderosos, e não encontrei palavras comuns para expressar o terror maravilhado do desconhecido. Meus primeiros manuscritos eram documentos miseráveis e fúteis; as poucas revistas que utilizaram tais materiais foram unânimes em sua rejeição.

Mas eu tinha de viver. De forma lenta, mas constante, comecei a ajustar meu estilo às minhas ideias. Laboriosamente, experimentei com palavras, frases, estruturas de sentenças. Era um trabalho, e um trabalho duro. Logo aprendi a me esforçar. Todavia finalmente uma de minhas histórias foi bem recebida; e então uma segunda, uma terceira e uma quarta. Logo, tive de começar a dominar os truques mais óbvios da área, e o futuro enfim parecia mais brilhante. Foi com a mente menos carregada que voltei à minha vida de sonhos e a meus amados livros. Minhas histórias rendiam-me um viver um tanto apertado, e o por um tempo isto foi suficiente. Mas não por muito tempo. A ambição, essa ilusão eterna, foi a causa de

minha ruína.

Almejava escrever uma história real; não do tipo estereotipado e efêmero que aparecia nas revistas, mas uma obra de arte real. A criação de uma obra-prima assim tornou-se meu ideal. Eu não era um bom escritor, mas isto não se devia totalmente a meus erros no estilo mecânico. Na verdade, a falha estava no meu assunto abordado. Vampiros, lobisomens, carniçais, monstros mitológicos – estas coisas constituíam material de parco mérito. Imagética de lugar-comum, tratamento adjetival corriqueiro, e um ponto de vista prosaicamente antropocêntrico eram os principais detrimetos na produção de uma boa história bizarra.

Devo buscar novos assuntos, material de tramas verdadeiramente incomum. Se pelo menos pudesse conceber algo que fosse teratologicamente inacreditável!

Ansiava aprender as canções que os demônios cantam quando rodopiam entre as estrelas, ou ouvir as vozes dos deuses mais antigos quando sussurram seus segredos ao vazio ecoante. Almejava conhecer os terrores do túmulo; o beijo das larvas em minha língua, a fria carícia de uma mortalha apodrecida sobre meu corpo. Tinha sede do conhecimento encontrado nos poços de olhos mumificados, e queimava pela sabedoria conhecida apenas pelo verme. E então poderia de fato escrever, e ter minhas esperanças genuinamente realizadas.

Busquei uma forma. Quietamente, comecei a trocar correspondências com pensadores e sonhadores isolados, de todo o país. Havia um eremita nas colinas a oeste, um sábio nas florestas ao norte, um sonhador místico na Nova Inglaterra. Foi deste último que aprendi sobre os antigos livros que detêm estranha sabedoria. Ele citava reservadamente o lendário Necronomicon, e falava timidamente de um certo Livro de Eibon, que tinha a reputação de superar o primeiro no caráter totalmente selvagem de suas blasfêmias. O místico em si havia sido estudante desses volumes de temor primordial, mas não gostava da ideia de me ver pesquisando longe demais. Ele ouvira muitas coisas estranhas quando garoto na cidade de Arkham, assombrada pelas bruxas, onde as antigas sombras ainda espreitam e caminham furtivas, e desde então havia sabiamente evitado o conhecimento mais sombrio e proibido.

Após muita pressão de minha parte, ele relutantemente consentiu em prover-me os nomes de certas pessoas que considerava aptas a ajudar em minha busca. Ele era escritor de notável brilhantismo e ampla reputação entre os poucos relevantes, e eu sabia que ele estava avidamente interessado no resultado da demanda em si.

Tão logo sua preciosa lista chegou em minhas mãos, comecei uma ampla campanha postal para obter acesso aos volumes desejados. Minhas cartas atingiram universidades, bibliotecas privadas, videntes famosos e os líderes de cultos cuidadosamente ocultos e obscuramente designados. Mas estava fadado ao desapontamento.

As réplicas que recebia eram definitivamente inamistosas, quase hostis. Ficava evidente que os falados possuidores de tais conhecimentos ficaram irritados com a ideia de seus segredos assim revelados por um espião estranho. Fui subsequentemente alvo de várias ameaças por carta, e pelo menos uma chamada telefônica alarmante. Isto não me incomodou mais que a percepção desapontadora de que minhas empreitadas haviam falhado. Negativas, evasões, recusas, ameaças – estas coisas não me ajudariam. Deveria buscar em outra parte.

Livrarias! Talvez em alguma prateleira embolorada e esquecida pudesse descobrir o que buscava.

Comecei então uma interminável cruzada. Aprendi a suportar meus numerosos desapontamentos com uma calma inabalável. Ninguém no tipo comum de livraria parecia jamais ter ouvido falar do temível

Necronomicon, no maligno Livro de Eibon, ou no inquietante Cultes des Goules.

A persistência traz resultados. Numa pequena e velha livraria da South Dearborn Street, entre prateleiras empoeiradas aparentemente esquecidas pelo tempo, cheguei ao fim de minha busca. Ali, seguramente encaixado entre duas edições de Shakespeare datadas de dois séculos, estava um grande volume negro, com adornos protetores de ferro. Sobre ele, em letra manuscrita, estava a inscrição De Vermis Mysteriis, ou, “Os Mistérios do Verme.”

O proprietário não sabia dizer como foi que aquele livro havia chegado a sua posse. Anos antes, talvez, tenha sido incluído em algum lote variado, de segunda mão. Obviamente não estava ciente de sua natureza, já que eu o comprei por apenas um dólar. Ele embalou para mim a ponderosa coisa, bastante satisfeito com a venda inesperada, e me deu um satisfeito bom-dia.

Saí apressadamente, meu preciso prêmio sob o braço. Que descoberta! Havia ouvido falar antes deste livro. Ludvig Prinn era seu autor, que havia perecido na fogueira inquisitorial em Bruxelas, quando os julgamentos das bruxas estavam em seu auge.

Um estranho personagem – alquimista, necromante, reputadamente um mago – gabava-se de ter chegado a uma idade miraculosa, quando finalmente sofreu a imolação flamejante nas mãos do braço secular. Dizia ele ser o único sobrevivente da malfadada Nona Cruzada, exibindo como prova certos documentos embolorados que o atestavam. É verdade que um certo Ludvig Prinn estava entre os cavaleiros vassalados de Montserrat, nas mais antigas crônicas, mas os incrédulos rotularam Ludvig como um impostor insano, embora talvez um descendente direto do guerreiro original.

Ludvig atribuía seu aprendizado feitiço aos anos que passara cativo entre os magos e taumaturgos da Síria, e falava longamente dos encontros com os gênios e efreets da mitologia do Oriente Médio. Sabe-se que ele passou algum tempo no Egito, e existem lendas entre os dervixes líbios falando dos feitos do velho vidente em Alexandria.

De qualquer forma, seus dias de declínio foram passados no país flamingo das terras baixas, onde havia nascido e onde residia, apropriadamente, nas ruínas de uma tumba pré-romana erguida na floresta próxima a Bruxelas. Ludvig tinha a reputação de habitar ali entre um enxame de familiares e conjurações temerariamente invocadas. Os manuscritos ainda existentes falam dele de maneira reservada, como sendo atendido por “companheiros invisíveis” e “servos vindos das estrelas.” Os camponeses evitavam a floresta à noite, pois não gostavam de certos ruídos que ressoavam sob a lua, e muito certamente não estavam ansiosos de ver o que andava venerando nos velhos altares pagãos que erodiam em certos bosques mais soturnos.

Qualquer que seja a verdade, essas criaturas que ele comandava jamais foram vistas após a captura de Prinn pelos lacaios inquisitoriais. Os soldados perseguidores encontraram a tumba totalmente deserta, muito embora tenha sido saqueada nos mínimos detalhes, antes de sua destruição. As entidades sobrenaturais, os instrumentos e componentes incomuns – todos haviam curiosamente desaparecido.

Uma busca nas florestas proibidas e um exame temeroso dos estranhos altares não adicionou informação alguma. Havia manchas frescas de sangue nos altares, e também na roda de tortura, antes do fim das sessões de questionamento de Prinn.

Uma série de torturas particularmente atroz falharam em suscitar quaisquer revelações adicionais do mago silencioso, e depois de muito os exaustos interrogadores cessaram de tentar e lançaram o envelhecido feitiço numa masmorra.

Foi na prisão, enquanto aguardava o julgamento, que escreveu as linhas mórbidas e pressagiosas de horror do *De Vermis Mysteriis*, conhecido hoje como *Mistérios do Verme*. Como ele fora contrabandeado para além dos guardas atentos foi em si um mistério, mas um ano após sua morte ele foi impresso em Cologne. Foi imediatamente suprimido, mas umas poucas cópias já haviam sido distribuídas em privado. Estas por sua vez foram transcritas e embora houvesse uma impressão posterior, censurada e deletada, apenas o original em latim é aceito como genuíno. No decorrer dos séculos apenas uns poucos eleitos houveram lido e ponderado sobre seus conhecimentos. Os segredos do velho arquiurgo são conhecidos hoje apenas pelos iniciados, e estes descorajam quaisquer tentativas de espalhar sua fama, movidos por certas razões bastante definidas.

Era isto, em resumo, o que eu sabia da história do volume, na época em que ele me caiu nas mãos. Como item de colecionador, apenas, o livro era uma descoberta fenomenal, mas quanto a seus conteúdos, não poderia fazer avaliação. Estava em latim. Já que posso falar ou traduzir apenas umas poucas palavras desse idioma erudito, fui confrontado por uma barreira, tão logo abri as páginas emboloradas. Era enlouquecedor ter tal cofre do tesouro de conhecimento obscuro ao meu dispor e ainda assim carecer da chave que o abriria.

Por um momento entrei em desespero, pois estava indisposto a abordar algum erudito clássico ou entendido em latim, portando livro tão horroroso e blasfemo. Veio então a inspiração. Por que não ir a leste buscar a ajuda de meu amigo? Ele era estudante dos clássicos e estaria menos propenso a ficar chocado com os horrores das revelações nocivas de Prinn. Portanto enderecei a ele uma carta ansiosa, e logo após recebi minha resposta. Ele teria prazer em ajudar-me – eu devia apressar-me em ter com ele.

II

Providence é uma cidade adorável. A casa de meu amigo era antiga e esquisitamente georgiana. O primeiro piso era uma joia da atmosfera colonial. O segundo sob antigos telhados de duas águas que sombreavam a imensa janela, serviam como escritório para meu anfitrião.

Foi ali que ponderamos naquela noite lúgubre e fatídica de fim de abril; ali sob a janela aberta que contemplava o mar azul. Era uma noite sem lua; opressiva e melancólica com sua bruma que enchia a escuridão de sombras quirópteras. Em minha mente posso ainda vê-lo – o minúsculo aposento iluminado por lampião, com uma grande mesa e as cadeiras de espaldar alto; prateleiras delimitando as paredes; manuscritos estocados em arquivos especiais.

Eu e meu amigo sentamos na mesa, com o misterioso volume diante de nós. Seu perfil magro jogava uma perturbadora sombra na parede, e seu rosto de cera era furtivo à luz pálida. Havia um inexplicável ar de portentosa revelação, bastante perturbador em sua potência; eu pressentia a presença de segredos querendo ser revelados.

Meu companheiro também o detectara. Longos anos de experiência ocultista haviam aguçado sua intuição a um espantoso grau. Não fora o frio que o fizera tremer ao sentar na cadeira; não foi a febre que fez seus olhos flamejarem como fogos incrustados como joias. Ele sabia, mesmo antes de abrir o amaldiçoado tomo, que este era malévolo. O cheiro embolorado que sabia daquelas páginas antigas carregava consigo os miasmas da tumba. As folhas estavam mordidas de traças nas bordas, e os ratos haviam roído o couro da capa; ratos que talvez tivessem uma comida mais sórdida como sua ração comum.

Havia contado a meu amigo a história do volume naquela tarde, e desembrulhado o tomo em sua presença. Senti então que ele estava ávido e disposto a uma tradução imediata.

Mas agora, punha dificuldades e objeções.

Não seria sábio, insistia ele. Aquele era um conhecimento maligno – quem poderia dizer que segredos temidos até pelo demônio continham aquelas páginas, ou que males poderiam cair sobre o ignorante que buscasse brincar com seu conteúdo? Seria bom não aprender tanto, e homens já haviam morrido por exercer a sabedoria pútrida que aquelas folhas continham. Meu amigo implorou-me para abandonar a busca, enquanto o livro ainda permanecia sem ser aberto, pedindo-me que buscasse minha inspiração em coisas menos insalubres.

Fui um tolo. Desfiz suas objeções com palavras rápidas, vãs e vazias. Eu não tinha medo.

Que pelo menos contemplássemos os conteúdos de nosso prêmio. Comecei a virar as páginas. O resultado foi desabonador. Era, afinal de contas, um volume de aparência comum – folhas amareladas e apodrecidas cheias de textos em latim, escritos com letras negras. Isto era tudo; sem ilustrações nem desenhos alarmantes.

Meu amigo não conseguiu resistir mais ao fascínio de tal guloseima bibliófila. Num momento estava olhando por cima de meu ombro, com atenção, ocasionalmente murmurando trechos de frases em latim. O entusiasmo o dominou, finalmente. Agarrando o precioso tomo com ambas as mãos, sentou-se próximo à janela e começou a ler alguns parágrafos aleatórios, de vez em quando traduzindo-os para o inglês.

Seus olhos cintilavam com uma luz feral; seu perfil cadavérico ficou mais tenso, conforme esquadrihava aquelas runas mofadas. As sentenças trovejavam numa temível litania, e então decaíam em tons abaixo de

um sussurro, conforme sua voz ficava tão suave quanto o sibilar de uma víbora. Compreendi apenas algumas frases aqui e ali, pois em sua introspecção, ele parecia haver esquecido de mim. Estava lendo algo sobre feitiços e encantamentos. Lembro de alusões a certos deuses da adivinhação como o Pai Yig, o sombrio Han, e Byatis de barba de serpentes. Senti calafrios, pois já conhecia esses nomes antigos, mas sentiria ainda mais calafrios se ao menos soubesse o que estava para acontecer.

A coisa aconteceu rápido. Subitamente ele voltou-se para mim com grande agitação, sua voz empolgada num tom estridente. Perguntou-me se eu lembrava das lendas da feitiçaria de Prinn, e das histórias dos servos invisíveis que ele ordenava que descessem das estrelas. Assenti, pouco compreendendo a causa de seu súbito frenesi.

Ele contou-me então a razão. Ali, num capítulo sobre familiares, encontrara uma oração ou feitiço, talvez o mesmo usado por Prinn para convocar seus servos invisíveis de além das estrelas! Deixe-me ouvir o que ele lia.

Sentei ali parvamente, feito um tolo ignorante e estúpido. Por que eu não gritava, tentava escapar, ou arrancava aquele monstruoso manuscrito de suas mãos? Em vez disso sentei ali – sentei enquanto meu amigo, numa voz rebentando de empolgação antinatural, lia em latim uma longa e sonorosamente sinistra invocação.

– *Tibi, Magnum Innominandum, signa stellarum nigrarum et bufoniformis Sadoquae sigillum...*

O ritual grasnante prosseguiu, e então alçou voo nas asas de um horror medonho e noturno. As palavras pareciam contorcer-se, como chamas no ar, queimando meu cérebro. Os tons trovejantes soavam ecos no infinito, além da mais distante das estrelas. Pareciam passar por entre portais primevos e adimensionais, buscando um ouvinte para convocá-lo à terra. Seria tudo aquilo uma ilusão? Não parei para pensar em nada.

Pois a convocação involuntária foi respondida. Mal a voz de meu companheiro se calara, naquele pequeno aposento, veio o terror. O aposento ficou frio. Um súbito vento gritou pela janela aberta; um vento que não era da terra. Trazia um mal que baliava de longe, e com esse som, a face de meu amigo tornou-se uma pálida máscara branca de horror recém-desperto. Então houve um rachar nas paredes, e o peitoril da janela ruiu diante de meus olhos arregalados. Daquela nada além da abertura veio uma súbita explosão de gargalhada lúbrica – uma risadaria histérica, nascida da loucura completa e avassaladora. Subiu até a mais casqueante quintessência de todo horror, horror sem uma boca que o proferisse.

O resto aconteceu com apavorante rapidez. Num átimo, meu amigo começou a gritar, perto da janela; gritar e agitar selvagemmente as mãos no ar vazio. À luz do lampião, vi suas feições contorcerem-se num esgar de agonia insana. Um momento depois, seu corpo ergueu-se do chão, sem que nada o estivesse segurando, e começou a torcer-se para trás, num ângulo capaz de quebrar-lhe as costas. Um segundo mais tarde, veio o nauseante som de ossos quebrados. Sua forma agora pairava no próprio ar, olhos vidrados e mãos apertando convulsivamente algo que parecia invisível. Mais uma vez atroou o som de escárnio maníaco, mas daquela vez dentro do quarto!

As estrelas moviam-se numa angústia vermelha; o vento frio matraqueava em meus ouvidos. Aninhei-me em minha cadeira, olhos pregados naquela espantosa cena. Meu amigo agora estava guinchando; seus gritos misturavam-se à exultante e atroz gargalhada que vinha do ar vazio. Seu corpo pendurado,

pendulando no espaço, mais uma vez contorceu-se e brotou sangue de seu pescoço rasgado, esguichando como se de uma fonte de rubis.

Esse sangue jamais alcançou o chão. Parou em meio ao ar, e a gargalhada cessou, substituída por um nojento ruído de sucção. Imerso num novo e acelerado horror, percebi que o sangue estava sendo drenado para alimentar a invisível entidade do além! Que criatura do espaço havia sido tão súbita e involuntariamente invocada? O que era aquela monstruosidade vampírica que eu não conseguia enxergar?

Naquele momento uma horrível metamorfose começou a acontecer. O corpo de meu companheiro ficou murcho, emaciado, sem vida. Finalmente foi jogado ao chão e ficou lá, repugnantemente imóvel. Mas no próprio ar, outra mudança, ainda mais macabra, começou a ocorrer.

Um brilho avermelhado encheu o canto da janela – um brilho sangrento. Lenta, mas constantemente, os contornos vagos de uma Presença começaram a se exibir; os contornos sujos de sangue daquele invisível e desengonçado errante das estrelas. Era vermelho e gotejante; uma imensidade de geleia pulsante se movia; uma bolha escarlate e suas miríades de trombas tentaculares, que se mexiam, e se mexiam..

Haviam ventosas nas pontas dos apêndices, e estes abriam e fechavam numa volúpia carniceira... A coisa era inchada e obscena; uma massa sem cabeça, nem rosto, nem olhos, de mandíbula voraz e as garras titânicas de um monstro nascido nas estrelas. O sangue humano do qual havia se alimentado revelava os contornos até então invisíveis da coisa que se banqueteara. Não era uma visão própria para olhos de gente sã.

Felizmente para meu estado mental, a criatura não se demorou. Abandonando a coisa morta, cadavérica e mole no chão, com decisão voltou-se para a abertura. Nela desapareceu, e ouvi sua risada zombeteira à distância, flutuando nas asas do vento, enquanto ele reentrava nos abismos de onde havia vindo.

Isto foi tudo. Fui deixado sozinho no aposento, com aquele corpo mole e sem vida a meus pés. O livro havia desaparecido; mas haviam impressões sangrentas na parede, poças de sangue no chão, e o rosto de meu pobre amigo era uma massa sangrenta, que morta fitava as estrelas.

Por um longo período de tempo, sentei sozinho, em silêncio, antes que atesse fogo ao aposento e a tudo que ele continha. Depois disso, saí correndo, rindo, pois eu sabia que as chamas erradicariam todo traço do que permanecia ali. Havia chegado pouco antes, naquela tarde, e ninguém me conhecia, e ninguém havia me visto, e parti antes que as chamas brilhantes me denunciassem. Tropecei por horas por entre as ruas tortuosas, e rebentava numa gargalhada contínua e idiota toda vez que olhava para as estrelas sempre vigilantes, sempre ardentes, que observavam-me furtivamente através dos rolos de névoa assombrada.

Depois de muito tempo acalmei-me e tomei um trem. Permaneci calmo durante toda a longa jornada para casa, e calmo permaneci enquanto escrevi este relato. Até mesmo permaneci calmo quando li sobre a curiosa morte acidental de meu amigo, no fogo que destruíra sua morada. É somente nas noites em que as estrelas brilham, que os sonhos devolvem-me a um gigantesco labirinto de medos frenéticos. E então me afundo nas drogas, numa vã tentativa de banir essas memórias insistentes de meus sonhos. Mas na verdade não me importo, pois sei que não permanecerei aqui por muito tempo.

Tenho uma curiosa desconfiança de que verei novamente o errante das estrelas. Penso que ele retornará logo, mesmo sem ser convocado de novo, e sei que quando ele vier, me perseguirá e me carregará para a escuridão que abriga meu amigo. Às vezes eu quase anseio pelo advento desse dia, pois nele desvendarei de uma vez por todas os Mistérios do Verme.

Robert Bloch escreveu este conto com 18 anos e nem mesmo foi o seu primeiro. Recebeu "autorização por escrito" de HP Lovecraft para assassiná-lo na história. Seu estilo mais tarde se desviou do horror cósmico e sua obra mais popular e famosa é "Psicose", que originou o filme hitchcockiano.

O GHOUL – Clark Ashton Smith

Durante o reinado do Califa Vathek, um jovem de boa família e reputação, chamado Noureddin Hassan, foi conduzido ante o Cadi Alimed Ben Becar de Bassorah.

Mas Noureddin era um jovem bonito, de mente aberta e aspecto gentil; e grande foi o assombro do Cadi e de outros presentes quando escutaram as acusações que se elevaram contra ele. Era acusado de ter assassinado sete pessoas, uma a uma, em sete noites sucessivas, e de ter abandonado os cadáveres em um cemitério próximo a Bassorah, onde foram encontrados caídos, com seus membros devorados de um modo espantoso, como por chacais. Quanto às pessoas que se supunha que tinha matado, três eram mulheres, dois mercadores errantes, um mendigo, e outro um coveiro.

Abmed Ben Becar era cheio de conhecimento e a sabedoria de honoráveis anos, e possuía além disso uma grande perspicácia. Mas estava profundamente perplexo pela estranheza e atrocidade daqueles crimes e pelo aprazível comportamento e aparente boa casta de Noureddin Hassan, que não casavam em modo algum com os crimes. Escutou em silêncio o testemunho das pessoas que tinham visto, na véspera, Noureddin transportar sobre seus ombros o corpo de uma mulher para o cemitério; e outros que, em similares ocasiões, tinham-lhe observado rondar pela vizinhança a horas indecorosas às que só os ladrões e assassinos rondam. Então, tendo considerado tudo, interrogou o jovem com amabilidade.

- Noureddin Hassan,- disse-lhe, - foste acusado de crimes que excedem o obscuro, e que contradizem seu porte e linhagem. Existe uma explicação para estes acontecimentos com a qual deseje se desculpar, ou em alguma medida mitigar estes fatos, em caso de que sejam culpado? Ameaço-te a me contar a verdade neste assunto.

Agora, Noureddin Hassan se elevou ante o Cadi; e o peso de sua vergonha e dor eram visíveis em seu semblante.

- Ai de mim, oh Cadi,- respondeu, - pois as acusações que foram apresentadas contra mim são, na verdade, certas. Fui eu, e nenhum outro, quem matou a aquela gente; e não posso oferecer atenuante algum a meus atos.

O Cadi ficou aturdido e entristecido ao escutar esta resposta. - Devo, por força, lhes acreditar,- disse severamente. - Mas confessastes uma coisa que fará de seu nome, de agora em diante, uma abominação ante os ouvidos e as bocas dos homens. Ordeno-te que me digas por que foram cometidos esses crimes, e que ofensas te tinham infringido essas pessoas, ou que dano te tinham feito; ou se possivelmente os mataste por dinheiro, como um ladrão comum.

- Nem ofensa nem dano algum me causaram,- replicou Noureddin. - E não os matei por dinheiro, posses ou aparência, pois não tenho necessidade de tais coisas, e, além disso, sempre fui um homem honesto.

- Então,- gritou Ahmed Ben Becar, altamente intrigado, - Qual foi a razão, se não foi nenhuma dessas?

Agora, o rosto de Noureddin Hassan acusou um maior pesar; e inclinou a cabeça de uma maneira envergonhada que revelava seu profundo remorso. E permanecendo assim ante o Cadi, narrou sua história:

- Os reversos da fortuna, Cadi, são rápidos e penosos, e vão além das possíveis advertências do homem. Ai! Há menos de quinze dias era eu o mais feliz e o menos culpado dos mortais, sem pensamento algum de fazer mal a ninguém. Estava casado com Amina, a filha do mercado de jóias Aboul Cogia; e a amava tão profundamente como ela, por sua vez amava-me; e além disso preparávamos, por aquele tempo, o nascimento de nosso primeiro filho. Eu tinha herdado de meu pai uma rica fazenda e muitos escravos; os pesares da vida eram mera luz sobre meus ombros; e tinha, claramente, todas as razões para me contar entre aqueles que Alá abençoou, com uma antecipação do paraíso na terra.

Julga, então, a excessiva natureza de minha desgraça quando Amina morreu no momento de dar à luz. Desde esse momento, no terrível extremo de meu lamento, fui como alguém privado de luz e conhecimento; fui surdo a todos aqueles que desejaram me consolar, e cego a seus amistosos serviços.

Depois de enterrar Amina meu pesar se tornou verdadeira loucura, e vaguei de noite, para sua tumba no cemitério próximo a Bassorah e me joguei no chão, me prostrando ante a lápide recém-escrita, sobre a terra que tinha sido removida nesse mesmo dia. Meus sentidos me abandonaram, e não soube quanto tempo tinha estado sobre o úmido barro sob os ciprestes, enquanto o feixe de uma lua minguante se elevava no céu.

Então, em meu estupor e abandono, escutei uma terrível voz que me impeliu a me levantar do chão no qual me achava deitado. E elevando um pouco minha cabeça, vi um espantoso demônio de gigantesca estatura, com olhos de fogo escarlate sob uma fronte tosca como uma raiz embrulhada, e presas que se sobressaíam de uma cavernosa boca, e dentes negros, como a terra, mais largos e afiados que os da hiena. E o demônio me disse:

- Sou um ghoul, e é meu ofício devorar os corpos dos mortos. Vim agora reclamar o cadáver que foi enterrado hoje sob o chão sobre o qual jaz desse modo tão grosseiro. Vá, pois não tenho me alimentado desde ontem à noite, e estou muito faminto.

Foi então, à vista deste demônio, ante o som de seu terrorífica voz, e ante o ainda mais terrorífico significado de suas palavras, que estive a ponto de me deprimir de terror sobre a lama fria. Mas me recuperei de algum modo, e encarando-o, disse-lhe:

- Esqueça esta tumba, imploro-lhe; pois aquela que jaz enterrada em seu interior, é mais querida para mim que qualquer outro mortal vivente; e não desejaria que seu formoso corpo fosse o sustento de um sujo demônio como você.

Neste ponto o ghoul se zangou, e pensei que poderia me fazer algum dano físico.

Mas de novo encarei-o, invocando Alá e Maomé com muitos solenes juramentos de que lhe garantiria algo comestível e lhe faria qualquer favor que estivesse em mãos de um homem realizar, se deixasse intacta a recém cavada tumba da Amina. E o ghoul se apaziguou de algum jeito, e disse:

- Se deseja, de fato, me fazer um certo serviço, farei o que pediste.- E eu respondi:

- Não há serviço, seja qual for sua natureza, que não fizesse eu por ti, por esta causa; e te rogo que me diga seus desejos.

Disse então o ghoul: - Isto é: que me tragas cada noite, durante oito noites sucessivas, o corpo de alguém a quem tenhas matado por tua própria mão. Faz isto, e nem devorarei nem desenterrarei o corpo que jaz enterrado ali abaixo.

Fui embargado então pelo mais absoluto horror e desespero, pois me tinha comprometido por minha honra a garantir ao ghoul sua espantosa petição. E lhe supliquei que mudasse os termos de nosso pacto, lhe dizendo:

- É necessário, oh comilão de cadáveres, que os corpos sejam de gente a quem eu mesmo tenha matado?

E o ghoul disse: - Sim, pois outros seriam como minha comida habitual, ou a de qualquer de minha classe. Ameaço-te pela promessa que me fizeste, a que venhas aqui amanhã de noite, quando a escuridão cair por completo, ou pouco depois, conforme possam, me trazendo o primeiro dos oito corpos.

Dizendo isto, afastou-se entre os ciprestes, e começou a cavar em outra tumba recente a pouca distância de Amina.

Abandonei o cemitério em um estado de maior angústia que quando entrei, pensando no que teria que fazer para cumprir minha maldita promessa, para preservar o corpo da Amina, desse demônio. Não sei como sobrevivi ao dia seguinte, afligido como estava entre o pesar pela morte e meu horror pela noite vindoura, com sua repugnante tarefa.

Quando a escuridão desceu, saí a espreitar em uma solitária estrada próxima ao cemitério; e esperando ali, entre os largos ramos das árvores, assassinei o primeiro caminhante com uma espada e transportei seu corpo ao ponto acordado com o ghoul. E cada noite seguinte, durante seis noites mais, retornei ao mesmo lugar e repeti este fato, matando sempre o primeiro que vinha, fosse homem ou mulher, ou mercador ou mendigo ou coveiro. E o ghoul me esperava em cada ocasião, e começava a devorar seu alimento em minha presença, com um breve agradecimento e escassa cerimônia. Sete pessoas matei no total, até que só uma faltava para completar o número acordado; e a pessoa que matei ontem à noite foi uma mulher, tal como a testemunha narrou. Tudo isto o fiz com a maior repugnância e rechaço, e forçado unicamente pela lembrança de minha palavra dada, e pelo destino que cairia sobre o corpo da Amina se eu rompesse o trato.

Esta, oh, Cadi, é toda minha história. Ai por mim! Pois destes lamentáveis crimes não me beneficiei, e falhei por completo em manter meu acordo com o demônio, que sem dúvida esta noite, consumirá o corpo da Amina em lugar do outro corpo que ainda necessitava. Resigno-me a seu julgamento, Ahmed Ben Becar, e não te imploro mais piedade que a morte, com a que terminarei tanto meu pesar como meu remorso.

Quando Nouredin Hassan terminou sua narração, o assombro de todos os que o tinham escutado foi verdadeiramente imenso, pois ninguém recordava ter escutado um relato mais estranho. E o Cadi refletiu um momento e então adotou uma decisão, dizendo:

- Devo por força me maravilhar de seu relato, mas os crimes que cometeste não são por isso menos atozes, e mesmo Iblis retrocederia horrorizado ante eles. Por outra parte, deveria se ter em conta o fato de que deste tua palavra ao ghoul e os fatos foram consumados para cumprir tua demanda, sem importar o horrível de sua natureza. E tenho também em consideração teu pesar de marido, que te impeliu a defender do demônio, o corpo de tua mulher. Por isso, não posso te julgar culpado, embora saiba que o castigo que seria apropriado em um caso tão atroz, não teria comparação. Portanto, estás livre, com esta ordem, que expies teus crimes da maneira que melhor considerar, e que aplique a justiça a ti mesmo e a outros, na medida do possível.

- Agradeço-vos a piedade,- replicou Nouredin Hassan; e então partiu da corte ante o grande assombro de todos os presentes. Produziu-se um grande debate assim que se foi, e muitos estavam dispostos a questionar a sabedoria da decisão do Cadi. Havia quem mantinha que Nouredin deveria ter sido sentenciado à morte sem demora por seus abomináveis atos embora outros argüiam sobre a santidade de sua palavra dada ao ghoul, que o desculpava de tudo, ou em parte. E se contaram histórias e se citaram casos concernentes aos hábitos dos ghuls e as estranhas obrigações dos homens que tinham surpreendido aos ditos demônios em suas buscas noturnas. E de novo a discussão retornou a Nouredin, e o veredicto do Cadi foi de novo atacado e defendido com distintos argumentos. Mas acima de tudo aquilo, Ahmed Ben Becar permaneceu em silêncio, dizendo unicamente:

- Esperem, pois este homem renderá justiça ante si mesmo e ante outros implicados, logo que lhe seja possível.

E, de fato, assim ocorreu, pois à manhã do seguinte dia, outro corpo foi encontrado no cemitério perto de Bassorah, jazendo meio devorado sobre a tumba da mulher de Nouredin Hassan, Amina. E o corpo era o de Nouredin, que esfaqueou-se, para não só cumprir deste modo a ordem do Cadi, mas também para manter sua promessa feita ao ghoul, provendo-o dos cadáveres que haviam combinado.

UMA ESTAÇÃO DE AMOR – Horacio Quiroga

Primavera

Era terça-feira de Carnaval. Nébel acabava de entrar no corso já ao escurecer e, enquanto desfazia um pacote de serpentinas, olhou para a carruagem da frente. Surpreendido por uma cara que não tinha visto no carro na tarde anterior, perguntou aos companheiros:

— Quem é? Não parece feia.

— Um demónio! É lindíssima. Acho que é sobrinha, ou qualquer coisa assim, do doutor Arrizabalaga. Chegou ontem, creio...

Nébel fixou atentamente os olhos na bela criatura. Era uma rapariga ainda muito jovem, não teria mais de catorze anos, mas já era núbil. Tinha, por baixo do cabelo muito escuro, um rosto de suprema brancura, desse mate e cetim que é património exclusivo das cútis muito finas. Olhos azuis, rasgados, perdendo-se em direcção às têmporas entre negras pestanas. Talvez um pouco separados, o que, por baixo de uma fronte tersa, dá um ar de grande nobreza ou de grande obstinação. Mas os seus olhos, tal como eram, enchiam aquele rosto em flor com a luz da sua beleza. E Nébel, ao senti-los detidos, por um momento, nos seus, ficou deslumbrado.

— Que encanto! — murmurou, ficando imóvel com um joelho sobre o almofadão do vice-rei. Um instante depois as serpentinas voavam para a vitória. As duas carruagens estavam já enlaçadas por uma ponte suspensa de papel e a responsável por isso sorria de vez em quando ao galante rapaz.

Mas tudo aquilo roçava já a falta de respeito para com as outras pessoas, para com os cocheiros e até para com a carruagem: as serpentinas choviam sem cessar. Tanto assim que as duas pessoas sentadas atrás se voltaram e, mesmo sorrindo, examinaram atentamente o esbanjador.

— Quem são? — perguntou Nébel em voz baixa.

— O doutor Arrizabalaga... Certamente não o conheces. A outra é a mãe da tua rapariga... É cunhada do doutor.

Depois do exame, Arrizabalaga e a senhora sorriram francamente perante aquela exuberância de juventude. Nébel sentiu-se na obrigação de os saudar, ao que o terceto respondeu com jovial condescendência.

Este foi o princípio de um idílio que durou três meses, no qual Nébel investiu quanta adoração cabia na sua apaixonada adolescência. Enquanto o corso continuou e em Concórdia se prolongou até horas incríveis, Nébel estendeu incessantemente o braço para a frente, tão bem que o punho da sua camisa desabotoada bailava sobre a mão.

No dia seguinte a cena repetiu-se; e como desta vez o corso recomeçava de noite com uma batalha de

flores, Nébel esgotou num quarto de hora quatro imensos cestos. Arrizabalaga e a senhora riam-se, voltando a cabeça frequentemente, e a jovem quase não afastava os seus olhos de Nébel. Este lançou um olhar de desespero aos seus cestos vazios. Mas sobre o almofadão do vice-rei restava ainda um pobre ramo de sempre-vivas e jasmins do país. Nébel saltou com ele sobre a roda do vice-rei, quase deslocou um tornozelo, e, correndo para a vitória, ofegante, empapado em suor e com o entusiasmo à flor dos olhos, estendeu o ramo à jovem. Ela, atordoada, procurou outro, mas não o tinha. Os seus acompanhantes riam-se.

— Mas, louca! — disse a mãe assinalando-lhe o peito. — Tens aí um!

A carruagem arrancava a trote. Nébel, que tinha descido aflito do estribo, correu e apanhou o ramo que a jovem lhe estendia com o corpo quase fora do carro.

Nébel tinha chegado há três dias de Buenos Aires, onde concluía os estudos secundários. Tinha lá permanecido sete anos, de tal modo que o seu conhecimento da actual sociedade de Concórdia era mínimo. Deveria ficar ainda quinze dias na sua cidade natal, gozados em pleno sossego de alma, senão também de corpo. E logo ao segundo dia perdia toda a sua serenidade. Mas, em compensação, que encanto!

— Que encanto! — dizia a si mesmo pensando naquele raio de luz, flor e carne feminina que lhe tinha chegado da carruagem. Reconhecia-se real e profundamente deslumbrado e apaixonado, obviamente.

E se ela quisesse!... Querê-lo-ia? Para se elucidar, Nébel confiava, mais do que no ramo do seu peito, na precipitação aturdida com que a jovem tinha procurado algo para lhe dar. Lembrava-se do brilho dos seus olhos quando o viu chegar a correr, da inquieta expectativa com que o aguardou; e, noutra plano, da languidez do seu jovem peito, ao estender-lhe o ramo.

E agora, está tudo acabado! Ela partia no dia seguinte para Montevideo. Que importância tinha o resto, Concórdia, os seus amigos de antes, o seu próprio pai? Pelo menos iria com ela até Buenos Aires.

Efectivamente, fizeram a viagem juntos e nela Nébel atingiu o mais alto grau de paixão a que pode chegar um romântico rapaz de dezoito anos que se sente amado. A mãe acolheu o quase infantil idílio com afável condescendência, e ria-se frequentemente ao vê-los, falando pouco, sorrindo sem cessar, e admirando-se infinitamente.

A despedida foi breve porque Nébel não quis perder o último vestígio de sensatez que lhe restava, evitando correr atrás dela.

Elas voltariam a Concórdia no Inverno, talvez durante uma temporada. Iria ele? O quê? Não voltar eu? E enquanto Nébel se afastava devagar pelo cais, voltando-se a cada momento, ela, de peito apoiado na amurada, a cabeça baixa, seguia-o com os olhos, e na prancha os marinheiros levantavam os seus, risonhos, àquele idílio e ao vestido, ainda curto, da terníssima noiva.

Verão

A 13 de Junho Nébel voltou a Concórdia e, embora desde o primeiro momento soubesse que Lídia estava lá, passou uma semana sem se inquietar nem muito nem pouco com ela. Quatro meses é tempo de sobra para um relâmpago de paixão, e apenas na água parada da sua alma um último resplendor conseguia criar ondas no seu amor-próprio.

Sentia, isso sim, curiosidade em vê-la. Até que um nímio incidente, picando a sua vaidade, o arrastou de novo. No primeiro domingo, Nébel, como qualquer bom rapaz da aldeia, esperou à esquina pela saída da missa. Por fim, e por acaso as últimas, ativas e olhando em frente, Lídia e a mãe avançaram por entre a fila de rapazes.

Nébel, ao vê-la de novo, sentiu que os seus olhos se dila-tavam para sorver em toda a sua plenitude a figura bruscamente adorada. Esperou com ânsia quase dolorosa o instante em que os olhos dela, num súbito resplendor de ditosa surpresa, o reconheceriam entre o grupo.

Mas passou com o seu frio olhar fixo em frente.

— Parece que já não se lembra de ti — disse-lhe um amigo que a seu lado tinha acompanhado o incidente.

— Não muito! — sorriu ele. — E é pena porque gostava realmente da miúda.

Mas quando ficou sozinho chorou para si mesmo a sua desgraça. E agora que a tinha voltado a ver! Como, como a tinha amado sempre, ele que pensava nem se lembrar mais! Acabou-se! Pum, pum, pum! — repetia sem se aperceber. — Pum! Tudo se acabou!

De repente: E se não me tivesse visto?... Claro! É claro!

O seu rosto animou-se de novo, e acolheu esta vaga probabi-lidade com profunda convicção.

Às três batia à porta do doutor Arrizabalaga. A sua intenção era elementar: com qualquer mísero pretexto consultaria o advogado e talvez a visse.

Foi para lá. Uma súbita corrida pelo pátio foi a resposta à campainha e Lídia, para deter o impulso, teve de se agarrar violentamente à porta de vidro. Viu Nébel, soltou uma imprecação, e, ocultando com os braços a ligeireza da sua roupa, fugiu ainda mais velozmente.

Um instante depois a mãe abria o consultório e acolhia o seu antigo conhecido com uma complacência ainda mais viva do que quatro meses antes. Nébel não cabia em si de prazer e como a senhora não parecia inquietar-se com as preocupações jurídicas de Nébel, este também preferiu um milhão de vezes a sua presença à do advogado.

Com tudo isto, Nébel sentia-se sobre brasas vivas de uma felicidade demasiado ardente. E como tinha dezoito anos, desejava ir-se embora rapidamente para gozar a sós e sem timidez a sua imensa felicidade.

— Tanta pressa! — disse-lhe a senhora. — Espero que tenhamos o gosto de o voltar a ver... Não é verdade?

— Oh, sim senhora!

— Em casa todos teríamos muito prazer... Suponho que todos! Quer que consultemos? — sorriu com

maternal ironia.

— Oh, do fundo do coração! — concluiu Nébel.

— Lídia! Vem cá um momento! Está aqui uma pessoa tua conhecida.

Lídia chegou quando ele já estava de pé. Avançou ao encontro de Nébel, os olhos cintilantes de felicidade, e estendeu-lhe um grande ramo de violetas, com adorável torpeza.

— Se não for incómodo — prosseguiu a mãe, — poderia vir todas as segundas-feiras... Que lhe parece?

— Que é muito pouco, senhora! — respondeu o rapaz.

— Às sextas-feiras também... Permite-me?

A senhora desatou a rir.

— Que apressado! Eu não sei... Vejamos o que diz Lídia. O que achas, Lídia?

A criatura, que não afastava os seus sorridentes olhos de Nébel, disse-lhe *sim!* mesmo na cara, uma vez que a ele devia a sua resposta.

— Muito bem: então até segunda-feira, Nébel!

Nébel objectou.

— Não me permitiria vir esta noite? Hoje é um dia extraordinário...

— Bom! Esta noite também! Acompanha-o, Lídia.

Mas Nébel, com uma louca necessidade de movimento, despediu-se ali mesmo e fugiu com o seu ramo, cujo caule já quase tinha desfeito, e com a alma projectada para o último céu da felicidade.

Durante dois meses, em todos os momentos em que se viam, em todas as horas que os separavam, Nébel e Lídia adoraram-se. Para ele, romântico até sentir o estado de dolorosa melancolia que provoca um simples chuvisco que acinzenta o pátio, aquela criatura, com a sua cara angelical, os seus olhos azuis e a sua precoce plenitude, encarnava a soma possível do ideal. Para ela, Nébel era varonil, bom moço e inteligente. Não havia, no seu mútuo amor, outra nuvem senão a menoridade de Nébel.

O rapaz, pondo de lado estudos, cursos e outras coisas supérfluas, queria casar-se. De certeza absoluta só havia duas coisas: que para ele era *absolutamente* impossível viver sem Lídia e que enfrentaria tudo o que se lhe opusesse. Pressentia — ou melhor, sentia — que ia fracassar rudemente.

O seu pai, com efeito, profundamente desgostado com o ano que Nébel perdia, depois de um namorisco de Carnaval, pretendia pôr os pontos nos is com terrível vigor. Um dia, em finais de Agosto, falou por fim com o filho: — Disseram-me que continuas com as tuas visitas à casa de Arrizabalaga. É verdade? Porque tu não te dignas dizer-me nem uma palavra.

Nébel viu toda a tormenta nessa forma de dignidade, e a voz tremeu-lhe imperceptivelmente ao responder: — Se não te disse nada, papá, é porque sei que não gostas que te fale nisso.

— Bah! Como hei-de gostar; podes, de facto, poupar-te a esse trabalho... Mas gostaria de saber qual é o teu estado. Vais a essa casa como noivo?

— Sim.

— E recebem-te formalmente?

— Acho que sim...

O pai olhou-o fixamente e tamborilou com os dedos sobre a mesa.

— Está bem! Muito bem!... Ouve-me, porque tenho o dever de te mostrar o caminho. Sabes bem o que estás a fazer? Já pensaste no que pode acontecer?

— Acontecer?... O quê?

— Que te cases com essa rapariga. Mas repara: pelo menos já tens idade para reflectir. Sabes quem é? De onde vem? Conheces alguém que saiba que vida leva em Montevideo?

— Papá!

— Sim, o que é que fazem lá! Bah! Não faças essa cara...

Não me refiro à tua... noiva. Essa é uma criança e como tal não sabe o que faz. Mas sabes de que vivem?

— Não! Nem me importa, porque embora sejas meu pai...

— Bah, bah, bah! Deixa isso para depois. Não te falo como pai, mas como qualquer homem honrado poderia falar-te. E, uma vez que te indigna tanto aquilo que te pergunto, averigua junto de quem te quiser contar que tipo de relação tem a mãe da tua noiva com o cunhado, pergunta!

— Sim, já sei que foi...

— Ah! Sabes que foi a querida do Arrizabalaga? E que ele ou outro qualquer sustentam a casa de Montevideo? E ficas tão fresco!... Sim, bem sei! A tua noiva não tem nada a ver com isto, já sei! Não há impulso mais belo junto do que o teu... Mas anda com cuidado porque podes chegar tarde... Não, não, acalma-te! Não tenho a menor intenção de ofen-der a tua noiva, e acho, tal como já te disse, que ainda não está contaminada pela podridão que a rodeia. Mas se a mãe quer vender-ta em matrimónio, ou melhor, à fortuna que vais herdar quando eu morrer, diz-lhe que o velho Nébel não está disposto a esses negócios e que antes o levará o diabo do que consentir esse casamento. Nada mais te quero dizer.

O rapaz gostava muito do pai, apesar do seu carácter; saiu cheio de raiva por não ter podido desafogar a sua ira, tanto mais violenta quanto ele próprio a sabia injusta. Há bastante tempo que não o ignorava. A mãe de Lídia tinha sido a querida de Arrizabalaga em vida do marido e ainda durante quatro ou cinco anos depois. Viam-se de tarde em tarde, mas o velho libertino, agora amarfanhado na sua artrite de solteirão doentio, distava muito de ser, relativamente à sua cunhada, aquilo que se pretendia; e se mantinha a mãe e a filha, fazia-o por uma espécie de agradecimento de ex-amante, e sobretudo para fomentar os actuais boatos que engordavam a sua vaidade.

Nébel recordava a mãe da noiva; e com um estremecimento de rapaz, louco por mulheres casadas, recordava certa noite em que, juntos e reclinados, folheando uma *Illustration*, tinha acreditado sentir, sobre os seus nervos subitamente tensos, um profundo hálito de desejo, que surgia do corpo em plenitude que se roçava nele. Ao levantar os olhos, Nébel sentiu o olhar dela, embriagada, cair pesadamente sobre o dele.

Ter-se-ia enganado? Era terrivelmente histérica, mas com raríssimas crises explosivas; os desordenados nervos repicavam para dentro e daí a doentia tenacidade num qualquer disparate e o súbito abandono de uma convicção; e nos preliminares da crise, a crescente obstinação, convulsiva, aumentando com grandes tijolos de absurdos.

Abusava da morfina com angustiante necessidade e por elegância. Tinha trinta e sete anos; era alta, com lábios muito grossos e acesos que se humedeciam sem cessar.

Sem serem grandes, os olhos pareciam-no pela forma e por ter longas pestanas; mas eram admiráveis de sombra e fogo. Pintava-se. Vestia, tal como a filha, com perfeito bom gosto, e esta era, sem dúvida, a sua maior sedução. Como mulher, devia ter tido um profundo encanto; agora a histeria tinha trabalhado muito o seu corpo — sendo, obviamente, doente do ventre. Quando a chicotada da morfina passava, os olhos embaciavam-se-lhe e da comissura dos lábios, do lábio globoso, pendia uma fina redezinha de rugas. Mas, apesar disso, a mesma histeria que lhe desfazia os nervos era o alimento, um pouco mágico, que sustinha a sua tenacidade.

Amava Lídia de forma entranhável; e com a morbidade das burguesas histéricas, teria envilecido a própria filha para a fazer feliz — isto é, para lhe proporcionar aquilo que teria feito a sua própria felicidade.

Assim, a inquietação do pai de Nébel a este respeito tocava no mais fundo das cordas de amante do seu filho.

Como escapou Lídia? Porque a limpidez da sua cútis, a franqueza da sua paixão de rapariga, que surgia com adorável liberdade, dos seus olhos brilhantes, eram, não só uma prova de pureza, mas também um degrau de nobre gozo pelo qual Nébel subia triunfal a arrancar brutalmente a planta podre na flor que o solicitava.

Esta convicção era tão intensa, que Nébel nunca a tinha beijado. Uma tarde, depois de almoçar, quando passava pelas terras de Arrizabalaga, tinha sentido um louco desejo de vê-la. A sua esperança foi realizada pois encontrou-a só, em robe, os caracóis sobre a face. Como Nébel a reteve contra a parede, ela, envergonhada e rindo-se, recostou-se no muro. E o rapaz, à sua frente, tocando-a quase, sentiu nas suas mãos inertes a elevada felicidade de um amor imaculado, que tão facilmente poderia sujar.

Mas depois, quando fosse sua mulher! Nébel precipitava o seu casamento tanto quanto lhe era possível. A sua maioridade, obtida nesses dias, permitia-lhe por herança materna suportar os gastos. Faltava o consentimento do pai, e a mãe de Lídia apreciava este detalhe.

A situação dela, sobejamente equívoca em Concórdia, exigia uma aprovação social, que desde o princípio deveria começar pela do futuro sogro da sua filha. E, sobretudo, aguentava-a o desejo de humilhar, de forçar a moral burguesa a dobrar os joelhos perante a mesma inconveniência que a desprezou.

Já várias vezes tinha tocado no assunto com o futuro genro, com alusões a «o meu sogro»... «a minha nova família»... «a cunhada da minha filha». Nébel calava-se, e os olhos da mãe brilhavam então com mais fogo.

Até que um dia a chama se levantou. Nébel tinha marcado o seu casamento para 18 de Outubro. Faltava mais de um mês, mas a mãe fez entender claramente ao rapaz que queria a presença do seu pai essa noite.

— Será difícil — disse Nébel, depois de um mortificante silêncio. — Custa-lhe muito sair à noite... Nunca sai.

— Ah! — limitou-se a exclamar a mãe, mordendo rapidamente o lábio. Outra pausa se seguiu, mas esta já de presságio. — Mas você não vai fazer um casamento clandestino, pois não?

— Oh! — sorriu Nébel com dificuldade. — Meu pai acha o mesmo.

— E então?

Novo silêncio, cada vez mais tempestuoso.

— É por mim que o senhor seu pai não quer assistir?

— Não, não senhora! — exclamou por fim Nébel, impaciente. — É a sua forma de ser... Se quiser falarei novamente com ele.

— Eu, querer? — sorriu a mãe, dilatando as narinas.

— Faça o que lhe parecer... Quer sair agora, Nébel? Não me sinto bem.

Nébel saiu, profundamente desgostoso. Que poderia dizer a seu pai? Este sustinha sempre a sua rotunda oposição a tal casamento, e o filho já tinha empreendido as gestões necessárias para prescindir da sua autorização.

— Podes fazer isso e tudo o que te der na gana. Mas o meu consentimento para que essa depravada seja tua sogra, nunca!

Três dias depois, Nébel decidiu acabar com esta situação de uma vez por todas, e para tal aproveitou um momento em que Lídia não estava.

— Falei com meu pai — começou Nébel — e disse-me que lhe será completamente impossível assistir.

A mãe pôs-se levemente pálida, enquanto os seus olhos, num súbito fulgor, se alongavam para as fontes.

— Ah! E porquê?

— Não sei — ripostou Nébel com voz surda.

— Ou seja... o senhor seu pai teme sujar-se se puser aqui os pés.

— Não sei! — repetiu ele, por sua vez obstinado.

— Então é uma ofensa gratuita o que nos faz esse senhor? O que é que ele pensa? — acrescentou com a voz já alterada e os lábios trementes. — Quem é ele para se dar esses ares?

Nébel sentiu então a chicotada da reacção na cepa profunda que era a sua família.

— O que é, não sei! — concluiu por sua vez, de forma precipitada. — Mas não só se nega a assistir, como nem sequer dá o seu consentimento.

— O quê? Nega-se? E porquê? Quem é ele? O mais autorizado para isto!

Nébel levantou-se:

— Você não...

Mas ela também já se tinha levantado.

— Sim, sim! Você é uma criança! Pergunte-lhe como fez a sua fortuna, roubada aos seus clientes! E com esses ares! A sua família irrepreensível, sem nódoa, enche a boca com isso! A sua família!... Peça-lhe que lhe diga quantos muros tinha de saltar para ir dormir com a mulher antes de se casar! Sim, e vem-me com a sua família!... Muito bem, vá-se embora; estou farta de hipocrisias!

Divirta-se!

Nébel viveu quatro dias no mais profundo desespero.

O que poderia esperar depois de tudo o que acontecera?

Ao quinto dia, e ao anoitecer, recebeu um bilhete:

Octávio: Lídia está bastante doente e só a sua presença poderia acalmá-la.

Maria S. de Arrizabalaga

Era um ardil, não havia dúvidas. Mas se a sua Lídia na realidade...

Foi lá nessa noite e a mãe recebeu-o com uma tal discricção que surpreendeu Nébel; sem afabilidade excessiva, nem ar de pecadora que pede desculpas.

— Se a quer ver...

Nébel entrou com a mãe e viu o seu adorado amor na cama, o rosto com essa frescura sem pós que unicamente dão os catorze anos, e as pernas encolhidas.

Sentou-se a seu lado, e em vão a mãe esperou que dissessem algo; não faziam nada senão olhar-se e sorrir.

De repente, Nébel sentiu que estavam sós, e a imagem da mãe surgiu nítida: «Vai-se embora para que, no transporte do meu amor reconquistado, perca a cabeça e o casamento seja forçado.»

Mas nesse quarto de hora de gozo final que lhe ofereciam adiantado às custas de uma promissória de casamento, o rapaz de dezoito anos sentiu — como da outra vez contra a parede — o prazer sem a mais ténue nódoa de um amor puro em toda a sua auréola de poético idílio.

Só Nébel pôde dizer o quanto foi grande a sua felicidade recuperada depois do naufrágio. Ele também esquecia o que na mãe tinha sido explosão de calúnia, ânsia raivosa de insultar aqueles que não o merecem. Mas tinha a mais firme decisão de afastar a mãe da sua vida, uma vez casados.

A lembrança da sua terna noiva, pura e sorridente na cama, acendia a promessa de uma voluptuosidade íntegra, à qual não tinha roubado prematuramente o mais pequeno diamante.

Na noite seguinte, ao chegar a casa de Arrizabalaga, Nébel encontrou o saguão escuro. Muito tempo depois a criada entreabriu a janela.

— Saíram? — perguntou ele, admirado.

— Não, vão para Montevideo... Foram a Salto dormir a bordo.

— Ah! — murmurou Nébel, aterrado. Tinha ainda uma esperança.

— O doutor? Posso falar com ele?

— Não está; foi para o clube, depois de comer...

Uma vez na rua escura, Nébel levantou e deixou cair os braços com mortal desalento. Acabou-se tudo! A sua felicidade, a sua dita reconquistada um dia atrás, perdida de novo e para sempre! Pressentia que desta vez não havia redenção possível. Os nervos da mãe tinham saltado como loucos, como teclas, e ele já não podia fazer mais nada.

Caminhou até à esquina e dali, imóvel sob o farol, contemplou com estúpida fixação a casa rosada. Deu

uma volta ao quarteirão e voltou a parar por baixo do farol. Nunca, nunca mais!

Até às onze e meia fez a mesma coisa. Por fim, foi para casa e carregou o revólver. Mas uma recordação deteve-o: meses antes tinha prometido a um desenhador alemão que antes de algum dia se suicidar — Nébel era adolescente ... — iria vê-lo. Unia-o ao velho militar de Guillermo uma viva amizade, alicerçada sobre longas conversas filosóficas.

Na manhã seguinte, muito cedo, Nébel batia à porta do pobre quarto do amigo. A expressão do seu rosto era sobejamente explícita.

— É agora? — perguntou-lhe o paternal amigo, estendendo-lhe firmemente a mão.

— Pff! De qualquer maneira!... — concluiu o rapaz, olhando para outro lado.

O desenhador, com grande calma, contou-lhe então o seu próprio drama de amor.

— Vá para casa — concluiu — e se às onze ainda não tiver mudado de ideias, volte para almoçar comigo, se é que temos o quê. Depois fará o que quiser. Jura?

— Juro! — respondeu Nébel, devolvendo-lhe o seu caloroso aperto de mãos, com uma grande vontade de chorar.

Em casa esperava-o um bilhete de Lídia:

Idolatrado Octávio: o meu desespero não pode ser maior; mas a mamã acha que se eu me casar consigo, estar-me-ão reservadas grandes dores; compreendi, como ela, que o melhor seria separar-mo-nos, e juro-lhe não o esquecer nunca.

Sua, Lídia

— Ah, tinha de ser assim! — exclamou o rapaz, vendo ao mesmo tempo, com espanto, o seu rosto alterado no espelho.

A mãe é que tinha inspirado a carta, ela e a sua maldita loucura! Lídia devia ter-se limitado a tê-la escrito e a pobre rapariga, transtornada, chorava todo o seu amor nessa redacção. — Ah! Se pudesse vê-la algum dia, dizer-lhe de que forma a amei, quanto a amo agora, adorada da minha alma!...

Tremendo, foi até à mesa de cabeceira e pegou no revólver; mas lembrou-se da sua nova promessa e, durante um infundável tempo, permaneceu ali de pé, limpando obstinadamente com a unha uma mancha no tambor.

Outono

Uma tarde em Buenos Aires, acabava Nébel de subir para o eléctrico, quando o carro se deteve um momento mais do que o conveniente, e Nébel, que lia, voltou por fim a cabeça.

Uma mulher, com lento e difícil andar, avançava entre os assentos. Depois de uma rápida olhadela à incómoda personagem, Nébel voltou à leitura. A dama sentou-se a seu lado e, ao fazê-lo, olhou atentamente para o seu vizinho. Nébel, embora de vez em quando sentisse o estrangeiro olhar pousado sobre ele, prosseguiu a sua leitura; mas por fim cansou-se e levantou o rosto, admirado.

— Bem me parecia que era você — exclamou a dama — embora ainda duvidasse... Não se lembra de mim, não é verdade?

— Sim — concluiu Nébel, abrindo os olhos. — A senhora de Arrizabalaga...

Ela reparou na surpresa de Nébel e sorriu com ar de velha cortesã que tenta ainda agradar a um rapaz.

Dela — quando Nébel a tinha conhecido onze anos antes — só restavam os olhos, embora muito fundos e já apagados. A cútis amarela com tons verdosos nas sombras gretava-se em poeirentos sulcos. Os pómulos saltavam agora, e os lábios, sempre grossos, pretendiam ocultar uma dentadura toda cariada. Por baixo do corpo consumido via-se a morfina viva, correndo entre os nervos esgotados e as artérias aquosas, acabando por ter convertido naquele esqueleto a ele-gante mulher que um dia folheara a *Illustration* a seu lado.

— Sim, estou muito envelhecida... e doente; já tive ataques nos rins... E você — acrescentou, olhando-o com ternura, — sempre na mesma! A verdade é que ainda não tem trinta anos... Lídia também está igual.

Nébel levantou os olhos.

— Solteira?

— Sim... Como ficará contente quando lhe contar! Porque não lhe dá esse gosto, à pobre? Não quer ir ver-nos?

— Com muito gosto... — murmurou Nébel.

— Sim, vá depressa; já sabe aquilo que fomos para si...Enfim, Boedo 1483, apartamento 14... A nossa posição é tão mesquinha...

— Oh! — protestou ele, levantando-se para se ir embora.

Prometeu ir brevemente.

Doze dias depois Nébel devia voltar à obra, mas antes quis cumprir a sua promessa. Foi até lá — um miserável apartamento dos arrabaldes. A senhora de Arrizabalaga recebeu-o enquanto Lídia se arranjava um pouco.

— Com que então, onze anos! — observou novamente a mãe. — Como passa o tempo! E você que poderia ter tido uma infinidade de filhos de Lídia!

— Seguramente — sorriu Nébel, olhando à sua volta.

— Oh! Não estamos muito bem! E sobretudo como deve estar montada a sua casa... Estou sempre a ouvir

falar dos seus caniçais... É essa a sua única propriedade?

— Sim... Em Entre Rios também...

— Que feliz! Se uma pessoa pudesse... Sempre desejando ir passar uns meses ao campo, e sempre e só o desejo!

Calou-se e lançou um fugaz olhar a Nébel. Este, com o coração apertado, revivia nitidamente as impressões enterradas há onze anos na sua alma.

— E tudo isto por falta de relações... É tão difícil ter um amigo nessas condições!

O coração de Nébel contraía-se cada vez mais, até que Lídia entrou.

Ela estava também muito mudada, porque o encanto da candura e da frescura dos catorze anos não se volta a encontrar na mulher de vinte e seis. Mas sempre bela.

O seu olfacto masculino sentiu, no seu pescoço delicado, na mansa tranquilidade do seu olhar, e em tudo quanto é indefinível mas que denuncia ao homem o amor já gozado, que devia guardar escondida para sempre a recordação da Lídia que tinha conhecido.

Falaram de coisas muito triviais, com a total discrição das pessoas já maduras. Quando ela voltou a sair por um momento, a mãe prosseguiu:

— Sim, está um pouco debilitada... e quando penso que no campo se recuperaria rapidamente... Veja, Octávio: permite-me ser franca consigo? Já sabe que lhe quis como a um filho... Não poderíamos passar uma temporada na sua propriedade? Faria tão bem a Lídia!

— Sou casado — concluiu Nébel.

A senhora fez um gesto de viva contrariedade e por momentos a sua decepção foi sincera; de seguida, cruzou as suas cómicas mãos:

— Você casado! Oh, que desgraça, que desgraça! Desculpe, já sabe!... Nem sei o que digo... E a sua senhora vive consigo na propriedade?

— Sim, normalmente... Agora está na Europa.

— Que desgraça! Quer dizer... Octávio — acrescentou abrindo os braços e com lágrimas nos olhos — a si posso contar-lhe, você foi quase como meu filho... Estamos praticamente à beira da miséria! Porque não quer que eu vá com Lídia? Vou fazer-lhe uma confissão de mãe — concluiu, com um pegajoso sorriso e baixando a voz. — Você conhece bem o coração de Lídia, não é verdade?

Esperou pela resposta mas Nébel permanecia calado.

— Sim, você conhece-a! E acha que Lídia é capaz de esquecer, quando amou?

Agora tinha reforçado a sua insinuação com um lento piscar de olhos.

Nébel avaliou então, de repente, o abismo em que poderia ter caído antes. Continuava a ser a mesma mãe; mas agora envilecida pela sua própria alma velha, pela morfina e pela pobreza. E Lídia... Ao vê-la de novo tinha sentido um brusco golpe de desejo pela actual mulher de voz grave e já marcada pela vida. Perante o que lhe propunham, lançou-se nos braços daquela estranha conquista que o destino lhe apresentava.

— Não sabes, Lídia? — interrompeu a mãe, alvoroçada, ao voltar a filha. — Octávio convida-nos a passar uma temporada na sua propriedade. Que te parece?

Lídia contraiu o sobrolho, fugitiva e inconscientemente, e recuperou a sua serenidade.

— Muito bem, mamã...

— Ah! Sabes o que está a dizer? Está casado. Tão jovem ainda! Somos quase da sua família...

Lídia voltou então os olhos para Nébel e olhou-o por um momento com dolorosa gravidade.

— Há muito tempo? — murmurou.

— Quatro anos — concluiu ele em voz baixa. Apesar de tudo, faltou-lhe coragem para a olhar.

Inverno

Não fizeram a viagem juntos, por causa de um último escrúpulo de Nébel, que era muito conhecido naquela linha; mas, ao sair da estação, subiram todos no *brec* da casa. Quando

Nébel ficava sozinho na propriedade não mantinha no serviço doméstico mais do que uma velha índia, pois — para além da sua própria sobriedade — a sua mulher levava sempre consigo todos os serviços. Assim, apresentou as suas acompanhantes à fiel nativa como sendo uma tia anciã e a sua filha, que vinham recuperar a saúde perdida.

Nada mais credível, por outro lado, pois a senhora debilita-va-se vertiginosamente. Tinha chegado desfeita, o pé incerto e pesadíssimo, e na sua fâcies angustiada, a morfina, que a pedido de Nébel tinha sacrificado quatro horas seguidas, pedia a gritos uma corrida por dentro daquele cadáver vivente.

Nébel, que tinha abandonado os seus estudos com a morte do pai, sabia no entanto o suficiente para prever uma rápida catástrofe; o rim atacado tinha por vezes paragens perigosas, que a morfina não fazia senão precipitar.

Já no carro, não podendo aguentar mais, a dama tinha olhado para Nébel com transida angústia: — Se me permite, Octávio... Não posso mais! Lídia, põe-te à minha frente.

A filha, tranquilamente, ocultou um pouco a mãe e Nébel ouviu o restolhar da roupa violentamente recolhida para picar a coxa.

Os olhos acenderam-se e uma plenitude de vida cobriu como uma máscara aquela cara agónica.

— Agora estou bem... Que felicidade! Sinto-me bem.

— Deveria deixar isso — disse cruelmente Nébel, olhando-a de lado. — Quando chegar estará pior.

— Oh, não! Antes morrer aqui mesmo.

Nébel passou todo o dia desgostoso e decidido a viver tudo quanto lhe fosse possível, sem ver em Lídia e na sua mãe mais do que duas pobres doentes. Mas ao cair da tarde, e tal como as feras que a essa hora começam a afiar as garras, o cio de macho começou a relaxar-lhe a cintura em cansados arrepios.

Comeram cedo porque a mãe, debilitada, desejava deitar-se de uma vez por todas. Não conseguiram que ela tomasse exclusivamente leite.

— Ui! Que repugnância! Não consigo bebê-lo. E quer que sacrifique os últimos anos da minha vida, agora que poderia morrer contente?

Lídia não pestanejou. Tinha trocado com Nébel poucas palavras, e só no fim do café o olhar dele se fixou no dela; mas Lídia baixou o seu de seguida.

Quatro horas depois, Nébel, sem fazer ruído, abria a porta do quarto de Lídia.

— Quem é? — soou de repente a voz sobressaltada.

— Sou eu — murmurou apenas Nébel.

Um movimento de roupas, como o de uma pessoa que se senta bruscamente na cama, seguiu-se às suas palavras e o silêncio reinou de novo. Mas quando a mão de Nébel tocou, na escuridão, um fresco braço,

o seu corpo tremeu então numa profunda sacudidela.

Depois, inerte ao lado daquela mulher que já tinha conhecido o amor antes que ele chegasse, subiu do mais recôndito da alma de Nébel o santo orgulho da sua adolescência, de nunca ter tocado, de não ter roubado nem sequer um beijo à criatura que o olhava com radiante candura. Pensou nas palavras de Dostoievski, que até esse momento não tinha compreendido: «Nada há de mais belo e que mais fortaleça a vida do que uma recordação pura.»

Nébel tinha guardado essa recordação sem nódoa, pureza imaculada dos seus dezoito anos e que agora jazia ali, enlameada até ao cálice, sobre uma cama de criada.

Sentiu então sobre o seu pescoço duas lágrimas pesadas, silenciosas. Ela, por seu lado, recordaria... E as lágrimas de Lídia continuavam uma após outra, a regar, como uma sepultura, abominável fim do seu único sonho de felicidade.

Durante dez dias a vida prosseguiu em comum, embora Nébel estivesse quase todo o dia fora. Por tácito acordo, Lídia e ele poucas vezes se encontravam a sós; e, embora à noite se voltassem a ver, permaneciam ainda longo tempo calados.

A própria Lídia tinha muito que fazer cuidando da mãe, por fim prostrada. Como não havia possibilidade de reconstruir o que já estava podre, mesmo em troca do perigo imediato que causara, Nébel pensou em suprimir-lhe a morfina.

Mas absteve-se numa manhã em que, ao entrar bruscamente na sala de jantar, surpreendeu Lídia, que baixava precipitadamente as saias. Tinha na mão a seringa, e fixou em Nébel o seu olhar assustado.

— Há muito tempo que usas isso? — perguntou-lhe por fim.

— Sim — murmurou Lídia, dobrando a agulha numa convulsão.

Nébel ainda a olhou e encolheu os ombros.

No entanto, como a mãe repetia as suas injeções com uma frequência terrível para afogar as dores dos seus rins, que a morfina acabaria por matar, Nébel decidiu tentar a salvação daquela desgraçada, subtraindo-lhe a droga.

— Octávio! Vai matar-me! — clamou ela com rouca súplica.

— Meu filho Octávio! Não poderia viver nem um dia!

— É que não viverá duas horas se lhe deixo isso! — respondeu Nébel.

— Não me importo, meu Octávio! Dá-me, dá-me a morfina!

Nébel deixou que os braços se estendessem para ele inutilmente e saiu com Lídia.

— Tu conheces a gravidade do estado de tua mãe?

— Conheço... os médicos tinham-me dito...

Ele olhou-a fixamente.

— É que está muito pior do que imaginas.

Lídia ficou lívida e, olhando para fora, afogou um soluço mordendo os lábios.

— Não há médico aqui? — murmurou.

— Aqui não, nem em dez léguas à volta; mas procuraremos.

Nessa tarde chegou o correio, quando estavam a sós na sala de jantar, e Nébel abriu uma carta.

— Notícias? — perguntou Lídia, inquieta, levantando os olhos para ele.

— Sim — concluiu Nébel, prosseguindo a leitura.

— Do médico? — voltou a perguntar Lídia, ainda mais ansiosa.

— Não, da minha mulher — concluiu ele com voz dura, sem levantar os olhos.

Às dez da noite, Lídia chegou a correr aos aposentos de Nébel.

— Octávio! A mamã está a morrer!...

Correram para o quarto da doente. Uma intensa palidez cadaverizava-lhe já o rosto. Tinha os lábios desmesuradamente inchados e azuis, e por entre eles escapava-se um arremedo de palavras, gutural:

— Pla... pla... pla...

Nébel viu imediatamente sobre a mesa de cabeceira o frasco de morfina, quase vazio.

— É claro que vai morrer! Quem lhe deu isto? — perguntou.

— Não sei; Octávio! Há pouco ouvi um barulho...

Certamente foi buscá-lo ao teu quarto quando tu não estavas... Mamã, pobre mamã! — caiu, soluçando, sobre o miserável braço que pendia até ao chão.

Nébel tomou-lhe o pulso; o coração não batia mais e a temperatura caía. Poucos segundos depois os lábios calaram o seu pla... pla, e na pele apareceram grandes manchas arroxeadas.

À uma da manhã morreu. Nessa mesma tarde, depois do enterro, Nébel esperou que Lídia acabasse de se vestir enquanto os trabalhadores levavam as malas para a carruagem.

— Toma isto — disse-lhe, com ela já a seu lado, estendendo-lhe um cheque de dez mil pesos.

Lídia tremeu violentamente e os seus olhos, avermelhados, fixaram-se em cheio nos de Nébel, porém ele susteve o olhar.

— Toma, então! — repetiu surpreendido.

Lídia apanhou-o e baixou-se para recolher a sua mala.

Então Nébel inclinou-se sobre ela.

— Perdoa-me — disse-lhe. — Não me julgues pior do que aquilo que sou.

Na estação esperaram pouco tempo, sem falar, junto às escadas do vagão, pois o comboio ainda não ia sair. Quando o sino tocou, Lídia estendeu-lhe a mão, que Nébel reteve durante um momento em silêncio.

Depois, sem a soltar, agarrou Lídia pela cintura e beijou-a profundamente na boca.

O comboio partiu. Imóvel, Nébel seguiu com o olhar a janela que se perdia.

Mas Lídia não assomou.

OS HABITANTES DA ILHA MIDDLE – William H. Hodgson

O jovem Trenhern havia visto sua namorada, a mulher de sua vida, embarcar em um navio na Austrália, para tratar da saúde.

Mas seis meses se haviam passado, e nunca mais ele teve notícias do navio Happy Return. Que ironia do destino! ‘Feliz Retorno’, um nome tão pouco adequado para um navio que teve um destino tão estranho e infeliz!

Com a ajuda de amigos, Trenhern vai parar no Atlântico Sul, nas costas de uma ilhota chamada Middle, e onde foi encontrado o navio naufragado.

Porém, nenhum sinal da tripulação ou dos passageiros... e uma terrível revelação esperava o infeliz jovem e seus amigos naquele navio fantasma e naquela ilhazinha desolada...

— É aquela - exclamou o velho baleeiro, dirigindo-se a meu amigo Trenhern, enquanto o iate costeava lentamente a Ilha Nightingale. O velho apontava com o cabo de um enegrecido cachimbo de argila para uma pequena ilhota a estibordo da proa.

— É aquela, senhor – repetiu -. A Ilhota Middle e logo teremos um bom panorama da enseada. Embora não afirmo que a nave esteja ainda ali, senhor, e se o está, tenha em conta que lhe disse durante todo o tempo, que não havia ninguém nela quando subimos a bordo - voltou a levar o cachimbo à boca, dando um par de tragos lentos, enquanto Trenhern e eu escutinávamos a ilhota através dos binóculos.

Estávamos no Atlântico Sul. Ao norte, ao longe, via-se difusamente o pico turvo, batido pelos ventos da Ilha Tristan, a maior das que integram o grupo da Cunha, enquanto que no horizonte ocidental podíamos distinguir em forma pouco nítida a Ilha inacessível.

Entretanto, estas duas eram de pouco interesse para nós. Era a Ilhota Middle, frente à costa da Ilha Nightingale, a que atraía nossa atenção.

Havia pouco vento e o iate avançava lento na água de cor escura. Pude ver que meu amigo estava torturado pela impaciência de saber se a enseada ainda retinha os restos do navio que tinha levado sua namorada. Por minha parte, embora sentisse muita curiosidade, não tinha a mente tão ocupada para excluir um assombro inconsciente ante a estranha coincidência que nos tinha levado para aquela busca. Durante seis longos meses meu amigo tinha esperado em vão notícias do Happy Return, no qual tinha embarcado sua namorada para a Austrália, em uma viagem por motivos de saúde.

Nada, porém, se sabia e o dava por perdido, mas Trenhern, desesperado, tinha realizado um último esforço. Fizera publicar avisos em todos os periódicos mais importantes do mundo e esta medida tinha tido certo êxito na forma do velho baleeiro que estava junto a ele. Este homem, atraído pela recompensa oferecida, tinha informado a respeito de um casco desmantelado, que levava o nome Happy Return na proa e na popa, com o que se encontrou em sua última viagem em uma estranha enseada do flanco Sul da Ilhota Middle.

Entretanto, não tinha dado esperanças a meu amigo de encontrar seu amor perdido ou, em realidade, de

encontrar algo vivo nele, porque tinha subido a bordo com a tripulação de um bote só para descobrir que estava completamente abandonado e - conforme nos disse - não tinham permanecido ali nem um momento.

Agora me inclino a pensar que inconscientemente deve havê-lo impressionado a terrível desolação e a atmosfera misteriosa que invadia o navio, e nós mesmos logo seríamos conscientes. Justamente sua próxima observação demonstrou que minha hipótese era correta.

— Nenhum de nós quis se meter muito com tal navio. Ninguém se sentia cômodo a bordo. E estava muito limpa e arrumada para meu gosto.

— O que quer dizer com limpa e arrumada? - perguntei, intrigado pela maneira como ele falara.

— Bom - respondeu -, assim era. Dava a um a impressão de que um montão de gente acabava de abandoná-la e podia voltar em qualquer bendito minuto. Saberá o que quero dizer, senhor, quando a abordar - meneou a cabeça sabiamente e voltou a fumar o cachimbo.

Durante um momento o olhei dubio; depois me volvei e olhei para Trenhern, mas era evidente que não tinha notado as últimas observações do velho marinheiro.

Estava muito ocupado em olhar com a luneta a pequena ilha, para notar o que acontecia ao seu redor. De repente emitiu um grito grave e se voltou para o velho baleeiro.

— Ande, Williams! - disse -. É este o local? - apontou com a luneta. Williams levou uma mão aos olhos e olhou.

— É ali, senhor - respondeu depois de uma pausa.

— Mas... mas onde está o navio? - perguntou meu amigo com voz tremente -. Não vejo sinais dele. Tomou Williams pelo braço e o sacudiu com repentino temor.

— Tudo corre bem, senhor - exclamou Williams-. Não avançamos o suficiente para o sul para ter um bom panorama da enseada. Se estreita na boca e a nave está bem dentro. Verá em um minuto.

Com essas palavras, Trenhern lhe soltou o braço, com o rosto um pouco mais composto, embora muito ansioso. Durante um minuto se apoiou sobre o corrimão, como que procurando apoio. Depois virou-se para mim.

— Henshaw - disse -. Estou tremendo... Eu...Eu...

— Vamos, vamos, meu velho - respondi e deslizei meu braço no seu. Depois, pensando em ocupar de algum modo sua atenção, sugeri-lhe que devia mandar que preparassem um dos botes para descê-lo. Depois estivemos escrutinando um momento mais a estreita abertura entre as rochas. Pouco a pouco, à medida que nos aproximávamos dela, notei que penetrávamos a considerável profundidade dentro da ilhota e então, por fim, apareceu algo ao longe, entre as sombras da enseada. Era como a popa de um navio projetando-se detrás das altas paredes da entrada rochosa e quando percebi, emiti uma interjeição, destacando Trenhern com considerável excitação.

Tinham descido o bote. Trenhern e eu junto com a tripulação do bote, e o velho baleeiro ao leme, íamos diretamente para a entrada na costa da Ilhota Middle.

Em pouco nos encontramos no meio do largo cinturão de algas que rodeava a ilhota e minutos depois deslizamos nas águas limpas, escuras da enseada, com as rochas elevando-se a cada lado de nós em

paredes nuas, inacessíveis, que pareciam tocar-se nas alturas.

Passaram uns segundos antes que atravessássemos a passagem e entrássemos em um pequeno mar circular rodeado de ásperos escarpados que se elevavam sobre todos os flancos a uma altura de mais de cem metros. Era como se olhássemos do fundo de um poço gigantesco. Entretanto notamos pouco então, porque estávamos passando sob a popa de um navio e, ao olhar para cima, li em letras brancas: *Happy Return*.

Voltei-me para Trenhern. Tinha o rosto branco e seus dedos brincavam com os botões da casaca; sua respiração era irregular. Um instante depois, Williams trouxe o bote junto à nave e Trenhern e eu subimos a bordo. Williams nos seguiu, levando a amarra do bote; segurou-a em uma braçadeira e depois se voltou para nos guiar.

Enquanto íamos sob cobertura, os pés batiam com um som vazio que denunciava nossa desolação, enquanto as vozes, quando falamos, pareceram trazer um eco dos escarpados circundantes com uma estranha vibração oca, que nos levou imediatamente a falar em sussurros. E assim comecei a compreender o que Williams tinha querido dizer quando disse "Ninguém se sentia cômodo a bordo".

— Notem quão limpa e organizada que está a bendita coisa - disse, detendo-se depois de alguns passos -. Não é natural - fez um gesto com a mão para os equipamentos que nos rodeavam-. Tudo está como se acabasse de chegar ao porto e não fosse um bendito navio naufragado.

Seguiu para a popa, sempre abrindo a marcha. Era tal como havia dito. Embora os mastros e os botes da nave tivessem desaparecido, estavam extraordinariamente limpos e em ordem, as cordas – as que ficavam - enroladas nos cabos e em nenhum ponto das cobertas se podia discernir algum sinal de desordem. Trenhern o tinha captado, ao mesmo tempo que eu e agora me tocou o ombro com uma mão rápida, nervosa.

— Observe, Henshaw - disse em um sussurro excitado-, isto demonstra que alguns estavam vivos quando isso entrou aqui... - fez uma pausa para recuperar o fôlego-. Podem estar... podem estar...

Parou uma vez mais e apontou sem uma palavra. Tinha passado além das palavras.

— Abaixo? - indagou, tratando de falar com animação.

Assentiu com a cabeça, me escrutinando o rosto em busca de combustível para a repentina esperança que se acendeu dentro dele. Então chegou a voz de Williams que estava de pé ante a escada de entrada às cabines.

— Vamos, senhor. Não vou descer sozinho.

— Sim, vamos, Trenhern – gritei -. Nunca se sabe o que pode acontecer.

Chegamos juntos à escada e ele me fez gestos para que entrasse antes.

Estremeceu. Ao pé das escadas, Williams fez uma pausa, depois dobrou à esquerda e entrou num aposento. Quando atravessamos a soleira, impactou-me uma vez mais o extremo esmero do lugar.

Não havia sinais de apuro ou confusão; tudo estava em seu lugar como se o criado tivesse arrumado o departamento um momento antes, e limpo a mesa e os utensílios. Entretanto, por isso sabíamos, jazia ali um casco desmantelado há, pelo menos, cinco meses.

— Eles têm que estar aqui! Têm que estar aqui! - ouvi que murmurava meu amigo, e eu, embora lembrando que Williams o tinha encontrado assim fazia alguns meses, acabei por me unir à sua crença.

Williams tinha cruzado ao flanco de estibordo da câmara e vi que se aproximava de uma das portas. Esta se abriu, e o baleeiro deu a volta e fez um gesto a Trenhern.

— Veja, senhor – disse -. Esta deve ter sido a cabine de sua jovem esposa. Há objetos femininos pendurados e sobre a mesa o tipo de objetos que elas usam...

Não terminou. Trenhern atravessou a cabine de um salto, e agarrou-o no pescoço e no braço.

— Como se atreve... a profanar... - disse quase em um sussurro -. Como...como... - ofegou, e se agachou para levantar uma escova com cabo de prata que Williams tinha deixado cair ante o inesperado ataque.

— Não quis ofender, senhor - respondeu o velho baleeiro com voz assombrada, em que havia um matiz de uma raiva justificada-. Não quis ofender. Não ia roubar a bendita coisa.

Bateu a manga da casaca com a palma da mão e cruzou um olhar para mim, para me fazer testemunha da verdade de sua afirmação. Entretanto, logo notei o que dizia porque ouvi que meu amigo gritava dentro da cabine de sua bem amada e na voz se mesclava uma admirável profundidade de esperança, e temor e perplexidade. Um instante depois irrompeu na sala.

Sustentava algo branco na mão. Era um calendário.

Virou-o para cima para mostrar a data em que estava.

— Olhem! – gritou -. Vejam a data!

Quando meus olhos captaram o significado das poucas figuras visíveis, me acelerou a respiração e me inclinei para frente, olhando com fixidez. O calendário estava com a data desse mesmo dia.

— Bom Deus! - murmurei e logo - É um engano! É só uma casualidade!

E prossegui olhando.

— Não é - replicou Trenhern com veemência-. Foi posto neste dia... – interrompeu-se um momento. Então, depois de uma pausa breve e estranha gritou: Oh, meu Deus! Faça com que possa encontrá-la!

Voltou-se com aspereza para Williams.

— Em que data estava?... Rápido! - quase gritava.

Williams o olhou confuso.

— Maldição! - gritou meu amigo, quase fora de si-. Quando você subiu a bordo antes!

— Nunca vi antes essa bendita coisa antes, senhor - respondeu o baleeiro-. Não ficamos a bordo.

— Por Deus, homem! - gritou Trenhern-. Que lástima! Oh, o quanto isso é difícil! - depois virou e correu para a porta da cabine.

Ao chegar à soleira olhou por sobre o ombro. — Vamos! Vamos! -chamou-. Estão em algum lugar. Estão se escondendo... Procurem!

E foi o que fizemos, mas embora percorrêssemos o navio inteiro, de proa a popa, não encontramos o menor sinal de vida. Entretanto, em todas partes preponderava aquela extraordinária limpeza e aquela ordem, e não a desordem selvagem de um navio naufrago e abandonado. À medida que passávamos de um lugar a outro e de cabine em cabine, continuava experimentando a sensação de que tinham sido habitado até um momento antes.

Terminamos a busca, e ao não encontrar o que procurávamos, olhamo-nos confusos, quase sem falar.

Foi Williams o primeiro que disse algo inteligível.

— É como lhe disse, senhor; não havia nada vivo a bordo.

Diante disso Trenhern não respondeu nada e um minuto depois Williams voltou a falar.

— Não falta muito para que caia a noite, senhor, e temos que sair deste lugar enquanto houver um pouco de luz.

Em vez de lhe responder, Trenhern lhe perguntou se algum dos botes estava ali quando o abordaram antes e ante a resposta negativa, caiu outra vez em seu silencioso retraimento.

Um momento depois, atrevi-me a lhe chamar a atenção sobre o que havia dito Williams a respeito de retornar ao iate antes do escurecer. Então assentiu vagamente com um movimento de cabeça e caminhou fazia o lado, seguido por Williams e por mim. Um minuto depois estávamos no bote e entrávamos a mar aberto.

Durante a noite, não havendo lugar seguro para ancorar, o iate seguiu, sendo a intenção de Trenhern desembarcar na Ilhota Middle e procurar algum rastro da tripulação perdida do Happy Return. Se isso não desse resultados, ia levar a cabo uma grande exploração da Ilha Niglítigale e da Ilhota do Stoltenkoff antes de abandonar toda esperança.

Começou a executar a primeira parte do plano assim que amanheceu porque sua impaciência era muito intensa para esperar mais.

Entretanto, antes que desembarcássemos na Ilhota, pediu a Williams que levasse o bote à enseada.

Tinha a crença, que de certa forma me afligia, de que ia trazer para a tripulação a seu modo de volta à nave. Sugeriu-me - procurando sem cessar em meu rosto a mútua esperança que talvez tivessem estado ausentes no dia anterior, devido a alguma expedição à ilha em busca de vegetais comestíveis. E eu (recordando a data no calendário) pude olhá-lo com simpatia. Embora não pudesse desacreditar de todo esse fato, não podia também dar muito crédito à sua esperança.

Penetramos pela passagem ao grande poço entre os escarpados. A nave, quando nos aproximamos dela, via-se pálida e irreal na luz cinzenta do amanhecer envolta em névoa; entretanto o notamos apenas porque a excitação e esperança evidentes de Trenhern estavam se torando contagiosas. Foi ele quem abriu agora a marcha para a penumbra da câmara. Uma vez ali, Williams e eu vacilamos com certo temor natural, enquanto Trenhern cruzou a porta do quarto de sua amada. Ergueu a mão e bateu, e na quietude subsequente ouvi como pulsava nítido e veloz meu coração. Não houve resposta e Trenhern voltou a bater com os nódulos sobre os painéis; os golpes ressoaram ocos através da câmara e das cabines vazias. O suspense da espera quase me enlouqueceu. Depois Trehern tomou bruscamente o trinco, fez girar e abriu a porta de par em par. Ouvi-o emitir uma espécie de grunhido. A cabine estava vazia.

Um instante depois, lançou um grito e reapareceu na câmara sustentando o mesmo calendário pequeno.

Correu para mim e me pôs isso nas mãos com um grito desarticulado. Olhei-o.

Quando Trenhern me tinha mostrado isso no dia anterior mostrava a data do dia 27. Agora a tinham mudado para o dia 28.

— O que significa isto, Henshaw? O que significa? -perguntou ansioso.

Sacudi a cabeça.

— Será que não o trocou ontem... por engano?

— De modo algum! - disse.

— De que estão brincando? - prosseguiu-. Isto não tem sentido... - fez uma pausa, depois repetiu - O que significa isto?

— Só Deus sabe --murmurei-. Estou perplexo.

— Quer dizer que alguém esteve aqui ontem? - perguntou Williams a esta altura.

Assenti.

— Por Deus, então, senhor! – disse -. São fantasmas!

— Refreie sua língua, Williams! -gritou meu amigo, voltando-se grosseiramente para ele.

Williams não disse nada, mas caminhou para a porta.

— Onde vai? - perguntei.

— Sair daqui, senhor – respondeu -. Nesta viagem não assinei nenhum papel para tratar com espíritos! - e subiu com passo inseguro a escada de entrada.

Trenhern não parecia ter percebido as últimas observações porque quando voltou a falar, parecia estar com outras idéias.

— Olhe – disse -. Não estão vivendo a bordo, é evidente. Têm algum motivo para manter-se afastados. Estão se escondendo em algum lugar... talvez em uma caverna.

— O que há sobre o calendário, então? Acha que...?

— Sim, me ocorre que devem vir a bordo de noite. Deve haver algo que os mantém afastados durante o dia. Possivelmente um animal selvagem ou algo assim que os poderia ver durante o dia.

Sacudi a cabeça. Era muito improvável. Se havia algo que podia alcançá-los a bordo da nave, estando como estava rodeada pelo mar, no fundo de um grande poço entre os escarpados, então me parecia que não estariam seguros em nenhum lugar; além disso, podiam ficar ocultos durante o dia e eu não podia conceber nada que pudesse alcançá-los ali. Ergueu-se uma multidão de objeções adicionais em minha mente. E além disso, sabia perfeitamente que não havia animais selvagens de nenhum tipo nas Ilhas. Não! Era óbvio que não o podia explicar desse modo. E, entretanto... havia a mudança inexplicável do calendário. Minha cadeia de raciocínio terminava em uma névoa. Parecia inútil aplicar qualquer tipo de sentido comum ao problema e me volvei uma vez mais para Trenhern.

— Bom – disse -, não há nada aqui e, depois de tudo, pode haver algo de certo no que afirma, embora eu duvide que se possa encontrar a ponta do novelo.

Abandonamos a cabine e voltamos para a coberta. Logo nos encaminhamos para a proa e olhamos no castelo de proa, mas, tal como esperava, não encontramos nada. Depois disso nos afastamos, no bote e decidimos examinar a Ilhota Middle.

Tivemos que remar para sair da enseada e rodear a costa um pouco até encontrar um lugar adequado de

desembarque.

Assim que desembarcamos, colocamos o bote em um lugar seguro e dispusemos a ordem da exploração.

Williams e eu íamos levar um par de homens cada um para rodear a costa em direções opostas até que nos encontrássemos, examinando de passagem todas as cavernas que achássemos. Trenhern se dirigiria ao topo e escrutinaria a Ilhota dali.

Williams e eu cumprimos com nossa parte e nos encontramos perto do lugar onde tínhamos levado o bote. O não tinha nada que informar e eu tampouco.

Não pudemos ver rastros de Trenhern e pouco depois, como não aparecia, disse a Williams que ficasse junto ao bote enquanto eu subia a elevação para buscá-lo.

Logo cheguei ao topo e descobri que eu estava à beira do enorme poço em que jazia o navio naufragado. Olhei a meu redor e, para a esquerda, vi meu amigo estendido de barriga para baixo com a cabeça sobre a beira do abismo, evidentemente olhando para o navio.

— Trenhern - chamei com suavidade, para não alarmá-lo.

Elevou a cabeça e olhou em minha direção, fez-me gestos e me apressei em chegar ao seu lado.

— Se abaixe - disse em sussurro-. Quero que veja algo.

Quando me estendi junto a ele, observei-lhe o rosto, estava muito pálido. Depois apareci por sobre a beirada e olhei a tenebrosa profundidade.

— Vê o que quero dizer? - perguntou, falando ainda em um sussurro.

— Não. Onde?

— Ali -apontou-. A estibordo do Happy.

Olhando na direção indicada, perto dos restos da nave, distingi vários objetos pálidos, de forma oval.

— Peixes – eu disse -. Que estranhos!

— Não! - replicou ele-. Rostos!

— O quê!

— Rostos!

Ajoelhei-me e olhei.

— Meu caro Trenhern, está deixando que este assunto o afete muito... Sabe que pode contar com toda minha simpatia. Mas...

— Olhe – disse -, estão se movendo, estão nos olhando! - falava em voz baixa, ignorando por completo meu protesto.

Estendi-me outra vez e olhei. Tal como havia dito, estavam se movendo e quando olhei me ocorreu uma idéia repentina. Pus-me em pé bruscamente.

— Já sei! - gritei excitado -. Se estiver certo isso poderia explicar o abandono da nave. Pergunto-me por que não pensamos antes!

— O que? -perguntou com voz cansada e sem elevar a cabeça.

— Bem, em primeiro lugar, meu velho, esses não são rostos, como bem sabe, mas lhe direi o que é

provável que sejam: os tentáculos de algum tipo de monstro marinho, um kraken, ou um polvo... algo do tipo. É fácil imaginar uma criatura dessa classe habitando aí abaixo e do mesmo modo posso compreender que se sua amada e a tripulação do Happy Return estão vivos, sintam-se inclinados a apartá-lo mais possível do velho navio... não é mesmo?

Quando terminei de explicar minha solução do mistério, Trenhern estava em pé.

A prudência tinha voltado para seus olhos e havia um rubor de excitação reprimida pela metade nas bochechas até então pálidas.

— Mas... mas... mas... e o calendário? - ofegou.

— Bom, podem atrever-se a subir a bordo de noite, ou em certo momento das marés, talvez tenham descoberto que há pouco perigo. Certamente, não posso afirmá-lo, mas parece provável e nada mais natural que levar um registro dos dias, ou o podem ter imaginado, de passagem. Até poderia tratar-se de sua bem amada contando os dias, desde que se separou de você.

Vóltei-me e espiei outra vez por sobre a beira do escarpado; as formas flutuantes tinham desaparecido.

Então Trenhem me tocou o braço.

— Vamos, Henshaw, vamos. Retornaremos ao iate e traremos armas. Vou matar esse monstro se ele aparecer.

Uma hora mais tarde estávamos de retorno com dois dos botes do iate e seus tripulantes, todos armados com facões, arpões, pistolas e tochas. Trenhem e eu tínhamos escolhido pesados revólveres.

Os botes foram aproximados e ordenou aos homens que abordassem o navio naufrago, e ali, contando com suficiente comida, passaram o resto do dia, vigiando com atenção em busca de sinais de algo.

Entretanto, quando se aproximou a noite, manifestaram uma considerável inquietação. Por último enviaram ao velho baleeiro a popa para dizer a Trenhern que não ficariam a bordo do Happy Return depois de cair a noite: obedeceriam qualquer ordem que lhes desse no iate, mas não tinham sido contratados para permanecer a bordo de um navio comandado por fantasmas.

Uma vez que ouviu Williams, meu amigo lhe disse que levasse seus homens ao iate, mas que retornasse em um dos botes com coisas para dormir, já que ele e eu íamos passar a noite a bordo do navio. Esta era a primeira vez que eu ouvia sobre o assunto, mas quando o repreendi me disse que tinha plena liberdade para voltar para o iate. Por sua parte tinha decidido ficar e ver se vinha alguém.

Como é natural, depois disso tive que ficar. Logo retornaram com os implementos de dormir e depois de receber ordens de meu amigo para que viessem nos procuramos ao romper o dia, deixaram-nos a sós para passar a noite.

Descemos as coisas e as acomodamos sobre a mesa da câmara; depois subimos e passeamos pela coberta de popa, fumando, falando seriamente, e escutando, mas nada chegava a nossos ouvidos, a não ser a voz grave do mar mais à frente do cinturão de algas.

Levávamos os revólveres porque só sabíamos que podíamos chegar a necessitá-los. Entretanto, o tempo foi passando sem acidentes, exceto uma ocasião em que Trenhem deixou cair pesadamente a culatra da arma sobre a coberta.

Justamente então, desde todos os escarpados que nos rodeavam, ricocheteou para nós um estalo grave,

oco. Era como o grunhido de uma besta enorme. Logo a escuridão se fez total no fundo daquele poço tremendo. Por isso podia julgar, uma névoa tinha descido sobre a Ilhota e formado uma espécie de tampa enorme sobre o poço. Quando descemos eram perto da meia-noite. Acredito que, para então até Trenhern tinha começado a notar que ter ficado era um pouco imprudente. Se fôssemos atacados, ao menos lá embaixo poderíamos resistir melhor. Em certo sentido, o temor incerto que eu sentia não era induzido pela idéia do grande monstro que acreditava ter visto perto da nave durante o dia, mas sim por algo inominável no ar mesmo, como se a atmosfera do lugar fosse um meio condutor do terror. Entretanto, me acalmando com esforço, atribuí tal impressão aos meus nervos em tensão, de tal modo que logo, havendo-se devotado Trenhem para fazer a primeiro guarda, fiquei dormindo sobre a mesa da cabine, deixando-o sentado junto a mim com o revólver sobre os joelhos.

Então, enquanto dormia, tive um sonho de uma nitidez tão extraordinária que me parecia estar acordado. Sonhei que de repente Trenhern escoiceava e ficava em pé de um salto. No mesmo instante, ouvi uma voz suave que chamava: "Trem! Trem!". Vinha da porta da câmara e, em meu sonho, dava-me volta e via um rosto muito belo, com olhos enormes, admiráveis. "Um anjo!", sussurrei comigo mesmo. Então soube que me tinha equivocado e que era o rosto da namorada de Trenhern. Tinha-a visto só uma vez, antes que embarcasse. Meus olhos foram dela para Trenhern. Tinha deixado o revólver sobre a mesa e agora ela estendia os braços para ele. Ouvi-a murmurar "Venha!" e depois Trenhern estava ao seu lado.

Os braços da moça o rodearam e depois, juntos, atravessaram a soleira. Ouvi os pés dele sobre a escada e depois disso meu sonho se converteu em um descanso vazio, sem sonhos.

Despertou-me um grito terrível, tão espantoso que me pareceu despertar mais à morte que à vida. Durante um minuto estive sentado entre meus cobertores, imobilizado pelo gelo do medo, mas não me chegou nenhum outro som, e meu sangue voltou a correr pelas veias e estendi a mão em busca do revólver. Aferrei-o, afastei as mantas e saltei ao piso. A cabine estava alagada por uma tênue luz cinzenta que se filtrava pela clarabóia acima. Era apenas suficiente para me mostrar que Trenhem não estava presente e que o revólver estava sobre a mesa, no lugar onde o tinha colocado em meu sonho.

Então, chamei-o vivamente, mas a única resposta que obtive foi o eco vazio e fantasmal das cabines circundantes. Depois corri para a porta e escada acima, até a coberta. Ali, na brumosa luz do amanhecer, olhei ao longo do convés, mas não vi Trenhern por nenhum lado. Elevei a voz e gritei. Os escarpados turvos, circulares apanharam o nome e o fizeram ressonar mil vezes, até parecer que, da penumbra dos arredores uma multidão de demônios gritava "Trenhern! Trenhen! Trenhern! Trenhern!". Corri a bombordo e olhei por sobre a amurada: Nada! Voei a estribordo, meus olhos captaram algo: vários objetos que flutuavam a pouca distância da superfície. Olhei com atenção e o coração pareceu parar de repente no meu peito. Estava contemplando uma vintena de rostos pálidos, sobrenaturais, que me devolviam o olhar com olhos tristes. Pareciam oscilar e tremer na água, porém não havia movimentos. Devo haver ficado assim durante alguns minutos porque, bruscamente, ouvi um som de remos e depois deslizou ao redor da popa o bote do iate.

— Para a proa, vamos - ouvi gritar Williams. Aqui estamos, senhor!

O bote roçou o flanco.

— Como vão... - começou Williams, mas me pareceu ter visto algo que se aproximava do convés, lancei um grito e saltei para o bote., Aterrissei sobre um dos bancos.

— Afastem-se! - berrei e tomei um dos remos para ajudar.

— E o Sr. Trenhern, senhor? - interpôs Williams.

— Está morto! - gritei-. Afastem-se, afastem-se!

E os homens, contagiados por meu medo, remaram até que em poucos instantes estávamos a vinte metros do navio. Ali houve uma pausa.

— Leve-o mar fora, Williams! - gritei, frenético pela coisa com a qual me deparara -. Leve-o mar fora!

E ante estas palavras, Williams dirigiu o bote por volta da passagem que se comunicava com o mar. Isto nos fez chegar perto da popa do navio naufragado e enquanto passávamos por baixo, elevei a cabeça para a massa sobressalente.

Quando o fiz, um rosto difuso, belo, apareceu sobre o arremate da proa e me olhou com grandes olhos tristes. Estendeu os braços para mim e gritei freneticamente, porque as mãos eram como as garras de um animal selvagem.

Enquanto eu fazia isso, a voz de Williams me chegou com um bramido rouco de puro terror. Gritava aos tripulantes:

— Remem! Remem! Remem!

A DEMANDA PELAS LÁGRIMAS DA RAINHA – Lord Dunsany

No seu palácio da floresta, Sylvia, a Rainha dos Bosques, reunia a sua corte e escarnecia dos seus pretendentes. Disse que cantaria para eles, que os honraria com banquetes, que lhes contaria histórias de dias lendários, que os seus malabaristas actuariam, que os seus exércitos os saudariam, que os seus bobos da corte os iriam entreter com palhaçadas, só que ela não os podia amar.

Esse não era o modo de tratar os príncipes no seu esplendor, nem os trovadores misteriosos, que ocultavam os nomes da nobreza. Tal não estaria de acordo com os princípios da fábula, e no mito não havia qualquer precedente que o justificasse. Disseram que ela deveria ter lançado a sua luva no covil de algum leão, pedido uma contagem das cabeças das serpentes venenosas de Licantara, exigido a morte de qualquer dragão notável ou tê-los enviado numa demanda mortal, mas que não os pudesse amar!... Era um ultraje nunca antes visto! Nunca houvera um paralelo semelhante nos anais das histórias românticas.

Então, disse ela, que se eles desejassem iniciar uma demanda, ofereceria a sua mão ao primeiro que a levasse às lágrimas, e que essa demanda deveria ser apelidada, para que fizesse referência a histórias ou baladas, de «O Resgate das Lágrimas da Rainha», e que o primeiro que tal conquistasse se casaria com ela, mesmo que fosse apenas um duque insignificante, oriundo de terras desconhecidas das histórias de amor.

Muitos enfureceram-se, pois esperavam uma demanda sangrenta; mas o camareiro-mor disse, enquanto eles murmuravam entre si num local distante e escuro da sala, que tal demanda era difícil mas sábia, pois se ela algum dia chorasse, também poderia amar. Conheciam-na desde pequenina e nunca a tinham visto sequer choramingar. Conhecera muitos homens, pretendentes e cortesãos e nunca virara a cabeça quando partiam. A sua beleza era como um pôr-do-sol suspenso em amargos entardeceres, quando todo o mundo se encontra congelado e se torna uma maravilha e um arrepio. Ela era como uma montanha atingida por um raio de Sol, altaneira e só, toda enfeitada de gelo; um brilho desolado e solitário ao entardecer, longínquo, para além do mundo confortável, não chegando a sentir a companhia das estrelas nem a maldição do montanhês.

Se ela pudesse chorar, disseram, talvez pudesse amar.

Ela sorriu com ternura para todos esses príncipes ardentes e para os trovadores que ocultavam os nomes da nobreza.

Então, um a um, de mãos estendidas e ajoelhados, cada príncipe pretendente contou a história do seu amor. Muito tristes e plangentes eram essas histórias, de tal forma que frequentemente, nas galerias acima, alguma donzela do palácio chorava. Graciosamente, a rainha acenava com a cabeça, como uma frágil magnólia nas profundezas da noite, movendo-se assim ao ritmo das brisas como uma gloriosa florescência.

Quando os príncipes acabaram de contar as histórias dos seus desesperados amores, partiram sem outro espólio que não o das suas próprias lágrimas. Vieram até mesmo trovadores desconhecidos para cantarem as suas histórias, omitindo os seus nobres nomes.

Havia um, Ackronnion, vestido de farrapos, nos quais se entranhava o pó das estradas. Por baixo dos

mesmos, trazia uma armadura marcada pelas batalhas que travara. Quando acariciou a sua harpa e cantou, as donzelas choraram, nas galerias acima, e até mesmo o velho camareiro-mor derramou lágrimas. Mas logo se riu do pranto das jovens, e disse: — É fácil fazer chorar os velhos e trazer lágrimas vãs aos olhos de meninas preguiçosas; mas ele não conseguirá fazer chorar a Rainha dos Bosques.

Graciosamente ela inclinara a cabeça, ele fora o último. Os duques, príncipes e trovadores disfarçados partiram sem consolo. Ackronnion ainda ponderou, enquanto se retirava.

Ele era rei de Afarmah, Lool e Haf, Lorde de Zeroora e do montanhoso Chang, e Duque de Molóng e Mlash, nenhuma destas terras se encontrava ausente das histórias românticas ou era omitida na construção do mito. Assim meditava ele, enquanto partia no seu singelo disfarce.

Agora (para aqueles que já não se lembrem da sua infância, pois têm outras coisas mais importantes para fazer), que fique claro que por debaixo do reino das fadas, que fica, como todos sabem, na extremidade do mundo, vivia o Monstro de Gladsome, que era um sinónimo de alegria.

É sabido como a cotovia no auge da sua ascensão, as crianças a brincar na rua, bruxas boas e parentes velhos e alegres têm todos sido comparados — e de uma forma bem apropriada — a esse mesmo Monstro de Gladsome. Só que ele tem um «piquinho» (se é que me é permitido usar a gíria, por um momento, para me fazer entender), apenas uma desvantagem, que é o facto de a sua alegria estragar os repolhos do Ancião Que Cuida do Reino das Fadas. E, é claro, o facto de devorar homens.

Deverá também ficar bem claro que, quem conseguir captar as lágrimas do Monstro de Gladsome numa taça, e se embriagar com elas, poderá levar qualquer pessoa a chorar lágrimas de alegria, enquanto conseguir permanecer inspirado pela poção, para cantar ou tocar um instrumento.

Agora Ackronnion ponderava sabiamente sobre o seguinte tema: se ele conseguisse obter as lágrimas do Monstro de Gladsome, através da sua arte, enquanto domasse a sua violência pelo feitiço da música e se, enquanto isso, um amigo seu matasse o Monstro de Gladsome, antes que o seu choro parasse (pois este tem sempre um fim, mesmo num homem), poderia assim escapar ileso com essas lágrimas, bebê-las perante a Rainha dos Bosques e levá-la a derramar lágrimas de alegria. Ele procurou então um humilde cavaleiro que não se pudesse enfeitiçar pela beleza de Sylvia, Rainha dos Bosques, mas que tivesse, há já muito tempo no Verão, encontrado a sua donzela. E o nome desse homem era Arrath, um súbdito de Ackronnion, um cavaleiro de armas da guarda-de-lanceiros. Juntos, partiram pelos campos de fábula até que chegaram ao Reino das Fadas, um reino que se ilumina a si mesmo (como é do conhecimento de todos), e que se estende por léguas ao longo das orlas do mundo. Por um velho e estranho caminho, chegaram à terra que procuravam, através de um vento que soprava em sentido contrário, provindo do espaço, e que tinha o tipo de sabor metálico das estrelas errantes. Mesmo assim, chegaram à casa ventosa, com telhados de colmo, onde morava o Ancião Que Cuida do Reino das Fadas. Encontraram-no sentado à janela da sala que se parecia desviar do mundo. Recebeu-os com alegria na sua sala de estrelas, enquanto lhes relatava histórias do Espaço. Quando eles lhe contaram a sua perigosa demanda, disse-lhes que seria um acto de caridade matar o Monstro de Gladsome; pois ele era claramente um dos que não gostavam dos seus modos airosos. Conduziu-os então à porta das traseiras, pois junto à porta da frente não se via qualquer caminho, nem mesmo um degrau, pois era daí que o velho homem costumava atirar o seu lixo para o Cruzeiro do Sul. Assim, entraram no horto onde ele cuidava dos seus repolhos, se bem como de certas flores, que só crescem no Reino das Fadas e viram as corolas para os cometas. Ele indicou-lhes então o caminho para o local, ao qual chamava «Debaixo», onde o Monstro de Gladsome tinha o seu covil. Puseram-se então a caminho. Ackronnion deveria descer os degraus, com a sua harpa e a sua taça de ágata, enquanto Arrath entraria através de uma falha num rochedo, pelo outro lado. Então, o

Ancião Que Cuida do Reino das Fadas voltou para a sua casa ventosa, murmurando furiosamente, à medida que passava pelos seus repolhos, pois não gostava dos modos do Monstro de Gladsome. E os dois amigos partiram por caminhos separados.

Ninguém os observava, para além de um corvo agourento já há muito saturado da carne dos homens.

Um vento vindo das estrelas soprava gélido.

A princípio havia uma perigosa subida, e Ackronnion alcançou os lisos e largos degraus que o levaram do precipício à entrada do covil, e, naquele momento, ouviu, no cimo desses degraus, as gargalhadas contínuas do Monstro de Gladsome.

Naquele momento, temeu que a sua alegria pudesse ser insuperável, que não se entristecesse com o seu mais doloroso cantar. Não obstante, não retrocedeu, mas antes, subiu vagarosamente as escadarias e, pousando a taça de ágata num dos degraus, começou a entoar o canto conhecido como «Doloroso». Este falava de devastação, lamentando coisas que tinham ocorrido em cidades felizes desde o início do mundo. Falava de como há muito tempo os deuses, os animais e os homens tinham amado os seus belos companheiros, e de como, também há já muito tempo, tudo era em vão. Mencionava o anfitrião dourado das ledas esperanças, mas não as suas conquistas. Falava de como o Amor desprezava a Morte, mas também da risada da Morte. As gargalhadas felizes do Monstro de Gladsome cessaram. Este levantou-se e sacudiu-se. Ainda estava infeliz. Ackronnion ainda entoava o cântico conhecido como «Doloroso». O Monstro de Gladsome dirigiu-se então a ele, pesarosamente. Ackronnion não parou devido ao pânico, mas ainda cantava. Versava acerca da malignidade do tempo. Duas grandes lágrimas formaram-se nos olhos do Monstro de Gladsome. Ackronnion empurrou com o pé a taça de ágata até um local conveniente. Cantava o Outono e a morte. O Monstro chorou, como choram as colinas durante o degelo, e as lágrimas caíram, uma após outra, no recipiente de ágata. Ackronnion continuava a cantar desesperadamente. Aludia às coisas boas que os homens vêem e não mais voltam a ver, à luz solar que se reflectia imperceptivelmente em rostos, agora envelhecidos. A taça já estava cheia. Ackronnion sentia-se desesperado: o Monstro encontrava-se demasiado próximo. Uma vez, apercebera-se de que a sua boca estava molhada (mas era apenas das lágrimas que tinham corrido pelos lábios desse Monstro). Sentiu-se como um pequeno pedaço de comida! O Monstro ia deixando de chorar!... Cantou acerca de mundos que tinham ofendido os deuses. E de repente, ouviu um estrondo! A lança forte de Arrath tinha sido arremessada. As lágrimas e os modos joviais do Monstro de Gladsome tinham acabado para todo o sempre.

Cautelosamente, transportaram o recipiente com lágrimas, deixando para trás o corpo do Monstro de Gladsome, provocando assim uma mudança nos hábitos alimentares do corvo agourento. Passaram pela casa ventosa, com telhados de colmo, e despediram-se do Ancião Que Cuida do Reino das Fadas, o qual, ao ouvir o feito, esfregou as mãos de contente e murmurou uma e outra vez: — É uma ótima notícia. Os meus repolhos! Os meus repolhos!...

Pouco tempo depois, Ackronnion cantava novamente no palácio silvestre da Rainha dos Bosques, após ter bebido todas as lágrimas da sua taça de ágata. Era uma noite de gala, toda a corte estava presente, incluindo os embaixadores das terras da lenda e do mito, e até mesmo outros da *Terra Cognita*.

Ackronnion cantou como nunca antes cantara, e como nunca voltaria a cantar. Ah, mas dolorosos, bem dolorosos, são os caminhos do Homem; vagos e arrastados os seus dias, e o fim sempre difícil e vão, tal como o seu sacrifício; e as mulheres (quem as cantará?) têm um destino igual ao dos homens, escrito por deuses desatentos e descuidados, com os rostos voltados para outras esferas.

Começou mais ou menos desse modo, e então, a inspiração tomou conta dele e eu não conseguirei descrever toda a beleza do seu cantar. Havia nele muita alegria, misturada com o desgosto. Era semelhante aos caminhos do Homem. Era como o nosso destino.

Surgiram soluços ante o seu cantar, suspiros regressavam em eco: senescais e soldados soluçavam, e um claro choro se apoderava das donzelas. Como uma chuva, as lágrimas caíam de galeria em galeria. Em redor da Rainha dos Bosques levantou-se uma tempestade de choros pesados e de mágoa.

Mas não, ela não chorava.

O DEMÔNIO DA FLOR – Clark Ashton-Smith



A vegetação do planeta Lophai não é como as plantas e flores da Terra, que crescem pacíficas sob um sol solitário. Enrolando e desenrolando em manhãs duplas, crescendo tumultuosamente sob vastos sóis de verde jade e alaranjado rubi, vibrando se agitando em ricos ocasos, em noites toldadas por auroras; elas parecem campos de serpentes enraizadas que dançam eternamente para uma música sobrenatural.

Muitas eram pequenas e furtivas, e rastejavam como víboras no chão. Outras eram altas como jiboias, chegando soberbamente a posturas hieráticas diante da luz brilhante. Algumas cresciam com caules únicos ou duplos que se desenvolviam em cabeças de hidra e outras eram franjadas e enfeitadas com folhas que sugeriam as asas de lagartos voadores, os pendões de lanças fantásticas, os filactérios de estranhas ordens sacerdotais. Algumas pareciam possuir as escamas escarlates dos dragões, outras eram linguadas como as chamas negras ou os vapores colorados que saem do crepitar de incensários bárbaros, mas outras eram ainda armadas com redes ou gavinhas carnadas ou grandes inflorescências como escudos perfuradas em batalha. E todas eram equipadas com dardos e dentes venenosos, todas eram vivas, incansáveis e inteligentes.

Elas eram as senhoras de Lophai, e qualquer outra vida existia por sua permissão. A gente daquele mundo lhes havia sido inferior desde eras esquecidas, e mesmo nos mitos mais primitivos não havia qualquer sugestão de que outra ordem das coisas tivesse jamais prevalecido. E as plantas, por sua vez, assim como a fauna e a humanidade de Lophai, davam obediência inquestionada à suprema e terrível flor conhecida como a Voorqual, da qual se acreditava que um demônio tutelar, mais antigo que os sóis gêmeos, fizera seu avatar imortal.

A Voorqual era servida por um clero humano, escolhido dentre a realeza e a aristocracia de Lophai. No coração da capital, Lospar, em um reino equatorial, ele crescera desde a antiguidade no topo de uma alta pirâmide de terraços negros que contemplava a cidade como os jardins suspensos de uma grande Babilônia, povoada pelas formas florais inferiores, mas letais. No centro de seu largo topo a Voorqual se erguia solitária, sobre uma base plana, nivelada com a plataforma de mineral escuro que a circundava. A base era preenchida por um adubo do qual o pó de múmias reais era um ingrediente essencial.

A flor demônio surgia de um bulbo tão espessado pelo crescimento das eras que parecia uma urna de pedra. Dele se erguia um caule nodoso e forte que tivera em tempos antigos um galho de mandrágora, mas cujas metades haviam então se unido em uma coisa escamosa e enrugada como o rabo de um monstro marinho mítico. O caule era salpicado de tons de bronze azinhavrado e cobre antigo, com manchas azuis lívidas e marcas roxas de carne corrompida. Terminava em uma coroa de folhas duras e enegrecidas, listradas e pintadas de branco metálico e venenoso, bordejadas de um serrilhado como o de armas rústicas. Abaixo da coroa saía um galho longo e sinuoso, escamado como o tronco principal, que serpenteava para baixo e para o lado até terminar no cálice de uma floração bizarra — como se o galho, de um modo sardônico, estendesse uma infernal tigela de esmolos.

Abominável e monstruoso era tal cálice — que, como as folhas, a lenda dizia renovar-se a intervalos de mil anos. Junto à base ele tinha a cor ardente de um pesado rubi, que clareava em certas áreas como sangue de dragão, nos lados intumescidos ele se enchia de faixas rosadas como um entardecer do inferno e junto à boca ele chamejava de um nácar vermelho amarelado como o sangue das salamandras. Quem ousasse olhar dentro, veria que a copa era coberta de um violeta sepulcral, que escurecia em direção ao

fundo, que era pontilhado de uma miríade de poros e riscado por veias turgescentes de um verde sulfúrico.

Oscilando em um ritmo lento, letal e hipnótico, com um silvo profundo e solene, a Voorqual dominava a cidade de Lospar e o mundo de Lophai. Abaixo, nos degraus da pirâmide, as plantas ofídicas amontoadas seguiam o tempo desse ritmo em seu balanço e sussurros. E muito além de Lospar, até os pólos do planeta e em todas as suas longitudes, a vegetação viva obedecia ao tempo soberano da Voorqual.

Infinito era o poder exercido por este ser sobre a gente que, por falta de nome melhor, considerei a humanidade de Lophai. Numerosas e assustadoras eram as lendas que haviam surgido, através das eras, a respeito da Voorqual. E horrível era o sacrifício demandado cada ano no solstício de verão pelo demônio: encher seu cálice com o sangue de um sacerdote ou sacerdotisa escolhido entre os hierofantes reunidos diante da Voorqual até que este, invertido e vazio, baixasse como uma mitra infernal sobre a cabeça de um deles.

Lunithi, rei das terras de Lospar e sumo sacerdote da Voorqual, foi o último e talvez o primeiro de sua raça a rebelar-se contra tal tirania singular. Havia mitos obscuros de um líder primordial que ousara recusar o sacrifício exigido e cujo povo, em consequência, fora dizimado por uma guerra mortal contra as plantas serpentina que, em obediência ao demônio enfurecido, tinham se desenraizado do chão em toda parte e marchado sobre as cidades de Lophai, matando ou vampirizando todos que encontraram em seu caminho. Lunithi, desde criança, obedecera à vontade do ditador vegetal implicitamente e sem questionar e oferecera a adoração costumeira, executara os ritos necessários. Negá-los seria blasfemo. Ele nunca sonhara em rebelar-se até que, na época da escolha da vítima anual, e trinta sóis antes da data de suas núpcias com Nala, também sacerdotista da Voorqual, ele viu o graal invertido de funéreo carmim descer hesitantemente sobre a bela cabeça de sua noiva.

Lunithi experimentou uma consternação melancólica, uma decepção profunda e negra que tentou apagar em seu coração. Nala, atordoada e conformada, em uma inércia de místico desespero, aceitou seu destino sem questionar, mas uma dúvida blasfema se formou secretamente nos pensamentos do rei.

Trêmulo diante de sua impiedade, ele se perguntou se não haveria alguma maneira de salvar Nala, subtrair ao demônio o seu tributo macabro. Para fazer isso e escapar impunemente, e a seus súditos, sabia que deveria atentar contra a própria vida do monstro, que acreditava-se ser eterno e invulnerável. Parecia ímpio até mesmo pensar a respeito da veracidade de sua crença, que havia sido aceita por tanto tempo que adquirira a força de uma fé religiosa e era praticada unanimemente. Em meio a tais reflexões Lunithi lembrou de um velho mito antigo sobre a existência de um ser neutro e independente conhecimento como a Occlith: um demônio coevo da Voorqual, que não era aliado nem do homem e nem das criaturas florais.

Este ser diziam viver além do deserto de Aphom, nas desabitadas montanhas de rocha branca, acima do hábitat das flores ofídicas. Há muito tempo nenhum homem via a Occlith, porque a jornada através de Aphom não era fácil de se levar a termo. Mas esta entidade era supostamente imortal e se mantinha à parte e isolada, meditando sobre todas as coisas sem interferir nunca em seus processos. Porém, dizia-se que no passado ela dera valiosos conselhos a certo rei que deixara Lospar e fora até o seu tugúrio entre os rochedos brancos.

Enlutado e desesperado, Lunithi resolveu buscar a Occlith e perguntar-lhe sobre a possibilidade de matar a Voorqual. Se por quaisquer meios mortais o demônio pudesse ser destruído, ele afastaria de Lophai a tirania há tanto tempo estabelecida, cuja sombra recaía sobre todas as coisas, partindo da pirâmide negra.

Era preciso que procedesse com a máxima cautela, confiando em ninguém, ocultar todo o tempo os seus pensamentos do escrutínio oculto da Voorqual. No intervalo de cinco dias entre a escolha da vítima e a consumação do sacrifício ele deveria levar a efeito o seu plano louco.

Desacompanhado e vestido como um simplório caçador ele deixou seu palácio durante a curta noite de três horas em que todos dormitavam e seguiu pelo deserto de Aphom. No nascer do sol rubro ele chegara à vastidão sem caminhos e sofria dolorosamente em suas colinas de afiadas pedras negras, como as ondas de um oceano encapelado que se petrificara.

Logo os raios do sol verde se somaram aos do outro, e Aphom se tornou um inferno colorido através do qual Lunithi se arrastava, rastejando de escarpa a escarpa vítrea ou descansando às vezes nas sombras coloridas. Não havia água em lugar algum, mas furtivas miragens brilhavam e sumiam, e a areia solta parecia formar arroios no fundo dos vales profundos. Ao se pôr o primeiro sol, ele finalmente viu as montanhas pálidas além de Aphom, erguendo-se como rochedos de espuma congelada sobre o mar escuro do deserto. Sob a luz do sol amarelo-avermelhado que se punha, elas pareciam tingidas por veios semitransparentes, em azul claro, jade e laranja. Então as luzes se fundiram em tons de berilo e turmalina e o sol verde reinou soberano, até que ele também se pôs, deixando um crepúsculo de cor marinha. Nesta semiescuridão Lunithi chegou ao pé dos pálidos penhascos e ali, exausto, dormiu até o segundo sol nascer.

Levantando-se, começou a escalada das montanhas brancas. Elas se erguiam estéreis e terríveis diante dele, contra a luz dos sóis ocultos, com rochedos que eram como os terraços altíssimos dos deuses. Tal como o rei que o precedera no antigo mito, ele encontrou uma trilha precária que o levou através dos abismos estreitos e ravinas. Por fim chegou à mais vasta fissura, que rasgava o coração da cordilheira branca e era o único meio pelo qual se podia chegar ao legendário domínio da Occlith.

As paredes eretas do abismo subiam cada vez mais alto acima dele, cortando a luz dos sóis mas criando com sua brancura uma luminescência sutil e mortiça que iluminava o caminho. A fissura era algo como o corte da espada de um gigante macrocósmico. Ela seguia para baixo, cada vez mais íngreme, como uma ferida que chegava ao coração de Lophai.

Lunithi, tal como todos de sua raça, podia subsistir durante prolongados períodos sem outra nutrição que não a luz do sol e a água. Trouxera consigo um frasco de metal, cheio da água de Lophai, que bebia raramente enquanto descia ao abismo, pois as montanhas brancas eram secas e ele temia tocar as poças e correntezas de fluidos desconhecidos por que cruzava às vezes na penumbra. Havia fontes de cor sanguínea que fumegavam e borbulhavam diante dele e depois desapareciam em rachaduras sem fundo, e também riachos de metal mercurial, verde, azul ou âmbar, que passavam perto dele como serpentes liquefeitas e então escorriam para dentro de cavernas escuras. Agros vapores subiam das fendas do abismo e Lunithi se sentiu entre os estranhos processos químicos da natureza. Neste mundo fantástico de pedra, que as plantas de Lophai nunca poderiam invadir, ele parecia ter deixado muito para trás a diabólica e impiedosa tirania da Voorqual.

Por fim chegou a um lago límpido que ocupava quase toda a amplitude do abismo. Para passar por ele teve de se esgueirar por uma orla estreita e insegura. Um fragmento da rocha marmórea se soltou sob seus pés e caiu dentro do lago enquanto ele chegava ao outro lado, então o líquido incolor ferveu e assobiou como mil víboras. Pensando em suas propriedades e temendo o venenoso sibilar que tardou bastante a diminuir, Lunithi apertou o passo e logo chegou ao fim da fissura.

Ali ele emergiu no fundo de uma depressão semelhante a uma cratera, que era o lar da Occlith. Paredes

caneladas e colunas se erguiam a alturas estupendas por todos os lados e o sol alaranjado rubi, então no zênite, despejava uma catarata de maravilhosas chamas e sombras.

De costas para a parede oposta da cratera, em uma postura ereta, ele contemplou aquele ser conhecido como a Occlith, que tinha a aparência de um pilar cruciforme de mineral azul, que brilhava com seu próprio lustro esotérico. Seguindo em frente ele se prostrou diante do pilar e então, em uma entonação trêmula de espanto, se aventurou a fazer a pergunta ao desejado oráculo.

Por um momento a Occlith manteve seu silêncio de eras. Olhando timidamente, o rei percebeu duas luzes como um prateado místico que fulgiam e se apagavam em uma pulsação ritmada e lenta pelos braços da cruz azul. Então, da gigantesca coisa brilhante saiu uma voz que era como o retinir de fragmentos minerais esfregados uns nos outros, mas que de certa maneira assumia a forma de palavras articuladas.

— É possível — disse a Occlith — matar a planta conhecida como a Vóorqual, na qual um antigo demônio tem habitado. Embora a flor tenha chegado a idade milenar, ela não é necessariamente imortal: pois todas as coisas têm seu próprio termo de existência e decadência, e nada se criou sem sua previsão de morte... Eu não o aconselho a matar a planta... mas eu posso lhe fornecer a informação que deseja. Na ravina entre as montanhas, por onde você veio a buscar-me, ali flui uma fonte de veneno mineral incolor, mortífero a toda forma de vegetação ofídica deste mundo...

A Occlith continuou, dizendo a Lunithi o método pelo qual a poção deveria ser preparada e administrada. A fria, monótona e ríspida voz concluiu:

— Eu respondi à sua pergunta. Se há algo mais que deseja aprender, seria bom perguntar-me agora.

Prostrando-se novamente, Lunithi agradeceu à Occlith e, achando que aprendera tudo que era necessário, ele não aproveitou a oportunidade para fazer mais pergunta alguma à estranha entidade de rocha viva. E a Occlith, críptica e alheia em sua meditação contínua e impenetrável, aparentemente considerou apropriado não dizer coisa alguma que não fosse perguntada diretamente.

Saindo do abismo emparedado em mármore, Lunithi voltou apressadamente pela ravina até alcançar a lagoa da qual a Occlith falara. Pausou para esvaziar o seu frasco de água e encheu-o com o líquido raivoso e sibilante. Então ele continuou sua jornada de volta para casa.

Ao fim de dois dias, depois de incríveis fadigas e tormentos no inferno abrasado de Aphom, ele chegou a Lospar durante as horas de escuridão e sono, tal como a deixara. Como sua saída não fora anunciada, todos haviam suposto que ele se retirara para o santuário subterrâneo sob a pirâmide da Vóorqual para propósitos de prolongada meditação, como era às vezes o seu costume.

Entre a esperança e a hesitação, temendo o abortamento de seu plano e ainda se contorcendo de pensar em sua impiedade tão audaciosa, Lunithi esperou a noite anterior ao duplo amanhecer do solstício em que, em uma sala secreta da pirâmide negra, a monstruosa oferenda seria preparada. Nala seria morta por um sacerdote ou sacerdotisa, escolhido por sorteio, e seus fluidos vitais gotejariam do altar canalizado até uma grande taça, e a taça seria então levada em ritos solenes até a Vóorqual, e seu conteúdo seria derramado dentro do maldito cálice suplicante da flor sangüinária.

Ele pouco viu Nala durante este interim. Ela estava mais distante que nunca, e parecia ter se consagrado completamente ao destino que se aproximava. A ninguém — e muito menos à sua amada — Lunithi ousou mencionar a possibilidade de evitar o sacrifício.

Sobreveio então a temida manhã, com uma aurora súbita de tons brilhantes que se transformou em uma escuridão enfeitada de chamas matinais. Lunithi se esgueirou pela cidade adormecida e entrou na

pirâmide cujo negrume se erguia massivamente em meio à frágil arquitetura dos edifícios que eram pouco mais do que toldos e janelas incrustados em poucas pedras. Com infinito cuidado e atenção ele completou os preparativos prescritos pela Occlith. Em uma sala iluminada pela luz guardada do sol ele derramou na imensa taça sacrificial de metal negro o veneno sibilante e fervento que trouxera consigo das montanhas brancas. Então, abrindo habilmente uma veia em um de seus braços, ele adicionou certa quantidade de seu próprio fluido vital à poção mortífera, sobre cuja face de fumegante cristal ele flutuou como um óleo mágico, sem se misturar, de forma que toda a taça parecia estar cheia do líquido mais aceito pela flor satânica.

Levando em suas mãos o graal negro, Lunithi subiu pela escadaria esculpida que levava à presença da Voorqual. Com seu coração apertado e seus sentidos rodopiando em frios gargalos de terror, ele surgiu no alto terraço acima da cidade sombria.

Em uma melancólica luminosidade azul imposta pela estranha iridescência dos raios de luz que anunciavam o duplo amanhecer, ele viu o balouçar sonífero da planta monstruosa e ouviu o seu silvo sonolento que era respondido preguiçosamente pela miríade de outras flores dos andares inferiores. Um opressivo pesadelo, negro e tangível, parecia fluir da pirâmide e repousar como uma sombra estagnada sobre todas as terras de Lophai.

Perplexo com sua própria ousadia, e imaginando que seus pensamentos ocultos certamente seriam compreendidos quando se aproximasse, ou que a Voorqual suspeitaria de uma oferenda feita antes da hora costumeira, Lunithi reverenciou seu suserano vegetal. A Voorqual não deu nenhum sinal de que se dignara a perceber sua presença, mas o grande cálice floral, com suas manchas carmim desbotadas para clarete e púrpura pelo lusco-fusco do amanhecer, adiantava-se como se pronto a receber seu presente odioso.

Ofegante e a ponto de desmaiar de tanto medo religioso, em um momento de suspense que pareceu eterno, Lunithi despejou o veneno disfarçado em sangue dentro do cálice. O veneno borbulhou e assobiou como uma fermentação mágica quando a flor sedenta o bebeu, e Lunithi viu o galho escamado recolher-se, tombando a demoníaca copa rapidamente, como se repudiasse a bebida duvidosa.

Mas era tarde, pois o veneno fora absorvido pelo revestimento poroso da flor. O movimento de inclinação mudou em meio à sua execução, transformando-se em um encolhimento como o de um braço de réptil, e então o caule imenso e escamoso da Voorqual começou a balançar, fazendo sua coroa de folhas dançar um bailado mortal, acenando para a escuridão das cortinas da manhã. Seu assobio contínuo e profundo cresceu até uma nota insuportável, marcada pela dor de um diabo moribundo. Olhando para baixo a partir da borda da plataforma em que se agarrava para evitar os movimentos da erva, Lunithi viu que as plantas nos terraços inferiores estavam também balançando em louco uníssono com sua mestra. Como os ruídos de um sonho doentio, ele ouviu o coro de seus assobios torturados.

Não ousou olhar novamente para a Voorqual até que percebeu um estranho silêncio e viu que as flores abaixo haviam cessado de agitar-se e pendiam lânguidas sobre seus caules. Então, incrédulo, ele soube que a Voorqual morrera.

Voltando-se em triunfo mesclado a horror, ele contemplou o tronco flácido que caíra prostrado em seu leito de adubo inominável. Ele viu o súbito tremido das folhas duras e cortantes, da repulsiva e infernal taça. Mesmo o bulbo pétreo parecia desmoronar e desfazer-se diante de seus olhos. Todo a planta, com suas cores malignas desbotando rápido, encolhia e caía sobre si como uma imensa pele de cobra.

Ao mesmo tempo, de uma maneira indescritível, Lunithi ainda tinha consciência de uma presença que parecia gravitar sobre a pirâmide. Mesmo com a morte da Voorqual, lhe parecia que não estava só.

Então, enquanto contemplava e esperava, temendo algo que não sabia o que era, sentiu a passagem de uma coisa fria e invisível — uma coisa que atravessou seu corpo como as curvas grossas de uma imensa serpente, sem som algum, em ondulações calmas e viscosas. Um momento depois e ela desaparecera, e Lunithi não mais sentia a presença apavorante.

Ele se preparou para sair, mas parecia que a noite que terminava ainda estava cheia de um horror inconcebível que se depositava diante dele enquanto descia pela longa e sombria e escadaria. Lentamente ele a percorreu, um desespero curioso o acometia. Ele matara a Voorqual, ele a vira se retorcer em agonia. Mas não podia crer que no que fizera, a remoção do antigo mal ainda lhe parecia não ser mais que um mito tolo.

A penumbra começou a iluminar-se enquanto ele passava pela cidade sonolenta. De acordo com o costume, ninguém deveria estar fora de casa por uma hora ainda. Então os sacerdotes da Voorqual se reuniram para o holocausto sangrento anual.

Na metade do caminho entre a pirâmide e o seu palácio, Lunithi ficou mais do que assustado ao encontrar a donzela Nala. Pálida e fantasmagórica ela passou por ele em um movimento súbito e balançante, quase serpentino, que diferia muito de seu langor habitual. Lunithi não ousou interpelá-la ao ver seus olhos fechados e tranquilos, como os de uma sonâmbula, e ficou surpreso e perturbado pela estranha facilidade e certeza inatural de seu movimento, que lhe lembrava algo que ele temia relembrar. Em um tumulto de fantásticas dúvida e apreensão ele a seguiu.

Seguindo pelo exótico labirinto das ruas de Lospar com o leve e sinuoso deslizar de uma serpente que volta para casa, Nala entrou na pirâmide sagrada. Lunithi, menos esperto que ela, ficara para trás, e não viu por onde ela entrara, na miríade de porões e câmeras, mas uma intuição obscura e temível conduziu seus passos sem demora até a plataforma no topo.

Ele não sabia o que encontraria lá, mas o seu coração estava dopado por um desespero esotérico, e ele não sentiu nenhuma surpresa quando lá chegou, à luz multicolorida da manhã, e contemplou a coisa que o esperava.

A donzela Nala — ou aquilo que ele sabia ter sido ela — estava de pé sobre o adubo abominável, sobre os restos murchos da Voorqual. Ela tinha sofrido — e ainda estava sofrendo — uma metamorfose monstruosa e diabólica. Seu corpo frágil e esbelto tinha assumido um formato longilíneo, como o de um dragão, e a sua pele tenra estava marchetada de escamas incipientes que escureciam visivelmente em uma confusão de tons doentios. Sua cabeça não era mais reconhecível como tal e a fisionomia humana estava desaparecendo em um estranho semicírculo de folhas pontiagudas. Seus membros inferiores tinham se juntado e lançado raízes no chão. Um de seus braços estava se tornando parte do corpo reptiliano, e o outro estava se alongando em um galho escamoso que formava o cálice de uma flor vermelha escura e sinistra.

Mais e mais a monstruosidade tomou a aparência da Voorqual, e Lunithi, esmagado pelo horror ancestral e pela fé terrível de seus ancestrais, não podia ter mais nenhuma dúvida de sua identidade. Logo não havia mais nenhum traço de Nala na coisa diante de si, que começou a oscilar com um ritmo sinuoso de cobra e a sibilar profunda e medonhamente, com o que as plantas dos degraus inferiores responderam. Ele soube, então, que a Voorqual tinha retornado para exigir seu sacrifício e presidir para sempre a cidade de Lospar e o mundo de Lophai.